UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÁRABES E JUDAICOS

Michelle Rocha Saloum

Entre o imaginário e o vivido no contexto de imigração para o Brasil: a produção de sentidos no discurso do imigrante árabe-libanês

São Paulo

2022

Michelle Rocha Saloum

Entre o imaginário e o vivido no contexto de imigração para o Brasil: a produção de sentidos no discurso do imigrante árabe-libanês

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Árabes e Judaicos do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Árabes.

Orientador: Profa. Dra. Mona Mohamad Hawi

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meioconvencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

S175

SALOUM, Michelle Rocha

Entre o imaginário e o vivido no contexto de imigração para o Brasil: a produção de sentidos no discurso do imigrante árabe-libanês / Michelle Rocha Saloum; orientadora Mona Mohamad Hawi - São Paulo, 2022. 224 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO. 2. LINGUAGEM. 3. IMIGRAÇÃO LIBANESA. I. Hawi, Mona Mohamad, orient.

II. Título.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paul

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

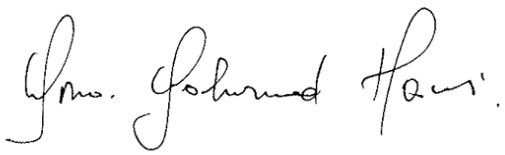
Nome do (a) aluno (a): Michelle Rocha Saloum

Data da defesa: 01/07/2022

Nome do Prof. (a) orientador (a): Profa. Dra. Mona Mohamad Hawi

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 30/09/2022



_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

SALOUM, Michelle Rocha. **Entre o imaginário e o vivido no contexto de imigração para o Brasil:** a produção de sentidos no discurso do imigrante árabe-libanês. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos Árabes.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr._____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr._____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr._____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr._____Instituição_____

Julgamento_____Assinatura_____

Dedico este trabalho ao meu pai Elias,

minha mãe Ilzete e meu irmão Anthony.

Aqui eu conto a nossa história!

AGRADECIMENTOS

Acredite no poder
da palavra "Desistir"
tire o D coloque o R
que você vai Resistir.
Uma pequena mudança
às vezes traz esperança
e faz a gente seguir.

Bráulio Bessa

À Profª Drª Mona Mohamad Hawi, que me acolheu, me ensinou e foi tão compreensiva e paciente comigo durante minha pesquisa, só o muito obrigada é pouco professora!

À Profª Drª Safa Alferd Abou Chahla Jubran que me recebeu como ouvinte em suas aulas de língua árabe no curso de Graduação e esteve presente em minha banca de qualificação. Agradeço também a presença da Profª Drª Maria Otília Guimarães Ninin em minha banca de qualificação, por suas contribuições que foram importantíssimas para o desenvolvimento da pesquisa.

À Profª Drª Shirlei Lica Ichisato Hashimoto, à Profª Drª Deize Crespim Pereira e à minha querida Profª Drª Sandra Lúcia Lopes Lima, que aceitaram gentilmente o convite para participar da banca de Mestrado e contribuir para a seguinte pesquisa.

Aos meus amados professores da Graduação em História no Centro Universitário Assunção (UNIFAI), Profª Me. Kátia Maria Furtado de Mendonça Curtis, Prof. Me. Valmir Mendes dos Santos Júnior, Profª Drª Solange Maria Fustinoni Magalhães, Profª Me. Wilma Deléo Pessoa e Profª Valéria Cristina Marar Zaiba Curuchi, pelo carinho que sempre tiveram comigo, por todo o aprendizado e por me apoiarem a seguir no meio acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais Elias e Ilzete e ao meu irmão Anthony, pelo suporte financeiro e emocional, por todo o amor e carinho familiar, pelo acolhimento e incentivo em todos os momentos de minha vida.

Às minhas amadas famílias Dib Saloum e Lemos Rocha, tios e tias, primos e primas e às minhas duas avós, libaneses e brasileiros, por todo o amor e acolhimento familiar que recebi ao longo de minha vida e por estarem sempre presentes e apoiarem minhas conquistas.

Às minhas amigas/irmãs, Gabriella Valdarnini, Isabela Barsottini Costa, Thamiris Orsomarso, Nadéia Alóis de Sá, Isabela Dib Ribeiro, Giovana Muniz e Raíssa Ballego, mulheres incríveis que me inspiram e me apoiam, estando sempre presentes nos momentos felizes e nos mais difíceis.

À minha colega Renata, que me apresentou à Universidade de São Paulo e me auxiliou a ingressar no Mestrado

Por fim, aos entrevistados Mustapha Ghaziri, Fatma Haidar, Elie Abi Rizk, Abdallah Khalil Chamoun, Rima Nasr Eddo, Chahid Moukhaiber Mourad, Rena Youssef Kallas e Mariam Khalil Chamoun, que se disponibilizaram a participar dessa pesquisa, compartilhando um pouco de suas histórias pessoais para a obtenção de dados para análise dentro da proposta apresentada.

Deixa-me te dizer agora quem são os filhos do meu Líbano... São os vencedores aonde eles vão, são amados e respeitados onde se instalam. São os que nascem dentro de cabanas, mas que morrem dentro de palácios de sabedoria.

(GIBRAN, Gibran Khalil, 1920)

RESUMO

SALOUM, Michelle Rocha. **Entre o imaginário e o vivido no contexto de imigração para o Brasil:** a produção de sentidos no discurso do imigrante árabe-libanês. 2022. 233 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Nesta pesquisa, busco compreender os sentidos produzidos pelo imigrante libanês ao falar sobre como é viver em outro país, ou seja, que sentido ele produz, por meio da linguagem, ao falar sobre a mudança de vida a um novo lugar. Buscamos analisar seu discurso, considerando os aspectos linguístico-discursivos, a fim de perceber em que medida os imigrantes libaneses sofreram, ou não, a aculturação devido à vinda ao Brasil, a partir de seu contato com a cultura ocidental, especificamente a brasileira. Para tal efeito, usamos como apoio teórico a teoria enunciativo-discursiva conforme os estudos do Círculo de Bakhtin, além de Ingedore Koch (2003) como aporte para a criação de categorias de análise. Para a contextualização histórica, utilizamos autores como Meihy (2016), Truzzi (2009) e Khatlab (2010) para o estudo da história do Líbano e da imigração libanesa no Brasil, já que esta pesquisa trata da imigração de árabe-libaneses. Quanto à geração e organização dos dados, realizamos oito entrevistas (quatro homens e quatro mulheres) que foram transcritas e cujos trechos foram analisados e interpretados com base nas categorias de análise criadas conforme a teoria proposta. As entrevistas são a fonte de informação mais relevante, pois, por meio delas, se pode justificar o problema levantado, uma vez que o entrevistado expressa seu ponto de vista sobre o assunto utilizando suas próprias interpretações e, assim, contribuindo para responder questionamentos que são fundamentais para o fenômeno estudado: a imigração libanesa no Brasil. Foram vários os sentidos trazidos pelos imigrantes, dentre eles, destaco a necessidade de aprender a língua para ter mais acesso às situações sociais e a transformação ocorrida pelo trabalho com tempo delimitado e horários a cumprir, questões não consideradas no seio da comunidade árabe de forma regular.

Palavras-chave: análise do discurso, imigração libanesa, aculturação, sentido e significado.

ABSTRACT

SALOUM, Michelle Rocha. **Between the imaginary and the lived in the context of immigration to Brazil:** meaning construction in the discourse of the Arab-Lebanese immigrant. 2022. 233 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

In this research, I seek to understand the meanings produced by the Lebanese immigrant when talking about what it is like to live in another country, that is, what meaning he produces, through language, when talking about changing his life to a new place. We seek to analyze his speech, considering the linguistic-discursive aspects, in order to understand to what extent the Lebanese immigrants suffered, or not, the acculturation due to coming to Brazil, from their contact with the western culture, specifically the Brazilian one. For this purpose, we use as theoretical support the enunciative-discursive theory according to the studies of the Bakhtin Circle, in addition to Ingedore Koch (2003) as a contribution to the creation of categories of analysis.. For historical contextualization, we use authors such as Meihy (2016), Truzzi (2009) and Khatlab (2010) to study the history of Lebanon and Lebanese immigration in Brazil, since this research deals with Arab-Lebanese immigration. As for the generation and organization of data, we carried out eight interviews (with four men and four women) that were transcribed and whose excerpts were analyzed and interpreted based on the analysis categories created according to the proposed theory. Interviews are the most relevant source of information, because through them, the problem raised can be justified, since the interviewee expresses his point of view on the subject using his own interpretations and, thus, contributing to answer questions that are fundamental to the phenomenon studied: Lebanese immigration in Brazil. There were several meanings brought by immigrants, among them, I highlight the need to learn the language to have more access to social situations and the transformation that occurred by working with limited time and schedules to be fulfilled, issues not considered within the Arab community on a regular basis.

Keywords: discourse analysis, Lebanese immigration, acculturation, sense and meaning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Eixos Temáticos e Conteúdos Temáticos	63
Quadro 2	Adaptação a um novo lugar	65
Quadro 3	Elo com a terra natal	70
Quadro 4	Herança cultural	77
Quadro 5	O imigrante em meio a duas culturas	82
Quadro 6	Transformação pelo trabalho	93

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 O Líbano. 26

Figura 2 Elias Saloum (segundo da direita para a esquerda, pai da pesquisadora), na guerra civil, em 1976. 29

Figura 3 Civis feridos e mutilados durante a guerra. Na foto à direita, a senhora Josephine Dib Saloum (avó da pesquisadora) cuida de um ferido, em 1976, prestando serviços à cruz vermelha durante os anos de guerra. 30

Figura 4 Loja Chucri Makai, em 1955, SP. 36

Figura 5 O mascate sírio-libanês. 37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

H1_67	Mustapha Ghaziri
H2_33	Elie Abi Rizk
H3_57	Abdallah Khalil Chamoun
H4_61	Chahid Moukhaiber Mourad
M1_45	Fatma Haidar
M2_53	Rima Nasr Eddo
M3_42	Rena Youssef Kallas
M4_72	Mariam Khalil Chamoun

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 18

PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS 19

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 26

1.0. O LÍBANO E O LIBANÊS EM TERRAS DE ALÉM-MAR 26

1.1. UMA BREVE HISTÓRIA DO LÍBANO 27

1.2. O IMIGRANTE EM TERRAS ESTRANGEIRAS 31

1.3. ACULTURAÇÃO E ASSIMILAÇÃO: ESPELHOS DE UMA MESMA FACE 37

1.4. LINGUAGEM E DISCURSO 41

1.4.1. Linguagem e suas perspectivas 42

1.4.2. Perspectiva enunciativa: a visão de Bakhtin 46

1.5. A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS 51

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA 57

2.0. METODOLOGIA DA PESQUISA 57

2.1. PARADIGMA DA PESQUISA 58

2.2. CONTEXTO DA PESQUISA 59

2.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA 59

2.4. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E PROCEDIMENTOS 62

2.5. GERAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS 63

2.6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 65

CAPÍTULO III – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 104

3.0. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 104

3.1. ADAPTAÇÃO A UM NOVO LUGAR 104

3.2. ELO COM A TERRA NATAL 111

3.3. HERANÇA CULTURAL 119

3.4. O IMIGRANTE EM MEIO A DUAS CULTURAS 125

3.5. TRANSFORMAÇÃO PELO TRABALHO 135

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS 145

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 149

ANEXO 1: ENTREVISTAS TRANSCRITAS 155

ANEXO 2 – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) 224

INTRODUÇÃO

"Todo nosso conhecimento nasce no sentido, passa pelo entendimento e termina na razão."

Kant

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado insere-se no campo de Estudos Árabes, através do Programa de Estudos Árabes e Judaicos, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo.

Sendo graduada em Licenciatura Plena em História, percorro o caminho de estudos a respeito da imigração libanesa no Brasil desde a época da graduação, tendo desenvolvido meu trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nesse tema. Pretendo, nesta pesquisa, dar continuidade aos estudos sobre a imigração libanesa e, em especial, discutir sobre a situação sociocultural vivida pelo imigrante libanês no Brasil.

Estar em uma situação migratória parece ser um grande desafio e é importante fazer uma distinção entre quem imigra, com algo predeterminado, e com algum tipo de recurso ou contato, e aqueles que o fazem sem planejamento, pois foram levados pela urgência de uma situação sociopolítica e/ou de vulnerabilidade social e histórica.

As primeiras migrações para o Brasil de origem libanesa e síria ocorreram considerando um contexto geopolítico diferente do momento atual[1]. Assim é que os primeiros imigrantes árabes eram chamados de turcos, não havia uma distinção por parte da população brasileira entre as diferentes nacionalidades e, os filhos destes nascidos no Brasil, eram os chamados filhos dos turcos. Essa alcunha prevaleceu por um longo tempo. Khatlab (2010) discorre sobre o contexto geopolítico em que era usado o passaporte emitido na época do Império Turco-Otomano e o Líbano era uma região que se configurava como várias províncias do Império Otomano, sendo que apenas a partir de 1946 passaram a ter a configuração conhecida dos países e suas respectivas autonomias.

Como filha de imigrante libanês, vivi por um bom tempo sendo chamada pela alcunha de turca. Nasci no Brasil, sou filha de um imigrante libanês. Desde cri- ança ouvi muitas histórias sobre a cultura, a vida libanesa e sobre o Líbano. Como a

[1] Devido ao grande exilio dos refugiados árabes (sírios, libaneses, paquistaneses, iraquianos, dentre outros), fugidos da devastação bélica de seus países de origem, não se pode afirmar que os imigrantes árabes já vêm com um planejamento sobre seu deslocamento no espaço geográfico.

grande maioria de filhos de libaneses, fiz uma parte de meus estudos no Líbano, pois era fundamental para minha família que os filhos vivenciassem a cultura familiar.

Problema de pesquisa e Objetivos

A história do Brasil está, de certa forma, estritamente ligada à imigração. Desde a colonização pelos portugueses, a população brasileira se constituiu da miscigenação de diversos povos, dentre esses os libaneses. A imigração libanesa ganhou expressividade no final do século XIX devido, segundo Khatlab (2010), a visita de Dom Pedro II, então Imperador do Brasil, ao Líbano, em 1876. Ele teria incentivado os camponeses libaneses a imigrarem para o Brasil, assegurando-lhes proteção[2]. No entanto, diversos fatores socioeconômicos como o aumento populacional, a influência europeia na região, a fome e os conflitos religiosos aceleraram essa saída de libaneses de suas aldeias.

A imigração foi oficializada no Brasil em 1860 e a ideia de que aqui havia grandes possibilidades de enriquecer fez com que o movimento migratório aumentasse a partir de 1870 e 1880. Na história, um dos motivos que desencadeou a vinda de imigrantes de diversas etnias como italianos, japoneses, e até mesmo os árabes foi o incentivo do Brasil à imigração após a proibição do tráfico negreiro, em 1850.

Sendo filha de um imigrante libanês (como já mencionado), meu pai saiu de seu país em busca de uma chance de começar uma nova vida, segundo suas palavras, e o Brasil foi a terra escolhida por ele. O convívio com as duas culturas fez despertar em mim o interesse em saber como o imigrante lida com o aprendizado de outra cultura, quais facilidades e/ou dificuldades ele enfrenta em sua trajetória, bem como sua

[2] Segundo Khatlab (2010), a aprovação, em 1850, da Lei nº 581 do Império do Brasil, conhecida como Lei Euzébio de Queiróz, que extinguia o tráfico de escravos africanos para o Brasil, além do crescimento dos movimentos abolicionistas na metade do século XIX, fez com que o então Imperador Dom Pedro II estimulasse a imigração como forma de substituição da mão-de-obra escrava, principalmente na região sudeste do país.

adaptabilidade em um novo contexto. É, então, sob essa ótica, que se pretende investigar os aspectos linguístico-discursivos, a fim de entender em que medida os imigrantes libaneses sofreram, ou não, a aculturação devido à vinda ao Brasil, a partir de seu contato com a cultura ocidental, especificamente a brasileira.

Há várias pesquisas, livros e artigos sobre a imigração, dentre as pesquisas, destaco a de Khouri (2013) que procurou tratar da mobilidade dos imigrantes sírios, libaneses e descendentes pela cidade de São Paulo. Já a tese de Doutorado de OSMAN, (2006), cujo tema foi a história oral de vida dos imigrantes libaneses e seus descendentes nascidos no Brasil, bem como brasileiros não descendentes que empreenderam o retorno ao Líbano, teve como objetivo verificar e analisar a concretização do retorno, a partir da análise dos fenômenos de readaptação e adaptação, reinserção e inserção, destacando-se as dificuldades, os dilemas e os conflitos decorrentes desse ato. REGO (2006), em sua dissertação de Mestrado, procurou fazer uma reconstrução da trajetória de imigrantes sírios e libaneses no Brasil desde a sua chegada ao porto de Santos e Rio de Janeiro. PETERS (2006) realizou no Mestrado um estudo antropológico sobre a recriação da identidade étnica através das festas de casamento e das dinâmicas familiares promovidas pelas famílias de origem palestina residentes nas cidades de Porto Alegre e Canoas localizadas no Estado do Rio Grande do Sul. Ela enfatizou dois aspectos da vida social desses imigrantes: as dinâmicas familiares e as festas de casamento a fim de entender o que é a tradição e os costumes tidos como árabes. NABHAN (1991) procurou estudar e analisar a fala do imigrante libanês em São Paulo, mas diferentemente desta pesquisa, ela focou as diferenças nos falares e nos comportamentos do imigrante. Em minha pesquisa, analiso, através da materialidade linguística do discurso do imigrante libanês, os sentidos produzidos por eles ao falarem sobre o lugar em que se encontram.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é o de compreender, por meio do discurso do imigrante libanês, os sentidos produzidos ao falarem sobre sua condição de vida em um novo país. A partir do objetivo geral, os objetivos específicos são:

1) Investigar, por meio da materialidade linguística, os sentidos produzidos no discurso do imigrante libanês quanto ao deslocamento a um novo país;

2) Averiguar se, no discurso do imigrante, ocorreu o processo de aculturação e assimilação;

3) Analisar se houve ou não modificação na perspectiva do imigrante, em relação a sua vida no Brasil, considerando os contextos sócio-histórico-culturais em que estão inseridos.

De acordo com os objetivos específicos, as perguntas de pesquisa que guiam o trabalho são:

1) Como o discurso do imigrante se constrói, considerando sua chegada a um novo país?

2) Houve aculturação e/ou assimilação no discurso do imigrante? Se sim, de que forma esse processo ocorreu?

3) De que maneira o discurso do imigrante se modifica, considerando os contextos sócio-histórico-culturais nos quais está inserido?

A motivação para a condução do presente estudo atrela-se ao meu interesse pela imigração libanesa enquanto fator relevante nas transformações que São Paulo sofreu ao longo de todo o século XX, como a industrialização e o aumento da urbanização. A vontade de buscar histórias de imigrantes libaneses que vivem ou viveram na cidade de São Paulo motivou-me a não apenas colher seus depoimentos, mas realizar a análise de seus discursos, partindo de uma ótica que compreenda a linguagem como signo mediador entre o indivíduo e a realidade em que ele vive, refletindo assim sua história e organização sociocultural, tendo em vista que o discurso, verbalizado ou não, é o fio condutor de comunicação entre os indivíduos e transmissão de conhecimentos (BAKTHIN, 1992).

Ademais, acredito que a relevância do estudo se dá no momento em que a imigração árabe está em relativa ascensão, dado o contexto conflituoso no Oriente Médio, com o aumento significativo do número de imigrantes no mundo desde 2013 e, também, devido à falta de trabalhos encontrados que tratam da análise do discurso de imigrantes árabes sob a ótica da análise linguístico-discursiva. Há vários trabalhos sobre a imigração de outras etnias, como a italiana e a japonesa, que possuem mais estudos e maior visibilidade em nossa sociedade, a exemplo do Museu da Imigração

em São Paulo, que possui um grande acervo, em suas exposições, do processo migratório das etnias citadas e poucas informações a respeito da imigração liba-nesa.

Além disso, o tema possui uma relação profunda com a minha trajetória pessoal, como dito acima. Nascida e criada em São Paulo, sendo filha de um imigrante libanês e uma brasileira, transito entre duas culturas contrastantes. Meu pai participou ativamente da Guerra Civil Libanesa (1975-1991), e emigrou para o Brasil fugindo das perseguições que sofreu durante o conflito. Ouvir as histórias da guerra contadas pelo meu pai e pela minha família no Líbano, e a minha experiência quando morei naquele país e vivenciei os conflitos e aflições durante os ataques e explosões de bombas em Beirute em 2005, fizeram com que eu quisesse pesquisar de forma mais detalhada o tema e mostrar as dificuldades enfrentadas pelos libaneses em sua terra natal e na trajetória da imigração e adaptação a uma nova realidade, buscando, ao abordar este tema, salientar a importância desses imigrantes na constituição da história do Brasil, especificamente de São Paulo.

Autores como como Meihy (2016), Truzzi (2009) e Khatlab (2010) serviram de suporte teórico para contextualizar a história do Líbano, dos povos libaneses e da imigração libanesa no Brasil, além de artigos, teses de Doutorado e dissertações de Mestrado, uma vez que esta pesquisa trata da imigração de árabe-libaneses. Também fizemos uso de alguns conceitos fundamentais de Bakhtin (1929/1992;2000) para justificar a questão da linguagem, uma vez que entendemos que o fenômeno da aculturação se dá também na interação com o outro. Além desses teóricos, Kock (2001) serviu de apoio quanto à justificativa analítica das questões linguísticas.

Por fim, a organização da pesquisa está estruturada da seguinte forma:

No **Capítulo I** – Fundamentação Teórica, apresento a teoria que embasa este trabalho. Este capítulo aborda: o contexto histórico sobre o imigrante e a imigração, a questão da aculturação, as perspectivas de linguagem e principalmente sobre qual perspectiva temos como norte nessa pesquisa: a perspectiva Bakhtiniana, em que apresento os conceitos chaves dessa teoria e a abordagem sobre as questões da materialidade linguística do texto.

No **Capítulo II** – Metodologia de pesquisa, apresento o paradigma e tipo de pesquisa, assim como o contexto da pesquisa. Apresento também uma descrição

e organização dos dados, a análise dos dados em que classifico e separo os eixos temáticos e seus respectivos conteúdos temáticos e, por fim, a confiabilidade da pesquisa.

No **Capítulo III** – Discussão dos resultados, apresento a interpretação dos trechos selecionados de acordo com os eixos temáticos e os conteúdos temáticos.

No **Capítulo IV** – escrevo sobre as reflexões finais do trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"Os turcos nasceram para vender
bugigangas coloridas em canastras
ambulantes.
Têm bigodes pontudos, caras
de couro curtido,
braços tatuados de estrelas.
Se abrem a canastra, quem resiste
ao impulso de compra?
É barato! Barato! Compra logo!
Paga depois! Mas compra!
A cachaça, a geleia, o trescalante
fumo de rolo: para cada um
o seu prazer
Os turcos jogam cartas
com alarido.
A língua cifrada
cria um mundo-problema, em nosso mundo
como um punhal cravado.
Entendê-los, quem pode? [...]
Os turcos,
meu professor corrige: Os turcos
não são turcos. São sírios oprimidos
pelos turcos cruéis. Mas Jorge Turco

aí está respondendo pelo nome, e turcos todos são, nesse retrato
tirado para sempre... Ou são mineiros
de tanto conviver, vender, trocar e ser
em Minas: a balança
no balcão, e na canastra aberta
o espelho, o perfume, o bracelete, a seda,
a visão de Paris por uns poucos mil-réis?"

(Carlos Drummond de Andrade, Os Turcos)

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.0. O Líbano e o libanês em Terras de além-mar

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos da história do Líbano e da imigração libanesa para o Brasil, bem como questões culturais, que servirão de base para contextualizar historicamente esta pesquisa.

A figura abaixo mostra o Líbano, ou *Lubnan,* em Aramaico, que significa "branco" em referência às neves eternas que cobrem os picos mais altos de suas cadeias montanhosas. O Líbano é um país pequeno, com uma superfície de 10452km[23] e aproximadamente 6 milhões de habitantes. Existem 14 milhões de libaneses e seus descendentes espalhados pelo mundo. Desse total, estima-se que entre 6 e 7 milhões vivamno Brasil.[4]

Figura1: O Líbano

Extraído de https://brasilescola.uol.com.br/geografia/libano.htm

[3] Corresponde à metade do Estado de Sergipe, o menor Estado brasileiro.

[4] Dados obtidos no site oficial da Embaixada do Líbano no Brasil, www.libano.org.br

1.1. Uma breve história do Líbano

A história da região onde atualmente está localizado o Líbano tem sido contada a partir da antiguidade. Segundo o historiador Murilo Meihy (2016), pesquisadores e artistas têm se desdobrado em narrativas apaixonadas sobre a região ter sido berço de inúmeras civilizações, destacando-se a civilização fenícia.

Os fenícios se estabeleceram nesta região por volta de 3000 a.C., formando uma civilização dividida em cidades-estados independentes. Devido à sua localização à beira mar e no centro de importantes rotas comerciais, os fenícios se tornaram grandes navegadores e comerciantes. Apesar dos fenícios terem sido dominados por muitos outros povos ao longo dos séculos, para Oswaldo Truzzi (2008), recorrer à suposta origem fenícia é conveniente aos libaneses, assegurando-lhes o sangue de comerciantes e o espírito aventureiro.

A partir do surgimento do islamismo, no século VI e sua expansão pela Península Arábica, África e sul da Europa, os povos que habitavam o atual território do Líbano passaram a ser dominados por uma sucessão de dinastias muçulmanas que conquistaram a região. No período que se estendeu do século XVI até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), boa parte do território islâmico perdurou sob o domínio do Império Turco-Otomano, nascido de um sultanato muçulmano na região da Anatólia, atual Turquia.

Entre 1914 e 1918, o mundo vivenciou um dos maiores conflitos da história, a Primeira Guerra Mundial. O principal campo de batalha foi, sem dúvidas, o continente europeu. Porém, todos os outros continentes acabaram envolvidos no conflito, direta ou indiretamente. Foi o caso do Império Turco-Otomano que, ao entrar no conflito ao lado da Alemanha e da Áustria, tiveram suas terras transformadas em campo de batalha, combatendo russos e ingleses aliados aos franceses.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a derrota da Alemanha e seus aliados, o Oriente Médio e o Magreb (Marrocos) passaram a ser controlados por britânicos e franceses. O Império Turco-Otomano perdeu grande parte de seus domínios territoriais, sendo reduzido à Anatólia e uma parte muito pequena da Europa, onde mais tarde seria criada a República da Turquia.

A influência dos europeus nessas regiões trouxe aos povos árabes o conceito

de nação como um agrupamento de pessoas dentro de um território, compartilhando de uma mesma língua, caráter e aspirações políticas. Houve então a criação de diversos Estados independentes na região, desconstruindo assim o uníssono Império Árabe.

Até o início do século XX, a região do Monte Líbano, um conjunto montanhosoa leste do Mar Mediterrâneo, encontrava-se dentro das fronteiras da Grande Síria, que estava dividida em 4 províncias (Damasco, Alepo, Saida (Sidon), Tripoli), em que as famílias governantes possuíam relativa independência, devendo apenas tributos aos otomanos. Em toda a grande Síria, a economia predominante era a de subsistência e a maioria da sociedade das aldeias era composta pelos artesãos e agricultores, com uma economia pobre e estagnada.

A partir da segunda metade do século XIX, o Oriente Médio passou a sofrer grandes impactos devido à presença de empresas europeias. A implantação de novas tecnologias na região culminou no crescimento das cidades e aldeias no Monte Líbano que foi, aos poucos, destruindo a agricultura de subsistência, expandindo a área cultivada e tornando-a uma agricultura comercial voltada para a exportação. Atividades tipicamente familiares e principais fontes de renda das aldeias, como o cultivo da seda e a produção de tabaco e vinho, passaram a se desenvolver para atender à demanda do mercado Europeu, principalmente o francês.

O enfraquecimento, ou até mesmo a eliminação da agricultura de subsistência na região, foi o principal fator para ciclos de fome que ocorreram ao longo do século XIX. Ao final desse século, o aumento populacional nas aldeias e a utilização de terras com solo fértil chegava a seu limite. Com núcleos familiares que abrigavam, em uma mesma propriedade, os pais, seus filhos solteiros e a família dos filhos homens casados, tornou-se cada vez mais difícil sustentar a todos.

A constituição do Líbano e da Síria enquanto países independentes viria apenas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a invasão e ocupação da França pelos alemães e o enfraquecimento da dominação francesa na região. A constituição do Líbano enquanto Estado independente era por si só conflituosa, à medida que os cargos públicos eram entendidos como cargos religiosos e não civis, contrariando os princípios da democracia moderna.

Com a criação do Estado de Israel, em 1948, boa parte dos palestinos foram

expulsos de suas terras. O conflito árabe-israelense causou o êxodo de palestinos para sul o do Líbano e a instalação de milícias palestinas na mesma região, após serem expulsos da Jordânia. A entrada de palestinos no território libanês uniu os problemas econômicos e territoriais às divergências religiosas, desencadeando uma guerra civil que perdurou de 1975 a 1991 e atingiu, principalmente, a capital Beirute. Durante a guerra, a capital conhecida como a “Suíça do Oriente Médio” foi destruída, nunca mais retornando ao que era.

Figura 2: Elias Saloum (segundo da direita para a esquerda, pai da pesquisadora), na guerra civil, em 1976. Fonte: acervo familiar.

Durante os 15 anos de guerra civil, cerca de 950.000 libaneses deixaram o país, tendo como causa tanto os fenômenos da guerra em si, os bombardeios e sequestros, como a crise econômica que atingiu o país nesse período. Segundo Meihy (2016), a negociação para o fim da guerra provocou a transformação do cenário político libanês na tentativa de distribuir de forma igualitária os cargos políticos entre os diversos grupos confessionais que habitam o território do Líbano.

Figura 3: Civis feridos e mutilados durante a guerra. Na foto à direita, a senhora Josephine Dib Saloum (avó da pesquisadora) cuida de um ferido, em 1976, prestando serviços à cruz vermelha durante os anos de guerra. Fonte: Acervo Familiar.

O plano para a reconstrução da estrutura do país iniciou-se em 1991, tendo como principal líder um rico homem de negócios e então primeiro-ministro, Rafiq Hariri. Meihy (2016) afirma que Hariri despontava como nova liderança à frente do Conselho de Ministros, enquanto grupos armados como o Hezbollah (de influência iraniana) e o Amal (de influência síria) ganhavam força no parlamento.

No ano de 2000 houve a retirada parcial do exército israelense que dominava a região sul do Líbano desde a guerra, permanecendo parte deste domínio na região até os dias de hoje. Nos anos que se seguiram, a população libanesa, apoiada por vários líderes políticos como Rafic Hariri, se engajou em um movimento que pedia a retirada das tropas sírias que permaneciam no Líbano desde a guerra, desencadeando uma nova crise no cenário libanês, que culminou em um atentado a bomba em 14 de fevereiro de 2005, deixando 21 mortos, dentre eles Hariri. A Síria e o Irã acusavam Israel pelo atentado, enquanto a população libanesa tomava as ruas e exigia a expulsão do exército sírio, sendo a saída definitiva concretizada em 27 de abril do mesmo ano.

A estabilidade política e econômica do Líbano parece um desejo a ser alcançado, já que ainda é possível notar os resquícios da Guerra Civil e dos constantes atentados políticos que assombram os libaneses.

> De todos os problemas que afetam o Líbano contemporâneo, parece óbvio que o sectarismo [...] é o mais intenso. A situação histórica do país fez de seu Estado um modelo frágil de poder, comandado por uma classe política que se mantém fiel às posições intransigentes da Guerra Civil e aos seus próprios interesses. (MEIHY, 2016, p. 115).

Apesar das marcas da guerra e dos problemas políticos, a população libanesa segue entre os costumes herdados de seus antepassados, principalmente nas aldeias, e a ocidentalização nas grandes cidades como Beirute, Jbeil, Zahle, entre outras, já que o Líbano hoje é uma das mais importantes pontes entre o Oriente Médio e o mundo ocidental. A hospitalidade, a música, a mesa cheia de comidas tradicionais e as lindas paisagens e praias são características que, aliadas às modernidades como a cirurgia plástica, os carros luxuosos e as novas tecnologias, atraem muitos turistas ao Líbano, principalmente os descendentes de libaneses espalhados por todo o mundo que desejam conhecer o país de seus pais e avós.

1.2. O imigrante em terras estrangeiras

A imigração libanesa possui um caráter independente, já que os libaneses não estavam inseridos nas etnias que receberam os benefícios da imigração subsidiada. Por ser um grupo de imigrantes que financiaram suas próprias viagens e sua instalação no Brasil, inseriram-se socialmente no meio urbano.

Até meados do século XIX, a presença de árabes no Brasil era pequena, e estes eram advindos da Europa ou da África. Khatlab (2010) afirma que o grande desencadeador da vinda de sírios e, principalmente, de libaneses tenha sido o incentivo do Brasil à imigração após a proibição do tráfico negreiro, em 1850.

> No princípio do Império do Brasil, o país passou a assinar tratados comerciais com outros impérios. Dentre eles, com o otomano foi assinado, em 1858, o "Tratado de Amizade, Comércio e Navegação", que, além de estabelecer relações comerciais entre os dois Impérios, facilitava também a entrada dos "súditos" e "proteção" dos portadores de "Passaporte Otomano" no Brasil. Por meio dessas relações, foi-se desenvolvendo o projeto da política imigratória, que visava inicialmente aumentar a população, eliminar a escassez de mão de obra, civilizá-la e mesmo "branqueá-la". (KHATLAB, 2010, p.13).

A imigração foi oficializada no Brasil em 1860, com a ideia de que nesta terra havia oportunidades de enriquecimento, aumentando, assim, o movimento migratório

a partir de 1870 e 1880. Alguns pesquisadores afirmam que a visita do Imperador Dom Pedro II ao Líbano tenha grande influência na escolha do Brasil por parte dos imigrantes. O Imperador do Brasil realizou viagens científicas e turísticas à Europa e ao Oriente Médio.

Em 1876, Dom Pedro II, sua esposa Dona Tereza Christina Maria e uma comitiva desembarcaram em Beirute. Percorreram o Líbano entre os dias 11 e 15 de novembro desse mesmo ano, passando pelo Vale do Bekaa, Chtaura, Zahlé e Baalbeck. Acompanhados por beduínos, Dom Pedro II e sua comitiva foram bem recebidos nessas regiões, o Imperador conversou com camponeses, mostrando-lhes o desejo de ter libaneses no Brasil, e assegurando-lhes toda proteção necessária. Essa atitude fez com que a população local simpatizasse com o Imperador e com a ideia de imigrar para o Brasil.

As estatísticas sobre a chegada dos imigrantes sírios e libaneses ao Brasil são imprecisas, pois quando desembarcaram no porto de Santos possuíam passaportes emitidos pelo Império Otomano e foram registrados como turcos, turco-árabes, sírios ou libaneses. A denominação *turco*, dada pelos brasileiros a esses imigrantes era em razão de possuírem as mesmas características: A mesma língua nativa; o ofício de mascate; padrão de casamento e sociabilidade concentrado na própria colônia; e a culinária típica. (Truzzi, 2009, p. 90)

Na verdade, esses imigrantes não se identificavam como pertencentes a uma nação, mas sim como pertencentes à sua aldeia, sua família e, principalmente, à sua religião. Apesar de a maioria ser advinda de um ambiente rural, no Brasil a maior colônia se instalou em São Paulo, sendo Minas Gerais e Rio de Janeiro polos importantes que também receberam uma grande parcela de imigrantes sírios e libaneses.

A maior parte dos imigrantes desse período eram oriundos de famílias de agricultores proprietários de pequenas terras em suas aldeias de origem que, ao chegarem ao Brasil, se deparavam com um sistema econômico baseado nas grandes propriedades, os latifúndios. Como possuíam pouco dinheiro não podiam comprar terras e, ao mesmo tempo, não se adaptavam ao trabalho de colonos nos latifúndios. Como afirma Truzzi (2009), a mascateação foi a atividade inicialmente escolhida por esses imigrantes. Percorriam as ruas da capital e as fazendas do interior com suas malas repletas de bugigangas e novidades do comércio e as poucas palavras e frases em

português eram suficientes para venderem seus produtos.

Com poucos anos na atividade de mascateação, os libaneses acumulavam algum capital e passavam a investir no comercio tanto varejista, como atacadista. O expressivo volume de dinheiro enviado às famílias nas aldeias libanesas comprovava o sucesso financeiro obtido pelos primeiros imigrantes na América, criando-se assim uma ilusão de obtenção de lucro fácil e rápida ascensão econômica, o que acabou instigando a população das aldeias, principalmente as novas gerações, a deixarem seu país de origem em busca de enriquecimento rápido. Prosperar na América e enviar dinheiro de volta **significava a satisfação de dever cumprido com a família**, (grifo nosso) além de dar-lhes prestígio na aldeia.

Em relação às mulheres, com raríssimas exceções, as imigrantes eram sempre acompanhantes de pais, irmãos, noivos ou maridos. Segundo Truzzi (2009), os primeiros imigrantes jovens e solteiros bem-sucedidos no Brasil retornaram ao Líbano para escolher uma noiva, nas primeiras décadas de imigração, uma vez que não pretendiam estabelecer vínculos familiares com brasileiras, além do número de moças libanesas solteiras no Brasil ser muito pequeno. Quanto aos casados, eles viajavam sozinhos em um primeiro momento, buscavam se estabelecer para, depois de estabelecidos, trazer esposa e filhos. Ainda, segundo Truzzi (2009), os primeiros registros de mulheres que vieram de maneira independente ao Brasil datam de 1980.

Na década de 1920, a indústria têxtil cresceu significativamente no Brasil, pois com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), houve massiva importação de máquinas da Inglaterra, adquiridas, facilmente, de fabricantes ingleses, que buscavam se reerguer após a guerra. Porém, o grande impulso da industrialização no país, iniciado com o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1943) estava restrito aos grandes centros urbanos da região sudeste do Brasil, principalmente à cidade de São Paulo.

Nesse período, os sírios e libaneses praticamente dominavam regiões como a 25 de março, em São Paulo, o bairro do Brás, com suas lojas de varejo. Os imigrantes que se destacavam no comércio do varejo passaram a investir no ramo atacadista e na indústria de confecções. Na década de 1940, metade do capital investido na indústria têxtil em São Paulo era de imigrantes libaneses.

Os primeiros imigrantes, que aqui se estabeleceram, contribuíram para a imagem que se criou de sírios e libaneses no Brasil. Uma imagem vinculada aos primeiros mascates, que com seu modo peculiar de falar o português e de negociar, foram conquistando seu espaço. Porém, a imagem mais marcante que se construiu dessa etnia é a associação do sírio e, principalmente, do libanês a um comércio pequeno e familiar, ou como os próprios imigrantes dizem, *a lojinha da família.*

À medida que os imigrantes se estabeleciam em São Paulo e enriqueciam, afastavam-se dos bairros populares, próximos às ferrovias, estações e várzeas dos rios e buscavam estabelecer-se em bairros que lhes garantissem maior conforto e prestígio social. Por volta de 1900, muitos libaneses adquiriram terras na região da Vila Mariana e do Paraíso, passando a construir prédios e vender e alugar apartamentos para outros libaneses.

Apesar da ocupação ser residencial, estabeleceu-se nessa região alguns clubes, igrejas, associações e restaurantes. No Paraíso há a Igreja Greco-Melquita Nossa Senhora do Paraíso, a Igreja Evangélica Árabe, a Catedral Metropolitana Ortodoxa, o Zahle Clube do Brasil, Clube Alepo, Clube Homs e restaurantes de cozinha árabe como Halim, Jacob, Jaber e Raful. A maior parte dos clubes e entidades libanesas tiveram seu auge no período de 1920 a 1950. Para os libaneses, a preocupação maior era a de preservar as tradições e cultura libanesas e transmiti-la aos seus descendentes.

Na região do Brás, a ocupação de libaneses passou a ser significativa nas décadas de 1940 e 1950, marcada por grandes levas de imigrantes provenientes do Sul do Líbano e do Vale do Bekaa.

> Inicialmente, eles se fixaram ao longo das ruas Rangel Pestana e Celso Garcia, que constituíam centro ativo de compras nos distritos pelas quais passavam, possuindo localização estratégica. A seguir, eles se estabeleceram nas ruas Oriente, Silva Telles, Miller, Barão de Ladário, entre outras, dedicando-se às confecções de roupas. (KHOURI, 2013, p.57).

Nessa região, os libaneses se dedicaram, em sua maioria, à confecção de *jeans.* As ruas que possuem comércio de tal produto possuem um predomínio de libaneses e descendentes. À medida que melhoravam sua condição financeira, passavam a se fixar residencialmente em outros bairros, e mantinham apenas a confecção e o comércio no Brás. Hoje a presença libanesa nessa região é marcada não somente pelas confecções de *jeans,* mas também pela presença de restaurantes de comida

típica e de mesquitas.

Durante a Guerra Civil Libanesa (1975-1990) houve o deslocamento forçado tanto de militantes que buscaram exílio em outros países, como de pessoas que viviam nas áreas mais atingidas pelos conflitos. Muitos desses imigrantes não buscavam permanecer definitivamente no Brasil e acabaram retornando às suas cidades no início dos anos 1990. Já aqueles que emigraram por causa da falta de perspectivas econômicas em seu país, estabeleceram-se no Brasil, pois encontraram melhores oportunidades de ascensão econômica do que no Líbano.

Apesar de grande parcela dos imigrantes libaneses no Brasil ter se inserido no cenário comercial e industrial, alguns encontraram nas profissões liberais, como advocacia, medicina e engenharia, a oportunidade de ascensão econômica. Isso se deu, principalmente, com aqueles imigrantes que vieram após a segunda metade do século XX, pois muitos deles não conseguiram ingressar em universidades europeias ou norte-americanas e buscaram, então, se apoiar em familiares já estabelecidos no Brasil para continuar seus estudos.

Entretanto, o maior número de profissionais liberais dentro da comunidade libanesa são os descendentes nascidos no Brasil. A formação escolar e acadêmica de seus filhos lhes proporcionou uma certa ascensão social e por isso investiram maciçamente na educação de seus filhos.

> O levantamento dos descendentes de origem estrangeira nas três faculdades de São Paulo formadoras da elite das profissões liberais (Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola Politécnica), entre 1880 e 1950, levantamentos parciais e outras indicações coletadas no Mackenzie e na Escola de Comércio Álvares Penteado não deixam dúvidas quanto ao notável avanço da etnia na conquista de posições nesse mercado. (TRUZZI, 2009, p.145).

Devido à influência ocidental nas instituições de ensino no Líbano, principalmente no período de mandato francês, a educação profissional passou a ser um valor perseguido e transmitido aos seus descendentes, construindo, assim, o sonho de ver seus filhos portando um diploma. Além disso, os imigrantes que passaram pela mascateação ou pelo comércio não queriam que seus filhos enfrentassem as mesmas dificuldades, viam na formação acadêmica de seus descendentes uma compensação por suas próprias vidas sacrificadas em prol da família.

A mascateação foi uma excelente escola para os imigrantes, pois muitos passaram a manter contato com a língua portuguesa e, depois de estabelecidos financeiramente, buscavam suas famílias e parentes mais próximos. Conforme se estabeleciam, começavam a participar de todas as classes sociais brasileiras. Hoje vemos vá- rios descendentes de árabes bem estabelecidos em diversas atividades e profissões.É possível perceber a presença da cultura libanesa em São Paulo através da influên-cia, da culinária árabe, de seus clubes, entidades, igrejas e mesquitas aqui fundados.O Brasil é o país com o maior número de imigrantes libaneses no mundo, sendo o número de imigrantes e descendentes libaneses aqui presentes quase o triplo da po-pulação do Líbano.

Figura 4: Loja Chucri Makai, em 1955, SP.

Extraído de https://anba.com.br

Figura 5: o mascate sírio-libanês

Extraído de: https://icarabe.org/curtas/imigracao-sirio-libanesa.

1.3. Aculturação e assimilação: espelhos de uma mesma face

O termo Cultura, da forma como é utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez pelo antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917). Segundo Laraia (2001), Edward Tylor sintetizou o termo germânico Kultur, que representava todos os aspectos culturais de uma sociedade, e o termo francês Civilization, que simboliza todas as realizações materiais de uma comunidade. Portanto, a definição de Cultura por Edward Tylor abrange os aspectos e as realizações materiais e imateriais dos povos, incluindo o conhecimento, a arte, as leis, as crenças, os costumes, e tudo aquilo que se adquire durante a vivência em sociedade.

Em seu livro intitulado “Cultura: um conceito antropológico”, Laraia (2001) nos apresenta a visão de Marvin Harris (1969 apud Laraia, 2001) a respeito da cultura, em que afirma que a ordem social não é uma verdade absoluta e imutável, pois a mudança no ambiente de convívio ocasiona uma mudança no comportamento. Nesse sentido, podemos pensar na aculturação como um fenômeno que ocasiona tais mudanças comportamentais no indivíduo imigrante, pois este deixa sua comunidade natal, que possui características próprias, e passa a conviver com uma sociedade de cultura diferente das suas e, de

alguma forma, a assimila.

O fenômeno da aculturação pode ocorrer de duas formas: de forma impositiva, radical e até violenta como, por exemplo, a dominação dos povos indígenas pelos portugueses no território brasileiro, onde os europeus impuseram sua cultura aos nativos, ou através da assimilação de aspectos culturais entre os povos não de forma impositiva, mas sim natural, a exemplo dos imigrantes libaneses, que são nosso objeto de pesquisa.

Como abordado neste capítulo, os imigrantes libaneses que aqui se estabeleceram não foram trazidos ou dominados a força, nem sequer receberam subsídio para imigrarem, a exemplo dos italianos que receberam tais “incentivos” do governo brasileiro e dos grandes proprietários de terra, para que substituíssem a mão de obra escrava nas lavouras de café, no final do século XIX e início do século XX.

Ainda que o libanês tenha se sentido forçado a emigrar devido à falta de perspectivas em sua terra natal, ou por conta da guerra civil (1975-1990), é possível dizer que o ato de emigrar para o Brasil tenha sido mais uma escolha pessoal, influenciada pelo deslumbramento com a ideia de “enriquecimento fácil”, já que boa parte da população libanesa permaneceu em seu país ou imigrou para outras regiões dentro do próprio mundo árabe ou para a Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália. Segundo Truzzi (2009), os próprios libaneses que vivem no Brasil se orgulham de sua trajetória enquanto imigrantes e buscam associar sua imagem aos fenícios, povos antigos que viveram no território do atual Líbano, pois estes ficaram conhecidos na história como grandes navegadores e comerciantes, com espírito aventureiro.

Portanto, ao abordarmos a questão da aculturação sofrida pelo imigrante libanês no Brasil, podemos utilizar o termo “assimilação”, já que a cultura brasileira não foi imposta a eles de maneira radical e violenta. É possível afirmar que, talvez, a imposição tenha ocorrido indiretamente, já que viver em outro país exige do imigrante certa “obrigatoriedade” em assimilar a cultura local para conseguir se comunicar, trabalhar, se locomover e até criar laços de amizade e boa convivência, ou seja, assimilar um outro dentro de si.

Sendo assim, faz-se necessário discutirmos o que é a aculturação e como os estudiosos abordam a temática. Reinholdo Ullmann (1991) define aculturação como

um processo de troca em que, através do contato prolongado ou permanente, indivíduos de diferentes culturas comutam entre si seus costumes, hábitos, valores, conhecimentos etc. O autor afirma que, nesse processo, pode não haver apenas uma cultura doadora e outra receptora, mas sim uma troca recíproca, onde ambas podem sofrer mudanças.

Teixeira Coelho (2004) define a aculturação como sendo resultado de diversas formas de trocas culturais que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo e até mesmo de resistência, através da rejeição de partes de um sistema identitário em favor de outro. Neste sentido, não podemos padronizar a questão da imigração libanesa e concluir que todos assimilam a cultura ocidental da mesma forma, pois pode haver, em determinados indivíduos, certa resistência à incorporação da cultura do outro.

Segundo Truzzi (2009), a resistência de alguns imigrantes libaneses no processo de assimilação da cultura brasileira, especificamente em São Paulo, pode estar associada a questões como: a timidez; o preconceito dos paulistas que os apelidavam de “turcos” e não compreendiam as especificidades dos imigrantes vindos de diferentes regiões; a prepotência do libanês e a necessidade de fazer permanecer sua imagem vinculada ao espírito comerciante e aventureiro; ou, ainda, a esperança de que a vinda para o Brasil seria algo passageiro, onde poderia enriquecer e retornar ao país de origem, não sendo necessário estabelecer vínculos permanentes com a sociedade brasileira como, por exemplo, o matrimônio.

> [...] Ao contrário dos italianos e de outras nacionalidades, os primeiros imigrantes, em sua maioria, vieram sozinhos para tentar a sorte. Por causa disso, foram vistos com desconfiança, como aventureiros. Trabalhavam para depois voltarem a seus países, onde compravam propriedades e se casavam, reiniciando a vida à custa do dinheiro angariado no Brasil, impossível de ser obtido em sua terra natal. Os que ficavam no Brasil, com o tempo importavam outros parentes e esposas, num sinal de certa estabilidade ou prosperidade nos negócios tinha que vir primeiro. (TRUZZI, 2009, p. 86-87).

Truzzi (2009) afirma que a questão da dificuldade em se casarem com pessoas fora da colônia vem de uma longa tradição patriarcal, característica da cultura árabe. Porém, segundo o autor, tais resistências se davam pelo fato de os primeiros imigrantes serem homens solteiros e foram sendo quebradas com o passar do tempo devido à vinda e estabelecimento de famílias inteiras no Brasil e a dificuldade de retornar e viver em sua terra natal, o que permitiu a criação de vínculos mais fortes e

permanentes no ocidente.

Assim, foi possível a criação da identidade do libanês imigrante no Brasil. Ainda segundo Truzzi (2009) essa identidade continua fortemente associada ao comércio, porém a imagem de aventureiros suspeitos se desfez ao longo dos anos, dando lugar aos seus filhos formados “doutores”, tendo hoje sobrenomes libaneses presentes na política, na medicina, no direito, na geografia etc. Temos então uma identidade construída a partir de uma colônia de imigrantes que estabeleceu moradia fixa no Brasil há muitos anos, porém que permanece fortemente unida por seus traços culturais e religiosos em torno de eventos em associações, clubes e templos religiosos,como Igrejas Católicas e Ortodoxas e Mesquitas.

Nessa pesquisa, não temos o intuito de discutir a questão identitária, já que demanda um aprofundamento maior, que só será possível no Doutorado. Entretanto, faz-se necessário trazê-la à tona para compreender como se constrói a imagem de determinados grupos sociais. De acordo com Coracini (2007), o sentimento de identidade é subjetivo, constituído a partir da formação de um discurso de pertencimento a uma nação ou cultura, que é incorporado pelos sujeitos.

> Partindo do pressuposto extraído da psicanálise lacaniana e das teorias do discurso segundo as quais o outro nos constitui assim como constitui o nosso discurso, é possível afirmar que as representações que fazemos do estrangeiro e as representações que o estrangeiro faz de nós atravessam, de modo constitutivo, o sentimento de identidade subjetiva, social e nacional. Assim como nomear é dar realidade ao objeto, é possível afirmar que falar de um povo ou de um grupo social e até mesmo de um indivíduo é dar-lhes existência, fazê-los serem e acreditarem que são ou que existem. Não é à toa que se diz que falar de alguém é manter esse alguém vivo, na memória do outro e, portanto, na sua própria memória… (CORACINI, 2007, p. 59).

Portanto, a formação identitária, individual ou social, se constrói a partir da herança dos antepassados, de uma cultura que foi socialmente construída. O que somos, ou o que acreditamos ser, são ideias construídas pelo social, carregadas de discursos alheios, da visão do outro sobre nós e da nossa visão sobre o outro, que incorporamos inconscientemente. Falar sobre o estrangeiro é falar da nossa visão sobre ele, a imagem que criamos deste grupo, que acaba se tornando uma espécie de verdade absoluta de quem são essas pessoas.

Quando Truzzi (2009) afirma que a identidade do libanês está associada, até hoje, ao comércio, significa que essa foi a imagem construída desse estrangeiro e que, de alguma forma, acabou sendo inconscientemente incorporada por eles mesmos, ao

ponto de ser motivo de orgulho. No mundo moderno, podemos afirmar que não só a sociedade, mas a mídia tem um forte papel na construção dessas identidades, que se disseminam e permanecem no imaginário popular.

> Só podemos, pois, falar de identidade como tendo sua existência no imaginário do sujeito que se constrói nos e pelos discursos imbricados que o vão constituindo, dentre os quais o discurso da ciência, do colonizado e da média. Sabemos que uma das características fundamentais do discurso jornalístico é atuar na institucionalização social de sentidos, contribuindo para a cristalização da memória do passado, bem como para a construção da memória do futuro. (CORACINI, 2007, p. 61).

A formação da identidade, segundo Coracini, não é algo inato e natural dos indivíduos, ela está em constante formação, sendo naturalizada de maneira inconsciente, ao longo do tempo e do contexto social em que se inserem determinados grupos, no que a autora chama de memória discursiva. Neste sentido, há um sistema de representação cultural, discursivamente constituído e transmitido, que constitui a identidade dos grupos sociais.

> O argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" *(Englishness)* veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural.* As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2006, p. 48-49).

A constituição do sujeito se dá, então, através das suas relações com o mundo e com o outro. Ao falar de si, o imigrante traz a voz do outro em seu discurso e, até mesmo, a visão do outro sobre ele, já que é nessa relação que ele apreende elementos constitutivos e os internaliza. Assim, ao investigarmos os fenômenos de aculturação e assimilação sofridos pelo imigrante libanês no Brasil, recorremos aos conceitos bakhtinianos a respeito da produção discursiva para embasarem nosso estudo, assunto a ser discutido na próxima seção.

1.4. Linguagem e Discurso

Apresentamos neste tópico conceitos fundamentais sobre a perspectiva de linguagem, assumindo a posição enunciativa de linguagem, pois é a que responde de forma mais intrínseca as perguntas de pesquisa. Abordamos também, os conceitos pertinentes de Kock (2001) para justificar a análise linguística.

1.4.1. Linguagem e suas perspectivas

Nascido em novembro de 1895, em Oriol, cidade próxima a Moscou, Mikhail Bakhtin formou-se em História e Filologia, em 1918, na Universidade de São Petesburgo. Apoiou a Revolução de 1917, na Rússia, porém não era muito conhecido na sociedade russa do período, apenas por alguns amigos e intelectuais. Foi professor na cidade de Nevel nos anos 1918 a 1920, onde constituiu um círculo de debates entre amigos intelectuais, mais tarde conhecido como "Círculo de Bakhtin". Através do círculo seriam discutidos e publicados os textos de Bakhtin que, no início, teve pouco reconhecimento dentro dos círculos intelectuais oficiais, ganhando notoriedade tardiamente.

> Como se infere das informações anteriores, Bakhtin teve uma via absolutamente comum, uma carreira sem grandes destaques. Ele nunca teve apego a cargos e posições, nunca teve interesse pela fama e pelo prestígio. Sua trajetória foi marcada pelo ostracismo, pelo exílio e pela marginalidade dos círculos acadêmicos mais prestigiados. Teve, no entanto, ao longo de sua vida, uma intensa atividade de reflexão e escrita, que fez dele um dos grandes pensadores do século XX. (FIORIN, 2018, p.13).

A visão do Círculo de Bakhtin acerca da língua e da linguagem nos parece propícia ao analisarmos o discurso do imigrante libanês. Bakhtin desenvolveu trabalhos sobre a filosofia da linguagem partindo do viés marxista, porém, abordando outras áreas da ciência, como a psicologia cognitiva, a pedagogia, a crítica literária, a comunicação e, ainda, fundamentos da semiologia moderna, tratando, principalmente, da ligação entre linguagem e sociedade.

Assim como Saussure, Bakhtin entende a língua como um fato social, originada da necessidade de comunicação entre os indivíduos. Entretanto, ao contrário das teorias de Saussure, às quais Bakhtin chamou de objetivismo abstrato, que entende a língua como objeto abstrato real e desconsidera as particularidades da fala individual, Bakhtin se pauta justamente na importância da enunciação, entendida por ele como um fato social, e não individual, onde a comunicação está relacionada diretamente com as estruturas sociais. Ao dizer que *“de minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica”,* Bakhtin (1992/2000: 413) coloca o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, ou seja, a linguagem está, eminentemente, impregnada de relações dialógicas.

Assim, a fala é o local em que se expressam os conflitos de classe e de valores sociais, e a língua é, por vezes, instrumento de dominação, de resistência ou de adaptação. Portanto, na medida em que as diferenças na língua correspondem às diferenças de classe, é possível entender que a língua, assim como todos os signos, é ideológica. Por isso, a língua pode ser entendida como um signo mutável que sofre transformações na medida em que a sociedade se transforma.

> Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a "atividade mental", que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contra-ação. O psiquismo e a ideologia estão em "interação dialética constante". Eles têm como terreno comum o signo ideológico: "O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico". A questão exige mais que um tratamento esquemático. Na verdade, a distinção essencial que Bakhtin faz é entre "a atividade mental do eu" (não modelada ideologicamente, próxima da relação fisiológica do animal, característica do indivíduo pouco socializado) e a "atividade mental do nós" (forma superior que implica a consciência de classe). "O pensamento não existe fora de sua expressão potencial e, por consequência, fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento". (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2002, p.16/17).

Em Marxismo e Filosofia da Linguagem (1997[1929]), Bakhtin/Voloshinov defendem a natureza social da linguagem, contrapondo-se aos principais estudos da época sobre a linguagem, denominados pelos autores como Objetivismo Abstrato e Subjetivismo Idealista. Cada uma dessas tendências concebe o objeto de estudo da linguagem à sua maneira.

Para os autores do objetivismo abstrato, o principal fator de análise linguística está no sistema linguístico (sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua). A língua é um sistema imóvel que permanece inalterado em cada enunciação. Ou seja, em toda enunciação há elementos que estão sempre presentes, independente do contexto e dos sujeitos, são os traços fonéticos, gramaticais e lexicais, o que caracteriza a unicidade da língua e garante a compreensão de todos os envolvidos nesses atos. Na visão objetivista, não há consideração do social ou mesmo das possíveis variações da língua para o entendimento dos fenômenos da linguagem. Há apenas um critério linguístico: "está certo ou errado", sendo isso avaliado de acordo com uma dada norma do sistema.

Segundo essa orientação, todo fato linguístico está regido por normas fixas que independem da ação e da reflexão crítica dos sujeitos falantes. Cabe aos indivíduos a tarefa de seguir as normas para que compreenda e seja compreendido pelos outros. Neste sentido, os aspectos ideológicos não podem ser manifestados, uma vez que os indivíduos já recebem um sistema pronto e acabado no qual nada podem interferir.

A crítica de Bakhtin a essa perspectiva está na dicotomia existente entre a língua e a fala. Nesta perspectiva, a língua é imposta aos indivíduos pela sociedade, e estes não podem modificá-la, apenas se utilizar dela como ferramenta de comunicação. A língua é composta por leis e regras imutáveis, onde não há espaço para questões ideológicas, ao contrário da fala, que é um produto individual e variável.

Por isso, na concepção objetivista abstrata, considerava-se impraticável o estudo da fala pela linguística, por esta ser considerada assistemática e de cunho individual, onde não é possível prever a variabilidade de signos que os sujeitos se utilizarão no discurso. Assim, voltavam-se apenas ao estudo da estrutura da língua, de forma sincrônica, desconsiderando os fenômenos da enunciação.

A perspectiva subjetivista idealista rejeita essa concepção da língua, pois considera que se a língua fosse um sistema de normas, alheio a mudanças, ela seria morta. Para o subjetivismo, a língua é uma evolução ininterrupta, criação contínua, pois assim o é o psiquismo humano e esse é o constituinte da língua

Os defensores desta orientação entendem que a linguagem representa aquilo que existe na mente humana, ou seja, na criação individual. O subjetivismo idealista prioriza o ato da fala e possui uma visão individualista em relação à natureza da língua. Assim, entende-se o ato enunciativo como uma criação exclusivamente psicológica, fazendo uma analogia entre a criação linguística e a criação artística.

> O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2002, p. 72).

Ao entender a enunciação como um ato individual e totalmente ligado à psique do sujeito, os defensores do subjetivismo idealista excluem totalmente os fatores sociais e o diálogo com o outro como agentes influenciadores no discurso. Sendo assim, a enunciação é tida como um reflexo direto da expressão da consciência individual.

Bakhtin critica exatamente este ponto, observando que esta visão desconsidera a influência do contexto sócio-histórico-cultural e o diálogo com o outro no discurso do sujeito.

O subjetivismo idealista compreende a língua como um fator que se origina no interior do sujeito, sendo assim, partindo de dentro para fora, e não o contrário, como afirma Bakhtin. Ainda nesta linha, a língua é vista como uma criação ininterrupta, em que a evolução se dá de modo autônomo e ilimitado, na medida em que se entende que o indivíduo é o detentor do discurso e tem, sobre ele, o poder de criação.

Para Bakhtin, o subjetivismo idealista exclui de sua análise o processo de interação verbal entre os sujeitos, assim como o objetivismo abstrato não abarca as questões histórias e dialéticas contidas nos fatos linguísticos. Para ele, não se pode analisar a linguagem sem considerar o contexto sócio-histórico-cultural e a relação dos indivíduos com o meio e com o outro.

O autor apresenta essa análise dos dois estudos da Linguística a fim de mostrar que o tratamento dado por eles à compreensão dos fenômenos da linguagem é insuficiente, pois consiste em "isolar e delimitar a linguagem". Para Bakhtin (2000[1952-53]):

> A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...]. (BAKHTIN, 2000[1952-53], p. 279).

E ainda,

> Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata [...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997[1929], p.112).

A interação não consiste somente na existência dos interlocutores, mas também na relação entre eles, na situação social na qual se inserem. Assim é que em nossa análise reiteramos essa questão social da linguagem, ao analisarmos a fala dos sujeitos da pesquisa. Passaremos a comentar os conceitos mais pertinentes da teoria enunciativa de linguagem os quais serão de fundamental importância para nossas reflexões.

1.4.2. Perspectiva enunciativa: a visão de Bakhtin

Partindo da crítica às duas perspectivas, a subjetivista idealista e a objetivista abstrata, Bakhtin construiu sua concepção de linguagem, compreendendo-a como instrumento psicológico e, portanto, carregado de sentido e significado, entendidos em um determinado contexto.

Assim, o ato enunciativo não se dá apenas na consciência humana individual, mas sim em coletividade, pois o indivíduo só existe a partir da visão e do contato com o outro. Não há indivíduo se este não estiver inserido no coletivo, pois só se constrói o *eu* a partir da ideia do coletivo. É assim, portanto, que o indivíduo constrói a compreensão do mundo através da experiência e do olhar do outro.

Portanto, o ato enunciativo de um indivíduo carrega, não somente suas experiências psíquicas e individuais, mas as diversas vozes dos indivíduos com quem se convive, com quem troca experiências. Além disto, o meio em que estão inseridos os sujeitos, ou seja, o contexto sócio-histórico-cultural, interfere diretamente no uso da língua em seus discursos.

> Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em consequência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o "conteúdo a exprimir") à sua objetivação externa (a "enunciação") situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2002, p. 117)

Bakhtin destacou a importância da linguagem na constituição da consciência humana. O processo de constituição do indivíduo surge a partir das relações sociais historicamente construídas, formando e transformando o indivíduo a partir de sua relação com o outro. Neste sentido, a língua é resultado da interação verbal, onde só passa a fazer sentido inserida no contexto social onde os sujeitos interagem.

Esse estudioso compreende um enunciado como um pressuposto de outros que o antecederam e de outros que o sucederão. Dessa forma, as relações dialógicas

são compostas por ditos do passado, já pronunciados por alguém. Por causa disso, a interação verbal e a presença do outro são importantes para a linguagem.

Bakhtin explica que a palavra não pertence a um falante apenas, mas sim ao ouvinte e a outras vozes antecessoras, as quais ressoam na palavra. Por causa disso, a linguagem é vista como incompleta, como um projeto que sempre caminha e está sempre inacabado.

A compreensão do que é dito, segundo Bakhtin, é também um diálogo, pois para ocorrer é necessária uma orientação do ouvinte: entender o contexto das significações. Esse processo está relacionado a uma correspondência entre o que foi dito e entre várias palavras novas, constituindo assim uma réplica. As réplicas são muito importantes para uma pessoa, pois, de acordo com o número e a relevância delas, dependerá a profundidade de nossa compreensão

Partindo da perspectiva de Bakhtin, podemos compreender o processo de inserção do imigrante libanês em uma sociedade ocidental, especificamente a brasileira. Ao emigrar, o sujeito carrega consigo a cultura de sua terra natal, sua formação e sua visão de mundo. Quando se insere em outro país, com uma cultura totalmente diferente da sua, passa a haver uma troca, onde ele influência e ao mesmo tempo é influenciado pelo meio.

Assim, a linguagem será o principal instrumento de inserção e adaptação do imigrante no “novo” contexto. Aprender a língua, os costumes, as vestimentas, a comida, ou seja, a cultura de modo geral, é o principal meio de se inserir em um contexto diferente. Portanto, o discurso do imigrante libanês passa a ser constituído de seus aspectos individuais, de sua cultura de origem e do meio em que está inserido, a cultura ocidental, no que Bakhtin chama de polifonia, a pluralidade de vozes na constituição do discurso.

O discurso do imigrante é, portanto, resultado de sua interação com o outro e com o meio. Assim, há, em sua enunciação, uma mescla de aspectos individuais e culturais de sua origem com aspectos de sua interação com o outro e sua inserção em uma cultura ocidental.

Ao analisarmos a fala do imigrante libanês, buscamos compreender de que forma se deu a troca cultural entre ele e a sociedade ocidental (brasileira), e de que

forma as condições que lhe foram apresentadas influenciaram na construção do seu pensamento, verbalizado através de seu discurso e o dialogismo é a questão centralizadora de sua teoria, ao afirmar que o discurso é o resultado de enunciados que estabelecem relações com outros enunciados já ouvidos, lidos, seja em um momento passado, presente ou mesmo no futuro, pois toda enunciação é resultado de ideias, fatos, ou situações já vivenciadas pelo sujeito em algum momento de sua vida .

Segundo Fiorin (2018), o conceito de dialogismo é o princípio unificador da obra de Bakhtin, pois ele afirma que a língua, em sua vivacidade do uso cotidiano, possui a característica de ser dialógica. As relações dialógicas não se dão apenas no âmbito da conversação face a face, mas sim no processo de formação de todos os enunciados no ato de comunicação. Faraco (2009) afirma que Bakhtin caracteriza o dialogismo, ou as relações dialógicas, como as relações de sentido que são estabelecidas entre enunciados, considerando a interação verbal como um todo, e não apenas a interação entre dois indivíduos, ou seja, para Bakthin (2003) o princípio constitutivo da linguagem é o dialogismo, pois que "*cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados".* (Bakthin, 2003 [1952-1953], p. .272). Portanto,

> [...] quaisquer enunciados, se postos lado a lado no plano do sentido, "acabam por estabelecer uma relação dialógica". [...] Mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas. [...] E isso em qualquer ponto do vasto universo da criação ideológica, do intercâmbio sociocultural. (FARACO, 2009, p. 64).

Para compreender a relação dialógica, Fiorin (2018) apresenta a diferenciação entre as unidades da língua, que são os sons, as palavras e as orações, e os enunciados, que são o elemento real de comunicação. Segundo ele, as unidades da língua possuem significação, como por exemplo as palavras dispostas em um dicionário, porém são neutras, não pertencem a ninguém e estão à disposição de todos para serem utilizadas no processo de comunicação. Já o enunciado possui um autor, alguém que dispõe as unidades da língua de maneira a exprimir uma posição dentro de uma esfera de comunicação.

Os enunciados, portanto, existem dentro das relações dialógicas, pois eles permitem uma resposta, seja para concordar, complementar ou discordar. Os enunciados possuem um juízo de valor de quem fala, carregam em si emoções e opiniões,

que se dirigem a um destinatário.

A relação dialógica se estabelece na medida em que o enunciado é socialmente constituído, pois é perpassado pelo discurso alheio. Isso significa que, ao constituir um enunciado, o locutor carrega consigo o discurso de outros, que estão presentes no seu. Fiorin (2018) afirma que a dialogização da palavra "é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro." Portanto, o contexto sócio-histórico-cultural em que o enunciador está inserido interfere na cons-tituição de seu discurso.

A linguagem então, para Bakhtin, assume um papel central, pois ela é o elemento mediador que permite o alcance direto à realidade. Neste sentido, ao analisarmos o discurso do imigrante libanês, utilizamos a linguagem como mediadora para conhecer a realidade dele. É através do discurso verbalizado que buscamos encontrar os elementos que indicam uma possível aculturação no processo de imigração, os aprendizados dentro da cultura ocidental, aqui representada pela cultura brasileira, e o processo de adaptação à nova realidade.

Baseado no princípio dialógico, em que o discurso proferido pelo imigrante é perpassado pelo discurso de outros, inseridos em um mesmo contexto sócio-histórico-cultural, consideramos possível analisar de que maneira o imigrante se adaptou e/ou sofreu aculturação do país de chegada, observando em que medida o discurso ocidental (brasileiro) perpassa seu enunciado. Nesse sentido, o conceito de polifonia e de alteridade são de suma importância para a compreensão do discurso do imigrante árabe.

De acordo com Magalhães & Oliveira, W. (2011), tanto para Bakhtin quanto para Vygotsky, a alteridade é um conceito importante para a compreensão da linguagem. A alteridade está relacionada ao outro, a tudo aquilo que é diferente. Na antropologia, é o conceito que difere o indivíduo na sociedade e o indivíduo em sua unidade. Entretanto, o conceito de alteridade afirma que o indivíduo só existe a partir da visão e do contato com o outro. Não há indivíduo se este não estiver inserido no coletivo, pois só se constrói o eu a partir da ideia do coletivo. É assim, portanto, que o indivíduo constrói a compreensão do mundo através da experiência e do olhar do outro. Já a polifonia é um conceito muito presente nos romances e em especial nos romances de Dostoyevski. Caracteriza-se pela existência de outras vozes na construção interna de

um discurso, o que pode ser percebido na construção discursiva do imigrante libanês. É importante ressaltar, ainda que o dialogismo descreve a polifonia, na medida em que na linguagem há a multiplicidade de outras vozes.

Já, o conceito de exotopia se traduz por "lugar exterior", ou seja, está relacionado com a possibilidade de obter um olhar exterior em diversas situações. Esse conceito não se pauta na neutralidade em relação ao objeto, proposta pelo positivismo, mas sim num distanciamento em relação ao tempo e espaço para obter um olhar mais esclarecido. Bakhtin usou o conceito de exotopia na interpretação de textos, afirmando que quanto mais distante o leitor estiver do contexto em que foi escrito determinado texto, mais apurada seria sua interpretação, pois não estaria envolvido nas incertezas e sentimentos dos contemporâneos aos escritos. Assim, Bakhtin afirma que com o passar do tempo, o texto adquire certa autonomia em relação às suas origens, porém sem perder a essência de seu significado, mas apenas sendo enriquecido através da leitura de gerações futuras, que podem encontrar novos sentidos, os quais nem mesmo o autor poderia ter imaginado (Bakhtin, 1980/2016). Ao trazer este conceito para a vida do imigrante, é possível compreender o discurso de alguns dos entrevis- tados quando afirmam que se sentem mais brasileiros do que árabes, pois conforme a passagem do tempo e devido à distância, muitos não conseguiam visitar a terra natal e então *“fomos ficando e filhos casando com brasileiras”*. É a fala de um dos entrevis- tados que mostra a adoção de rituais e costumes ocidentais em que a própria cultura acaba por tornar mais distantes os costumes árabes, gerando um olhar atento aos outros costumes (brasileiro) e adotando esses costumes, como o seu próprio.

Estudos apontam as semelhanças entre Bakhtin (1992) e Vygotsky (1978) quanto à importância da alteridade e do diálogo na constituição da subjetividade e no desenvolvimento da consciência humana. Todas essas questões são explicadas por meio da linguagem e, neste trabalho, optamos por usar o conceito de linguagem conforme o entendimento de Bakthin (1992) em que “a linguagem é, necessariamente, fruto das relações do eu com o outro, portanto, o outro exerce papel fundamental nesse processo.”

Vygotsky (1978) destacou a importância do processo histórico social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Chamou a atenção para a interação no processo de aquisição do conhecimento chamando o sujeito de interativo em que

as trocas se fazem por meio do que ele classificou de mediação (VYGOTSKY, 1996) e ressaltou a linguagem como um dos instrumentos mais valiosos nessa relação interativa *e "[...] as características individuais e até mesmo as atitudes pessoais estão impregnadas de trocas com o coletivo [...]"* (VYGOTSKY, 1996, p. 102)., ou seja, o mais individual em um ser humano é fruto da relação com o seu próximo.

Bakhtin destacava questões sociais e a importância da linguagem na constituição da consciência humana. O processo de constituição do indivíduo surge a partir das relações sociais historicamente construídas, formando e transformando o indivíduo a partir de sua relação com o outro.

> Assim, ser reconhecido pelo outro é ser constituído em sujeito pelo outro, na medida em que o outro reconhece o sujeito como diferente e o sujeito reconhece o outro como diferente. Eu me torno o outro de mim e me constituo a partir do outro. Então subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu (MOLON, 2003, p.120).

Podemos, portanto, pensar no conceito de polifonia, em que há uma diversidade de vozes inseridas dentro de um discurso. Bakhtin (1992), ao explicar as vozes surgidas na análise em seus romances, justifica o conceito de polifonia, e é desta mesma forma que esse conceito é usado nessa pesquisa (como já dito) para justificar o contato entre as comunidades libanesa e brasileira, mais especificamente paulista.

A fim de apreender as marcas linguístico – discursivas na fala dos entrevistados, alguns aspectos devem ser considerados, como por exemplo, a importância em perceber a construção do sentido no discurso do imigrante libanês e como os diferentes aspectos léxico-gramaticais produzem esses efeitos de sentido, ao considerar o propósito comunicativo do indivíduo. Assim, a próxima seção trata de apresentar a construção dos sentidos considerando a ação comunicativa e as marcas que indicam os sentidos dessa ação.

1.5. A construção dos sentidos

A linguagem é concebida como uma atividade humana como todas as outras (alimentar-se, descansar etc.), e o indivíduo a utiliza de diversas formas para comunicar algo a alguém. A atividade verbal, ou seja, o uso da linguagem, é uma das formas utilizadas para a comunicação. Segundo Koch (2003), dentro do uso do sistema linguístico como meio de comunicação, há sempre uma motivação na elaboração do

discurso proferido, além de um conjunto de operações próprias da língua que estruturam as ações verbais, levando-as a um objetivo final. Entretanto, a execução da atividade verbal explica-se não somente pelo discurso proferido, mas também por fatores sociais e psicológicos nos quais tal discurso está inserido.

Nesse sentido, os trabalhos dessa autora nos auxiliam a compreender a produção discursiva do imigrante, inserida dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, especificamente o da imigração libanesa no Brasil, considerando que a construção e a forma de organização de um discurso, assim como toda atividade humana, visam alcançar a um objetivo cujo traço é de cunho social.

Faz-se necessário, então, compreender os signos da língua utilizados na elaboração do discurso do locutor, representados pelo significante e pelo significado das palavras. Nas palavras de Kock (2003):

> A realização linguística da atividade verbal depende das condições sociais e psicológicas, além de vir determinada pelo motivo básico da atividade, e utiliza diversos meios como: a. seleção de palavras; b. projeto gramatical; tradução e comparação de variantes; reprodução dos compromissos. [...] Já os fatores que determinam a realização verbal da intenção verbal, [...] são, segundo Leontiev: a língua particular que se realiza o enunciado, isto é o sistema linguístico de uma dada língua; o grau de domínio da língua [...] (Kock, 2003, p. 14-16).

Levando em consideração que cada enunciação pode ter diversas significações, já que as intenções daquele que fala podem ser das mais diversas, não há como definir uma interpretação única e verdadeira. Sendo assim, o conceito da intenção na fala passa a ser fundamental na análise do discurso, pois, segundo Koch (2003), a compreensão da enunciação é, justamente, a apreensão dessas intenções, que possuem um viés puramente linguístico, que pode ou não corresponder a uma realidade psicológica ou social.

A enunciação presente no discurso é observada por uma série de marcas – as marcas linguísticas – que nos levam a construir um objetivo dentro da argumentação. Assim, o sentido do enunciado não é algo predefinido, mas sim construído durante a análise e sua decodificação, levando em consideração o valor semântico como um conjunto de instruções de interpretação, em conjunto com as indicações presentes na situação de discurso, que o preenche de significados.

> [...] Depende de uma decisão do intérprete dar ao enunciado o sentido mais próximo possível da significação da frase que este realiza, reduzindo ao mínimo o recurso à situação. Aliás, para justificar essa indiferença com relação à situação, é necessário mostrar que ela mesma convida a isso, o que permite dizer que o "sentido literal" nada mais é senão **um efeito de sentido entre outros.** (KOCH, 2003, p. 24 e 25).

Diante das marcas linguísticas apresentadas por Koch (2003), selecionamos para a análise da materialidade linguística os seguintes elementos:

a. os operadores argumentativos;

b. a modalidade.

A argumentatividade, segundo a autora, "*não constitui apenas algo acrescentado ao uso linguístico, mas, pelo contrário, está inserida na própria língua. Ou seja: que o uso da linguagem é inerentemente argumentativo*." (KOCH, 2003, p. 100).

Diante disto, podemos compreender como significação do enunciado o agrupamento de instruções relacionadas às estratégias definidas para o uso na decodificação do discurso, que nos permitem definir as possíveis leituras. Essas instruções são espécies de códigos gramaticais que nos levam à identificação de valores retóricos, ou argumentativos, da própria gramática de cada língua, dentro das quais existem diversos morfemas que funcionam como operadores argumentativos ou discursivos. Dentre eles, podemos destacar os conectivos semânticos (porém, embora, mas, já que, pois, etc.), denotadores de inclusão (também, inclusive, até, etc.), exclusão (somente, apenas, só, etc.), retificação (aliás, isto é, etc.), situação (então, afinal, etc.).

Koch classifica os operadores argumentativos da seguinte forma:

1. Operadores que estabelecem uma hierarquia dos elementos em escala, definindo o argumento mais forte para uma conclusão (mesmo, até, até mesmo, inclusive) e o mais fraco (ao menos, pelo menos, no mínimo);
2. Encadeamento de dois ou mais argumentos orientados no mesmo sentido (e, também, nem, tanto... como, não só... mas também, além de, além disso, etc.);
3. Introdutor de mais um argumento de conclusão (ainda);
4. Introdutor de um argumento decisivo (aliás, além do mais, etc.);

5. Paradigma de marcadores de oposição entre elementos (mas, porém, contudo, embora, etc.);
6. Introdutor de asserção derivada visando esclarecer, desenvolver ou retificar uma enunciação anterior (isto é);
7. Escalas orientadas no sentido da afirmação plena (tudo, todos) ou negação plena (nada, nenhum).

Assim, observamos a importância dos operadores argumentativos e da definição de formulação de diferentes paradigmas, pois é essa relação que nos auxilia a definir a qual classe argumentativa o discurso pertence. A seleção de determinados elementos nos mostra quais as combinações sintagmáticas ou encadeamentos são possíveis.

> Ora, todos os operadores citados fazem parte da gramática da língua. Evidencia-se, portanto, que essas instruções, codificadas, de natureza gramatical, supõem evidentemente um valor retórico da construção, ou seja, um valor retórico – ou argumentativo – da própria gramática. O fato de se admitir a existência de relações retóricas ou argumentativas inscritas na própria língua é que leva a postular a argumentação como ato linguístico. (KOCH, 2003, p. 105 e 106).

Já sobre a modalidade, destacamos sua importância como *"elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso."* (KOCH, 2003, p. 133).

Esses elementos nos permitem caracterizar tipos de atos de fala que o locutor quer desempenhar, nos mostram o grau de engajamento do falante, destacam os encadeamentos de continuidade, além de darem voz aos personagens introduzidos no discurso.

Koch (2003) destaca, na modalidade, dois grupos: os modalizadores e os moduladores: o primeiro implica nível de necessidade, opinião, aproximação e o outro, nível de obrigação. Para os modalizadores temos: é possível ou provável que; que acho, penso, imagino, creio que; talvez, muito provável, pode ser, acredito que, tudo leva a crer, quem sabe. Já para os moduladores temos: fontes autorizadas afirmam; é bom que; é lamentável que; é pena que; desejo que; as autoridades afirmam que; eu ordeno que; é preciso que, eu prometo que, eu declaro que; eu pergunto se; eu aviso que; é evidente que

Vamos exemplificar com uma frase de nossa entrevistada m2_53, em que ela diz: *“Eu quero que sempre o Líbano no seu pensamento, pensamento dos meus filhos, todos os filhos libaneses, porque um país eh... um país todo mundo que gosta.”*, em que o modalizador em questão está no início da frase [Eu quero que]. De acordo com Koch (2003), a análise tradicional afirma que a primeira oração [Eu quero que] é considerada a principal em relação às seguintes, destacando, porém, que o conteúdo na fala em si encontra-se na segunda parte, sendo então a primeira oração responsável por modalizá-las, ou seja, indicar aspectos relacionados à enunciação. Neste exemplo, observamos o estado psicológico da falante diante daquilo que ela enuncia. Há um desejo com nível de obrigação, como se houvesse a obrigatoriedade de nunca esquecer o Líbano. Ressaltamos que sempre que for relevante para a análise, destacaremos o tempo verbal, pois pode revelar muito da intencionalidade discursiva do entrevistado.

Finalizamos com a explicação de como será feita a análise dos elementos linguísticos, o capítulo teórico que embasa a nossa pesquisa. O próximo capítulo apresenta a organização metodológica do trabalho.

METODOLOGIA DA PESQUISA

... constitui um grave erro pensar que a ciência só pode estudar o que nos mostra a experiência direta... Os estudos baseados na análise de vestígios de influências, em métodos de interpretação e reconstrução, na crítica e na indagação do significado foram tão úteis quanto os baseados no método da observação "empírica" direta

(Vygotski, 1996)

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA

2.0. Metodologia da pesquisa

De acordo com Luckesi (1985), o conhecimento pode ser pensado sob três perspectivas: **a**. como um instrumento de transformação do mundo; **b**. como algo necessário para as ações; e, **c**. como instrumento de libertação. Nesse sentido, o mundo social e humano constitui-se por meio de produções da cultura e do intelecto, frutos da relação dos indivíduos entre si e destes com o ambiente que os cercam.

Todas as ações humanas são pensadas, refletidas e sentidas, pois os indivíduos possuem a necessidade de observar, compreender e refletir a respeito do mundo e de suas vidas. Assim, a produção intelectual torna-se necessária, na medida em que as teorias elaboradas através do pensamento dos indivíduos buscam dar conta dos significados que as ações humanas produzem.

O conhecimento, entretanto, não é uma produção individual, pois ele se constrói ao longo da História e apoia-se em conhecimentos anteriormente produzidos, entendidos como produção histórica e social. Assim, a produção intelectual diferencia o Homem de outras espécies, pois os seres humanos são os únicos capazes de refletir sobre suas ações e de compreender o mundo através do pensamento.

Desta forma, o conhecimento, igualmente, pode ser compreendido como instrumento teórico e prático de compreensão da realidade dos indivíduos, do meio em que se inserem, e das relações entre si. Sendo assim, a pesquisa é a prática social de produzir o conhecimento e, a metodologia, em um trabalho de pesquisa, um de seus capítulos mais importantes, pois é a partir da escolha de uma fundamentação teórico - metodológica que o pesquisador poderá apresentar ao leitor o caminho percorrido para a organização e a análise do objeto. Escolher, pois, um método, ancorado em uma determinada metodologia de pesquisa, é supor que a mesma vá ao encontro dos objetivos do pesquisador a fim de que ele obtenha uma sustentação às respostas de seus questionamentos.

Sendo esta pesquisa uma pesquisa de Mestrado, com uma prática de produção de conhecimento dentro do universo acadêmico, ela está sistematizada conforme as

normas estabelecidas nesse campo. Neste capítulo, então, trataremos do paradigma em que esta pesquisa se encaixa e da maneira como será conduzida. Além disso, apresentamos o contexto de situação, que envolve o local da pesquisa, os participantes, os procedimentos de coleta de dados, a descrição dos instrumentos de coleta; a organização e geração de dados, a análise dos dados e os critérios de confiabilidade da pesquisa.

2.1. Paradigma da pesquisa

Segundo Tozoni-Reis (2009), os paradigmas de pesquisa explicitam o modelo teórico que fundamenta a ciência. Segundo a autora, as pesquisas em educação, ciências humanas e sociais encontram-se no paradigma de pesquisas qualitativo, em que o mais importante é conhecer, compreender e interpretar os fenômenos estudados, do que simplesmente descrevê-los.

Assim, esta pesquisa de Mestrado está inserida no paradigma qualitativo, na medida em que se pretendeu interpretar os dados coletados através das entrevistas que foram realizadas com os imigrantes, à luz das teorias selecionadas na pesquisa.

O principal método utilizado nesta pesquisa foi o Estudo de Caso. Estuda-se um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos. No caso desta pesquisa, estamos analisando a fala dos imigrantes e os sentidos que eles imprimem ao discurso proferido sobre viver um outro país. Este método é útil quando o objeto a ser analisado é abrangente e complexo e não é pos-sível estudá-lo longe de seu contexto. O objetivo é estabelecer ou colocar a prova uma teoria, tendo as entrevistas como fonte de informação mais relevante, pois, por meio delas, se pode justificar o problema levantado, uma vez que o entrevistado po- derá expressar seu ponto de vista sobre o assunto estudado, utilizando suas próprias interpretações. O estudo de caso ajudará a responder questionamentos que serão fundamentais para o fenômeno estudado: a imigração libanesa em São Paulo. Segundo Yin (2001):

> Este método é útil quando o fenômeno a ser estudado é amplo e complexo e não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente. [...] Através delas o entrevistado vai expressar sua opinião sobre determinado assunto, utilizando suas próprias interpretações. (YIN, 2001)

2.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada com oito imigrantes libaneses que moram no país, em diferentes regiões, mas todos tendo vivido na cidade de São Paulo ao longo de suas vidas. Sete dos oito entrevistados vivem atualmente em São Paulo capital, e um vive em Foz do Iguaçu, no Paraná, cidade que abriga uma comunidade libanesa significativa. Nossos entrevistados contam que já viveram em outras regiões onde possuem familiares, como Brasília e Minas Gerais, além do Paraná.

A cidade de São Paulo, como abordado anteriormente, foi a região que recebeu o maior número de imigrantes libaneses, pois estes se dedicaram ao comércio. Os bairros centrais, como Sé, São Bento, Brás, Pari e Santa Ifigênia ainda abrigam muitos libaneses, porém a maioria se dispersou por outras regiões da cidade ao conseguirem acumular certo capital financeiro. Bairros como a Vila Mariana, o Ipiranga e o Paraíso hoje abrigam inúmeras famílias libanesas, inclusive alguns dos entrevistados, além de restaurantes, igrejas libanesas e ruas com nomes de personalidades da colônia o que faz com que o bairro, assim como o Brás e a área da 25 de marco, seja um lugar de identidade para as famílias de imigrantes.

Dois dos entrevistados possuem uma forte ligação com a cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, sendo que um deles mora na região. Segundo dados da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (2019), os primeiros libaneses chegaram à região por volta de 1940, com grande número de chegadas entre 1970 e 1990, formando a 2ª maior comunidade libanesa no Brasil. Já em São Paulo, segundo dados do Instituto da Cultura Árabe, em 2017, havia mais de 4.500 libaneses nativos vivendo na capital e cidades vizinhas, além dos milhares de descendentes.

Poliana Fabiula Cardozo, em seu artigo intitulado “A imigração árabe em Foz do Iguaçu: conservando sua cultura através de suas instituições representativas” (s/a), afirma que a imigração para Foz foi motivada pelo comércio com o Paraguai e pela busca de maior qualidade de vida.

2.3. Participantes da pesquisa

É preciso possuir uma amostra considerável do discurso dos sujeitos entrevistados. Segundo Tarallo (2013), uma amostra considerada válida quando se trata de analisar fenômenos linguísticos, discursivos, é de cinco entrevistas. Nosso objetivo é

trabalhar com oito entrevistas, sendo quatro imigrantes homens e quatro mulheres, todos adultos e que vivem no Brasil.

Os participantes são advindos de diferentes regiões do Líbano, emigraram em períodos históricos e contextos diferentes uns dos outros, o que permite enriquecer esta pesquisa com histórias de vida e de imigração diversas. São eles:

Mustapha Ghaziri, de 67 anos, atualmente é morador de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, casado, pai de três filhos, comerciante, mora no Brasil há 40 anos. Casado com uma filha de libaneses nascida no Brasil, o entrevistado conheceu sua esposa no Líbano quando ela viajou com seus pais para lá ficar. Devido a guerra civil iniciada em 1975 no Líbano a família voltou, mas ela já estava casada e ficou com seu esposo no Líbano até que decidiram viajar para o Brasil. A primeira parada oficial foi Brasília, onde permaneceram por alguns anos, depois mudaram-se para São Paulo e aqui ficaram por algum tempo, mas em meados dos anos 90 mudaram-se para Foz de Iguaçu e permanecem até hoje. Fato interessante a se observar é que o participante já falava razoavelmente a língua portuguesa, através do ensinamento de sua esposa.

Fatma Haidar, de 45 anos, moradora do bairro do Pari, no centro de São Paulo, casada, mãe de 3 filhos, professora no *Colégio Brasileiro Islâmico*, morou 7 anos em Foz do Iguaçu -Paraná (de 1992 a 1999), retornou ao Líbano em 1999, onde viveu por 8 anos, por fim voltando ao Brasil para morar definitivamente em São Paulo. Formada em Pedagogia no Brasil e em Ciências Sociais no Líbano, procurou continuar seus estudos quando chegou ao País. Fez o curso de Pedagogia e complementação pedagógica e, atualmente, está terminando uma Pós-graduação em ensino infantil, além de ter feito vários cursos de especialização relacionados à formação infantil.

Elie Abi Rizk, de 33 anos, morador do bairro de Vila Mariana, na região Sul de São Paulo, comerciante, é solteiro, não tem filhos, mora no Brasil há 7 anos. Veio a passeio, em 2014, para conhecer o Brasil e assistir aos jogos da Copa do Mundo, decidindo estabelecer-se por aqui. Hoje, Elie é dono de um pequeno comércio de sorvetes e açaí na Vila Mariana, próximo à residência de seu tio Abdallah Chamoun. Ele alega que aprendeu o português se misturando com brasileiros nas ruas e bares, e que pretende estudar para prestar a prova do ENEM e tentar uma vaga na Universidade.

Abdallah Khalil Chamoun, de 57 anos, também morador do bairro de Vila Mariana, na região Sul de São Paulo, comerciante, divorciado, pai de 1 filho, mora no Brasil há 35 anos. Abdallah foi guerrilheiro durante a Guerra Civil Libanesa (1975-1990), abandonando-a e decidindo se mudar para o Brasil em busca de sobrevivência e melhor qualidade de vida, ao lado de seus familiares, já residentes em Minas Gerais. Aqui, casou-se com uma brasileira, de quem é divorciado, e teve com ela um filho. Sempre trabalhou no comércio e não expressa nenhum desejo de retornar ao seu país de origem.

Rima Nasr Eddo, de 53 anos, moradora do bairro Jardim da Saúde, na região Sul de São Paulo, casada, mãe de 3 filhos, mora no Brasil há quase 28 anos. Rima emigrou ao Brasil ao se casar com Latif Eddo, seu esposo, deixando incompleto o curso de História em uma Universidade no Líbano. Seu marido é dono de uma rede de restaurantes e de uma confecção de roupas em São Paulo, onde ela alega ter uma vida confortável. Sua mãe e familiares ainda vivem em sua cidade natal, no Líbano, local que a entrevistada afirma visitar quase anualmente, levando seus filhos para manterem-se próximos de sua cultura.

Chahid Moukhaiber Mourad, de 61 anos, morador do bairro do Ipiranga, na região Sul de São Paulo, comerciante, casado, pai de dois filhos, mora no Brasil há 38 anos; Chahid era professor pedagogo e lecionava para crianças, quando teve sua carreira interrompida pela Guerra Civil Libanesa (1975-1990). Durante o conflito, foi preso político por um grupo inimigo, sendo liberto por seu pai, que viajou do Brasil para o Líbano para negociar sua liberdade, com a condição de que Chahid deixasse o país. O entrevistado veio para o Brasil, morou por um período em Campinas, interior de São Paulo, ajudando seu pai em um boteco que possuía na região. Ao se mudar para a capital, casou-se com uma brasileira descendente de japoneses, com quem teve dois filhos, ambos já adultos.

Rena Youssef Kallas, de 42 anos, moradora do bairro da Aclimação, na região sul de São Paulo, é solteira, não tem filhos, entre idas e vindas ao Brasil, atualmente vive no país há 5 anos. Rena conta que a primeira vez que veio ao Brasil ainda era criança, viajou acompanhada dos pais, que já tinham familiares no país, para consultar um médico a respeito de uma cirurgia na perna. Sua mãe, Mariam Chamoun, permaneceu vivendo no Brasil com seu irmão mais novo, porém Rena optou em viver com

o pai no Líbano. A entrevistada veio ao Brasil diversas vezes, mas afirma que não se adaptava ao país e à cultura. Entretanto, com o falecimento do pai, a vinda de seus irmãos e algumas decepções que sofreu no Líbano, ela decidiu tentar recomeçar sua vida por aqui. Atualmente, vive com sua mãe e irmãos e trabalha como vendedora em uma loja da marca *Apollo USA*.

Mariam Khalil Chamoun, de 72 anos, também moradora do bairro da Aclimação, na região sul de São Paulo, viúva, aposentada, mãe de 5 filhos, veio passear no Brasil em 1971, na região de Minas Gerais, onde tinha familiares, decidindo se mudar definitivamente para o país no ano de 1995, há 25 anos. Seu marido, por não se adaptar ao país, decidiu voltar e viver no Líbano, permanecendo casados, porém distantes. Aqui, Mariam viveu com seu filho caçula Elias, trabalhando em casa, com vendas de comidas árabes por encomenda. Seus filhos vieram posteriormente, apesar de uma de suas filhas ser casada e viver no Líbano.

2.4. Instrumentos de coleta de dados e procedimentos

A fim de coletar dados para a análise, optamos em usar como instrumento de coleta, a entrevista semiestruturada, pois tínhamos um objetivo a alcançar. No entanto, não seguimos um roteiro pré-estabelecido, os temas nortearam a interação face a face entre pesquisadora e entrevistado(a). Esses temas possibilitaram à pesquisadora o acesso às relações sociais, flexibilidade necessária para conduzir as entrevistas e um maior controle sobre a situação de produção (Seliger & Shohamy, 1989).

Após a decisão de entrevistar 8 pessoas, a pesquisadora entrou em contato com os sujeitos, explicou o tema da pesquisa e, em dia e horário determinados, a entrevista foi realizada no modo online, por meio do Google Meet, pois estávamos em tempo de Pandemia e a gravação presencial era impossível naquele momento. Os entrevistados assinaram um termo de consentimento (anexo 3) e todos foram bem solícitos ao que se pedia. Por vezes era preciso improvisar algumas perguntas a fim de chegar ao objetivo da pergunta desejada, e quanto ao que foi considerado para fins de análise, foram as respostas em que as perguntas eram as mesmas para todos. Esse foi um critério adotado, pois a intenção é analisar os sentidos deles sobre estar em um novo espaço. Após as entrevistas, as mesmas foram transcritas e categorizadas. Na seção seguinte, apresento a organização e descrição dos dados. Antes, apresento as perguntas que nortearam a entrevistas. Após a transcrição, as entrevistas

foram lidas e relidas, selecionando e agrupando trechos em que os imigrantes abordavam questões e temáticas semelhantes.

2.5. Geração e organização dos dados

Quanto à geração e organização dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com perguntas previamente definidas e a possibilidade de criar perguntas quando fosse necessário (como já explicado na seção anterior), permitindo que o imigrante contasse sua história, mas também sendo a entrevista guiada pela pesquisadora segundo os interesses desta pesquisa. Após a transcrição das entrevistas, separamos os trechos que se mostraram relevantes para a análise. A partir da seleção dos trechos, agrupamos aqueles que se mostravam semelhantes no sentido que produziam e, assim, foram criados seis eixos. Desses eixos, surgiram os conteúdos temáticos, de acordo com os significados dos excertos. O quadro abaixo mostra essa organização:

Quadro 1: Eixos Temáticos e Conteúdos Temáticos

Eixo temáticos	**Conteúdo temático**
Adaptação a um novo lugar	Conhecimento da língua francesa como facilitador para aprendizagem da língua portuguesa
	Idade como fator de adaptação e permanência
	Acolhimento do povo brasileiro
	Sentimento de pertencimento à terra que o acolheu
	Interação social como fator de adaptação
Elo com a terra natal	Falta de perspectivas em relação à terra natal
	O olhar do libanês como não pertencendo àquela situação

	O tempo como fator de distanciamento e de manutenção do elo com a terra natal
	Desejo de pertencimento à terra que o acolheu
	Perspectiva de retorno
	Sentimentos subjetivos como marca de não pertencimento ao contexto social brasileiro
Herança cultural	Desprendimento em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança
	Respeito à autonomia dos filhos em relação às suas escolhas
	Preocupação em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança
O imigrante em meio a duas culturas	A imagem pré-estabelecida do estrangeiro
	Estranhamento quanto aos costumes ocidentais
	Ausência de enfrentamento quanto aos costumes árabes
	Adaptação aos costumes ocidentais
Transformação pelo trabalho	Trabalho como agente transformador
	Abandono da profissão anterior à imigração
	O comércio como um instrumento de trabalho
	Em busca de profissionalização através do estudo

A partir dessa primeira seleção, organizamos os trechos relacionados aos conteúdos temáticos de cada eixo, os quais serão apresentados na próxima seção.

2.6. Descrição e análise dos dados

Feita a organização dos excertos, passaremos à descrição e análise dos trechos selecionados. Ressaltamos que a descrição apresentada diz respeito aos conteúdos temáticas que se mostraram mais relevantes nos eixos temáticos. Acrescentamos, ainda, as categorias de análise para destacar os elementos linguísticos que nos levaram ao destaque desses conteúdos temáticos. A criação das categorias de análise são fundamentais em um trabalho sobre a análise do discurso, pois é a partir da materialidade linguística que será possível interpretar os sentidos que os imigrantes produzem em suas falas e responde, assim aos objetivos e perguntas de pesquisa propostos.

Quadro 2: Adaptação a um novo lugar

Conteúdo temático	**Trecho selecionado**	**Categoria de análise**
Conhecimento da língua francesa como facilitador para aprendizagem da língua portuguesa	Olha, é que eu tinha o francês já, então o francês ajudou muito, muito, na verdade. E não só o francês, como a necessidade também. (H4_61)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Foi muito engraçado [*risos*]. Olha, eu, por causa que eu estudava francês, ficou mais fácil pra mim... é, ficou mais fácil e::... aí eu aprendi... aprendi... aprendi assim, facilmente, mas... mas assim, de gramática eu erro muito até agora, eu tenho esses erros de gramática. Mas... mas... é, em pouco tempo eu já me virava, sabe? (M1_45)	
	É, também tem o::... tem o cliente estrangeiro, do::... francês, inglês. Tudo. *Trente neuf, thirty-nine* [*risos*]. Então, mesma coisa. Mas... mais me empolguei foi português, por conta do português acabei esquecendo um pouco de inglês e francês. (M3_42)	
	Eu vivia sozinha... mas eu falo muito bem francês, eu aprendi de falar pouco a pouco, entendeu? Depois eu conhecia uma mulher libanesa, muito tempo aqui. Eu passo o tempo que não tem nada, assim, eu procurei trabalhar... eu achei dificuldade, por trabalhar. (M4_72)	

Idade como fator de adaptação e permanência	Ó, Michelle... quando eu vim para o Brasil eu tinha 26 anos, sabe... eu vim um rapaz novo, casado, com 2 filhos... mas novo, sabe... então vivi bem em Beirute antes da guerra. Então a gente está acostumado em... em... sobreviver em qualquer tempo, entendeu? (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Minha mãe veio, visitou aqui no Brasil. Também, como ela senhora de idade, não tem... o costume de lá, toma café todo dia de manhã, conversa o vizinho... aqui não tem esse hábito... e dificuldade pra falar. Aí ela não vai trocar casa pra ficar aqui. (H3_57)	
	Não, pelo contrário, idade exata, porque se vem mais velho de lá, é difícil acostumar... é difícil engrenar com o povo brasileiro. Idade certa. E se for mais novo também, 16, 17 anos, ainda melhor. Porque pega um velho, velho como é que vai botar ele pra estudar no::... na escola? Não tem como. Aí::... cada vez veio pequeno, melhor. Engrena no::... no::... engrena com o povo. (H3_57)	
	Pela idade, pela língua... por tudo. Eu acho difícil começar a estudar do zero, porque é outro ambiente, outra cultura... tudo diferente. (M3_42)	
Acolhimento do povo brasileiro	Não... não... não precisa. Você acredita? Não precisa, porque eles te::... os brasileiros, se gostar da pessoa, ele já recolhe... ele... recolher, a palavra certa... recolhe, entendeu? Acolhe, isso...acolhe. Acolhe a pessoa. Então, eh::... não acho nenhuma dificuldade de... de de convivência, não. É até bom. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Deixar registrado aqui, a gente... vamos agradecer essa Terra, que ela acolheu nós, que é onde nós fizemos o que não conseguiu fazer lá na minha terra e aqui conseguiu fazer. Não realizei na minha Terra, aqui agradeço a Deus porque aqui realizei. (H3_57)	
	Olha… se eu te falo que o Brasil é uma terra abençoada, também, que nem todo mundo fala, é uma terra abençoada, porque::… aqui no Brasil::… vamos dizer, que convive qualquer religião, qualquer etnia, qualquer cor… é uma maravilha de convivência, é um exemplo de convivência para o mundo inteiro. Acho que um dos… se não é o único, é um dos poucos países que qualquer pessoa se::… se sente que tá em casa, quer dizer. Acho que… não sei se é o único, mas se tiver outro é difícil. (H4_61)	

	Se vou deixar uma mensagem, eu gosto de deixar uma mensagem bonita pro Brasil também, que nos recolheu, né? Que deu::... as pessoas, assim... falam... eu tenho minhas amigas, elas falam: ‘’- Ah, a gente veio no Brasil, não gosto, não gosto! Eu prefiro ir no Líbano. Já tô há 10 anos aqui nesse país, mas não tô gostando”, mas eu falo: ‘’- Não, graças a Deus esse país é lindo, maravilhoso, deu oportunidade pra bastante rapazes vir aqui e fazer a vida deles’’. A gente não pode esquecer que tem muitas famílias no Líbano que vivem das pessoas que moram aqui no Brasil, então::... o bom é muito mais do que o ruim aqui. Você vai fazer a... o mundo é um mundo, Deus é o único, né? E essa Terra é de todo mundo. Eu me acho assim, libanesa, eu me acho também brasileira, meus filhos são brasileiros, então::... é onde que a gente tá, onde que Deus nos colocou, então é o nosso destino. (M1_45)	
Sentimento de pertencimento à terra que o acolheu	A Terra onde eu vivo... essa aí é a segunda Terra Natal minha, esse é meu opinião. E onde eu vivo bem, tranquilo, essa aí a minha Terra, essa é minha pátria, essa é minha Terra Natal. (H3_57)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Depois que veio para cá, já... falei: “ - aqui eu vou fazer minha vida... aqui vou tocar minha vida... aqui vou passar fome, aqui vou passar alegria, vou continuar e toquei”. Muita gente pensaram, fizeram aqui a vida deles, voltaram. Eu conheço um amigo meu, olha ele [aponta para o amigo e ri], voltou e apanharam muito. Não é caso dele, tem muita gente voltaram e apanharam muito. É fogo Michelle! Mas, onde a gente vive bem, onde a gente construiu a vida, essa aí nossa Terra Natal, essa aí nossa pátria. Se você tá feliz aqui, pra que eu vou procurar outro canto? Ou pra que vou fazer teste? Procurar uma coisa que não perdi... pra que? Eu tô bem, tô feliz aqui, pronto. Mantenho no meu local. Aumento minha felicidade, no lugar que procuro outro canto. (H3_57)	
	Ah, eles acham engraçado, né [risos]. O sotaque, eles acham engraçado, mas eles veem como::… como uma pessoa que eles me conhecem. Acho que vê como um… ser humano normal, não vê mais como… acho que vê mais como brasileiro, na verdade, porque… se for contar eu sou mais brasileiro do que libanês. Vim com 23 anos, tô com 62, então tenho… muito mais tempo de Brasil do que do Líbano. (H4_61)	
	Também não concordo, desde que… que eu tô vivendo nessa terra, abençoado por essa terra, comendo dessa terra, criando meus filhos nessa terra, então essa terra é meu… é minha pátria. É minha terra natal também. (H4_61)	

	Sinto, sim... e tenho documento, tenho passaporte... tudo [risos]. Sim, esta terra... é a minha terra. [...] (M4_72)	
	Não. Só pra acertar as línguas, é::... claro né, a::... como que vou... a experiência, por exemplo, você vai nessa rua não sabendo o que tem lá. Quando vai, você vai decidir, vai entender por que não precisa ir nessa rua, tô dando exemplo. Então, rodando... rodando pra ver tudo, pra ver muita coisa, você vai decidir depois. Então, por exemplo, chega aqui no Brasil: " – Ah, pode ir na favela, não sei o que tem na favela", coloca aquele trauma, a turma nossa dando conselho. Eu fui na favela, não tem nada, povo igual eu, até melhor, entendeu? Tirando a meia dúzia que é da droga, não sei o que... que são meia dúzia mesmo. O resto meu... é povo, vamos viver, acabou, sabe? Aí eles colocam a ideia, ou até a televisão coloca a ideia na cabeça pro povo ficar afastado, não entendo por que... mas, é isso. (H2_33)	
	Não, não é igual. Eu tenho contato com todo mundo. Com os libaneses eu tenho muitos amigos, mas eu vivo no Brasil, então tem que ter de todos... não tô falando que vou negar os outros... ou depende, volta... depende do que você faz na vida, do seu jeito, e o que você quer, entendeu? Aí se você... se eu vou ficar sentando só com a meia dúzia dos libaneses, então vai aprender o árabe que faltava de... esse vai aprender, e fica no mesmo lugar. (H2_33)	
	Conversar, essa é a primeira coisa. A segunda, outro hábito, outro costume, outro povo, só dia a dia já comecei a acostumar com o povo brasileiro comecei a misturar com eles... é povo muito... muito bom. Povo acolhido, esse povo brasileiro. Aí a gente começar a acostumar. (H3_57)	
	Aprendi com::... na prática, dia a dia, convivência com o povo brasileiro, já aprendi um pouco. Aliás, até hoje a gente fala errado, mas... mas escapa, fala errado, mas entende mais. (H3_57)	
	Até depois fiquei em São Paulo, quando mexendo com essa atividade conheci uma mulher brasileira, gostei dela, gostou de mim, aí... juntei com ela. (H3_57)	
	Misturado. Brasileiro mais do libanês. É porque, a convivência com ele, tem que fazer amizade com eles, e::... amigos libaneses... tem amigos libaneses, mas só convive com o brasileiros mais do que libaneses. (H3_57)	

	É, foi tipo, uns seis meses, já tava… já tava me virando. Mas também, único que… único que tava lá, num boteco, que tinha trinta, quartenta pessoas falando português, todo mundo querendo me ensinar, ou tirar sarro, ou tirar casquinha, eu tinha que aprender. (H4_61)	
	Não… não. Acostumei aqui… acostumei aqui, criei minha família aqui, então… mesmo que não tivesse a família e tal, acho que ficaria no Brasil. (H4_61)	
	É::... não, televisão. Televisão e a loja, eu descia todo dia na loja do meu marido. (M1_45)	
	Tem... sempre tem amigos brasileiros, não tem como, também eu trabalho com brasileiros direto, o dia inteiro, então a gente faz bastante amizade com brasileiros. Tem::... uma equipe brasileira e uma equipe árabe. A escola é bilingue, então a gente convive. (M1_45)	
	Eu fiz, eu tive uma::... uma::... uma vizinha lá, apartamento pequeno na Mooca, eh::... Susana. A gente ficou amigas, eh::... não fiz com brasileiros, não. Porque::... meus filhos tavam na escola bilíngue, Lycée Pasteur, então... não tinha, só tinha libanês, quase, e::... franceses, pouco. Por isso, não tinha. (M2_53)	
	É::... deixa eu pensar... é, agora já sei de tudo quase, o país, a rua, o metrô, ônibus... o povo, pensamento, comportamento... tudo ficou... Tudo ficou mais claro para mim. Mais difícil nada, mas foi mais fácil é::... reconhecer as pessoas, com maturidade... com mais calma... com mais, é::... comunicação entre as pessoas. Você consegue se comunicar com as pessoas... abertamente, entendeu? Não. Mais à vontade, essa é a palavra certa. Fiquei mais calma, tô vendo as coisas em claro, mais é::... Madura, maturidade... tudo. Eu me sinto mais à vontade, quero falar com você eu falo, não quero então, fico na minha. (M3_42)	
	É, não tem aquela dificuldade mais, que nem antes. Mas eu posso dizer que, hoje em dia, quase... quase não tenho dificuldade em nada, porque eu me sinto mais à vontade. Não sou obrigada a fazer essa coisa, não sou obrigada a ficar amiga dessa pessoa... ou amigo, namorado, e tal, entendeu? (M3_42)	

	Ótimo... ótimo. Todo mundo gosta de mim. Verdade! Mesmo com a máscara, eles me conhecem. "- Ah, sotaque! Você é de onde? Da Turquia?", "- Não!!!" [risos], eu brigava. (M3_42)	
	Gostam, é... gostam da nossa cultura, da nossa convivência, da nossa... comportamento, tudo. É o contrário, até eles perguntam: - Você gosta daqui? Amo! Aí não existe mais outra pergunta pra você poder fazer... não existe. (M3_42)	
	Agora::... graças a Deus, não tenho. Agora eu sei falar, eu sei passear, eu sei conversar. Parou de trabalhar, agora eu... [risos]. Antes, é::... eu passava semana de Natal e Ano Novo em Água da Prata... Lindóia... São Lourenço... Poços de Caldas. Minas... Minas bonita. Aqui no São Paulo, Andradas... eu fui também, em Andradas, passei uma semana com minha amiga... e aqui em São Paulo, no Porto Feliz, tem minha amiga que tem sítio... a gente ia lá, várias vezes. (M4_72)	

Quadro 3: Elo com a terra natal

Conteúdo temático	**Trecho selecionado**	**Categoria de análise**
Falta de perspectivas em relação à terra natal	Eh... lá... Líbano já era minha filha... acabou. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Não tem lembranças boas, porque tudo é guerra. Na minha época, fase guerra. Dinheiro tinha, mas não tem onde gastar. Não tem discoteca, não tem restaurantes, apesar tem, mas... não tem ambiente pra ir pra esses lugares. Ambiente. Roupa camuflada, armas, a vida no exército. Lembrança::... lembrança boa só minha família, amigos... a convivência com amigos, resto... não. Tem lembrança de água e de comida, só. Não tem mais nada. (H3_57)	

	Era bem agitada. [risos] É que tinha::… sabe, o Líbano na época que eu… já, tipo… era moleque, adolescente, já tava em guerra, então o::… todo mundo lá respirava… você respira política, você vive política, respira guerra, vive guerra, vive violência, então já… eu acho que também, assim, um ponto que eu penso, que o maior prejuízo, o maior prejuízo da… da guerra civil… de qualquer guerra… não é as paredes que cai, não é as construções, não é as pontes ou infraestrutura, e::… aliás, aqueles que morrem você perde e muito mais perda é a mentalidade de quem fica. Quer dizer, quem fica, sobrevive à guerra, quem não morre, fica com a mentalidade bem diferente do que se fosse vida normal. (H4_61)	
	Eu tinha perdido sim, lá eu tinha perdido. Lá no Líbano eu não era a mesma pessoa que eu sou aqui. Lá no Líbano eu::… não aguentava se alguém::… qualquer coisa, mínima coisa, eu já partia pra briga, pra agressão, pra::… porque vivia aquilo, que nem eu te falei, a gente respira aquilo, vive aquilo, então você não tem como fugir. E quando eu cheguei no Brasil aqui, também arrumei… arrumei algumas confusões também, e depois fui vendo que a vida não é isso, que a vida é outra coisa, que não é o que a gente carrega com a gente lá da… da… guerra. (H4_61)	
	Não, que eu gostava de lá também. Lá é gostoso, assim, tipo, vamos dizer… o tempo, ambiente… o ar mais limpo, não sei o que. Tô falando isso porque moro em São Paulo, não tô morando lá na… em Salvador, vamos dizer, na beira da praia. Então, acho que a vida é um pouco mais saudável, em termo de… fruta, de legumes, verduras, que você come sem agrotóxicos, essas coisas… é um pouco mais saudável. Muito mais saudável, mas acho que não pesa tanto. Se você colocar na balança, não pesa tanto como outras coisas. (H4_61)	
	É, a gente::... a gente tem muitas lembranças boas, assim, eu::... eu tive uma fase assim, bem legal, só que a gente tem aquela lembrança de guerra. É, a gente tem bastante lembrança da guerra, sabe? Porque eu passei... eu cresci na guerra. A guerra começou em 75 no Líbano, eu nasci em 75. (M1_45)	
	É, eu não convivi... isso não. Meu pai fala do Líbano, né? Então a gente cresceu, assim, numa época... eu... eu cresci numa época muito, muito difícil. Vivia fugindo, é. (M1_45)	
	Não nunca mais, mas só para passear. Só passear, mas para viver não. Porque nada da::... dava certo comigo. (M3_42)	

	É, só pra passear. Mas pra viver, não. A não ser que eu vou juntar aqui uma fortuna... Pra viver o resto da vida, vai até cinquenta anos. Depois dos cinquenta anos, eu posso pensar em uma fortuna grande, pra poder viver no Líbano. Com essa fortuna sim [risos]... muita grana. Aí eu volto, mas senão... você não consegue. (M3_42)	
	No fundo, no fundo, tem aquela saudade, mas... abertamente... difícil. Porque a pessoa que viveu a guerra, que viveu conflito até hoje, difícil dizer palavra positiva... da situação. Até hoje estamos vivendo a guerra, mas não... fogo, sabe? Mas... saudades. Sofro pelo povo que tá passando, só e mais nada. (M3_42)	
	Não... não. Claro que eu passeava, saia com as amigas... a noite, uma balada, um clube e tal, mas no fundo, no fundo, na época eu pensava. Não. Primeiro pela situação que a gente vivia lá na época, mas depois fui crescendo, crescendo, crescendo e comecei a enxergar bem as coisas... me fez mudar de ideia de... mudar. (M3_42)	
O olhar do libanês como não pertencendo àquela situação	É, também... de tudo, de muita coisa. Então, se você vai escrever alguma coisa é sobre os libaneses... eu não vou dizer sobre os árabes, mas sobre os libaneses, seja fraterna... escreve coisa, sentimental, porque a gente merece, sabe... precisamos de reconhecimento, porque esse povo coitado, viu... não tem culpa do que tá acontecendo. Quer dizer, uma parte tem culpa, porque pelo dinheiro o pessoal estão fazendo de tudo, mas também tão fazendo isso porque eles não tão tendo chance de trabalho ou de, sabe... então às vezes ele é obrigado carregar uma arma para se defender... o pão de cada dia. Não porque tinha um inimigo... o pão de cada dia. Então era isso que eu queria te falar, só. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Palavra que vem... a pena... a pena, país nosso eu gosto dele, não posso negar também. Eu que escolhi Brasil como minha pátria, não posso negar a primeira pátria. Eh::... a pena que, o meu país, infelizmente, vai ficar sempre dentro do coração, só. O país quando não aguenta o povo dela, aí não serve. Onde a gente vive aqui, onde ela aguentou, onde ela acolheu, é::... onde a gente sobrevive, aqui. Muito mais feliz do que lá. Lá não::.. insignificante. (H3_57)	
	No fundo, no fundo, tem aquela saudade, mas... abertamente... difícil. Porque a pessoa que viveu a guerra, que viveu conflito até hoje, difícil dizer palavra positiva... da situação. Até hoje estamos vivendo a guerra, mas não... fogo, sabe? Mas... saudades. Sofro pelo povo que tá passando, só e mais nada. (M3_42)	

	Eu vi a pastoral, é::... São Francisco, assim... que dá marmita pra gente que mora na rua, a prefeitura dá cobertores, assim. Agora, o Líbano tá queimando... tá passando fome... o governo fica assim, olhando. Chegou de fora arroz, não sei lá, e... pegaram pra eles e deixaram povo... não tem remédio, não tem água, não tem nada lá. Como vai... tô falando verdade, pergunta outra pessoa. (M4_72)	
	Eu choro... como queimou esse país... tá queimando, o povo tá morrendo de fome. Imagina que você precisa de remédio e vai na farmácia não acha. Tem gente que faz... hemodiálise, não tem... tá morrendo. E o governo lá segura a vacina, segura a comida, segura e manda pro outro... pro outro lado da... da... (M4_72)	
O tempo como fator de distanciamento e de manutenção do elo com a terra natal	A saudade brota... não... não... sabe por quê? Quando você tá longe, eh::... a saudade acaba... o amor acaba... tudo acaba quando você tá longe, e uma hora vai no esquecimento, entendeu? Eu tenho saudade da minha mãe, mas eu não fico pensando 24 horas. Às vezes, sabe... me dá uma dessa. Agora, eu tenho saudade de ver minha neta, essa pequenininha. Eu tô aqui na minha casa e ela está aqui perto, tenho vontade de ir, mas também não vou. Então é isso aí, tudo também depende da gente saber administrar nosso sentimento. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Mas claro! Vou fazer 27 anos no Líbano, primeiro vem os melhores 27 anos né... então nunca vai esquecer, esse sem dúvida. (H2_33)	
	Nossa... como que vou explicar? Isso é muito complicado. Tudo, eu não esqueço, nunca vou esquecer, não tem uma maior, sabe? Mas, eh::... agora, eu tô aqui, às vezes vem uma ideia, lembra de uma coisa e tal... é assim que vai. Mas não tem uma assim, extraordinária. (H2_33)	
	Hoje, a respeito do Líbano, pra mim saudade::... no seco, totalmente. Diminuiu bastante, não tenho mais saudade. Aconteceu por causa... que que adianta? Tô aqui no::... nesse país que... mais de 30 anos. Onde existe saudade? Acabou. Morre. Morre sozinho. A saudade também, quem inventou a saudade, ele não sabe que existe distância. [*risos*] (H3_57)	
	Ah, diminui. Cada vez diminui. Que nem dizem: "- Nada melhor do que o tempo pra curar qualquer coisa". (H4_61)	

	É... [*risos*]. Cada ano piora mais. É, a gente... a gente convive né? Mas isso não quer dizer que a gente não sente aquela saudade... aquelas lembranças, né? Mas graças a Deus, quando a gente dá pra ir, a gente tá indo sempre. [...] (M1_45)	
Desejo de pertencimento à terra que o acolheu	Em Foz do Iguaçu, senão Balneário Camboriú. Se Deus me dá mais anos de vida, né. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Quando voltei pro Líbano, eh::... gostei. Onde nasceu, onde estudei, eh::... encontrei alguns amigos, que a gente vivia junto. Só, infelizmente, sentiu que não é mais meu lugar aqui, tem que voltar pro Brasil. Hoje 100% o Brasil. Viver lá nunca. Nem Líbano, nem outro país também, não troco. País muito bom, maravilhoso. (H3_57)	
	Preciso::... com brasileira. Eh::... quero viver minha vida um pouquinho afastada de São Paulo... 50 km para frente também, tá bom. É esse que pretendo fazer. Interior de São Paulo. (H3_57)	
	De voltar a morar lá, hoje em dia… hoje eu dia eu não… não volto. Não… não. Acostumei aqui… acostumei aqui, criei minha família aqui, então… mesmo que não tivesse a família e tal, acho que ficaria no Brasil. (H4_61)	
	Não, família… assim, da minha família não, só tem tios e tias da parte da minha mãe. Não… não. Só se eu, assim, eu gosto de ir lá pra rever familiares, matar a saudade, mesmo que seja das pedras, ou da terra, ou da rua, ou da::… da árvore onde que eu perdi um pássaro lá… Passeio e volta. (H4_61)	
	Não, eu não deixo. Se ele vai passear 1 mês, assim é. Mas por ficar lá, não. Sim, por passear 10 ou 15 dias... eu gosto ver minhas amigas que eu falei, passei a vida com elas... é mas, pra ficar, morar, não. Eu vou morrer aqui. [*risos*] (M4_72)	
	Sinto, sim... e tenho documento, tenho passaporte... tudo [*risos*]. Sim, esta terra... é a minha terra. Eu quero passar minha vida aqui... e eu vou morrer aqui. (M4_72)	
Perspectiva de retorno	Penso, claro. Um dia vou voltar. (H2_33)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Vontade::... às vezes amanhã, eu pego e vamos embora. Tem que passar uns 30 dias, ver a turma. Tá tudo largado lá. (H2_33)	

	Ah claro, porque a minha ida no Líbano... naquela época que a gente ficou os 9 anos, aí você também... se adaptou bastante lá, a gente... meus filhos se adaptaram... então, pra eles vim aqui... pra meus filhos deu um pouquinho de problema, porque eles já não... não falavam o português, eles tinham que falar mais... aprender de novo o português, aí::... a saudade dos primos, dos avós, sabe? Que eles cresceram com eles, mas assim... a vida né? (M1_45)	
	O português, é... não! Português não! Mas é porque eu falei: " – Não, eu vou voltar pro Líbano, não vou trazer professor pra aprender, essas coisas... não, não, não". Eu tava... eu tava, eh::... recusando tudo, eu quero voltar. (M2_53)	
	Sempre eu penso voltar pro Líbano, sempre. Mas não é aquele paixão, antes. Ai [*suspiro*], assim. Então, eu, ano passado não fui pro Líbano por causa da pandemia, então passou... normal. Então, mas esse ano eu falo: " – Se eu não tomo vacina, não vou também. Mas se eu tomo eu vou [*risos*], sem falta". (M2_53)	
	Eu tinha plano antes... tinha, tinha planos... que já comprei apartamento lá, tá tudo assim... mas agora os filhos que não vão. Então, não posso::... eles moram aqui... só quando eles se casar, sim. Depois a gente passa lá e vem pra cá, assim. Mas planos pra morar lá, não... não. Sim, sim, lógico... não tem jeito. Às vezes eu vou passar 6 meses lá, 6 meses aqui perto, do lado deles, mas pra morar lá e eles aqui, não. Nem pensar. (M2_53)	
Sentimentos subjetivos como marca de não pertencimento ao contexto social brasileiro	Sentimento, sofrimento sim... até hoje, esse aí não apaga. Agora sinto, vamos supor::... 40%. Mas, até chegar nos 40%, sofri 100%. Da mãe, da família, do::... da comida, eh::... lá, você, roupa lavada, passada, comida na mesa. Aqui não, aqui você tem que lavar, tem que passar, tem que fazer comida, ou vai lá no boteco pra comer... um dos dois. Esse aí a gente sente muita falta. Depois veio minha família, por vezes... por etapa vieram. (H3_57)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Sinto. De vez em quando procura uma música de... de lembrança, aí procuro no google... coloca, escuta, aí apago e pronto. Pulo pra sertanejo. [risos] (H3_57)	

	Lembranças de… ficar acordado até três da madrugada, aí ir para o::… os fornos lá que fazem o pão, a gente fazia aqueles *manaqish b zaatar*, aí fazia o desjejum... tinha o::… *manaqish b zaatar* com chá, aí quando clareava o dia a gente ia lá pra os::… pra as chácaras lá, pra o::… pras chácaras ao redor da cidade pra caçar passarinho. Chega hora de almoço, a gente almoça o que a gente caçou, e dorme [risos]... as vezes. Isso aqui na época enquanto não tem escola, na época da escola a gente::… ia pra escola e ficava. Assim, uma vida… vamos dizer, muito mais calor humano que é no Líbano, é muito mais::… se sente mais acolhido, mais assim… com calor humano. Mas qualquer país tem o… as coisas boas, e tem as coisas ruins. Aliás, tudo na vida tem os dois lados da moeda. Então…(H4_61)	
	Sinto… lógico. A gente::… se acostuma com o lugar, com o animal, com::… com pedra, com a casa, você acaba sentindo saudades… mesmo que você passou maus momentos lá, ou bons momentos, acaba sentindo saudade. Na época que você::… tava estudando de madrugada, cansada, não tava conseguindo dormir, você não chegava a hora de… de você fazer, terminar a faculdade. Depois, você vai ter saudade deste cansaço, pode ter certeza. Até do cansaço, de falta de dormir, você vai ter saudade, então… saudade a gente… sente. A gente é humano, né? (H4_61)	
	Ah, vem… árvore de damasco, vem… minha casa, e vem a imagem da… destruição da guerra civil. Porque na minha região planta muito damasco, então a gente convivia muito com damasco lá, então por isso a primeira coisa, quando fala Líbano, muita saudade da::... daquela fruta. (H4_61)	
	É... [risos]. Cada ano piora mais. É, a gente... a gente convive né? Mas isso não quer dizer que a gente não sente aquela saudade... aquelas lembranças, né? Mas graças a Deus, quando a gente dá pra ir, a gente tá indo sempre. É, ele [*imigrante*] pensa que ele vai voltar e vai achar tudo as coisas do jeito que ele deixou, e aí a gente vai tá tudo mudado. (M1_45)	

	Ah, mais difícil pra mim saudades... as saudades de lá. Sim. Eh::... não é tanto, não. Mas eu sinto saudade... do Líbano, de minha casa, da minha cidade... eu sinto sim. Falta do país e do::... cidade, minha cidade pequena, não é o::... eu não::... não sou de cidade grande, Beirute, não no norte do Líbano. Eu sinto saudade da da cidade mesmo. Minha mãe, meus irmãos, tudo. Mas, em geral, eu sinto saudade da cidade toda. Da cultura também... é, também. Não é coisa que... porque, eh: na minha época, eu já::... ia pro... pra faculdade, eh::... eu tinha carro, eh: ....tinha meu dinheiro, pra comprar tudo o que eu quero. É, minha vida tava muito bom lá. Melhor lembrança, da minha vida... (M2_53)	
	Ah, saudade... da cidade mesmo, dos amigos, eh::... nossa! Saudade muito época quando a gente, eh::... de 14, 15 anos... melhor época. Saudades da faculdade, saudade da escola do::... da cidade. É, saudade de tudo. (M2_53)	
	Ah... saudade! Saudade! Saudade da minha mãe... meus irmãos... a minha cidade. Mas, saudade. A gente sente saudade. (M2_53)	
	Não, a única coisa que eu sinto falta da minha amiga, era minha vizinha lá no Líbano, mais ninguém. (M3_42)	
	Música eu escuto de vez em quando aqui, pra poder não esquecer a... a língua, mas namorado... nada, nada, nada. Você vai rir da minha cara, mas sério, nada. (M3_42)	
	Claro... claro. Sente falta das minhas filhas, mas o que posso fazer? (M4_72)	

Quadro 4: Herança cultural

Conteúdo temático	**Trecho selecionado**	**Categoria de análise**
Desprendimento em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança	Não, eu não tive essa preocupação. Eu vou te falar porque... porque eu não tinha plano de voltar a morar no Líbano, por isso. Então... quando é assim você não se importa muito. Talvez se importa assim... por uma tradição... pra conservar, sabe... mas eu acho que isso não é o mais importante. O mais importante eles tá vivendo felizes, trabalhando, criando uma família... porque o resto tudo é resto Michelle, tá... então é isso. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.

	Com certeza, eu faço o que eu entendo. Agora vai... vai... a rua ensina 50%, até mais um pouco, a rua que tô falando é a escola, isso... a vida. Mas tem outra 50% que cada pai ou mãe vai fazer pelos filhos, entendeu? E não vai ser... Eu acredito que não vai ser muito diferente, porque o que eu faço hoje, vou fazer para sempre, tirando as merdas (risos)... as coisas boas tô falando. Então isso eu... nunca vai mudar pra:... ah, vai fazer um teatro para ensinar pra criança, né... então, é isso. (H2_33)	
	Aí onde foi... aí é... totalmente também diferente, porque::... onde entrei na linha, acostumei. Como eu não sei, a primeira viagem também, a mãe dele sabe mais do que eu e ela que ajudou a criar bastante. E hoje, eu agradeço o Brasil por causa da criação dela. Mesma coisa você agradece sua mãe, porque ela que tem mais... do que... do que pai. Essa por natureza. Eu falo graças a Deus hoje, não correu atrás malandragem, não correu atrás... pelo contrário, focou o estudo dele até formou e::... e graças a Deus. (H3_57)	
	15% sim, só 15% passou minha cultura pra ele. Bom, só... onde quero chegar... que nem, ofereci uma viagem para lá, pro Líbano, fala: "- não tem nada pra fazer lá no Líbano, prefiro... prefiro aqui no Brasil, qualquer lugar no Brasil é melhor do que o Líbano". Realmente, hoje, eu concordo com ele. Vai fazer o que lá no Líbano? Só pra comer, beber, dormir, e sair gritaria. (H3_57)	
	Eu criei eles aqui, no meu país, no Brasil. (H4_61)	
	Meu filho criou aqui, tudo cultura brasileira. Ele nasceu aqui, ele estudou aqui, ele frequenta os brasileiros, ele não conhece nenhum amigo árabe, até o filho de Wadih, filho do Abdo, conhece assim... cada 2 ou 3 anos... cada 5 anos. (M4_72)	
	Não... não. Brasileiro, amigos que estudou com ele. (M4_72)	
	Cultura meu? Eu passo pra ele ficar honesto, é::... ajuda gente que precisa, não faz coisa errada, anda bem direitinho... (M4_72)	
	Pequeno, e::... quando era 3 anos eu fui lá, em 1993, eu acho 1995. Última vez eu fui com ele, era com 3 anos, eu fiz aniversário pra ele, e minha amiga oferece pra ele bolo e bandeira do Brasil. (M4_72)	
	Prefere aqui, fica perto de mim. (M4_72)	
	Não, eu não deixo. Se ele vai passear 1 mês, assim é. Mas por ficar lá, não. (M4_72)	

Respeito à autonomia dos filhos em relação às suas escolhas	Que estiver com saúde, com saúde... porque o resto a gente conquista, com saúde a gente conquista. O Brasil é um país enorme, só não faz quem é bobo. Tem que trabalhar, a gente alcança. Não pode reclamar de jeito nenhum, só cuidar da saúde e ter fé em Deus. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Não… não. O que eu quero é que eles sejam felizes, eu não quero que… que eles sejam meu espelho, não quero que eles sejam… quero que eles sejam felizes. Ensino eles a ser feliz. (H4_61)	
	É… eu acho que eles vão… vão tá bem, porque… nasceram aqui, eles sabem… acostumaram aqui, então pra eles não… não vai tá diferente. Levar eles, ou::… de pensar em levar eles pra lá, não. (H4_61)	
	Eu quero que meu filho… uma, que eu quero que meu filho seja feliz e eu quero que ele seja… vou te responder numa coisa, meu filho tá fazendo vestibular e tal, tal, tal… pra engenharia e ele veio me perguntar: " - Pai, o que eu faço… eu não perguntei nem pra você sobre meu curso. Eu sei que você vai falar pra mim fazer o que eu quero, mas se eu for por você, o que te daria orgulho? Ser médico ou ser o que?" Aí eu::… o que respondi pra ele vou te responder, pra você ter ideia. Eu falei pra ele: "- Victor, você pode ser um médico mau caráter, que eu vou me envergonhar de você. E você pode ser um lixeiro ou um engraxate, com um bom caráter, que vou me orgulhar de você. O que vou me orgulhar de você é o seu caráter, não é… não é sua posição". (H4_61)	
	Sou, tanto que minha filha namora e o namorado vive lá na minha casa [risos]. Pra nós, vamos dizer, o que seja uma intolerância, pra mim eu tô aqui no Brasil, então… eu acho que::… mesmo gostando, ou não gostando, eu tenho que respeitar… uma, a opinião dela… duas, a cultura daqui, e… o motivo maior: quanto mais você prende, mais você tá induzindo ao erro. Eu acho que… penso assim. (H4_61)	
	Eu só quero falar pra todos os patrícios deixar os filhos viver feliz, procurar a felicidade deles, e respeitar o ambiente que eles vivem, não força a nada. (H4_61)	
	Olha, eu queria dar um exemplo pra você: antes, quando a Stefani tava na escola, quando tava de 14... tá começando ficar menina, moça... eu sempre falo: " – não, eu quero minha filha casar só com libanês. Não vou aceitar casar brasileiro, ou::... não quero! Quero libanês e, lógico, católico". Agora não! (M2_53)	

	Agora, é::... agora eu... Então, você sempre... e até ficou na cabeça da Stefani também. Agora não, eu mudei totalmente, eu falei: " – não, tem muitas... eu gosto do Brasil, gosto do... do povo do Brasil, então::... não, se ela achou alguém que vale a pena, que vai... vai deixar ela viver como ela tá vivendo aqui, porque não?". Ela não vai trazer coisa... qualquer um, não! Ela vai trazer um igual ela, então::... não, mudei. Eu falei sempre agora pra ela: " – você gostou um brasileiro, traz ele. Nem eu, nem seu pai, eles vão... a gente vai falar nada". (M2_53)	
	É, eu achei que::... primeiro prejudica, essas coisas, vocês... o primeiro ponto. Porque a cabeça fica: " – não, libanês, meus pais eles querem libanês, eles querem assim". Eu achei que Stephanie ficou, eh::... perdida, perdida. Eu falei: " – não! Às vezes tem brasileiro melhor que o libanês". Eh::... às vezes a gente, eh::... ela sempre fala: " – eu vejo muitos libaneses no Monte Líbano, mas... mães, todos eles, não::... eh::... dentro eles não é nada. Tem mil brasileiros assim", eu falei: " – É, eu acho também". Então::... por isso, eu falei: " – Não, não vou deixar o::... não vou ficar nesse ponto", porque ela sempre fala: " – Mãe, eu fico com medo que você não aceita o::... o namorado, se eu vou trazer. Meu pai eu acho mais fácil do que você". Ela fala isso pra mim. Eu pensei, eu falei: " – Não, ela não pode falar isso". Eu falei: " - Por que você tá falando isso?", ela falou: " – Não sei, porque você sempre fala libanês, sempre fala assim". Falei: " – Não, você, eh::... tá enganada, não. Pra mim o moço bom, você gosta dele e ele bom, por que não? Por que a gente vai falar não? Não, não pensa assim". (M2_53)	
	Então, eu abri o caminho pra ela. Agora ela tá pensando outra coisa. Agora ela tá... tá... tá conhecendo brasileiros... tá assim, ela tá melhor. (M2_53)	
	É, a gente::... é muito... é muito... como assim... eu criei, eh::... eu criei como de lá, né... eu queria criar como de lá, eu já criei, quase, mas a gente... é muito, muito difícil, também, porque::... acaba virando outra coisa quando eles crescem. Como a Stefani fala, antes na escola, eles faz, eh::... sempre 3 dias, 4 dias de viagem, a gente não deixava. " – Não, você não vai". (M2_53)	
	Eu falei: " – Não, você não vai não Stefani, pai não deixa". Até agora ela fala: " – Mãe, você lembra? Vocês não me deixa ir", falei: " – Tá bom, mas agora já, você tá... tá viajando sempre, então não precisa falar". (risos) (M2_53)	

	É, então, é essa aqui. Eu queria que ela... como eu falei, que case com libanês... é, quando ela vai com qualquer um brasileiro, " – Não, não amiga brasileira", antes eu fiquei revoltada... é, eu fiquei, mas::... depois eu falei: " – Não, não, não". Então, essas coisas. Mas, ela já, eles já cresceram com coisas que não tem... essa aqui não posso fazer, essa aqui posso fazer. Então, essa aqui já. (M2_53)	
	Não, eles tá bem, eles tá bem. Agora eles já tá crescendo, ela tá crescendo, eles tá crescendo, eles se viram agora. Mas, as coisas que a gente, meus pais, colocou na minha cabeça, eh::... quando eu cresci, então::... tem que eu passei pra eles, e depois eles se viram. (M2_53)	
	Eu gosto que eles fica bom, tem casa deles, vida deles, é::... trabalho deles, mais importante pra viver, entendeu? Fica nessa casa... esta casa meu, fica aqui se ele não... se eles não quis, pode mudar, pode vender. (M4_72)	
Preocupação em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança	É, então... aqui é a dificuldade que você tem que::... manter o costume, manter a religião, manter tudo... celebrar todas as festas, as comemorações, então... que é... que a gente vive no Líbano, assim, em geral no país, e aqui não, só em casa... isso foi um pouco difícil. Mas, assim, foi... eles foram adaptando... se adaptando, né? (M1_45)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	É, aqui a cultura e a religião é um trabalho... não falo em dobro, é mais do que o dobro, né? Porque eles vão conviver com as duas culturas. É, aqui... os costumes daqui e os costumes do Líbano. É difícil, sim, não é fácil manter tudo, mantém né? Isso. (M1_45)	
	Sim... sim. É, não é fácil Mona, pra falar a verdade, gente fala a verdade, não é fácil pra ninguém, né? A escola agora ajuda um pouquinho a comunidade, aqueles que tem crianças dentro da nossa escola, então ele tá vivendo um pouco esse... esses costumes. Mas se você tá longe, você vai perdendo, é::... vai perdendo, não tem como manter se você não trabalha sobre isso. Aí depois... agora são uma fase são adultos, eles já sabem as... os que a gente passou lá no Líbano ajudou eles a manter isso também. Não vou esquecer desse tempo porque esse tempo era... o tempo deles crescerem, então voltei com meu filho com 14 anos, então ele já tem essa... essa base, vamos falar. Mas::... ninguém sabe... porque tudo muda, né? (M1_45)	

	É que o Islã, assim, ele busca essas reuniões familiares. a gente tem, né Mona? A gente tem isso. Eu lembro que tem, assim, tem uns *Sheiks* que falam que é contra essas coisas de comemoração de Natal, mas tem uns *Sheiks* que falam: ‘’- Por que não? Não estamos fazendo nada de errado, a gente por contrário, estamos se reunindo, coisa com Islã sempre fala pra se reunir, independente qual motivo, independente qual a ocasião, a gente tá se reunindo, a gente tá vivendo momentos... família, momentos de::... de amor, de amizade, de felicidade, então porque não?’’ E a gente acredita também em::... em Jesus, então por que... Jesus é um profeta, então a gente acredita, então a gente comemora, normal. Tudo o que é pra felicidade dos nossos filhos, pra gente, pro::... pro mundo é bom. (M1_45)	
	É, a gente::... é muito... é muito... como assim... eu criei, eh::... eu criei como de lá, né... eu queria criar como de lá, eu já criei, quase, mas a gente... é muito, muito difícil, também, porque::... acaba virando outra coisa quando eles crescem. Como a Stefani fala, antes na escola, eles faz, eh::... sempre 3 dias, 4 dias de viagem, a gente não deixava. “ – Não, você não vai”. (M2_53)	
	Então, eu quero a gente continua com a gente é, né... a gente não esquece. Até se a gente ficou lá em cima, não esquece onde a gente cresceu, onde a gente::... onde é o país, nunca. Eu quero que sempre o Líbano no seu pensamento, pensamento dos meus filhos, todos os filhos libaneses, porque um país eh::... um país todo mundo que gosta. Então... essa aqui. Nunca esquece, não quero que você esquece o Líbano. (M2_53)	
	É, sim. Eu ensinei, ele fala. (M4_72)	
	Comida é... comida árabe ele come, mas não é todas as comidas. (M4_72)	
	Claro, claro... com toda a certeza! Tem que ir ver como que viveu o velho, né... (risos). Vai chegar, apanhar, você não sabe nada. (H2_33)	

Quadro 5: O imigrante em meio a duas culturas

Conteúdo temático	Trecho selecionado	Categoria de análise
A imagem pré-estabelecida do estrangeiro	Mato e macaco (risos). Verdade, eh::... mato, mas por que a gente estuda na escola lá, na geografia... estuda o que? Que o Brasil, Rio Amazonas que existe no Brasil, aquelas árvores de 800 metros, que faz o pneu, não sei o que. (H2_33)	
	Isso, aí escreve... está lá e a gente estuda, desde criança fala isso. Até tem perguntas nos testes, nos exames que faz pra passar o ano, aquelas coisas. E que é calor de sei lá quantos graus... aí vim preparado, raspei o cabelo, falei: - vai que não acha um lugar (risos). Mas é verdade mesmo, é verdade isso. Peguei... peguei uma blusa só de manga cumprida, também falei: " - Vai que era mentira, que passo frio.", aí chega aqui pra ver São Paulo, é muito bom... mas essa ideia muito errada que eles... como que fala? Passa pros outros... que vende mais, né. (H2_33)	
	Ideia do Brasil? O Brasil era... um país... para mim, que eu escutava... o Brasil era o fim do mundo, um país onde quem quer esconder, vem aqui no Brasil pra esconder. Essa aí a ideia, essa a conversa que a gente sabia do Brasil. (H3_57)	
	Do Brasil? Ó… Brasil, na verdade, acho que a imagem que era na época, to falando em 1982, tal, tal, tal… era país de futebol, mulheres e café, vamos dizer… as coisas que mais destacava no Brasil, que é o carnaval, café e o futebol. (H4_61)	
	Quando eu cheguei aqui era 92....92. Que que a gente tinha, assim, do Brasil, de informação? É um país que é no Sul, assim, na América... no Sul ....e que a gente aprendeu na Geografia isso, né? Um país grande... enorme, assim, de:.....aí quando a gente... não tinha internet, não tinha... às vezes passava, assim, um Carnaval aqui, aí a gente sabe que tem Carnaval no Brasil. Mais que isso eu não sabia de nada, não é igual agora que você pesquisa no Google rua por rua. Aí: quando eu cheguei aqui eu lembro muito bem, eu lembro que a gente... que eu escutava sabe aqueles prédios altos, altos? Aí quando cheguei aqui olhei, olhei, cadê essas coisas que não tô vendo? E justo que eu fui pra Foz. [risos] Lá pior ainda [risos], que tinha poucos prédios lá, né? Não... tinha poucos prédios... eu lembro, eu lembro muito bem. E: aí me assustei, cadê aquela coisa que eu estava imaginando? Não tem nada disso. [risos] (M1_45)	

	Eh::... não, eu tenho ideia como que tá o Brasil, porque eu tenho muitos parentes aqui no Brasil, eles sempre::... eles vão pro Líbano. É, eles sempre fala do Brasil. A gente via pela Copa do Mundo, pela, eh::... pela Rio, o Carnaval... sempre. A gente tem noção, porque eu já fui pra Colômbia, então tem essas... não é eu vim, eh::... fechada, com olhos fechados, não. Eu vim porque eu já conhecia de... de... tanto eles falaram sobre o Brasil, como que tá. (M2_53)	
Estranhamento quanto aos costumes ocidentais	Olha... a questão é o seguinte: o povo brasileiro... essa aqui é o costume deles... do jeito que eles vivem... é costume e veio de muitos anos, sabe... mas de qualquer jeito eu cheguei aqui em 1981, tá? As pessoas namoravam... as meninas engravidavam... meninas novas... hoje eu acho que... [inaudível]. Agora no Brasil tem muita separação. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Costumes? É... boa ideia. Eh::... tem, para mim, né... cada um vê do seu jeito... tem umas coisinhas, assim, que é meio errado... não é errado, é meio o jeito deles, mas eu não achei muita diferença entre como que eu vivia lá e como que eu vivia aqui. (H2_33)	
	Boa. Uma coisa na vida, 90% do povo brasileiro. Eh::... por exemplo, você tá estudando, sei lá, gestão de alguma coisa, você só faz gestão na vida. Esse ano, que agora, selecionou, e eu tinha certeza... tive certeza do que eu tô falando. Muita gente parou eu não sabe fazer outra coisa, fica com vergonha de fazer outra coisa. Aí, 90% que faz só uma coisa na vida, isso é impressionante .E eu vi pessoa que não sabe fazer nada, eu tenho certeza do que eu tô falando. São poucas pessoas, mas eu tenho certeza do que eu tô falando. Impressionante isso! (H2_33)	
	Totalmente diferente. Esse aí é onde a gente apanha no início. Por que? Aqui, perante o meu país... aqui um país liberado, livre, e cada um tem a opinião dele. Sua opinião, fala. Diferente do meu país, esse aí a gente, eh::... a gente não tá acostumado nesse aí. Com o tempo pra gente aprender, convivência, aprende que se eu tenho minha opinião eu tenho que falar a minha opinião. (H3_57)	
	O Brasil, 30 anos atrás, era mais atrasado... só agora, 10 anos pra frente, já evoluiu muito e, tomara... vai ser também, daqui pra frente, cada ano vai... desenvolver muito mais rápido que qualquer país. Aqui tem bom futuro pro brasileiro. Pode ser eu não enxergo esse aí, não é na minha época, mas na época dos meus filhos... dos meus netos... eles vai viver isso aí. (H3_57)	

	Eh::... a cultura da mulher brasileira é diferente de cultura da mulher libanesa. A mulher libanesa, a cultura dela é a cozinha, na minha época. Só tem que tomar conta da casa. Agora, a mulher brasileira... a mulher brasileira toma conta da casa e toma conta do trabalho dela, essa é a diferença. Ela prefere trabalhar do que cuidar do::... de parte da casa. (H3_57)	
	Eh::... inicialmente, senti um pouco meio... meio esquisito. Mas, com a convivência, senti bem, porque a mulher trabalha e ajuda o homem também pra levantar. Porque não adianta ele trabalha, ele sozinho trabalha não vai vencer. Ela trabalha junto, vencem os dois juntos. (H3_57)	
	Assim, uma vida… vamos dizer, muito mais calor humano que é no Líbano, é muito mais::… se sente mais acolhido, mais assim… com calor humano. Mas qualquer país tem o… as coisas boas, e tem as coisas ruins. Aliás, tudo na vida tem os dois lados da moeda. Então…(H4_61)	
	Me choquei com várias coisas e depois, hoje em dia, pra mim é normal e acaba me… quer dizer, as coisas que eram normal pra mim, já não é mais normal. Por exemplo, um dia a gente::… eu tava recém chegado aqui, a gente foi, eu, meu irmão, minha irmã, o pessoal, fomos visitar uma tia minha, e::… minha cunhada, quer dizer, mulher da minha irmão, tava junto, lá em Piratininga, voltando na estrada a polícia rodoviária parou a gente… aí, foi pedindo documento e tal, e tal e tal… levou documento. Aí meu irmão não tinha documento, não tinha é::… CNH, ele deu CNH da mulher dele, que é minha cunhada, Isabel Rodrigues, daqui há pouco vem o guarda e fala: - Isabel e companhia, podem descer todo mundo do carro. Aí olhou assim e falou: - Seu irmão quer falar com você. O irmão dela era lá da polícia rodoviária. Aí descemos, era oi, oi, cumprimentou, aí depois o meu irmão foi me traduzindo que é o irmão dela que::… tal… que não tem problema nenhum e, de repente, eu falei: - Ela não sabia?, ele falou: - Não, ela não sabia que ele tava aqui, nesse posto e que, aliás, faz dois anos sem falar com ele. Aquela notícia, que faz dois anos que não… não via o irmão, me chocou, pra mim é um choque. Por isso tô falando o::… tipo de calor humano, que dizer, se eu fico dois anos sem ver meu irmão e ver, eu vou abraçar, acho que, e não vou largar mais, vamos dizer. E era oi, tudo bem? Tudo bem? Só::… assim, um cumprimento, um beijinho, como tivesse coisa normal. Essa foi, acho que um::… uma cena que me chocou muito mesmo, na época. (H4_61)	

	Porquê… tô falando, quando eu cheguei aqui, vamos dizer, um cara lá que::… uns carinhas lá no... meu pai… meu pai tem boteco lá em Campinas. Uns carinhas que tava chateando ele, alguma coisa assim, dando uma de::… aqueles malandros mesmo, tal, tal ,tal… e eu enchi os dois de porrada, de quebrar, quebrar, quebrar mesmo. Hoje em dia eu::… vamos dizer, acho isso super errado, e apenas manda eles embora e::… acabou. O modo de resolver as coisas, o modo de::… pacífico de viver, o valor de ser humano, mesmo que::… seja o que ele for, acaba mudando porque, no final… afinal, o::… ser humano é um animal político, não é uma animal falante, é um animal político que acaba… que acaba influenciado em qualquer::… situação. (H4_61)	
	É, vamos dizer… o baiano é bem::…. sossegado [risos]. Mas isso não deixa… não faz dele mau pessoa, é o jeito deles, *não se avexe*, vamos dizer, você pede uma coisa lá na praia, vem depois de uma hora não tem problema, é normal. E… é, tem, até dentro do Brasil tem cultural diferentes, assim, vamos dizer, o sul é povo mais agitado, mais::… empenhado em trabalho, em::… mais sério. Mas se pegar um país… país do norte, o pessoal mais, vamos dizer, mais folgado, mais sossegado, não sei, entenda como quiser, mas é… é mais devagar. (H4_61)	
	É... é diferente os costumes aqui... muito, muito diferente do Líbano. Apesar que agora no Líbano tá mudando as coisas, assim... mas, assim na nossa época era bem diferente. (M1_45)	
	É, aqui é muito liberal, você sabe, a liberdade que tem aqui lá no Líbano não tem, é::... o tempo é diferente do Líbano... tudo, tudo, a culinária... tudo é diferente. Só que é tipo o que eu te falei, o que facilitou mais foi aquela::... as pessoas lá que... que bastante árabe, que a comunidade árabe que tava lá, tava assim bem reunidas, as pessoas. (M1_45)	
	Não, não, não. Eh::... lógico, tem coisas que não ia lá no Líbano, mas porque eu viajei antes. Se eu vim, primeira vez, só vim do Líbano para cá, eu já::... me assustei pouco, assustou um pouco. Mas não, eu já fui em outros países, e::... eu achei... o Brasil é lindo. Um país lindo, de tudo... os, eh::... habitantes dele, costumes deles, essa daí eu gosto. (M2_53)	
	Ai é... é muito difícil. (risos) É muito difícil como eles::... se vestem, e::... como eles pensam... é muito difícil. (M2_53)	

	É, a primeira coisa o costume de namorar. A gente não tinha, essas::... namoro... essas coisas, a gente não tinha. Então::... tinha, ele gosta de mim, eu gosto dele... mas pra namorar, pra morar com ele, essas coisas, não. Por isso eu achei muito, mas é costume do país. A gente depois, eu falei: " – Ah!". Porque eu::... por exemplo, a gente quando 2 tá se beijando na rua, nossa! Eu achei: " – Que isso??? Não tem vergonha aqui!", então::... agora não. Antes, tudo [som de espanto]. Eh::... quando eu acho um mendigo na rua, eh... no Líbano a gente não via esses mendigos assim... eu fiquei apavorada, eu choro. E... depois Latif falou: " – Ó, se você vai ficar, pra tudo mundo, viu uma mulher tá... mendigando, ou homem... o Brasil você vai ver... vai ser... vai se acostumar com essas coisas. Então não pode fazer isso". Então, esse eu achei... coisa não é normal, assim... aqui um país como o Brasil. Tem muito... muita pobreza. No Líbano, depois da guerra, não tinha essas daí, aqui muito. (M2_53)	
	Parecidos? Não tem. (M2_53)	
	Os beijos [*risos*]. É, mas agora acostumei. Não, eu achava uma vergonha, nossa tão beijando na rua, depois... (M3_42)	
	Igual::... você pode falar, assim, é::... liberdade. Hoje em dia tem mais liberdade do que outros países árabes. Um pouco de liberdade, aqui é liberdade total, aberta [risos]. (M3_42)	
	Vivendo mais liberdade, mais sinceridade, entendeu? Mais do que isso acho que não existe coisa. (M3_42)	
	Nunca. Não... não... a gente, assim... só um marido... uma vez a minha vizinha lá, onde eu morava no centro, sua mãe conhece onde eu morava... estava no elevador, assim ela falou: "- Dona Maria, quantos filhos tem?", eu falei: "- Cinco", ela falou: "- Mesmo marido?", eu falei: "- Sim, mesmo marido". (M4_72)	
Ausência de enfrentamento quanto aos costumes árabes	Não... não.... não... sabe por quê? Porque em Beirute... tudo que tem aqui, tem lá. Só que lá, as pessoas... (risos) fazem escondido. Aqui não, você entendeu? (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	A diferença é... é o seguinte: porque... o brasileiro ele... ele cuida de si, da casa dele ou de si. O árabe, ele quer cuidar dele, do vizinho, eh::... lá da família do Líbano... eles gostam de uma fofoca (risos). É::... são cabeça dura, sabe... esses novos que tão vindo e... e quem tá vivendo, quem mora lá, tem cabeça dura. Eles pensam que eles sabem tudo, e só eles que sabem, entendeu? É mas::... mas tudo bem... porque cada um com a cabeça dele. (H1_67)	

	No Líbano... No Líbano... tem uma cidade lá muito conhecida, eu esqueci hoje o nome da cidade. Aí foi um cara de Beirute, foi morar nessa cidade. O cara morou lá... ele foi para lá com 18 anos... com 83 anos o cara morreu. Aí tocou o sino da igreja, né... todo mundo perguntou: - quem morreu? – Ih::... rapaz, morreu o estrangeiro, morreu... entendeu? É... o povo libanês é fogo. (H1_67)	
	Claro, libanês é tudo igual. (H1_67)	
	Pior, é... com certeza. Mas, todos eles é::... são::... como é que eu vou dizer... racista? Nacionalista? Racista, nacionalista, eh::... fanáticos religiosos, tudo o que você quer dizer. Olha, eu moro aqui há 40 anos... nunca ninguém me perguntou a minha religião. Agora, os árabes, sempre querem saber se eu sou sunita, se eu sou xiita, o que que eu sou, entendeu como é que é? Até os que moram aqui, ó... tem 20, 30 anos, ainda tem isso na cabeça, pergunta. E o brasileiro não pergunta. Pergunta pro seu pai, ele vai te falar se é verdade ou não. Não... não... o povo não quer saber da sua religião, quer saber de você, dos seus atos, assim. Isso é uma coisa muito boa. (H1_67)	
	Eu não me assustei, pelo contrário, fiquei observando pra ver: "- será eles tá certo ou tá errado?". Aí no final, realmente, o sistema deles tá certo. O nosso sistema tá errado, não é o sistema do Brasil. (H3_57)	
	Eh::... liberdade do povo brasileiro... eles, com razão, tem essa liberdade. Prefiro a liberdade do que o::... eh::... do que a mentira, do que a::... preservado, do que eu faço coisa escondida... prefiro faço coisa aberta. Tenho que fazer isso com maior prazer porque eu gosto, não adianta mentir: "- não, não tô fazendo", e eu tô fazendo. (H3_57)	
	No dia a dia, por causa do trabalho, esse é uma. A segunda, o brasileiro também acabou... já faz sempre, tomo cerveja... ou faço negócio... você vai pra sua casa e vou para minha casa. Diferente da::... da minha::... da minha raça. Minha raça é pouquinho abusados. (risos) É, pouquinho abusados. É, de tudo... de tudo. Minha raça pouquinho abusados. Não é todos, mas... a maioria. (H3_57)	

	Eu tinha perdido sim, lá eu tinha perdido. Lá no Líbano eu não era a mesma pessoa que eu sou aqui. Lá no Líbano eu::… não aguentava se alguém::… qualquer coisa, mínima coisa, eu já partia pra briga, pra agressão, pra::… porque vivia aquilo, que nem eu te falei, a gente respira aquilo, vive aquilo, então você não tem como fugir. E quando eu cheguei no Brasil aqui, também arrumei… arrumei algumas confusões também, e depois fui vendo que a vida não é isso, que a vida é outra coisa, que não é o que a gente carrega com a gente lá da… da… guerra. (H4_61)	
	É, a gente acostumado outro… outro jeito. A gente acostumado até [inaudível], beija, abraça, beija e::… então… é que eu falo calor humano, assim, assim. Mas… acontece, as vezes, eu vou lá e tem tanta coisa, as vezes… você acaba percebendo que… muito disso é falso também, o::… tipo, sei lá, acaba, as vezes, te incomodando. Hoje em dia não…(H4_61)	
	Tem bastante coisa diferente sim. Tem coisas que eu acho::… você fala, hm::… em relação à família, vamos dizer, o libanês é muito mais família, vamos dizer, é muito mais, que nem eu tô falando, esse calor humano, essa::… tal. Agora, chega um ponto que, as vezes, isso… isso próprio mesmo te incomoda, porque… a pessoa lá, sua prima, ou seu tio, sua tia, ela fala: - não, você tem que fazer isso. Pra eles, vamos dizer, é normal. Não, você…(H4_61)	
	Meter na vida do… na sua vida. Querem saber quanto você ganha, quanto você gasta, com que… a vida da sua mulher, dos seus filhos. Então, pra eles é normal, isso é normal pra eles, tipo… vamos fazer, eles tão cuidando de você, é normal falar: - Ó, você tá brigada com fulano, não, vai lá pedir desculpa que ele é mais velho que você. Não querem saber se você tá errada ou tá certa, vamos dizer. A outra vem: - Não, você tem que brigar com fulano. Se tem duas tias, ou dois tios, um fala: - Não, você tem que brigar com fulano, o outro fala: - Não, você tem que ficar de bem com fulano, vamos dizer. Então, eles… é muito int… se intromete muito na vida da gente… e, assim, a gente acaba, não tá acostumado com isso aqui no Brasil. Lá, eu tava acostumado com isso, vamos dizer, agora… no Brasil já não::… cada um, assim, vive na vida que ele quer, cada um sabe que… que faz, quer dizer, não tem… essas coisas. (H4_61)	

	O mais fácil de conviver é o brasileiro, o libanês que é complicado [risos]. O libanês que as vezes é muito sentimental, muito::… liga pra qualquer coisa, qualquer coisa você tem que dar satisfação, sabe? Aquela… aquele… intrometimento, no caso. Então… muito mais fácil a convivência com o brasileiro, sim. (H4_61)	
	Então, é… são bem tranquilos, muito calmos, e a gente tem o sangue quente, a gente briga muito. Briga, assim, modo de dizer. Vou te dar um exemplo: fim de semana juntava lá em casa, vamos dizer, uma turma que é da família da minha esposa e outra turma que é dos meus amigos, da minha família. Eles ficavam lá na cozinha, também jogando cartas e baralho, e::… até seu pai ia jogar junto, e… a turma dos libaneses ficava lá fora, onde que é o espaço pra jardim, jogando, gritando e quase derrubando o prédio. (H4_61)	
	Eu acho. O povo libanês é arrogante, ele... gosta de aparecer. Aqui não, eles bem natural, bem... à vontade, tudo. É diferente do Líbano. (M2_53)	
	Aqui não tem interesse nenhum, lá tem muito interesse. (M3_42)	
	Bem diferente, não tem como comparar, porque... o povo árabe têm cabeça, é::... como que se fala? Bem discreta. Tipo, você tá namorando, tá beijando ali na esquina: "- Ah não, não sou eu. Aqui é mais aberto." (M3_42)	
	Porque cada pessoa fica na dela. Aqui é muito melhor. (M3_42)	
	Quase nada. Pelo que eu vi, até hoje, não tem nada. Cada um faz... O que quer, é, não tem. (M3_42)	
	Não, porque::... eu não gosto. Não todos, os que eu conheço, eu conheço, mas estranhos... nunca me envolvi. Porque os... os libaneses que estão aqui é::... difícil, xinga todo mundo, é::... ofende. Não tem educação, não tem respeito. (M3_42)	
	Não, tinha. Mas no Líbano é diferente pela inveja... você comprou o mais barato, eu compro mais caro, então fico: - Ó, ó, é mais cara, de marca viu? Entendeu? É assim. Aqui não tem não, nunca... nunca vi isso. Lá gosta de inveja, de ciúmes, entre a mulher e ao outra, tipo: - Olha o vestido, cara! Olha a roupa! Quanto custa a blusa? Tipo isso, entendeu? Difícil... difícil comparar, não tem comparação. (M3_42)	

	A vida deles aqui, eu gostei muito. Vida tranquila, calma, sossegada... pode trabalhar, não tem cabeça quente, não tem corta de luz [risos], não falta de água, é::... pode fazer sua vida muito tranquila. (M4_72)	
	Não sei como fala... por exemplo, eu vou falar... olha, Neusa comprou um sapato muito bonito... eu vou emprestar dinheiro pra comprar maior. Eu não gosto desse... eu gosto vive minha vida, que eu gosto, não gosto de imitar ninguém. Agora a moda é assim... eu não gosto desta moda, eu gosto dessa moda... entendeu? É... aqui eu não achei essas coisas. (M4_72)	
Adaptação aos costumes ocidentais	Realmente tem diferença, e::... diferença boa, especialmente desses rapazes que tão vindo recentemente do Líbano. Agora, quem tá aqui faz mais de 10 anos... ele já mudou a cabeça, tá entendendo? Com a convivência... com o povo... a pessoa muda. Mas quem está vindo de lá ainda, ou quem está aqui faz pouco tempo... até que tem muita gente que tá aqui há muitos anos, mas a cabeça continua de lá... entendeu? O cara cabeça dura... o cara... só aquilo e acabou... entendeu? Depende. Porque não querem mudar... porque são ignorantes... É ignorância. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	É, meu melhor amigo é um rapaz brasileiro, ele é filho de japonês. Mas o pai dele também nasceu no Brasil e ele também tem... ele mais novo que eu, tem uns 50 e poucos anos, um cara super legal. Muito meu amigo, conheço ele há mais de 30 anos... a gente se dá muito bem, mais que os árabes. É que::... depende muito da pessoa, né Michelle. (H1_67)	
	Então, eu tinha imagem boa, porque... a gente sempre conversava, eu e a minha mulher, ela me falava disso... daquilo... como que é. Então quando eu decidi vim para cá, eu tava animado e... cheguei eu tava feliz. Olha, eu... eu falo pra as pessoas que me perguntam: - eu morei 4 anos em uma cidade pequena, chama Planaltina, em Brasília, eram os dias mais felizes da minha vida. Veja, e eu morava numa casa tão humilde, tipo barraco, vamos dizer, mas eu era feliz. Era muito feliz, sabe... (H1_67)	
	Na hora! Só brigando um pouco no aeroporto, saí tá tudo certo (risos)... na hora mudou tudo... que era mentira né, mas tá na cabeça do povo que só::... aprendeu que tem Rio Amazonas, índio, aquelas árvores... o maior... Amazonas... como chama? É, a mata verde, tudo. Então você só pensa nisso, o coco, o macaco jogando coco um em cima do outro (risos). Mas não é, na hora você chega, principalmente em São Paulo, basta ficar uma semana já... já entende como funciona, não tem esse. (H2_33)	

	Não é, é assim... a vida na cidade... não pode colocar aqui no Brasil, porque... o Brasil inteiro não é assim. Eu sei a cidade do interior e sei São Paulo, voltando no assunto... cidade do interior é mais tranquilo, outro povo, outra mentalidade. Claro! Diferente de qualquer capital grande. A correria aqui te ensina a... como que vou explicar isso? Te ensina a não sentir mais, simples. (H2_33)	
	Que eles falavam pra mim. Pra... pra nós. Quando cheguei aqui, já imediato essa ideia já mudou, porque já vi Brasil e o povo brasileiro, não é desse jeito que eles falam, e ele não é tanto que eles falam um país pra esconder, foi país maravilhosa. (H3_57)	
	Mudou::... 80%. Só tira::... tira a corrupção no Brasil, o resto... mas vai mudar::... em breve vai mudar essa aí. Corrupção, eh::... a cultura mudou, desde a época que eu cheguei, até hoje, a cultura mudou também 70%.(H3_57)	
	Do Brasil? Tem mais educação, tem mais, eh::... respeito, esse aí tá mudando. Cada ano tá mudando, pouco a pouco. (H3_57)	
	Não, mudou. Poucas coisas mudou, mas precisa mudar 100%... e vai mudar 100%. Brasil continua desse jeito, vai mudar. Povo corrupto, não tem outra coisa. (H3_57)	
	Acho que não, porque… o ambiente que você tá, ele vai te influenciar. Eu acho que o ambiente que o ser humano vive que influencia o ser… o ser humano. Não é você… não é você que evolui, é o ambiente que tá… é… que você vive. Se você vive num ambiente que todo mundo::… te xinga, te trata mal e te::… cada um por si e a lei da::… a lei da::… do fraco, do… do… o forte dominar o fraco, então você vai querer ser forte pra não ser dominada. Olha, não tem como, não tem como escapar, acho que a situação que faz o ser humano. (H4_61)	
	Sabe que a gente tava comentando outro dia que o povo brasileiro é::... eu gosto que ele::... sempre feliz, ele busca sempre a felicidade, sabe? Com tantos problemas, eles mantem, assim. Pra::... tirar um tempo pra::... pra ser feliz e pra viver, isso é::... você vê no Líbano também, com tanta coisa no Líbano, com tantos problemas, as pessoas vivem feliz, buscando sempre a felicidade, gostam de sair, gostam de viajar, gostam de fazer festas, então isso é bem parecido aqui no Brasil, uma coisa que eu acho muito em comum. Agora::... também família, né? No Líbano são muito apegados à família... até aqui no Brasil você vê também isso. Diferente do::... dos países europeus que eles não são muito família, mas aqui no Brasil você vê sempre isso, esse laço de família, eles têm. (M1_45)	

	É que o Islã, assim, ele busca essas reuniões familiares... a gente tem. A gente tem isso. Eu lembro que tem, assim, tem uns *Sheiks* que falam que é contra essas coisas de comemoração de Natal, mas tem uns *Sheiks* que falam: ‘’- Por que não? Não estamos fazendo nada de errado, a gente por contrário, estamos se reunindo, coisa com Islã sempre fala pra se reunir, independente qual motivo, independente qual a ocasião, a gente tá se reunindo, a gente tá vivendo momentos... família, momentos de::... de amor, de amizade, de felicidade, então porque não?’’ E a gente acredita também em::... em Jesus, então por que... Jesus é um profeta, então a gente acredita, então a gente comemora, normal. Tudo o que é pra felicidade dos nossos filhos, pra gente, pro::... pro mundo é bom. (M1_45)	
	Mudou... mudou. Conhecimento das pessoas, é::... da moda, maquiagem, cabelo, é::... sabe juntar, tipo::... decoração, cores, é::... só isso. (M3_42)	
	Não gosto. Ninguém pode me obrigar, gosto ou não gosto. Eu gosto aqui lei deles, o povo deles... o que me chama atenção, quando eu ia no ônibus, eu fiquei na fila, no banco... onde tem gente, eu fico... pode ser que agora com essa pandemia mudou um pouquinho. Uma vez aconteceu uma coisa na frente. Uma vez estava no Banco do Brasil, faz tempo, eu fiquei na fila... chegou uma mulher com cabelo bonito, assim, e ficou na frente. Quem estava no caixa viu e falou pra ela: “- Volta atrás”. Eu gostei muito... eu gostei. (M4_72)	
	Tudo os brasileiros que eu conheço são muito educados. Conheço, eu não tenho::... não tem visita, eu não visito eles, só quando tem trabalho com eles. É::... como eu falei, fica na fila, fala com voz baixa quando fala no telefone... (M4_72)	
	Se você vai conversar com alguém, acho que a voz dele chega na rua. Fala baixo, é::... eu gosto deles, eu gosto... do ambiente deles. (M4_72)	
	Pra gente, pro povo aqui? Povo bom, humilde, ajuda muito... se acha alguém que pede um sapato, o brasileiro tira o sapato e dá pra ele. Eu percebi assim... na Igreja eu percebi. Cada vez que a gente vai na Igreja, eu vi... também faço o mesmo... eu via eles::... cada mulher, cada homem pega saco, um açúcar, um arroz, um azeite, um não sei lá... e leva na lá na Igreja pra ajudar gente que não pode comprar. (M4_72)	

	Eu vi a pastoral, é::... São Francisco, assim... que dá marmita pra gente que mora na rua, a prefeitura dá cobertores, assim. Agora, o Líbano tá queimando... tá passando fome... o governo fica assim, olhando. Chegou de fora arroz, não sei lá, e... pegaram pra eles e deixaram povo... não tem remédio, não tem água, não tem nada lá. Como vai... tô falando verdade, pergunta outra pessoa. (M4_72)	
	O brasileiro... a terra dele é uma terra abençoada... muito abençoada. terra rica, parabéns pra eles. (M4_72)	
Acolhimento como traço do povo brasileiro	Eu vou te falar porque... porque aqui o povo brasileiro tá acostumado... aqui tem 70 etnias, você sabe disso, tem muito estrangeiro aqui. Eh... então os brasileiros tão acostumados com a convivência com os árabes, especialmente os libaneses, porque o comércio do Paraguai e, muito aqui de Foz, é dominado pelos árabes. Então a convivência... nunca, ninguém, me chamou de turco. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Não... até no Paraguai chamava de árabe, sabe... aí perguntavam: - o senhor é árabe? eu falava: - sim, eu sou libanês. Agora em... em Brasília e em Uberlândia chamavam de turco. Assim... eu falava sim. Isso::... agora aqui não, aqui o povo não fala você é turco, você é árabe, você é libanês. Não... não... nem toca nesse assunto. (H1_67)	
	Olha… se eu te falo que o Brasil é uma terra abençoada, também, que nem todo mundo fala, é uma terra abençoada, porque::… aqui no Brasil::… vamos dizer, que convive qualquer religião, qualquer etnia, qualquer cor… é uma maravilha de convivência, é um exemplo de convivência para o mundo inteiro. Acho que um dos… se não é o único, é um dos poucos países que qualquer pessoa se::… se sente que tá em casa, quer dizer. Acho que… não sei se é o único, mas se tiver outro é difícil. (H4_61)	
	Hm::… muito boa. Muito… muito mais fácil… muito mais fácil trabalhar com brasileiro do que trabalhar com outras raças. Porque::… ó, quer dizer, brasileiro, em geral, você conhece. Agora, a única coisa que você, pra o brasileiro, você não pode, vamos dizer, depende da classe da pessoa, tem muita gente que não sabe administrar o::… si próprio. Quer dizer, você::… a maioria gasta, as vezes, mais do que ganha. Então, se você abrir crédito maior pra pessoa do que pode pagar, você tá num::… tá fazendo mal negócio. Agora, pra trabalhar com brasileiros... o que ele promete, se ele puder cumprir, ele cumpre. Mas, o que que acontece… que as vezes ele pensa que vai poder cumprir e acaba… então é só tomar, tipo, você define… você define… você tem que saber, pela pessoa, o que ele pode gastar ou não pode. (H4_61)	

	Bom, eu falo que o brasileiro é uma pessoa que… vive bem, em qualquer comento, vive bem. Uma pessoa… respeitadora, muito… um povo muito acolhedor, e um povo alegre e feliz. O pessoal bem legal… acolhedor. (H4_61)	
	É que é uma cidade pequena e tão... e o número grande, então acabam são perto... muito perto um do outro. É::... Assim, contrário de São Paulo que é grande... cidade grande... então estão espalhados, né? Lá não tem como se espalhar, eles tão assim, bem juntinhos. (M1_45)	

Quadro 6: Transformação pelo trabalho

Conteúdo temático	**Trecho selecionado**	**Categoria de análise**
Trabalho como agente transformador	Que estiver com saúde, com saúde... porque o resto a gente conquista, com saúde a gente conquista. O Brasil é um país enorme, só não faz quem é bobo. Tem que trabalhar, a gente alcança. Não pode reclamar de jeito nenhum, só cuidar da saúde e ter fé em Deus. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Também é verdade... também é verdade. Mas veja... veja, eu vou falar de mim... eu se não tiver feliz aqui não ia ficar, porque... já acostumei mudar, entendeu? Eu não sou mochileiro, mas eu vim do Líbano para cá carregando uma mulher e 2 filhos, aí foi pra Brasília... de Brasília foi pra Uberlândia, de Uberlândia foi pra São Paulo, depois voltei, entendeu? Depois vim para cá. Então, onde você tá se sentindo bem, tá feliz, tá trabalhando, entendeu? Aí você fica satisfeito, aí fica. (H1_67)	
	Eh::... não mudou nada. Sempre trabalha, beber um pouco... (risos) mas trabalha todo dia, e... correndo atrás, nunca parei na vida. (H2_33)	
	Eh::... 90% faz uma coisa na vida. Boa. Uma coisa na vida, 90% do povo brasileiro. Eh::... por exemplo, você tá estudando, sei lá, gestão de alguma coisa, você só faz gestão na vida. Esse ano, que agora, selecionou, e eu tinha certeza... tive certeza do que eu tô falando. Muita gente parou eu não sabe fazer outra coisa, fica com vergonha de fazer outra coisa. Aí, 90% que faz só uma coisa na vida, isso é impressionante .E eu vi pessoa que não sabe fazer nada, eu tenho certeza do que eu tô falando. São poucas pessoas, mas eu tenho certeza do que eu tô falando. Impressionante isso! (H2_33)	

	Não é difícil, é muito fácil para quem quer trabalhar. E tem muito trabalho, mas muito no trabalho, pra quem quer. Pra quem não quer, nunca vai achar. (H2_33)	
	Do tamanho do país e pouca gente também. Então, mas voltando... quem quer trabalhar vai achar, e quem trabalha bem nunca vai parar em casa. Mesmo de graça, pode não receber, mas em casa eu não fico, e de fome não vai morrer. (H2_33)	
	Só Deus sabe, mas eh::... eu acho que da mesma forma que eu tô hoje. Não quero muita coisa não, só um pouco mais eh::... como é que fala? Descansar, fazer mais o fixo, um pouco do fixo, acabou, mesma coisa. Agora onde? Não importa, qualquer lugar. (H2_33)	
	Só Deus que sabe, meu filho daqui há 10 anos vai ter... com filhos, com família nova, com emprego bom, com salário melhor ainda. E::... época dele vai ser melhor do que a nossa. (H3_57)	
	É, esse aí::... esse aí já tá aprovado [*comprovado*], eu acho...100%, ela vence, porque::... homem vai pra trabalhar, desvia assunto 1000 vezes por hora, por dia. Agora, a mulher não, vai e foca só nisso... e no fim do dia volta com o resultado. Esse aí eu vi::... aprovado [*comprovado*], e::... e por esse motivo, eu prefiro o sistema da mulher brasileira. (H3_57)	
	Que nem: quando eu era pequeno, Michelle, o que eu pensava? O dinheiro é muitas coisas, o dinheiro vale tudo no mundo. E agora quando eu tô velho, tenho certeza que o dinheiro é tudo. (risos) (H3_57)	
	Oportunidade. Se você estuda medicina lá em Paris, aí volta para sua Terra, não tem hospital pra receber você como doutora, é sua obrigação procurar outro país pra... pra ser doutora. Pra que? Estuda, faculdade, tudo, a professora... qual escola vai receber você? Nenhuma! E o grande exemplo lá, tá aqui nos... não vai longe, sobrinhas... todas são formadas, inglês, francês e árabe elas falam. (H3_57)	
	Mora lá no Líbano. Nenhuma conseguiu arrumar trabalho. Uma arrumou trabalho, dá aula 2... 2... 2 vezes por semana, pra receber merreca. Mas eu estudei a minha vida, formei, como professora... e não tem faculdade que me aceita como professora, nem escola, porque não tem espaço. (H3_57)	

	Hm::… daqui há dez anos… você acredita que é uma pergunta que me surpreendeu, porque a gente nunca pensa [risos]. Ah, eu vejo… me vejo::… que eu espero, vamos dizer, que seja um homem de negócios bem sucedido, com o::… com o futuro dos meus filhos, vamos dizer, garantido, que… conseguir uma casa pra cada um deles, vamos dizer, pra eles não depender de pagar aluguel, e::… vivendo minha vida sossegado. (H4_61)	
	É porque quando meu marido voltou pro Brasil, aí ele fez trabalho aqui em São Paulo, mudou de::... saiu de Foz e veio aqui. Aí a gente quando voltou tinha que voltar aqui. (M1_45)	
	É, e aqui a gente... eu cheguei e fui... no ano que eu cheguei entrei na escola, então... as pessoas lá na escola, a comunidade toda já me conhece. [*risos*] (M1_45)	
	Se vou deixar uma mensagem, eu gosto de deixar uma mensagem bonita pro Brasil também, que nos recolheu, né? Que deu::... as pessoas, assim... falam... eu tenho minhas amigas, elas falam: ‘’- Ah, a gente veio no Brasil, não gosto, não gosto! Eu prefiro ir no Líbano. Já tô há 10 anos aqui nesse país, mas não tô gostando”, mas eu falo: ‘’- Não, graças a Deus esse país é lindo, maravilhoso, deu oportunidade pra bastante rapazes vir aqui e fazer a vida deles’’. A gente não pode esquecer que tem muitas famílias no Líbano que vivem das pessoas que moram aqui no Brasil, então::... o bom é muito mais do que o ruim aqui. Você vai fazer a... o mundo é um mundo, Deus é o único, né? E essa Terra é de todo mundo. Eu me acho assim, libanesa, eu me acho também brasileira, meus filhos são brasileiros, então::... é onde que a gente tá, onde que Deus nos colocou, então é o nosso destino. (M1_45)	
	Eh::... quase, eu vivi muito aqui também. Sabe, situação do Latif tava muito bom... até agora... casa linda, filhos lindos, não dá trabalho pra gente... essa a coisa mais incrível que eu fiz aqui no Brasil. (M2_53)	

	Olha, eu queria falar pra você. Pra minha filha, eu vejo, eu... antes, quando ela tá na faculdade, eu levava ela na FAAP, e quando a gente volta, terminou a faculdade, eu levo ela pra fazer entrevistas. A gente passa na Marginal Pinheiros, perto do Shopping JK, esses lugares, eu sempre imagino Stefani tá trabalhando nesses prédios altos, grandes. Eu falo, sempre falo pra ela: " – Olha Stefani, meu sonho vejo você aqui, trabalhando nesses prédios". Ela falou: " – Ah, mãe, mas quem diria?", eu falei: " – Não, você vai, você tem capaz, você vai ficar aqui". E::... graças a Deus, já. Esse sonho, já. E Alexandre sempre vejo ele com o pai, não sei porque... porque alguém que vai cuidar do negócio do pai, então sempre vejo ele do lado do pai. O Thiago, eu vejo ele igual a Stefani, ele falou: " – Mãe, acho que eu vou::... trabalhar fora do Brasil. Eu vou na Austrália, nos Estados Unidos...", falei: " – Não importa, mas eu vejo você igual sua irmã, lá". Então... esse que tava meu sonho. (M2_53)	
	Vivendo no Líbano não ia conseguir nada, por conta do... governo, por conta do trabalho, por conta da::... é::... convivência, entre elas, as pessoas, mas aqui bem diferente, respeito... aqui tem muito respeito. (M3_42)	
	Não conheço mais... nada. Porque também trabalhei direto aqui. Também nunca fiquei parada, trabalhei em pousada... agora loja de roupa... trabalhei, tipo, cuidadora de velhos... de noite. É::... trabalhei com Jorge, no Brás. É, quase também nunca fiquei parada, sempre trabalho. Sempre achava alguma coisa pra fazer... sério! (M3_42)	
	É::... Trabalhando. (M3_42)	
	Lindo... trabalho... trabalhar, ganhar dinheiro... passear, é::... conhecer pessoas... tudo, tudo do lado positivo. Era isso mesmo, e ainda descobri mais coisas. (M3_42)	
	Força, é... dava força, da... pensa comigo... trocar ideia... mais do que isso você também tem que se esforçar, pra ter o que você quer. (M3_42)	
	Porque assim, antes... tipo... dez anos atrás, eu não era muito feliz, no fundo. Eu sofri muito... mentalmente... coração... paixão, é::... amigas... traição... família... eu não tinha infância feliz, alegre, sabe? Que brincava, que não tem nada na cabeça pra pensar, porque eu comecei a trabalhar eu tinha doze anos. É, a guerra acabou então eu entrei no trabalho... no mercado de trabalho... me joguei, sabe? E desde então, a vida começou a ensinar. Muito duro... muito duro. (M3_42)	

	Não tinha trabalho em Minas... não tinha. (M4_72)	
	O marido dela não gosta de ficar, não tinha... naquela época não era fácil trabalhar aqui, se não tem documento, se não tem... não pode... não pode trabalhar aqui. Difícil, era muito difícil. O documento, e::... não dá pra trabalhar, ele estrangeiro. Não pode trabalhar. Não é como agora, eu vou na Federal, eu faço papel, eu sou refugiada e pode trabalhar pra lá e pra cá, era muito difícil trabalhar... por isso. (M4_72)	
	Faz 25 anos, esta é meu trabalho. Eu vivia do meu trabalho. Em casa, sobre encomenda no telefone. Eu fazia muito jantar e festa no clube. (M4_72)	
	Claro... claro. Passei dificuldade com meu trabalho, mas não é dificuldade... é, com minha vida, passei. Mas sempre, dentro... paz. Sinto paz. (M4_72)	
	Sinto que meu filho um dia vai ficar grande, assim... tem esperança, né? Acho que não é todo mundo que sente essas coisas, cada pessoa sente uma coisa diferente, entendeu? Mas nunca pensei que eu vou... vou... em um cara pedir ajuda... não. É, eu me viro sozinha... rezo e Deus manda rapidinho encomenda. Juro... tô falando verdade. (M4_72)	
Abandono da profissão anterior à imigração	Na verdade, aqui no Brasil também dei aula, mas de idioma árabe. Mas não tem nada a ver, então não dá pra tirar base, porque lá lecionava pra crianças, né? Eu… na verdade eu amo, de paixão. Minha paixão é lecionar, e acho que o bom professor não é aquele que sabe muito, é aquele que sabe passar o::… o que o aluno necessita, quer dizer, o que o aluno precisa, saber onde que tá o aluno pra andar junto com ele. Não, era::… tipo::… quarta série, quinta série. É, doze anos… onze anos… treze. (H4_61)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Eu fiz História, último ano. Me casei e vim pra cá. Sim, eu queria dar aula, eu gosto de dar aula. É, eu gosto de ser professora. (M2_53)	
	Pensei, mas::... infelizmente (risos), sabe? Eh::... eu vim, fiquei grávida, eh::... não dá mais. Não dá mais. É, um atrás do outro, 3, acabei... não quero mais. (M2_53)	
	Nem fácil, nem difícil, porque nada vem fácil até você. Porque::... ninguém, se você pede alguma... qualquer coisa, fora do dinheiro, ninguém ajudaria... hoje em dia. (M3_42)	
	Minha escola também... eu estava professora. Francês. (M4_72)	

	Não, até terminar eu fiz 3 meses de faculdade, depois eu estava com filhos, estava grávida, eu fui e::... como aqui, entendeu? Trabalhei::... eu tinha escola bom. (M4_72)	
	Trabalho... muito. Mas, nunca... nunca... graças a Deus... nunca preciso alguma coisa deles, ou nunca pedi: "- Olha, por favor, faz pra mim essa favor"... nunca, entendeu? Sempre Deus manda. Eu bate porta, entra. (M4_72)	
	É, por Elias é. Sempre, ele foi na escola e eu trabalha a noite, trabalha de manhã, trabalho é::... na minha liberdade trabalho. Eu não aceitava encomenda em cima da hora, sempre eu marcos antes de 5 ou 6 dias, assim. Mas em cima dá hora vem aqui pedir pra fazer folha de uva, não, não faço. (M4_72)	
	Às vezes eu abro a televisão, quando trabalha a noite... agora não trabalha a noite... só pra ouvir o que a gente fala. Elias dorme cedo, no dia seguinte vai na escola, eu fico muito sozinha. Muita gente falou: "- Fica com alguém na sua casa, ajuda por aluguel", estava pagando aluguel, eu falei: "- Não quero, ninguém me ajuda, só Deus me ajuda. Eu vou viver sozinha, eu e meu filho". (M4_72)	
O comércio como um instrumento de trabalho	Ah, eu trabalhei em Brasília, tinha loja de roupa e calçado, aí... mudei pra São Paulo, também tinha fábrica de roupa, aí... depois fui embora pra Uberlândia, em Minas Gerais, onde morei também 10 anos, também tinha loja, e... depois eu vim pra cá em 94, e... abri um negócio no Paraguai, sabe... e... depois eu saí da loja, deixei a loja pro meu filho e meu genro e fiquei mais ou menos 5 anos sem fazer nada. Agora, esse ano... no ano passado, em outubro, voltei a trabalhar. Tô trabalhando agora das... das... das 9 da manhã até às 7 da tarde. (H1_67)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Aqui no Brasil comecei a trabalhar, na época era... sacoleiros do Paraguai. Aí pega ônibus São Paulo, vai até Paraguai, traz... como dizem? Muamba de lá (risos), realmente não é muamba de lá. Aí vende aqui na 25 de Março. (H3_57)	

	Primeira coisa eu… fiquei lá ajudando::… quer dizer, trabalhando no boteco. Boteco igual… três mesas de bilhar, bebida e pinguço [risos], tomava conta do bar lá no… em Campinas, que meu pai tinha lá. Aí depois disso, trabalhei numa fábrica de::… camisa. Aí trabalhava na fábrica de camisa, a gente viajava muito pra::… vender as camisas também, pra todo o interior de São Paulo, aí::… depois disso::… vim pra… vim pra São Paulo. Aqui em São Paulo comecei a trabalhar com roupas, calça jeans [inaudível] com um cara amigo da gente, aí depois montei a minha própria::… fábrica de jeans, eu e mais um rapaz de sócio, depois tive uma loja de varejo aqui em São Paulo, na rua Greenfeld, no Ipiranga… depois fechei. Hoje em dia tô com alimento árabe, lá no Brás. (H4_61)	
	Então, lá em Campinas eu já não tem… não tinha muito campo de trabalho e conheci um pessoal que são daqui de São Paulo, aí eles que me chamaram… conheci aqui no Brasil, não conhecia lá do Líbano, e me chamaram pra vir pra cá pra começar a trabalhar… que comecei a trabalhar com jeans, no caso. (H4_61)	
	Trabalhava em muita coisa, *marketing* por telefone... trabalhava... costureira, na fábrica de costura. Trabalhei, tipo... é, vendedora de::... de roupa, de bijuteria. Trabalhei em fábrica de sapato, fábrica de::... pijamas, femininos, masculinos. É, muita coisa. Quase toda a minha vida... eu parei de trabalhar::... três meses. Em cada fase, sabe? Não junto, direto, entendeu? (M3_42)	
	A gente trabalhava, é::... que ano? 2012, a gente tinha loja de maquiagem, você lembra? Lembra? Lá na 25 de Março, na Barão de Duprá. A sua mãe lembra, loja de maquiagem. Daí comecei pesquisar, juntando as cores, pra falar pra cliente. E daí... fui. Juntando as coisas. (M3_42)	
	Comida árabe. Em casa, sobre encomenda no telefone. Eu fazia muito jantar e festa no clube. (M3_42)	
Em busca de profissionalização através do estudo	Claro, um dia vou fazer esse ENEM aqui. Sim, vai que eu faço vereador, por exemplo (risos). Nunca se sabe... vou fazer, um dia né... mas... tem que preparar, essa brincadeira... é só pra relembrar, porque tem coisas também preciso estudar mesmo, pra saber o que que você vai escrever, não tem um... não tem nada haver de viver na rua. Tem um estudo, escrito, tudo... mas eu gosto. Até hoje eu leio muito, qualquer coisa assim, interessante... ler política, coisinhas... (H2_33)	Operadores argumentativos; Operadores modais (modalidades); Seleção lexical.
	Vou fazer mais um curso. Já tô entrando. Neuro... neuro... neuro... é... neurociência que eu fiz. Eu tô pensando entrar na pedagogia aqui, de novo. (M1_45)	

	Não, só trabalhar, porque::... Cabeça pra estudar... difícil agora... difícil. Eu gostaria de abrir um negócio de::... é::... de maquiagem. (M3_42)	

No próximo e último capítulo, apresento a discussão dos resultados com base na análise aqui apresentada.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

"A linguagem é polissêmica, requer interpretação em fatores linguísticos e extralinguísticos. Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações."

(Vygostky, 1996)

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.0. Discussão dos resultados

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir da organização e análise dos dados conforme apresentado no capítulo de metodologia da pesquisa. Como já explicado, foram criados cinco eixos temáticos e conteúdos temáticos relacionados a esses eixos.

De acordo com Bronckart (1999), o conteúdo temático de um texto pode ser definido como:

> [...] o conjunto das informações que neles são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada [...], as informações constitutivas do conteúdo temático são representações construídas pelo agente produtor. Trata-se de conhecimentos que variam em função da experiência e do nível de conhecimento do agente e que estão estocados e organizados em sua memória, previamente, antes do desencadear da ação de linguagem. (BRONCKART, 1999, págs. 97;98).

Considerando o objetivo geral da pesquisa: **compreender, por meio do discurso do imigrante libanês, os sentidos produzidos ao falarem sobre sua condição de vida em um novo país,** passaremos a discutir os resultados.

3.1. Adaptação a um novo lugar

De acordo com o eixo temático *Adaptação a um novo lugar*, estabelecemos cinco conteúdos temáticos:

1. conhecimento da língua francesa como facilitador para aprendizagem da língua portuguesa;
2. Idade como fator de adaptação e permanência;
3. acolhimento do povo brasileiro;
4. sentimento de pertencimento à terra que o acolheu;
5. interação social como fator de adaptação.

Esses conteúdos temáticos serão analisados sequencialmente, considerando o eixo temático ao qual se relacionam. Assim, será feito também com os demais eixos temáticos e seus conteúdos temáticos.

Conteúdos temáticos

Conhecimento da língua francesa como facilitador para aprendizagem da língua portuguesa

Percebemos nesse conteúdo temático, que ao serem questionados sobre as dificuldades com as quais se depararam em sua chegada ao Brasil, os entrevistados abordaram a questão da língua portuguesa. Muitos deles trouxeram à tona uma questão relevante, afirmando que o conhecimento prévio da língua francesa lhes teria sido favorável em relação à aprendizagem do português, pois no Líbano os jovens são alfabetizados na escola em três idiomas: francês, inglês e árabe.

> Olha, é que eu tinha o francês já, então o francês ajudou muito, muito, na verdade. E não só o francês, como a necessidade também. **(H4_61)**[5]

> Foi muito engraçado [*risos*]. Olha, eu, por causa que eu estudava francês, ficou mais fácil pra mim... é, ficou mais fácil e::... aí eu aprendi... aprendi... aprendi assim, facilmente, mas... mas assim, de gramática eu erro muito até agora, eu tenho esses erros de gramática. Mas... mas... é, em pouco tempo eu já me virava, sabe? **(M1_45)**

> É, também tem o::... tem o cliente estrangeiro, do::... francês, inglês. Tudo. *Trente neuf, thirty-nine* [*risos*]. Então, mesma coisa. Mas... mais me empolguei foi português, por conta do português acabei esquecendo um pouco de inglês e francês. **(M3_42)**

> Eu vivia sozinha... mas eu falo muito bem francês, eu aprendi de falar pouco a pouco, entendeu? Depois eu conhecia uma mulher libanesa, muito tempo aqui. Eu passo o tempo que não tem nada, assim, eu procurei trabalhar... eu achei dificuldade, por trabalhar. **(M4_72)**

Devido à forte colonização ocidental sofrida após a Primeira Guerra Mundial, como exposto anteriormente nessa pesquisa, observamos, nos excertos acima essa questão. É também importante ressaltar que as marcas linguísticas sublinhadas *(já, então, não só, ficou mais fácil, facilmente, muito bem*,) criam esse sentido de facilidade ou de falta de dificuldade de aprender a língua. A seleção lexical indicada, apresenta recursos modalizadores indicativos de facilidade e nível de certeza. Segundo Laraia (2001), podemos afirmar que o imigrante, mesmo de forma inconsciente, inicia seu processo de aculturação, isto é, esse contato entre as culturas, entre os grupos sociais, e a influência dos meios. Há uma facilidade do francês que, por extensão, facilitou a aprendizagem do português, por assimilação vocabular e semântica, o aprendizado

[5] As siglas após os trechos identificam os excertos dos entrevistados: Homem (H), entrevista 4 (4), 61 anos (H4_61).

da língua tornou-se fácil. A assimilação a uma nova cultura também foi uma necessidade para a adaptação a um novo lugar.

Idade como fator de adaptação e permanência

Outra questão de bastante relevância levantada pelos entrevistados foi o fator idade como algo decisivo para a adaptação e permanência ou não do imigrante no Brasil. Nos trechos abaixo, podemos perceber que os entrevistados H1_67 e H3_57 acreditam que a pouca idade contribui para que o indivíduo se adapte mais facilmente à uma nova realidade:

> Ó, Michelle... quando eu vim para o Brasil eu tinha 26 anos, sabe... eu vim um rapaz novo, casado, com 2 filhos... mas novo, sabe... então vivi bem em Beirute antes da guerra. Então a gente está acostumado em... em... sobreviver em qualquer tempo, entendeu? **(H1_67)**

> Não, pelo contrário, idade exata, porque se vem mais velho de lá, é difícil acostumar... é difícil engrenar com o povo brasileiro. Idade certa. E se for mais novo também, 16, 17 anos, ainda melhor. Porque pega um velho, velho como é que vai botar ele pra estudar no::...na escola? Não tem como. Aí::... cada vez veio pequeno, melhor. Engrena no::... no::... engrena com o povo. **(H3_57)**

O entrevistado H3_67 afirma também que sua mãe chegou a vir até o Brasil, porém não teria se adaptado à mudança devido à idade avançada, já que ela estava habituada aos costumes libaneses, os quais ela não encontraria por aqui. Outra questão abordada por ele foi língua, pois o entrevistado afirma ser mais fácil a aprendizagem para os mais jovens.

> Minha mãe veio, visitou aqui no Brasil. Também, como ela senhora de idade, não tem... o costume de lá, toma café todo dia de manhã, conversa o vizinho... aqui não tem esse hábito... e dificuldade pra falar. Aí ela não vai trocar casa pra ficar aqui. **(H3_57)**

A entrevistada M3_42 endossa essa ideia, ao dizer que não pensa em dar continuidade aos estudos no Brasil, por acreditar que sua idade, 42 anos, é um empe- cilho para os estudos em um país com uma língua que ela não domina completamente,além das diferenças culturais. A escolha do operador modal *eu acho* demonstra a incerteza, a dúvida, ou seja, não é certo que haja essa dificuldade, mas em seguida, ela generaliza essa dificuldade quando usa o pronome indefinido *tudo*. Não há especificação, todas as coisas são difíceis para ela. Vygosky (1987), afirma em seus estudos que o indivíduo atinge o verdadeiro aprendizado quando ele se desloca para a zona do conflito, isto é, é preciso vivenciar o conflito para superação do

desafio, o que vem de encontro com a entrevistada, que prefere continuar em sua zona de conforto, ao afirmar que tudo é diferente.

> Pela idade, pela língua... por tudo. Eu acho difícil começar a estudar do zero, porque é outro ambiente, outra cultura... tudo diferente. (M3_42)

Acolhimento do povo brasileiro

Apesar das dificuldades apresentadas, pudemos observar nas entrevistas que um dos fatores de permanência desses imigrantes no Brasil foi o acolhimento do povo brasileiro em relação aos estrangeiros, como podemos observar nos excertos a seguir:

> Não... não... não precisa. Você acredita? Não precisa, porque eles te::... os brasileiros, se gostar da pessoa, ele já recolhe... ele... recolher, a palavra certa... recolhe, entendeu? Acolhe, isso...acolhe. Acolhe a pessoa. Então, eh::.não acho nenhuma dificuldade de... de de convivência, não. É até bom. (H1_67)

> Deixar registrado aqui, a gente... vamos agradecer essa Terra, que ela acolheu nós, que é onde nós fizemos o que não conseguiu fazer lá na minha terra e aqui conseguiu fazer. Não realizei na minha Terra, aqui agradeço a Deus porque aqui realizei. (H3_57)

> Olha… se eu te falo que o Brasil é uma terra abençoada, também, que nem todo mundo fala, é uma terra abençoada, porque::… aqui no Brasil::… vamos dizer, que convive qualquer religião, qualquer etnia, qualquer cor… é uma maravilha de convivência, é um exemplo de convivência para o mundo inteiro. Acho que um dos… se não é o único, é um dos poucos países que qualquer pessoa se::… se sente que tá em casa, quer dizer. Acho que… não sei se é o único, mas se tiver outro é difícil. (H4_61)

> Se vou deixar uma mensagem, eu gosto de deixar uma mensagem bonita pro Brasil também, que nos recolheu, né? Que deu::... as pessoas, assim... falam... eu tenho minhas amigas, elas falam: ‘’- Ah, a gente veio no Brasil, não gosto, não gosto! Eu prefiro ir no Líbano. Já tô há 10 anos aqui nesse país, mas não tô gostando”, mas eu falo: ‘’- Não, graças a Deus esse país é lindo, maravilhoso, deu oportunidade pra bastante rapazes vir aqui e fazer a vida deles’’. A gente não pode esquecer que tem muitas famílias no Líbano que vivem das pessoas que moram aqui no Brasil, então::... o bom é muito mais do que o ruim aqui. Você vai fazer a... o mundo é um mundo, Deus é o único, né? E essa Terra é de todo mundo. Eu me acho assim, libanesa, eu me acho também brasileira, meus filhos são brasileiros, então::... é onde que a gente tá, onde que Deus nos colocou, então é o nosso destino. (M1_45)

Como é possível observar nesses excertos, uma questão foi trazida à tona pelos entrevistados em relação a esse acolhimento. Os entrevistados H3_57 e M1_45 trazem a ideia de que no Brasil há a oportunidade de prosperidade econômica aos imigrantes, algo difícil em sua terra natal. Nos trechos: ***"[...] Terra, que ela acolheu nós, que é onde nós fizemos o que não conseguiu fazer lá na minha terra e aqui conseguiu fazer. Não realizei na minha Terra, aqui agradeço a Deus porque aqui realizei. [...]" (H3_57) e "[...] ‘’ - Não, graças a Deus esse país é lindo, maravilhoso, deu oportunidade pra bastante rapazes vir aqui e fazer a vida deles’’. A gente não pode esquecer que tem muitas famílias no Líbano que vivem das pessoas que moram aqui no Brasil [...]" (M1_45)***, é possível perceber a questão da prosperidade na terra estrangeira, abordada no capítulo 1 desta pesquisa, onde aqueles

que aproveitam a oportunidade de “fazer a vida” no Brasil tornam-se motivo de orgulho em sua terra natal, visto que parte do dinheiro obtido aqui muitas vezes contribui para o sustento de familiares no Líbano, que não conseguem obter grande êxito e prosperidade econômica em seu país, devido ao território pequeno e os problemas políticos e econômicos enfrentados pelos libaneses após a guerra civil de 1975.

Sentimento de pertencimento à terra que o acolheu

Ainda dentro desta mesma temática, a permanência no Brasil e o “fazer a vida” fizeram com que alguns dos entrevistados sintam que hoje o Brasil é também sua pátria.

> A Terra onde eu vivo... essa aí é a segunda Terra Natal minha, esse é meu opinião. E onde eu vivo bem, tranquilo, essa aí a minha Terra, essa é minha pátria, essa é minha Terra Natal. (H3_57)

> Ah, eles acham engraçado, né [*risos*]. O sotaque, eles acham engraçado, mas eles veem como::… como uma pessoa que eles me conhecem. Acho que vê como um… ser humano normal, não vê mais como… acho que vê mais como brasileiro, na verdade, porque… se for contar eu sou mais brasileiro do que libanês. Vim com 23 anos, tô com 62, então tenho… muito mais tempo de Brasil do que do Líbano. (H4_61)

> Também não concordo, desde que… que eu tô vivendo nessa terra, abençoado por essa terra, comendo dessa terra, criando meus filhos nessa terra, então essa terra é meu… é minha pátria. É minha terra natal também. (H4_61)

Neste sentido, observamos que o entrevistado H4_61, no trecho ***“[...] porque… se for contar eu sou mais brasileiro do que libanês. Vim com 23 anos, tô com 62, então tenho… muito mais tempo de Brasil do que do Líbano. [...]” (H4_61)***, considera que, por ter vivido mais tempo no Brasil do que em sua terra natal, hoje se sente mais brasileiro do que libanês. Já a entrevistada M4_67 se utiliza de sua naturalização para afirmar que se sente brasileira, como podemos ver no trecho a seguir, em que ela cita sua documentação como aporte para a afirmativa:

> Sinto, sim... e tenho documento, tenho passaporte... tudo [*risos*]. Sim, esta terra... é a minha terra. [...] (M4_72)

O entrevistado H3_57 alega que um dos motivos para ter o Brasil como sua pátria é não somente o fato de “viver bem” no país, mas também o receio do retorno ao país de origem, principalmente por já ter visto amigos que tentaram retornar e viver lá, mas esbarraram em problemas políticos e econômicos que ainda assolam a população libanesa, fruto ainda de resquícios da guerra civil de 1975. No excerto abaixo,

podemos perceber que o entrevistado se sente adaptado ao Brasil devido à sua qualidade de vida no país:

> Depois que veio para cá, já... falei: "- aqui eu vou fazer minha vida... aqui vou tocar minha vida... aqui vou passar fome, aqui vou passar alegria, vou continuar e toquei". Muita gente pensaram, fizeram aqui a vida deles, voltaram. Eu conheço um amigo meu, olha ele [*aponta para o amigo e ri*], voltou e apanharam muito. Não é caso dele, tem muita gente voltaram e apanharam muito. É fogo Michelle! Mas, onde a gente vive bem, onde a gente construiu a vida, essa aí nossa Terra Natal, essa aí nossa pátria. Se você tá feliz aqui, pra que eu vou procurar outro canto? Ou pra que vou fazer teste? Procurar uma coisa que não perdi... pra que? Eu tô bem, tô feliz aqui, pronto. Mantenho no meu local. Aumento minha felicidade, no lugar que procuro outro canto. (H3_57)

Interação social como fator de adaptação

Diante de todos os fatores expostos acima, ao serem questionados, em diversos momentos, sobre a adaptabilidade no Brasil, muitos dos entrevistados demonstraram que a interação social foi um fator fundamental no processo de adaptação. Observemos:

> Não. Só pra acertar as línguas, é::... claro né, a::... como que vou... a experiência, por exemplo, você vai nessa rua não sabendo o que tem lá. Quando vai, você vai decidir, vai entender por que não precisa ir nessa rua, tô dando exemplo. Então, rodando... rodando pra ver tudo, pra ver muita coisa, você vai decidir depois. Então, por exemplo, chega aqui no Brasil: "– Ah, pode ir na favela, não sei o que tem na favela", coloca aquele trauma, a turma nossa dando conselho. Eu fui na favela, não tem nada, povo igual eu, até melhor, entendeu? Tirando a meia dúzia que é da droga, não sei o que... que são meia dúzia mesmo. O resto meu... é povo, vamos viver, acabou, sabe? Aí eles colocam a ideia, ou até a televisão coloca a ideia na cabeça pro povo ficar afastado, não entendo por que... mas, é isso. (H2_33)

> Não, não é igual. Eu tenho contato com todo mundo. Com os libaneses eu tenho muitos amigos, mas eu vivo no Brasil, então tem que ter de todos... não tô falando que vou negar os outros... ou depende, volta... depende do que você faz na vida, do seu jeito, e o que você quer, entendeu? Aí se você... se eu vou ficar sentando só com a meia dúzia dos libaneses, então vai aprender o árabe que faltava de... esse vai aprender, e fica no mesmo lugar. (H2_33)

> Não… não. Acostumei aqui… acostumei aqui, criei minha família aqui, então… mesmo que não tivesse a família e tal, acho que ficaria no Brasil. (H4_61)

> Tem... sempre tem amigos brasileiros, não tem como, também eu trabalho com brasileiros direto, o dia inteiro, então a gente faz bastante amizade com brasileiros. Tem::... uma equipe brasileira e uma equipe árabe. A escola é bilingue, então a gente convive. (M1_45)

> É::... deixa eu pensar... é, agora já sei de tudo quase, o país, a rua, o metrô, ônibus... o povo, pensamento, comportamento... tudo ficou... Tudo ficou mais claro para mim. Mais difícil nada, mas foi mais fácil é::... reconhecer as pessoas, com maturidade... com mais calma... com mais, é::... comunicação entre as pessoas. Você consegue se comunicar com as pessoas... abertamente, entendeu? Não. Mais à vontade, essa é a palavra certa. Fiquei mais calma, tô vendo as coisas em claro, mais é::... Madura, maturidade... tudo. Eu me sinto mais à vontade, quero falar com você eu falo, não quero então, fico na minha. (M3_42)

> É, não tem aquela dificuldade mais, que nem antes. Mas eu posso dizer que, hoje em dia, quase... quase não tenho dificuldade em nada, porque eu me sinto mais à vontade. Não sou obrigada a fazer essa coisa, não sou obrigada a ficar amiga dessa pessoa... ou amigo, namorado, e tal, entendeu? (M3_42)

> Agora::... graças a Deus, não tenho. Agora eu sei falar, eu sei passear, eu sei conversar. Parou de trabalhar, agora eu... [*risos*]. Antes, é::... eu passava semana de Natal e Ano Novo em Água da Prata... Lindóia... São Lourenço... Poços de Caldas. Minas... Minas bonita. Aqui

> no São Paulo, Andradas... eu fui também, em Andradas, passei uma semana com minha amiga... e aqui em São Paulo, no Porto Feliz, tem minha amiga que tem sítio... a gente ia lá, várias vezes. (M4_72)

Como podemos observar nos excertos acima, os entrevistados afirmam que a integração com a população brasileira e o conhecimento da língua, da cultura e da organização do país contribuíram para sua adaptação e, para alguns, sentirem-se pertencentes ao povo brasileiro.

Segundo Bakhtin (2002), o indivíduo se forma e transforma a partir da sua relação com o outro, sendo a língua resultado dessa interação inserida dentro do contexto social em que os sujeitos se encontram. Portanto, aprender a língua, os costumes, as vestimentas, a alimentação e a cultura em geral, é o principal meio encontrado porestes imigrantes para se inserirem em um novo contexto social.

A partir de então, podemos observar o fenômeno da polifonia, em que o imigrante libanês passa a ser constituído dos aspectos trazidos de sua cultura de origem em conjunto com a cultura ocidental do meio em que está inserido. Podemos verificar, nos excertos a seguir, que os entrevistados pontuam que o fato de “se misturarem” com o povo brasileiro possibilitou a eles uma maior facilidade à adaptação.

> Conversar, essa é a primeira coisa. A segunda, outro hábito, outro costume, outro povo, só dia a dia já comecei a acostumar com o povo brasileiro comecei a misturar com eles... é povo muito... muito bom. Povo acolhido, esse povo brasileiro. Aí a gente começar a acostumar. (H3_57)

> Aprendi com::... na prática, dia a dia, convivência com o povo brasileiro, já aprendi um pouco. Aliás, até hoje a gente fala errado, mas... mas escapa, fala errado, mas entende mais. (H3_57)

> Até depois fiquei em São Paulo, quando mexendo com essa atividade conheci uma mulher brasileira, gostei dela, gostou de mim, aí... juntei com ela. (H3_57)

> Misturado. Brasileiro mais do libanês. É porque, a convivência com ele, tem que fazer amizade com eles, e::... amigos libaneses... tem amigos libaneses, mas só convive com o brasileiros mais do que libaneses. (H3_57)

> É, foi tipo, uns seis meses, já tava… já tava me virando. Mas também, único que… único que tava lá, num boteco, que tinha trinta, quarenta pessoas falando português, todo mundo querendo me ensinar, ou tirar sarro, ou tirar casquinha, eu tinha que aprender. (H4_61)

> É::... não, televisão. Televisão e a loja, eu descia todo dia na loja do meu marido. (M1_45)

> Eu fiz, eu tive uma::... uma::... uma vizinha lá, apartamento pequeno na Mooca, eh::... Susana. A gente ficou amigas, eh::... não fiz com brasileiros, não. Porque::... meus filhos tavam na escola bilíngue, Lycée Pasteur, então... não tinha, só tinha libanês, quase, e::... franceses, pouco. Por isso, não tinha. (M2_53)

> Ótimo... ótimo. Todo mundo gosta de mim. Verdade! Mesmo com a máscara, eles me conhecem. “- Ah, sotaque! Você é de onde? Da Turquia?”, “- Não!!!” [*risos*], eu brigava. (M3_42)

> Gostam, é... gostam da nossa cultura, da nossa convivência, da nossa... comportamento, tudo. É o contrário, até eles perguntam: - Você gosta daqui? Amo! Aí não existe mais outra pergunta pra você poder fazer... não existe. (M3_42)

3.2. Elo com a terra natal

De acordo com o eixo temático *Elo com a terra natal* estabelecemos seis conteúdos temáticos:

1. falta de perspectiva em relação à terra natal
2. o olhar libanês como não pertencendo a uma dada situação
3. o tempo como fator de distanciamento e de manutenção do elo com a terra natal;
4. desejo de pertencimento à terra que o acolheu;
5. perspectiva de retorno;
6. sentimentos subjetivos como marca de não pertencimento ao contexto social brasileiro.

Conteúdos temáticos

Falta de perspectivas em relação à terra natal

Devido aos problemas econômicos e políticos enfrentados pelo povo libanês até os dias atuais, ainda como resquícios da Guerra Civil Libanesa que perdurou 25 anos, entre 1975 e 1990, nossos entrevistados demonstram em seu discurso que ainda guardam lembranças dolorosas do período vivido na guerra e que, mesmo tendo passado mais de 30 anos desde o seu fim, eles continuam não acreditando em uma perspectiva de melhoria econômica, política e social em seu país de origem.

> Não tem lembranças boas, porque tudo é guerra. Na minha época, fase guerra. Dinheiro tinha, mas não tem onde gastar. Não tem discoteca, não tem restaurantes, apesar tem, mas... não tem ambiente pra ir pra esses lugares. Ambiente. Roupa camuflada, armas, a vida no exército. Lembrança::... lembrança boa só minha família, amigos... a convivência com amigos, resto... não. Tem lembrança de água e de comida, só. Não tem mais nada. (H3_57)

> É, a gente::... a gente tem muitas lembranças boas, assim, eu::... eu tive uma fase assim, bem legal, só que a gente tem aquela lembrança de guerra. É, a gente tem bastante lembrança da guerra, sabe? Porque eu passei... eu cresci na guerra. A guerra começou em 75 no Líbano, eu nasci em 75. (M1_45)

> É, eu não convivi... isso não. Meu pai fala do Líbano, né? Então a gente cresceu, assim, numa época... eu... eu cresci numa época muito, muito difícil. Vivia fugindo, é. (M1_45)

> No fundo, no fundo, tem aquela saudade, mas... abertamente... difícil. Porque a pessoa que viveu a guerra, que viveu conflito até hoje, difícil dizer palavra positiva... da situação. Até hoje estamos vivendo a guerra, mas não... fogo, sabe? Mas... saudades. Sofro pelo povo que tá passando, só e mais nada. (M3_42)

No trecho ***"Até hoje estamos vivendo a guerra"***, extraído da entrevista de M3_42, podemos observar que os libaneses enxergam que a guerra terminou, mas o seu rastro permanece nos problemas enfrentados cotidianamente por eles. As falas a seguir, do entrevistado H4_61, demonstram que a guerra não causou apenas problemas políticos e econômicos, mas também deixou marcas profundas nos indivíduos que nela viveram:

> Era bem agitada. [risos] É que tinha::… sabe, o Líbano na época que eu… já, tipo… era moleque, adolescente, já tava em guerra, então o::… todo mundo lá respirava… você respira política, você vive política, respira guerra, vive guerra, vive violência, então já… eu acho que também, assim, um ponto que eu penso, que o maior prejuízo, o maior prejuízo da… da guerra civil… de qualquer guerra… não é as paredes que cai, não é as construções, não é as pontes ou infraestrutura, e::… aliás, aqueles que morrem você perde e muito mais perda é a mentalidade de quem fica. Quer dizer, quem fica, sobrevive à guerra, quem não morre, fica com a mentalidade bem diferente do que se fosse vida normal. (H4_61)

> Eu tinha perdido sim, lá eu tinha perdido. Lá no Líbano eu não era a mesma pessoa que eu sou aqui. Lá no Líbano eu::… não aguentava se alguém::… qualquer coisa, mínima coisa, eu já partia pra briga, pra agressão, pra::… porque vivia aquilo, que nem eu te falei, a gente respira aquilo, vive aquilo, então você não tem como fugir. E quando eu cheguei no Brasil aqui, também arrumei… arrumei algumas confusões também, e depois fui vendo que a vida não é isso, que a vida é outra coisa, que não é o que a gente carrega com a gente lá da… da… guerra. (H4_61)

As expressões sublinhadas demonstram que estes sentimentos foram compartilhados pelo coletivo, e que o entrevistado acredita que a guerra deixou marcas de violência na população libanesa em geral, sendo que aqueles que continuam vivendo no país não conseguiram superar essas marcas que, segundo ele, a saída deste ambiente o ajudou a superar: "***todo mundo, não tem como fugir, você"*** = no sentido de qualquer pessoa, um você indefinido; essas marcas mostram a generalização do caos e da destruição.

Temos na expressão ***"que a vida não é isso, que a vida é outra coisa"*** a argumentação conclusiva tal qual ilustrado por Kock (2001), quando afirma que alguns operadores argumentativos introduzem uma conclusão a respeito de argumentos apresentados em enunciados anteriores: como o portanto, o pois etc. Nesse nosso exemplo, é possível substituir o que pelo pois de forma permutável.

Através do discurso da entrevistada M3_42, podemos comprovar que, de fato, a situação do Líbano continua caótica mesmo anos após o fim da guerra, já que ela está no Brasil apenas há 5 anos, e afirma que não pensa mais em retornar ao país por falta de melhores condições de vida.

> Não nunca mais, mas só para passear. Só passear, mas para viver não. Porque nada da::... dava certo comigo. (M3_42)

> É, só pra passear. Mas pra viver, não. A não ser que eu vou juntar aqui uma fortuna... Pra viver o resto da vida, vai até cinquenta anos. Depois dos cinquenta anos, eu posso pensar em uma fortuna grande, pra poder viver no Líbano. Com essa fortuna sim [*risos*]... muita grana. Aí eu volto, mas senão... você não consegue. (M3_42)

As marcas sublinhadas acima demonstram que a imigrante usa muito os termos **"*não"***, **"*nunca mais"***, **"*não consegue"***, **"*não dava certo"***, ao se referir à um possível retorno à sua terra natal. Há um nível de certeza absoluta em seu discurso, ao usar os indicadores modais, ou modalizadores conforme afirma Kock (2001). São expressões lexicais cristalizadas ***(nunca mais; não dava certo***) que indicam essa certeza sobre sua situação.

A frase a seguir, do entrevistado H1_67, nos traz uma curta, porém emblemática percepção do imigrante que não deseja retornar à terra natal, por não acreditar mais em um futuro próspero. O uso do tempo verbal, seguido de uma expressão vocativa demonstra uma situação do mundo comentado citada por Kock (2001) como o compromisso do locutor com aquilo que enuncia (p. 51). Além disso, o pretérito perfeito indica a realização da ação conclusiva em sentido de que nada mais pode ser feito.

> Eh... lá... Líbano já era minha filha... acabou. (H1_67).

O olhar do libanês como não pertencendo àquela situação

Diante dos problemas enfrentados pela população libanesa expostos anteriormente, pudemos observar, nas falas de nossos entrevistados, que a distância do país de origem os faz sentirem como não pertencentes àquela situação. Vejamos:

> É, também... de tudo, de muita coisa. Então, se você vai escrever alguma coisa é sobre os libaneses... eu não vou dizer sobre os árabes, mas sobre os libaneses, seja fraterna... escreve coisa, sentimental, porque a gente merece, sabe... precisamos de reconhecimento, porque esse povo coitado, viu... não tem culpa do que tá acontecendo. Quer dizer, uma parte tem culpa, porque pelo dinheiro o pessoal estão fazendo de tudo, mas também tão fazendo isso porque eles não tão tendo chance de trabalho ou de, sabe... então às vezes ele é obrigado carregar uma arma para se defender... o pão de cada dia. Não porque tinha um inimigo... o pão de cada dia. Então era isso que eu queria te falar, só. (H1_67)

> Palavra que vem... a pena... a pena, país nosso eu gosto dele, não posso negar também. Eu que escolhi Brasil como minha pátria, não posso negar a primeira pátria. Eh::... a pena que, o meu país, infelizmente, vai ficar sempre dentro do coração, só. O país quando não aguenta o povo dela, aí não serve. Onde a gente vive aqui, onde ela aguentou, onde ela acolheu, é::... onde a gente sobrevive, aqui. Muito mais feliz do que lá. Lá não::.. insignificante. (H3_57)

> No fundo, no fundo, tem aquela saudade, mas... abertamente... difícil. Porque a pessoa que viveu a guerra, que viveu conflito até hoje, difícil dizer palavra positiva... da situação. Até hoje estamos vivendo a guerra, mas não.. fogo, sabe? Mas... saudades. Sofro pelo povo que tá passando, só e mais nada. (M3_42)

> Eu vi a pastoral, é::... São Francisco, assim... que dá marmita pra gente que mora na rua, a prefeitura dá cobertores, assim. Agora, o Líbano tá queimando... tá passando fome... o governo fica assim, olhando. Chegou de fora arroz, não sei lá, e... pegaram pra eles e deixaram povo.. não tem remédio, não tem água, não tem nada lá. Como vai... tô falando verdade, pergunta outra pessoa. (M4_72)

> Eu choro... como queimou esse país... tá queimando, o povo tá morrendo de fome. Imagina que você precisa de remédio e vai na farmácia não acha. Tem gente que faz... hemodiálise, não tem... tá morrendo. E o governo lá segura a vacina, segura a comida, segura e manda pro outro... pro outro lado da... da... (M4_72)

Diante das marcas sublinhadas nos excertos acima, percebemos que muitos imigrantes se referem aos libaneses em terceira pessoa, utilizando-se de termos como ***"eles"*** e ***"o povo"***, como algo exterior a eles. Alguns até iniciam sua fala se incluindo nos problemas, mas logo mudam para a terceira pessoa, demonstrando que, por viverem no Brasil e não lidarem cotidianamente com os problemas que assolam a população no Líbano, eles não se sentem pertencentes a isto. É possível afirmar que muitos desses entrevistados sofreram o processo de aculturação, pois não se enxergam como libaneses. É nítido o processo de alteridade nesse discurso: o indivíduo se constitui e se altera, isto é, os libaneses não são eles, são os outros, embora eles se constituam neles, mas se alteram para fora deles, para o externo, para o outro.

O tempo como fator de distanciamento e de manutenção do elo com a terra natal

Como exposto no conteúdo temático anterior, os dados coletados nessa pesquisa demonstram que o fator ***tempo*** obteve relativo destaque nas falas dos entrevistados.

> A saudade brota... não... não... sabe por quê? Quando você tá longe, eh::... a saudade acaba... o amor acaba... tudo acaba quando você tá longe, e uma hora vai no esquecimento, entendeu? Eu tenho saudade da minha mãe, mas eu não fico pensando 24 horas. Às vezes, sabe... me dá uma dessa. Agora, eu tenho saudade de ver minha neta, essa pequenininha. Eu tô aqui na minha casa e ela está aqui perto, tenho vontade de ir, mas também não vou. Então é isso aí, tudo também depende da gente saber administrar nosso sentimento. (H1_67)

> Hoje, a respeito do Líbano, pra mim saudade::... no seco, totalmente. Diminuiu bastante, não tenho mais saudade. Aconteceu por causa... que que adianta? Tô aqui no::... nesse país que... mais de 30 anos. Onde existe saudade? Acabou. Morre. Morre sozinho. A saudade também, quem inventou a saudade, ele não sabe que existe distância. [*risos*] (H3_57)

> Ah, diminui. Cada vez diminui. Que nem dizem: "- Nada melhor do que o tempo pra curar qualquer coisa". (H4_61)

Como podemos observar nos excertos acima, para alguns dos entrevistados a saudade e o desejo de retorno ao país de origem diminuíram com a passagem dos anos, como pontua H4_61 quando diz: ***"- Nada melhor do que o tempo pra curar qualquer coisa".*** Entretanto, há uma outra perspectiva no excerto abaixo:

> É... [*risos*]. Cada ano piora mais. É, a gente... a gente convive né? Mas isso não quer dizer que a gente não sente aquela saudade... aquelas lembranças, né? Mas graças a Deus, quando a gente dá pra ir, a gente tá indo sempre. [...] (M1_45)

Notamos que na fala da entrevistada M1_45 a passagem do tempo, para ela, tem aumentado a saudade de sua terra natal e, por isso, ela visita o país sempre que pode. Faz-se necessário ressaltar que o rompimento do elo com a terra natal com o passar dos anos é muito mais evidente nas falas dos entrevistados homens do que das entrevistadas mulheres, o que pode nos levar a crer que, dentro da cultura libanesa, a imigração não é um fator opcional para boa parte das mulheres. Este tema será melhor trabalhado mais adiante, ao abordarmos outras questões trazidas à tona por nossas entrevistadas.

Desejo de pertencimento à terra que o acolheu

Mediante o que foi exposto e analisado, consideramos relevante ressaltar alguns excertos em que os entrevistados demonstram um profundo desejo de pertencerem à terra que os acolheu e a não identificação com sua terra de origem:

> Quando voltei pro Líbano, eh::... gostei. Onde nasceu, onde estudei, eh::... encontrei alguns amigos, que a gente vivia junto. Só, infelizmente, sentiu que não é mais meu lugar aqui, tem que voltar pro Brasil. Hoje 100% o Brasil. Viver lá nunca. Nem Líbano, nem outro país também, não troco. País muito bom, maravilhoso. (H3_57)

> Sinto, sim... e tenho documento, tenho passaporte... tudo [*risos*]. Sim, esta terra... é a minha terra. Eu quero passar minha vida aqui... e eu vou morrer aqui. (M4_72)

Verificamos, então, que as falas destes imigrantes possuem marcas decisivas, como o uso dos termos ***"não é mais meu lugar"***, ***"tem que voltar"***, ***"lá nunca"***, ***"eu quero"*** e ***"eu vou"***, que demonstram um verdadeiro rompimento do elo com a terra natal, ao ponto de se identificarem mais com a cultura brasileira do que com sua cultura de origem. São operadores do nível da certeza absoluta. Isto fica ainda mais evidente nos excertos a seguir, em que os entrevistados afirmam que seus planos para o futuro

não incluem o retorno ao Líbano, ou seja, sobre o espaço – tempo, o lugar e o momento escolhidos é o Brasil.

> Em Foz do Iguaçu, senão Balneário Camboriú. Se Deus me dá mais anos de vida, né. (H1_67)
>
> Preciso::... com brasileira. Eh::... quero viver minha vida um pouquinho afastada de São Paulo... 50 km para frente também, tá bom. É esse que pretendo fazer. Interior de São Paulo. (H3_57)
>
> De voltar a morar lá, hoje em dia… hoje eu dia eu não… não volto. Não… não. Acostumei aqui… acostumei aqui, criei minha família aqui, então… mesmo que não tivesse a família e tal, acho que ficaria no Brasil. (H4_61)
>
> Não, família… assim, da minha família não, só tem tios e tias da parte da minha mãe. Não… não. Só se eu, assim, eu gosto de ir lá pra rever familiares, matar a saudade, mesmo que seja das pedras, ou da terra, ou da rua, ou da::… da árvore onde que eu perdi um pássaro lá… Passeio e volta. (H4_61)
>
> Não, eu não deixo. Se ele vai passear 1 mês, assim é. Mas por ficar lá, não. Sim, por passear 10 ou 15 dias... eu gosto ver minhas amigas que eu falei, passei a vida com elas... é mas, pra ficar, morar, não. Eu vou morrer aqui. [*risos*] (M4_72)

Perspectiva de retorno

Apesar de alguns imigrantes demonstrarem o rompimento do elo com a terra natal e não desejarem retornar, pudemos observar também, a partir dos dados coletados, que parte dos entrevistados tem, ou já teve, o desejo de retorno. É o caso do entrevistado H2_33, que veio ao Brasil em 2014 para passear e acompanhar os jogos da Copa do Mundo realizada no país, e acabou ficando por aqui. Jovem, solteiro e há pouco tempo no Brasil, ele evidencia que ainda não criou laços profundos que o mantenham por aqui.

> Penso, claro. Um dia vou voltar. (H2_33)
>
> Vontade::... às vezes amanhã, eu pego e vamos embora. Tem que passar uns 30 dias, ver a turma. Tá tudo largado lá. (H2_33)

Já as entrevistadas M1_45 e M2_53 dizem que já fizeram planos de retorno à terra natal, M1_45 tendo, inclusive, retornado para viver no país durante o período de infância dos seus filhos. Entretanto, a prosperidade de seus maridos no Brasil às fizeram permanecerem aqui.

> Ah claro, porque a minha ida no Líbano... naquela época que a gente ficou os 9 anos, aí você também... se adaptou bastante lá, a gente... meus filhos se adaptaram... então, pra eles vim aqui... pra meus filhos deu um pouquinho de problema, porque eles já não... não falavam o português, eles tinham que falar mais... aprender de novo o português, aí::... a saudade dos primos, dos avós, sabe? Que eles cresceram com eles, mas assim... a vida né? (M1_45)
>
> O português, é... não! Português não! Mas é porque eu falei: " – Não, eu vou voltar pro Líbano, não vou trazer professor pra aprender, essas coisas... não, não, não". Eu tava... eu tava, eh::... recusando tudo, eu quero voltar. (M2_53)

> Sempre eu penso voltar pro Líbano, sempre. Mas não é aquele paixão, antes. Ai [*suspiro*], assim. Então, eu, ano passado não fui pro Líbano por causa da pandemia, então passou... normal. Então, mas esse ano eu falo: "– Se eu não tomo vacina, não vou também. Mas se eu tomo eu vou [*risos*], sem falta". (M2_53)

> Eu tinha plano antes... tinha, tinha planos... que já comprei apartamento lá, tá tudo assim... mas agora os filhos que não vão. Então, não posso::... eles moram aqui... só quando eles se casar, sim. Depois a gente passa lá e vem pra cá, assim. Mas planos pra morar lá, não... não. Sim, sim, lógico... não tem jeito. Às vezes eu vou passar 6 meses lá, 6 meses aqui perto, do lado deles, mas pra morar lá e eles aqui, não. Nem pensar. (M2_53)

O trecho em que a entrevistada M2_53 diz que, ao chegar no Brasil, se recusava a aprender a língua porque desejava retornar ao país de origem confirma nossa hipótese de que, dentro de uma sociedade tradicional e patriarcal como são as sociedades árabes, parte das mulheres não emigram por vontade própria, mas sim para acompanharem seus maridos. Diferentemente dos homens, retornar ao país de origem, principalmente após de casarem e terem filhos, não se apresenta como uma opção a elas, a menos que o marido assim deseje.

Sentimentos subjetivos como marca de não pertencimento ao contexto social brasileiro

Embora nossos entrevistados tenham demonstrado em seus discursos o quanto se sentem integrados à sociedade e à cultura brasileira, apresentaremos neste tópico alguns excertos que podem nos mostrar que a aculturação desses imigrantes não se concretizou totalmente, ainda que estes aspectos sejam imperceptíveis a eles.

> Sentimento, sofrimento sim... até hoje, esse aí não apaga. Agora sinto, vamos supor::... 40%. Mas, até chegar nos 40%, sofri 100%. Da mãe, da família, do::... da comida, eh::... lá, você, roupa lavada, passada, comida na mesa. Aqui não, aqui você tem que lavar, tem que passar, tem que fazer comida, ou vai lá no boteco pra comer... um dos dois. Esse aí a gente sente muita falta. Depois veio minha família, por vezes... por etapa vieram. (H3_57)

> Sinto. De vez em quando procura uma música de... de lembrança, aí procuro no google... coloca, escuta, aí apago e pronto. Pulo pra sertanejo. [*risos*] (H3_57)

O entrevistado H3_57 que, como exposto anteriormente, havia afirmado que o Líbano é insignificante para ele, nos revela, em um segundo momento, que a saudade e o sofrimento pela saída do país permanecem ***"até hoje"***, como sublinhado acima. Ele confessa que procura ouvir músicas de sua terra para reviver suas lembranças, ainda que depois troque por músicas brasileiras.

> Lembranças de… ficar acordado até três da madrugada, aí ir para o::… os fornos lá que fazem o pão, a gente fazia aqueles *managish b zaatar*, aí fazia o desjejum... tinha o::… *managish b zaatar* com chá, aí quando clareava o dia a gente ia lá pra os::… pra as chácaras lá, pra o::… pras chácaras ao redor da cidade pra caçar passarinho. Chega hora de almoço, a gente almoça o que a gente caçou, e dorme [*risos*]... as vezes. Isso aqui na época enquanto não tem escola, na época da escola a gente::… ia pra escola e ficava. Assim, uma vida… vamos dizer, muito mais calor humano que é no Líbano, é muito mais::… se sente mais acolhido, mais assim… com calor humano. Mas qualquer país tem o… as coisas boas, e tem as coisas ruins. Aliás, tudo na vida tem os dois lados da moeda. Então…(H4_61)

> Ah, vem… árvore de damasco, vem… minha casa, e vem a imagem da… destruição da guerra civil. Porque na minha região planta muito damasco, então a gente convivia muito com damasco lá, então por isso a primeira coisa, quando fala Líbano, muita saudade da::... daquela fruta. (H4_61)

Já o entrevistado H4_61, apresenta um discurso carregado de sentimentos de saudosismo, trazendo à tona as lembranças de sua infância no Líbano, resgatando memórias de vivencias que ele só teve em sua cidade natal, devido às características próprias daquela cultura, como o *managish b zaatar* (uma espécie de esfiha aberta em tamanho de pizza, coberta pela especiaria *zaatar*, típica daquela região), da caça de passarinhos e da árvore de damasco.

> Ah, mais difícil pra mim saudades... as saudades de lá. Sim. Eh::... não é tanto, não. Mas eu sinto saudade... do Líbano, de minha casa, da minha cidade... eu sinto sim. Falta do país e do::... cidade, minha cidade pequena, não é o::... eu não::... não sou de cidade grande, Beirute, não.... no norte do Líbano. Eu sinto saudade da... da cidade mesmo. Minha mãe, meus irmãos, tudo. Mas, em geral, eu sinto saudade da cidade toda. Da cultura também... é, também. Não é coisa que... porque, eh::... na minha época, eu já::... ia pro... pra faculdade, eh::... eu tinha carro, eh::... tinha meu dinheiro, pra comprar tudo o que eu quero. É, minha vida tava muito bom lá. Melhor lembrança, da minha vida... (M2_53)

> Não, a única coisa que eu sinto falta da minha amiga, era minha vizinha lá no Líbano, mais ninguém. (M3_42)

> Música eu escuto de vez em quando aqui, pra poder não esquecer a... a língua [...] (M3_42)

> Claro... claro. Sente falta das minhas filhas, mas o que posso fazer? (M4_72)

Por fim, as entrevistas M2_53, M3_42 e M4_72 apresentam um discurso saudosista principalmente em relação ao elo que ainda possuem com familiares e amigos deixados no país de origem. Elas ressaltam a saudade da mãe, dos irmãos, das filhas e das amigas, ainda que a falante M2_53 também apresente uma forte ligação com sua cidade natal.

Através deste conteúdo temático podemos concluir que, apesar de muitos negarem, há marcas significativas de saudosismo que os impedem de ingressarem de maneira total na sociedade brasileira. Segundo Magalhães e Oliveira (2011), o conceito de alteridade para Bakhtin e Vygotsky relaciona-se ao outro, a tudo aquilo que é

diferente, que difere o indivíduo na sociedade e o indivíduo em sua unidade. É possível notar que os discursos de nossos entrevistados apresentam peculiaridades de sua cultura, ou seja, do indivíduo em sua unidade, que não fazem sentido fora do contexto de sua terra natal e que, em alguma medida, continuam os diferenciando dentro da sociedade ocidental.

3.3. Herança Cultural

De acordo com o eixo temático *Herança Cultural*, estabelecemos três conteúdos temáticos:

1. desprendimento em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança;
2. respeito à autonomia em relação às escolhas dos filhos;
3. preocupação em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança.

Conteúdos temáticos

Desprendimento em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança

Ao elaborarmos as perguntas que seriam feitas aos nossos imigrantes, nos despertou o interesse em saber como é para um imigrante criar seus filhos longe de sua terra natal. Ao serem questionados se há a preocupação em transmitir sua cultura aos descendentes, alguns demonstraram que não, por diferentes motivos:

> Não, eu não tive essa preocupação. Eu vou te falar porque... porque eu não tinha plano de voltar a morar no Líbano, por isso. Então... quando é assim você não se importa muito. Talvez se importa assim... por uma tradição... pra conservar, sabe... mas eu acho que isso não é o mais importante. O mais importante eles tá vivendo felizes, trabalhando, criando uma família... porque o resto tudo é resto Michelle, tá... então é isso. (H1_67)

> Aí onde foi... aí é... totalmente também diferente, porque::... onde entrei na linha, acostumei. Como eu não sei, a primeira viagem também, a mãe dele sabe mais do que eu e ela que ajudou a criar bastante. E hoje, eu agradeço o Brasil por causa da criação dela. Mesma coisa você agradece sua mãe, porque ela que tem mais... do que... do que pai. Essa por natureza. Eu falo graças a Deus hoje, não correu atrás malandragem, não correu atrás... pelo contrário, focou o estudo dele até formou e::... e graças a Deus. (H3_57)

> 15% sim, só 15% passou minha cultura pra ele. Bom, só... onde quero chegar... que nem, ofereci uma viagem para lá, pro Líbano, fala: "- não tem nada pra fazer lá no Líbano, prefiro... prefiro aqui no Brasil, qualquer lugar no Brasil é melhor do que o Líbano". Realmente, hoje, eu concordo com ele. Vai fazer o que lá no Líbano? Só pra comer, beber, dormir, e sair gritaria. (H3_57)
>
> Eu criei eles aqui, no meu país, no Brasil. (H4_61)
>
> Meu filho criou aqui, tudo cultura brasileira. Ele nasceu aqui, ele estudou aqui, ele frequenta os brasileiros, ele não conhece nenhum amigo árabe, até o filho de Wadih, filho do Abdo, conhece assim... cada 2 ou 3 anos... cada 5 anos. (M4_72)
>
> Cultura meu? Eu passo pra ele ficar honesto, é::... ajuda gente que precisa, não faz coisa errada, anda bem direitinho... (M4_72)

Como podemos perceber nos excertos acima, aqueles imigrantes que demonstraram anteriormente uma forte ruptura com a terra natal e o desejo de pertencer à sociedade brasileira, como H1_67, H2_57, H4_61 e M4_72, são os mesmos que alegam não terem se preocupado com a transmissão de sua cultura aos filhos. H1_67 afirma que não teve essa preocupação por não ter pensado em retornar à terra natal, enquanto H3_57 alega que o filho obteve mais influência da mãe na criação, que é brasileira. As marcas linguísticas sublinhadas nos excertos nos auxiliam a perceber a falta de interesse destes entrevistados na transmissão cultural como herança, principalmente pelo uso dos termos ***"eu não tive"***, ***"não acho importante"***, ***"não tem nada pra fazer lá"***, ***"criei aqui no meu país"***, ***"nasceu aqui"***, ***"estudou aqui"***.

Entretanto, não podemos ignorar os traços culturais que, ainda que imperceptíveis aos entrevistados, permanecem na forma como preocupam-se com a criação dos filhos, pois notamos a semelhança nos discursos em relação aos valores passados adiante. Marcas como ***"ser honesto"***, ***"não correr atrás de malandragem"*** e ***"criar família"*** são valores morais defendidos com afinco de sociedades tradicionais, como as de cultura árabe.

Preocupação em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança

Ao analisarmos os dados coletados, constatamos que há uma diferenciação entre os discursos mencionados no conteúdo anterior, em que pudemos notar que a maior parte dos entrevistados homens, casados e que vivem no Brasil há mais tempo

são os que afirmam não se preocuparem com a transmissão de sua cultura aos filhos, ao contrário dos excertos que mostraremos a seguir, onde há sim a preocupação em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança:

> É, então... aqui é a dificuldade que você tem que::... manter o costume, manter a religião, manter tudo... celebrar todas as festas, as comemorações, então... que é... que a gente vive no Líbano, assim, em geral no país, e aqui não, só em casa... isso foi um pouco difícil. Mas, assim, foi... eles foram adaptando... se adaptando, né? (M1_45)

> É, aqui a cultura e a religião é um trabalho... não falo em dobro, é mais do que o dobro, né? Porque eles vão conviver com as duas culturas. É, aqui... os costumes daqui e os costumes do Líbano. É difícil, sim, não é fácil manter tudo, mantém né? Isso. (M1_45)

> Sim... sim. É, não é fácil, pra falar a verdade, gente fala a verdade, não é fácil pra ninguém, né? A escola agora ajuda um pouquinho a comunidade, aqueles que tem crianças dentro da nossa escola, então ele tá vivendo um pouco esse... esses costumes. Mas se você tá longe, você vai perdendo, é::... vai perdendo, não tem como manter se você não trabalha sobre isso. Aí depois... agora são uma fase são adultos, eles já sabem as... os que a gente passou lá no Líbano ajudou eles a manter isso também. Não vou esquecer desse tempo porque esse tempo era... o tempo deles crescerem, então voltei com meu filho com 14 anos, então ele já tem essa... essa base, vamos falar. Mas::... ninguém sabe... porque tudo muda, né? (M1_45)

> É que o Islã, assim, ele busca essas reuniões familiares. a gente tem, né? A gente tem isso. Eu lembro que tem, assim, tem uns Sheiks que falam que é contra essas coisas de comemoração de Natal, mas tem uns Sheiks que falam: ‘’- Por que não? Não estamos fazendo nada de errado, a gente por contrário, estamos se reunindo, coisa com Islã sempre fala pra se reunir, independente qual motivo, independente qual a ocasião, a gente tá se reunindo, a gente tá vivendo momentos... família, momentos de::... de amor, de amizade, de felicidade, então porque não?’’ E a gente acredita também em::... em Jesus, então por que... Jesus é um profeta, então a gente acredita, então a gente comemora, normal. Tudo o que é pra felicidade dos nossos filhos, pra gente, pro::... pro mundo é bom. (M1_45)

> É, a gente::... é muito... é muito... como assim... eu criei, eh::... eu criei como de lá, né... eu queria criar como de lá, eu já criei, quase, mas a gente... é muito, muito difícil, também, porque::... acaba virando outra coisa quando eles crescem. [...] (M2_53)

> Então, eu quero a gente continua com a gente é, né... a gente não esquece. Até se a gente ficou lá em cima, não esquece onde a gente cresceu, onde a gente::... onde é o país, nunca. Eu quero que sempre o Líbano no seu pensamento, pensamento dos meus filhos, todos os filhos libaneses, porque um país eh::... um país todo mundo que gosta. Então... essa aqui. Nunca esquece, não quero que você esquece o Líbano. (M2_53)

> É, sim. Eu ensinei, ele fala. (M4_72)

> Comida é... comida árabe ele come, mas não é todas as comidas. (M4_72)

> Claro, claro... com toda a certeza! Tem que ir ver como que viveu o velho, né... [*risos*]. Vai chegar, apanhar, você não sabe nada. (H2_33)

Os excertos acima, em que há a afirmação do desejo de manterem vivos os traços culturais entre seus descendentes foram, predominantemente, extraídos dos dis- cursos das mulheres, o que pode nos levar a concluir que, assim como mencionado em eixos temáticos anteriores, o fato de parte das mulheres libanesas que emigraram o fizeram não por decisão própria, mas para acompanharem seus maridos, fez com que muitas permanecessem com um forte desejo de retorno ao país de origem, bus- cando manterem vivos os traços culturais entre seus filhos.

A entrevistada M1_45 traz à tona não só a questão cultural, mas também reli- giosa. Sendo ela a única entrevistada mulher islâmica, ela aponta a dificuldade em manter os costumes e as tradições, principalmente aquelas ligadas à religião islâmica, que possui características próprias das sociedades árabes, dificilmente encontradas no ocidente. É interessante notar que os demais participantes não abordam a questão religiosa como uma dificuldade, diferente de M1_45, que demonstra ter um esforço redobrado para transmitir e manter suas crenças dentro de seu lar.

O último excerto apresentado acima foi o único retirado do discurso de um en- trevistado do sexo masculino. H2_33 foi o único imigrante homem a afirmar, com cer- teza, que levaria seus filhos à terra natal para que tenham contato com a cultura do pai. Neste caso, podemos apontar alguns aspectos possíveis para justificar esse com- portamento específico, como o fato de H2_33 ser um jovem solteiro, que vive no Brasil há pouco tempo (desde 2014), e que ainda não estabeleceu vínculos efetivos no país, o que o leva a demonstrar um desejo claro de retorno e transmissão de sua cultura aos descendentes.

Respeito à autonomia dos filhos em relação às suas escolhas

Mediante os conteúdos temáticos apresentado anteriormente, assim como al- guns entrevistados afirmam não haver uma imposição quanto à transmissão de sua cultura, muitos demonstraram respeito às escolhas dos filhos, principalmente após tornarem-se adultos.

> Não… não. O que eu quero é que eles sejam felizes, eu não quero que… que eles sejam meu espelho, não quero que eles sejam… quero que eles sejam felizes. Ensino eles a ser feliz. (H4_61)

> É… eu acho que eles vão… vão tá bem, porque… nasceram aqui, eles sabem… acostumaram aqui, então pra eles não… não vai tá diferente. Levar eles, ou::… de pensar em levar eles pra lá, não. (H4_61)

> Eu quero que meu filho… uma, que eu quero que meu filho seja feliz e eu quero que ele seja… vou te responder numa coisa, meu filho tá fazendo vestibular e tal, tal, tal… pra engenharia e ele veio me perguntar: " - Pai, o que eu faço… eu não perguntei nem pra você sobre meu curso. Eu sei que você vai falar pra mim fazer o que eu quero, mas se eu for por você, o que te daria orgulho? Ser médico ou ser o que?" Aí eu::… o que respondi pra ele vou te responder, pra você ter ideia. Eu falei pra ele: "- Victor, você pode ser um médico mau caráter, que eu vou me envergonhar de você. E você pode ser um lixeiro ou um engraxate, com um bom caráter, que vou me orgulhar de você. O que vou me orgulhar de você é o seu caráter, não é… não é sua posição". (H4_61)

> Sou, tanto que minha filha namora e o namorado vive lá na minha casa [*risos*]. Pra nós, vamos dizer, o que seja uma intolerância, pra mim eu tô aqui no Brasil, então… eu acho que::… mesmo gostando, ou não gostando, eu tenho que respeitar… uma, a opinião dela… duas, a cultura daqui, e… o motivo maior: quanto mais você prende, mais você tá induzindo ao erro. Eu acho que… penso assim. (H4_61)

> Eu só quero falar pra todos os patrícios deixar os filhos viver feliz, procurar a felicidade deles, e respeitar o ambiente que eles vivem, não força a nada. (H4_61)

Analisando os excertos acima, sublinhamos trechos que destacam o desejo desses pais de que seus filhos sejam felizes na terra em que vivem, ainda que esta terra não seja a terra natal de seus antepassados. O entrevistado H4_61 afirma que não quer que os filhos sejam seu espelho e que deseja que seus conterrâneos que aqui vivem, os ***"patrícios"*** como ele se refere, também respeitem a liberdade de escolha dos filhos. Um aspecto peculiar que este imigrante apresenta em seu discurso é o fato de ser muito aberto quanto ao namoro da filha, permitindo que o namorado frequente assiduamente sua casa, algo atípico no comportamento dos libaneses, mesmo àqueles que vivem no Brasil há muito tempo, pois o relacionamento antes do casamento ainda está rodeado de tabus historicamente construídos pelas sociedades mais tradicionais.

> Olha, eu queria dar um exemplo pra você: antes, quando a Stefani tava na escola, quando tava de 14... tá começando ficar menina, moça... eu sempre falo: " – não, eu quero minha

> filha casar só com libanês. Não vou aceitar casar brasileiro, ou::... não quero! Quero libanês e, lógico, católico". Agora não! (M2_53)
>
> Agora, é::... agora eu... Então, você sempre... e até ficou na cabeça da Stefani também. Agora não, eu mudei totalmente, eu falei: " – não, tem muitas... eu gosto do Brasil, gosto do... do povo do Brasil, então::... não, se ela achou alguém que vale a pena, que vai... vai deixar ela viver como ela tá vivendo aqui, porque não?". Ela não vai trazer coisa... qualquer um, não! Ela vai trazer um igual ela, então::... não, mudei. Eu falei sempre agora pra ela: " – você gostou um brasileiro, traz ele. Nem eu, nem seu pai, eles vão... a gente vai falar nada". (M2_53)
>
> É, a gente::... é muito... é muito... como assim... eu criei, eh::... eu criei como de lá, né... eu queria criar como de lá, eu já criei, quase, mas a gente... é muito, muito difícil, também, porque::... acaba virando outra coisa quando eles crescem. Como a Stefani fala, antes na escola, eles faz, eh::... sempre 3 dias, 4 dias de viagem, a gente não deixava. " – Não, você não vai". (M2_53)
>
> Eu falei: " – Não, você não vai não Stefani, pai não deixa". Até agora ela fala: " – Mãe, você lembra? Vocês não me deixa ir", falei: " – Tá bom, mas agora já, você tá... tá viajando sempre, então não precisa falar". (risos) (M2_53)
>
> É, então, é essa aqui. Eu queria que ela... como eu falei, que case com libanês... é, quando ela vai com qualquer um brasileiro, " – Não, não amiga brasileira", antes eu fiquei revoltada... é, eu fiquei, mas::... depois eu falei: " – Não, não, não". Então, essas coisas. Mas, ela já, eles já cresceram com coisas que não tem... essa aqui não posso fazer, essa aqui posso fazer. Então, essa aqui já. (M2_53)
>
> Não, eles tá bem, eles tá bem. Agora eles já tá crescendo, ela tá crescendo, eles tá crescendo, eles se viram agora. Mas, as coisas que a gente, meus pais, colocou na minha cabeça, eh::... quando eu cresci, então::... tem que eu passei pra eles, e depois eles se viram. (M2_53)
>
> Eu gosto que eles fica bom, tem casa deles, vida deles, é::... trabalho deles, mais importante pra viver, entendeu? Fica nessa casa... esta casa meu, fica aqui se ele não... se eles não quis, pode mudar, pode vender. (M4_72)

Neste momento, fez-se necessário separar os dados entre mulheres e homens pois, como podemos notar nos excertos acima, as mulheres apresentaram uma dificuldade maior em respeitar as escolhas individuais dos filhos. Como já demonstrado anteriormente, há uma preocupação maior por parte das mulheres em transmitir a cultura aos filhos, o que dificulta a aceitação de certos comportamentos ocidentais em suas escolhas. M2_53, por exemplo, nos diz que teve muita dificuldade em aceitar que sua filha tivesse amigas brasileiras ou se relacionasse amorosamente com um homem brasileiro. É interessante ressaltar que esta entrevistada tem outros dois filhos

homens, mas sua preocupação volta-se para a figura da filha mulher. Isto ocorre porque na sociedade libanesa, quando a mulher se casa, ela perde o sobrenome da família e adquire o sobrenome do marido. Muito mais do que um registro em papel, mudar de sobrenome significa que a mulher passa a pertencer à família do marido. No Líbano, a nacionalidade libanesa só é concedida aos filhos de homens libaneses, o que causa grande preocupação quanto às meninas libanesas se casarem com estrangeiros, pois seus filhos não terão direito à nacionalidade de seus antepassados, algo que para sociedades tradicionais é muito relevante. Sendo assim, muitas famílias libanesas não veem grandes problemas em um filho homem casar-se com uma estrangeira, já que acreditam que a influência cultural e familiar dos filhos será mantida pelo pai, ao contrário da filha mulher que, ao casar-se com um estrangeiro, poderá perder o controle sobre a criação dos filhos nos moldes culturais de sua família, pois a sociedade libanesa é uma sociedade patriarcal.

Entretanto, devemos notar que a entrevistada logo nos diz que mudou sua visão com o passar dos anos no Brasil, o que demonstra ter sofrido intensamente com a aculturação, principalmente buscando o bem-estar dos filhos, pois como discutido anteriormente, a questão do casamento com uma pessoa de origem libanesa, principalmente para as mulheres, ainda é uma marca cultural muito forte nesses imigrantes.

3.4. O imigrante em meio a duas culturas

De acordo com o eixo temático o imigrante em meio a duas culturas, estabelecemos quatro conteúdos temáticos:

1. a imagem pré-estabelecida do estrangeiro;
2. estranhamento quanto aos costumes ocidentais;
3. ausência de enfrentamento quanto aos costumes árabes;
4. adaptação aos costumes ocidentais.

Conteúdos temáticos

A imagem pré-estabelecida do estrangeiro

Ao decidir sair de sua terra natal, o imigrante parte em direção ao desconhecido. Talvez o país para o qual ele esteja partindo não lhe seja estranho, mas com

certeza os desafios e as alegrias que encontrará são imprevisíveis. Ao deixar o seu país e partir em direção ao Brasil, o que será que os imigrantes libaneses imaginavam que encontrariam?

> Mato e macaco [*risos*]. Verdade, eh::... mato, mas por que a gente estuda na escola lá, na geografia... estuda o que? Que o Brasil, Rio Amazonas que existe no Brasil, aquelas árvores de 800 metros, que faz o pneu, não sei o que. (H2_33)

> Isso, aí escreve... está lá e a gente estuda, desde criança fala isso. Até tem perguntas nos testes, nos exames que faz pra passar o ano, aquelas coisas. E que é calor de sei lá quantos graus... aí vim preparado, raspei o cabelo, falei: "- Vai que não acha um lugar" [*risos*]. Mas é verdade mesmo, é verdade isso. Peguei... peguei uma blusa só de manga cumprida, também falei: "- Vai que era mentira, que passo frio.", aí chega aqui pra ver São Paulo, é muito bom... mas essa ideia muito errada que eles... como que fala? Passa pros outros... que vende mais, né. (H2_33)

> Ideia do Brasil? O Brasil era... um país... para mim, que eu escutava... o Brasil era o fim do mundo, um país onde quem quer esconder, vem aqui no Brasil pra esconder. Essa aí a ideia, essa a conversa que a gente sabia do Brasil. (H3_57)

> Do Brasil? Ó… Brasil, na verdade, acho que a imagem que era na época, to falando em 1982, tal, tal, tal… era país de futebol, mulheres e café, vamos dizer… as coisas que mais destacava no Brasil, que é o carnaval, café e o futebol. (H4_61)

> Quando eu cheguei aqui era 92 ...92. Que que a gente tinha, assim, do Brasil, de informação? É um país que é no Sul, assim, na América... no Sul ....e que a gente aprendeu na Geografia isso, né? Um país grande... enorme, assim, de::... aí quando a gente ...não tinha internet, não tinha....às vezes passava, assim, um carnaval aqui, aí a gente sabe que tem carnaval no Brasil. Mais que isso eu não sabia de nada, não é igual agora que você pesquisa no Google rua por rua. Aí::... quando eu cheguei aqui eu lembro muito bem, eu lembro que a gente... que eu escutava ...sabe aqueles prédios altos, altos? Aí quando cheguei aqui olhei, olhei, cadê essas coisas que não tô vendo? E justo que eu fui pra Foz. [*risos*] Lá pior ainda [*risos*], que tinha poucos prédios lá, né? Não... tinha poucos prédios. ...eu lembro, eu lembro muito bem. E: ....aí me assustei, cadê aquela coisa que eu estava imaginando? Não tem nada disso. [*risos*] (M1_45)

> Eh:.... não, eu tenho ideia como que tá o Brasil, porque eu tenho muitos parentes aqui no Brasil, eles sempre:.....eles vão pro Líbano. É, eles sempre fala do Brasil. A gente via pela Copa do Mundo, pela, eh::... pela Rio, o Carnaval ... sempre. A gente tem noção, porque eu já fui pra Colômbia, então tem essas... não é eu vim, eh:.....fechada, com olhos fechados, não. Eu vim porque eu já conhecia de... de ...tanto eles falaram sobre o Brasil, como que tá. (M2_53)

Ao serem questionados sobre a imagem que tinham do Brasil antes de sua vinda, os imigrantes nos trouxeram uma diversidade de ideias. H2_33 chega a rir de si mesmo ao dizer que imaginava o Brasil como uma floresta, cheia de árvores e macacos, pois nos livros escolares o que estudou sobre o país foi justamente nossa mata exuberante, a Amazônia. Ele conta que raspou os cabelos antes de viajar, acreditando que aqui pudesse não haver cabeleireiros, e trouxe pouca roupa de frio, pois na escola aprendeu que no Brasil o clima é muito quente. Levando em consideração que este entrevistado é jovem, com apenas 33 anos de idade, e que saiu da escola há não muito tempo, podemos perceber como, ainda nos dias de hoje, há o predomínio de

um estereótipo sobre o Brasil no exterior, onde um país tão grande e de tamanha diversidade é resumido apenas à Mata Amazônica, sua biodiversidade e seu clima.

Outros estereótipos são apresentados pelos entrevistados H3_57, que ouvia dizer que o Brasil era ***"o fim do mundo"***, e H4_61 que conhecia o país pelo futebol, pelo café e pelo carnaval. A entrevistada M1_45 também diz que conhecia alguns aspectos geográficos que aprendeu na escola e que conhecia o carnaval. Outro aspecto relevante apresentado por ela diz respeito à falta de acesso à internet na época em que emigrou, o que impossibilitava que fizessem pesquisas mais amplas sobre o país, permanecendo limitados àquilo que era exibido pela mídia internacional.

Já a entrevistada M2_53 afirma que tinha mais informações sobre o Brasil devido aos familiares que já viviam no país, além do fato de ela ter viajado para outros países antes de sua vinda, como a Colômbia, por exemplo. Entretanto, ainda sim, há em seu discurso a presença das imagens estereotipadas, principalmente aquelas ligadas à Copa do Mundo e ao futebol brasileiro.

Os excertos acima coincidem com os inúmeros artigos e teses que lemos sobre a imigração árabe no Brasil. Osman (2005), por exemplo, ao comentar sobre as expectativas dos novos libaneses no Brasil, muitos relatavam a referência ao futebol e a jogadores conhecidos, além de nutrirem a vontade de conhecê-los constituir-se como algo extremamente enriquecedor aos olhos de seus familiares que ficaram no Líbano. A questão cultural é outra situação bem acentuada nesses excertos. A cultura do outro, e o desconhecimento sobre esse outro inibem e assustam, mas apesar disso, eles chegam ao destino que escolheram.

Estranhamento quanto aos costumes ocidentais

Diante da visão dos estrangeiros sobre o Brasil apresentada por nossos entrevistados, fez-se necessário questioná-los sobre as primeiras impressões que tiveram após a chegada no país. Observemos suas respostas:

> Olha... a questão é o seguinte: o povo brasileiro... essa aqui é o costume deles... do jeito que eles vivem... é costume e veio de muitos anos, sabe... mas de qualquer jeito eu cheguei aqui em 1981, tá? As pessoas namoravam... as meninas engravidavam... meninas novas... hoje eu acho que... [*inaudível*]. Agora no Brasil tem muita separação. (H1_67)

> Totalmente diferente. Esse aí é onde a gente apanha no início. Por quê? Aqui, perante o meu país... aqui um país liberado, livre, e cada um tem a opinião dele. Sua opinião, fala. Diferente do meu país, esse aí a gente, eh::... a gente não tá acostumado nesse aí. Com o tempo pra

> gente aprender, convivência, aprende que se eu tenho minha opinião eu tenho que falar a minha opinião. (H3_57)
>
> Eh::... a cultura da mulher brasileira é diferente de cultura da mulher libanesa. A mulher libanesa, a cultura dela é a cozinha, na minha época. Só tem que tomar conta da casa. Agora, a mulher brasileira... a mulher brasileira toma conta da casa e toma conta do trabalho dela, essa é a diferença. Ela prefere trabalhar do que cuidar do::... de parte da casa. (H3_57)
>
> Eh::... inicialmente, senti um pouco meio... meio esquisito. Mas, com a convivência, senti bem, porque a mulher trabalha e ajuda o homem também pra levantar. Porque não adianta ele trabalha, ele sozinho trabalha não vai vencer. Ela trabalha junto, vencem os dois juntos. (H3_57)
>
> É... é diferente os costumes aqui... muito, muito diferente do Líbano. Apesar que agora no Líbano tá mudando as coisas, assim... mas, assim na nossa época era bem diferente. (M1_45)
>
> É, aqui é muito liberal, você sabe, a liberdade que tem aqui lá no Líbano não tem, é::... o tempo é diferente do Líbano... tudo, tudo, a culinária... tudo é diferente. Só que é tipo o que eu te falei, o que facilitou mais foi aquela::... as pessoas lá que... que bastante árabe, que a comunidade árabe que tava lá, tava assim bem reunidas, as pessoas. (M1_45)
>
> Ai é... é muito difícil. [*risos*] É muito difícil como eles::... se vestem, e::... como eles pensam... é muito difícil. (M2_53)
>
> É, a primeira coisa o costume de namorar. A gente não tinha, essas::... namoro... essas coisas, a gente não tinha. Então::... tinha, ele gosta de mim, eu gosto dele... mas pra namorar, pra morar com ele, essas coisas, não. Por isso eu achei muito, mas é costume do país. A gente depois, eu falei: " – Ah!". Porque eu::... por exemplo, a gente quando 2 tá se beijando na rua, nossa! Eu achei: " – Que isso??? Não tem vergonha aqui!", então::... agora não. Antes, tudo [*som de espanto*]. Eh::... quando eu acho um mendigo na rua, eh... no Líbano a gente não via esses mendigos assim... eu fiquei apavorada, eu choro. E... depois Latif falou: " – Ó, se você vai ficar, pra tudo mundo, viu uma mulher tá... mendigando, ou homem... o Brasil você vai ver... vai ser... vai se acostumar com essas coisas. Então não pode fazer isso". Então, esse eu achei... coisa não é normal, assim... aqui um país como o Brasil. Tem muito... muita pobreza. No Líbano, depois da guerra, não tinha essas daí, aqui muito. (M2_53)
>
> Os beijos [*risos*]. É, mas agora acostumei. Não, eu achava uma vergonha, nossa tão beijando na rua, depois... (M3_42)
>
> Igual::... você pode falar, assim, é::... liberdade. Hoje em dia tem mais liberdade do que outros países árabes. Um pouco de liberdade, aqui é liberdade total, aberta [risos]. (M3_42)
>
> Vivendo mais liberdade, mais sinceridade, entendeu? Mais do que isso acho que não existe coisa. (M3_42)
>
> Nunca. Não... não... a gente, assim... só um marido... uma vez a minha vizinha lá, onde eu morava no centro, sua mãe conhece onde eu morava... estava no elevador, assim ela falou: "- Dona Maria, quantos filhos tem?", eu falei: "- Cinco", ela falou: "- Mesmo marido?", eu falei: "- Sim, mesmo marido". (M4_72)

Os excertos acima reforçam a questão do estranhamento em relação aos costumes ocidentais, alguns deles já trabalhados em eixos temáticos anteriores, a exemplo da questão do relacionamento entre um homem e uma mulher antes do casamento. Como destacado nos trechos sublinhados, o discurso dos imigrantes demonstra que, de fato, a intimidade de um casal antes da cerimônia de matrimônio e a demonstração de afeto em público, como os beijos, ainda são questões delicadas em sociedades de cultura mais tradicional.

Outra questão relevante diz respeito à fala do entrevistado H3_57 a respeito de sua visão sobre as mulheres. O imigrante diferencia a mulher brasileira da mulher brasileira no que diz respeito ao trabalho pois, segundo ele, a mulher brasileira tem mais liberdade e independência para trabalhar fora de casa e contribuir financeiramente com as despesas da família, diferente da mulher libanesa, que está condicionada a viver em casa, cuidando do lar e dos filhos. Entretanto, podemos afirmar que essa realidade tem se transformado desde a época da vinda deste imigrante até os dias de hoje, em que a mulher libanesa tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade e no mercado de trabalho. Outras questões foram apresentadas pelos entrevistados:

> Costumes? É... boa ideia. Eh::... tem, para mim, né... cada um vê do seu jeito... tem umas coisinhas, assim, que é meio errado... não é errado, é meio o jeito deles, mas eu não achei muita diferença entre como que eu vivia lá e como que eu vivia aqui. (H2_33)

> Boa. Uma coisa na vida, 90% do povo brasileiro. Eh::... por exemplo, você tá estudando, sei lá, gestão de alguma coisa, você só faz gestão na vida. Esse ano, que agora, selecionou, e eu tinha certeza... tive certeza do que eu tô falando. Muita gente parou e não sabe fazer outra coisa, fica com vergonha de fazer outra coisa. Aí, 90% que faz só uma coisa na vida, isso é impressionante. E eu vi pessoa que não sabe fazer nada, eu tenho certeza do que eu tô falando. São poucas pessoas, mas eu tenho certeza do que eu tô falando. Impressionante isso! (H2_33)

> O Brasil, 30 anos atrás, era mais atrasado... só agora, 10 anos pra frente, já evoluiu muito e, tomara... vai ser também, daqui pra frente, cada ano vai... desenvolver muito mais rápido que qualquer país. Aqui tem bom futuro pro brasileiro. Pode ser eu não enxergo esse aí, não é na minha época, mas na época dos meus filhos... dos meus netos... eles vai viver isso aí. (H3_57)

> Assim, uma vida… vamos dizer, muito mais calor humano que é no Líbano, é muito mais::… se sente mais acolhido, mais assim… com calor humano. Mas qualquer país tem o… as coisas boas, e tem as coisas ruins. Aliás, tudo na vida tem os dois lados da moeda. Então…(H4_61)

> Me choquei com várias coisas e depois, hoje em dia, pra mim é normal e acaba me… quer dizer, as coisas que eram normal pra mim, já não é mais normal. Por exemplo, um dia a gente::… eu tava recém chegado aqui, a gente foi, eu, meu irmão, minha irmã, o pessoal, fomos visitar uma tia minha, e::… minha cunhada, quer dizer, mulher da minha irmão, tava junto, lá em Piratininga, voltando na estrada a polícia rodoviária parou a gente… aí, foi pedindo documento e tal, e tal e tal… levou documento. Aí meu irmão não tinha documento, não tinha é::… CNH, ele deu CNH da mulher dele, que é minha cunhada, Isabel Rodrigues, daqui há pouco vem o guarda e fala: - Isabel e companhia, podem descer todo mundo do carro. Aí olhou assim e falou: - Seu irmão quer falar com você. O irmão dela era lá da polícia rodoviária. Aí descemos, era oi, oi, cumprimentou, aí depois o meu irmão foi me traduzindo que é o irmão dela que::… tal… que não tem problema nenhum e, de repente, eu falei: - Ela não sabia?, ele falou: - Não, ela não sabia que ele tava aqui, nesse posto e que, aliás, faz dois anos sem falar com ele. Aquela notícia, que faz dois anos que não… não via o irmão, me chocou, pra mim é um choque. Por isso tô falando o::… tipo de calor humano, que dizer, se eu fico dois anos sem ver meu irmão e ver, eu vou abraçar, acho que, e não vou largar mais, vamos dizer. E era oi, tudo bem? Tudo bem? Só::… assim, um cumprimento, um beijinho, como tivesse coisa normal. Essa foi, acho que um::… uma cena que me chocou muito mesmo, na época. (H4_61)

> Porquê… tô falando, quando eu cheguei aqui, vamos dizer, um cara lá que::… uns carinhas lá no... meu pai… meu pai tem boteco lá em Campinas. Uns carinhas que tava chateando ele, alguma coisa assim, dando uma de::… aqueles malandros mesmo, tal, tal ,tal… e eu enchi os dois de porrada, de quebrar, quebrar, quebrar mesmo. Hoje em dia eu::… vamos

> dizer, acho isso super errado, e apenas manda eles embora e::… acabou. O modo de resolver as coisas, o modo de::… pacífico de viver, o valor de ser humano, mesmo que::… seja o que ele for, acaba mudando porque, no final… afinal, o::… ser humano é um animal político, não é uma animal falante, é um animal político que acaba… que acaba influenciado em qualquer::… situação. (H4_61)
>
> Parecidos? Não tem. (M2_53)

Enquanto H2_33 se mostra indignado por acreditar que os brasileiros se profissionalizam em uma área e não buscam diversificar suas fontes de renda, H3_57, que por sinal é seu tio e vive no Brasil há muito mais tempo, acredita que o Brasil era ***"mais atrasado"*** quando chegou por aqui, e que vê um grande avanço no progresso do país, inclusive com opiniões otimistas para o futuro do país.

Já H4_61 aborda uma questão mais sentimental que para ele diferencia os libaneses dos brasileiros. Segundo o entrevistado, ele sente que no Líbano há mais ***"calor humano"***, trazendo como exemplo uma história de seu passado em que teria vivenciado sua cunhada reencontrar, por acaso, o irmão que não via há anos e quase não ter esboçado reação, tratando a situação como algo cotidiano. Sociedades tradicionais costumam ter em sua base a manutenção de um forte laço afetivo com os familiares, mesmo aqueles mais distantes, pois a vida em conjunto é mais valorizada do que o individual. Para concluir, há uma frase emblemática proferida pela entrevistada M2_53: ***"Parecidos? Não tem."***

Ausência de enfrentamento quanto aos costumes árabes

Durante nossas conversas com os entrevistados, percebemos em seus discursos um forte tom de crítica em relação a alguns traços culturais, ou comportamentais, dos cidadãos libaneses. Apesar de demonstrarem espanto em relação à liberdade individual dentro da sociedade ocidental, os imigrantes deixaram transparecer que, após o contato e a convivência com a sociedade brasileira, alguns aspectos de sua cultura de origem passaram a incomodá-los, o que me leva a retomar a visão de exotopia ou o excedente da visão, de acordo com a visão de Tezza que diz: *"Cada um de nós, daqui onde estamos, temos sempre apenas um horizonte [...] e só o outro pode nos dar um ambiente, completar o que desgraçadamente falta ao nosso próprio olhar"* (TEZZA, 2005, p. 210-211).

> Não... não.... não... sabe por quê? Porque em Beirute... tudo que tem aqui, tem lá. Só que lá, as pessoas... [*risos*] fazem escondido. Aqui não, você entendeu? (H1_67)

A diferença é... é o seguinte: porque... o brasileiro ele... ele cuida de si, da casa dele ou de si. O árabe, ele quer cuidar dele, do vizinho, eh::... lá da família do Líbano... eles gostam de uma fofoca [*risos*]. É::... são cabeça dura, sabe... esses novos que tão vindo e... e quem tá vivendo, quem mora lá, tem cabeça dura. Eles pensam que eles sabem tudo, e só eles que sabem, entendeu? É mas::... mas tudo bem... porque cada um com a cabeça dele. (H1_67)

No Líbano... No Líbano... tem uma cidade lá muito conhecida, eu esqueci hoje o nome da cidade. Aí foi um cara de Beirute, foi morar nessa cidade. O cara morou lá... ele foi para lá com 18 anos... com 83 anos o cara morreu. Aí tocou o sino da igreja, né... todo mundo perguntou: - quem morreu? – Ih::... rapaz, morreu o estrangeiro, morreu... entendeu? É... o povo libanês é fogo. (H1_67)

Claro, libanês é tudo igual. (H1_67)

Pior, é... com certeza. Mas, todos eles é::... são::... como é que eu vou dizer... racista? Nacionalista? Racista, nacionalista, eh::... fanáticos religiosos, tudo o que você quer dizer. Olha, eu moro aqui há 40 anos... nunca ninguém me perguntou a minha religião. Agora, os árabes, sempre querem saber se eu sou sunita, se eu sou xiita, o que que eu sou, entendeu como é que é? Até os que moram aqui, ó... tem 20, 30 anos, ainda tem isso na cabeça, pergunta. E o brasileiro não pergunta. Pergunta pro seu pai, ele vai te falar se é verdade ou não. Não... não... o povo não quer saber da sua religião, quer saber de você, dos seus atos, assim. Isso é uma coisa muito boa. (H1_67)

Eu não me assustei, pelo contrário, fiquei observando pra ver: "- será eles tá certo ou tá errado?". Aí no final, realmente, o sistema deles tá certo. O nosso sistema tá errado, não é o sistema do Brasil. (H3_57)

Eh::... liberdade do povo brasileiro... eles, com razão, tem essa liberdade. Prefiro a liberdade do que o::... eh::... do que a mentira, do que a::... preservado, do que eu faço coisa escondida... prefiro faço coisa aberta. Tenho que fazer isso com maior prazer porque eu gosto, não adianta mentir: "- não, não tô fazendo", e eu tô fazendo. (H3_57)

No dia a dia, por causa do trabalho, esse é uma. A segunda, o brasileiro também acabou... já faz sempre, tomo cerveja... ou faço negócio... você vai pra sua casa e vou para minha casa. Diferente da::... da minha::... da minha raça. Minha raça é pouquinho abusados [*risos*]. É, pouquinho abusados. É, de tudo... de tudo. Minha raça pouquinho abusados. Não é todos, mas... a maioria. (H3_57)

É, a gente acostumado outro… outro jeito. A gente acostumado até [*inaudível*], beija, abraça, beija e::… então… é que eu falo calor humano, assim, assim. Mas… acontece, as vezes, eu vou lá e tem tanta coisa, as vezes… você acaba percebendo que… muito disso é falso também, o::… tipo, sei lá, acaba, as vezes, te incomodando. Hoje em dia não…(H4_61)

Tem bastante coisa diferente sim. Tem coisas que eu acho::… você fala, hm::… em relação à família, vamos dizer, o libanês é muito mais família, vamos dizer, é muito mais, que nem eu tô falando, esse calor humano, essa::… tal. Agora, chega um ponto que, às vezes, isso… isso próprio mesmo te incomoda, porque… a pessoa lá, sua prima, ou seu tio, sua tia, ela fala: - não, você tem que fazer isso. Pra eles, vamos dizer, é normal. Não, você…(H4_61)

Meter na vida do… na sua vida. Querem saber quanto você ganha, quanto você gasta, com que… a vida da sua mulher, dos seus filhos. Então, pra eles é normal, isso é normal pra eles, tipo… vamos fazer, eles tão cuidando de você, é normal falar: - Ó, você tá brigada com fulano, não, vai lá pedir desculpa que ele é mais velho que você. Não querem saber se você tá errada ou tá certa, vamos dizer. A outra vem: - Não, você tem que brigar com fulano. Se tem duas tias, ou dois tios, um fala: - Não, você tem que brigar com fulano, o outro fala: - Não, você tem que ficar de bem com fulano, vamos dizer. Então, eles… é muito int… se intromete muito na vida da gente… e, assim, a gente acaba, não tá acostumado com isso aqui no Brasil. Lá, eu tava acostumado com isso, vamos dizer, agora… no Brasil já não::… cada um, assim, vive na vida que ele quer, cada um sabe que… que faz, quer dizer, não tem… essas coisas. (H4_61)

O mais fácil de conviver é o brasileiro, o libanês que é complicado [*risos*]. O libanês que as vezes é muito sentimental, muito::… liga pra qualquer coisa, qualquer coisa você tem que dar satisfação, sabe? Aquela… aquele… intrometimento, no caso. Então… muito mais fácil a convivência com o brasileiro, sim. (H4_61)

> Eu acho. O povo libanês é arrogante, ele... gosta de aparecer. Aqui não, eles bem natural, bem... à vontade, tudo. É diferente do Líbano. (M2_53)
>
> Aqui não tem interesse nenhum, lá tem muito interesse. (M3_42)
>
> Bem diferente, não tem como comparar, porque... o povo árabe têm cabeça, é::... como que se fala? Bem discreta. Tipo, você tá namorando, tá beijando ali na esquina: "- Ah não, não sou eu. Aqui é mais aberto." (M3_42)
>
> Porque cada pessoa fica na dela. Aqui é muito melhor. (M3_42)
>
> Quase nada. Pelo que eu vi, até hoje, não tem nada. Cada um faz... O que quer, é, não tem. (M3_42)
>
> Não, tinha. Mas no Líbano é diferente pela inveja... você comprou o mais barato, eu compro mais caro, então fico: - Ó, ó, é mais cara, de marca viu? Entendeu? É assim. Aqui não tem não, nunca... nunca vi isso. Lá gosta de inveja, de ciúmes, entre a mulher e ao outra, tipo: - Olha o vestido, cara! Olha a roupa! Quanto custa a blusa? Tipo isso, entendeu? Difícil... difícil comparar, não tem comparação. (M3_42)
>
> Não sei como fala... por exemplo, eu vou falar... olha, Neusa comprou um sapato muito bonito... eu vou emprestar dinheiro pra comprar maior. Eu não gosto desse... eu gosto vive minha vida, que eu gosto, não gosto de imitar ninguém. Agora a moda é assim... eu não gosto desta moda, eu gosto dessa moda... entendeu? É... aqui eu não achei essas coisas. (M4_72)

Analisando os excertos acima, percebemos alguns denominadores comuns nos discursos dos entrevistados. Independentemente de gênero ou idade, todos compartilham da opinião de que a sociedade libanesa dá mais ênfase à vida em conjunto do que à liberdade do indivíduo. Nos trechos sublinhados, podemos perceber que, após experienciarem tamanha liberdade na sociedade ocidental, estes imigrantes passaram a se incomodar com os traços culturais de sua origem, como o excesso de intromissão da família nas decisões dos indivíduos a ela pertencentes.

Outro fator de destaque é a questão da sociedade que vive de aparência, ou seja, a presença de uma certa hipocrisia. Levando em consideração que as sociedades de cultura tradicional, como as sociedades árabes, preservam muitos tabus em relação a diversas questões, nossos entrevistados demonstram que os membros de tal sociedade encontram formas de suprirem seus desejos individuais, ainda que tenham que fazê-los longe dos olhos da família e da sociedade.

Portanto, eles ressaltam que essa se torna uma sociedade de aparências, em que as pessoas não demonstram aquilo que desejam ou que são de verdade. Diante disso, os imigrantes apontam características típicas como a inveja, o ciúme e a necessidade de competirem entre si para se destacarem diante dos demais.

Por fim, alguns entrevistados apontam para outra questão que passou a incomodá-los em relação a seu povo, após a convivência com a sociedade brasileira. Podemos observas nos trechos sublinhados nos excertos abaixo que os imigrantes hoje veem seus compatriotas como pessoas estressadas, escandalosas e até mesmo sem educação.

> Então, é… são bem tranquilos, muito calmos, e a gente tem o sangue quente, a gente briga muito. Briga, assim, modo de dizer. Vou te dar um exemplo: fim de semana juntava lá em casa, vamos dizer, uma turma que é da família da minha esposa e outra turma que é dos meus amigos, da minha família. Eles ficavam lá na cozinha, também jogando cartas e baralho, e::… até seu pai ia jogar junto, e… a turma dos libaneses ficava lá fora, onde que é o espaço pra jardim, jogando, gritando e quase derrubando o prédio. (H4_61)

> Não, porque::... eu não gosto. Não todos, os que eu conheço, eu conheço, mas estranhos... nunca me envolvi. Porque os... os libaneses que estão aqui é::... difícil, xinga todo mundo, é::... ofende. Não tem educação, não tem respeito. (M3_42)

> A vida deles aqui, eu gostei muito. Vida tranquila, calma, sossegada... pode trabalhar, não tem cabeça quente, não tem corta de luz [*risos*], não falta de água, é::... pode fazer sua vida muito tranquila. (M4_72)

Diante do que foi exposto nesse conteúdo temático, fica o seguinte questionamento: por que o libanês passou a enxergar os comportamentos de seus compatriotas como algum incômodo apenas após sua emigração para uma sociedade ocidental? Será que os incômodos citados por eles já existiam anteriormente à imigração? E se existiam, por que o libanês não rompe com essa estrutura quando ainda está inserido nela? Uma resposta possível a estes questionamentos seria a de que o indivíduo não contesta a sociedade quando está inserido nela, pois preocupa-se em não ser colocado à parte do coletivo. Entretanto, ao ver-se distante desta realidade e inserido em outro contexto, ele sente-se livre para expressar seus descontentamentos.

Adaptação aos costumes ocidentais

Já que observamos no conteúdo temático anterior que possivelmente os entrevistados sentiram-se mais livres para expressarem sua individualidade dentro da sociedade ocidental, fez-se necessário dar enfoque à adaptação destes no Brasil.

> Realmente tem diferença, e::... diferença boa, especialmente desses rapazes que tão vindo recentemente do Líbano. Agora, quem tá aqui faz mais de 10 anos... ele já mudou a cabeça, tá entendendo? Com a convivência... com o povo... a pessoa muda. Mas quem está vindo de lá ainda, ou quem está aqui faz pouco tempo... até que tem muita gente que tá aqui há muitos anos, mas a cabeça continua de lá... entendeu? O cara cabeça dura... o cara... só aquilo e acabou... entendeu? Depende. Porque não querem mudar... porque são ignorantes... É ignorância. (H1_67)

> Que eles falavam pra mim. Pra... pra nós. Quando cheguei aqui, já imediato essa ideia já mudou, porque já vi Brasil e o povo brasileiro, não é desse jeito que eles falam, e ele não é tanto que eles falam um país pra esconder, foi país maravilhosa. (H3_57)

> Acho que não, porque… o ambiente que você tá, ele vai te influenciar. Eu acho que o ambiente que o ser humano vive que influencia o ser… o ser humano. Não é você… não é você que evolui, é o ambiente que tá… é… que você vive. Se você vive num ambiente que todo mundo::… te xinga, te trata mal e te::… cada um por si e a lei da::… a lei da::… do fraco, do… do… o forte dominar o fraco, então você vai querer ser forte pra não ser dominada. Olha, não tem como, não tem como escapar, acho que a situação que faz o ser humano. (H4_61)

Nos excertos apresentados acima, verificamos que o entrevistado H1_67 acredita que os libaneses devem mudar seu pensamento e se adaptarem à cultura brasileira e que, para ele, aqueles não o fazem são “cabeça dura” e “ignorantes”. É interessante notar como seu discurso traz uma visão de que a cultura tradicional está “atrasada” e que é necessário mudar e se adaptar à cultura ocidental.

O entrevistado H4_61 nos apresenta uma visão polifônica, em que afirma que o indivíduo é influenciado pelo ambiente em que se encontra, portanto, para ele, seria inevitável a mudança de comportamento de um libanês que vive no Brasil. O contato com outras culturas e também o aprendizado do próprio imigrante, ou seja, suas múltiplas vozes que o constituíram da maneira como é, nos leva a retomar o conceito de polifonia em Bakhtin, que, segundo o autor, é parte essencial de toda enunciação pois:

> A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (Bakhtin, 1999, p.132).

Sendo a linguagem essencialmente dialógica e subjetiva, o indivíduo está sempre atravessado pela coletividade, pelas vozes das coletividades.

> É, meu melhor amigo é um rapaz brasileiro, ele é filho de japonês. Mas o pai dele também nasceu no Brasil e ele também tem... ele mais novo que eu, tem uns 50 e poucos anos, um cara super legal. Muito meu amigo, conheço ele há mais de 30 anos... a gente se dá muito bem, mais que os árabes. É que::... depende muito da pessoa, né Michelle. (H1_67)

> Sabe que a gente tava comentando outro dia que o povo brasileiro é::... eu gosto que ele::... sempre feliz, ele busca sempre a felicidade, sabe? Com tantos problemas, eles mantem, assim. Pra::... tirar um tempo pra::... pra ser feliz e pra viver, isso é::... você vê no Líbano também, com tanta coisa no Líbano, com tantos problemas, as pessoas vivem feliz, buscando sempre a felicidade, gostam de sair, gostam de viajar, gostam de fazer festas, então isso é bem parecido aqui no Brasil, uma coisa que eu acho muito em comum. Agora::... também família, né? No Líbano são muito apegados à família... até aqui no Brasil você vê também isso. Diferente do::... dos países europeus que eles não são muito família, mas aqui no Brasil você vê sempre isso, esse laço de família, eles têm. (M1_45)

> Não gosto. Ninguém pode me obrigar, gosto ou não gosto. Eu gosto aqui lei deles, o povo deles... o que me chama atenção, quando eu ia no ônibus, eu fiquei na fila, no banco... onde tem gente, eu fico... pode ser que agora com essa pandemia mudou um pouquinho. Uma vez aconteceu uma coisa na frente. Uma vez estava no Banco do Brasil, faz tempo, eu fiquei na

> fila... chegou uma mulher com cabelo bonito, assim, e ficou na frente. Quem estava no caixa viu e falou pra ela: "- Volta atrás". Eu gostei muito... eu gostei. (M4_72)
>
> Tudo os brasileiros que eu conheço são muito educados. Conheço, eu não tenho::... não tem visita, eu não visito eles, só quando tem trabalho com eles. É::... como eu falei, fica na fila, fala com voz baixa quando fala no telefone... (M4_72)
>
> Se você vai conversar com alguém, acho que a voz dele chega na rua. Fala baixo, é::... eu gosto deles, eu gosto... do ambiente deles. (M4_72)
>
> Pra gente, pro povo aqui? Povo bom, humilde, ajuda muito... se acha alguém que pede um sapato, o brasileiro tira o sapato e dá pra ele. Eu percebi assim... na Igreja eu percebi. Cada vez que a gente vai na Igreja, eu vi... também faço o mesmo... eu via eles::... cada mulher, cada homem pega saco, um açúcar, um arroz, um azeite, um não sei lá... e leva na lá na Igreja pra ajudar gente que não pode comprar. (M4_72)
>
> O brasileiro... a terra dele é uma terra abençoada... muito abençoada. terra rica, parabéns pra eles. (M4_72)

Outros dois aspectos ressaltados diversas vezes pelos entrevistados são: a amizade com brasileiros e a alegria e educação deste povo. A respeito da amizade, percebemos que muitos libaneses preferem a convivência com os brasileiros, pois sentem-se mais livres, confortáveis, sem seres questionados sobre suas crenças pessoais ou decisões cotidianas, algo muito presente na sociedade libanesa. Quanto ao segundo ponto, a entrevistada M1_45 diz enxergar nos brasileiros a mesma alegria de viver e união familiar dos libaneses, enquanto M4_72 acredita que os brasileiros são mais educados e solícitos do que seus conterrâneos.

3.5. Transformação pelo trabalho

De acordo com o eixo temático *transformação pelo trabalho*, estabelecemos quatro conteúdos temáticos:

1. trabalho como agente transformador;
2. abandono da profissão anterior à imigração;
3. o comércio como um instrumento de trabalho;
4. em busca de profissionalização através do estudo.

Conteúdos temáticos

Trabalho como agente transformador

Truzzi (2009) afirma que os imigrantes libaneses buscam associar sua imagem aos fenícios, civilização que habitou a região do atual Líbano na antiguidade, pois estes ficaram conhecidos por serem grandes comerciantes e aventureiros marítimos.

De fato, o libanês demonstra, através de seu discurso, que trabalho é sinônimo de honestidade e motivo de orgulho na família e na comunidade.

> Eh::... não mudou nada. Sempre trabalha, beber um pouco... [*risos*] mas trabalha todo dia, e... correndo atrás, nunca parei na vida. (H2_33)
>
> Do tamanho do país e pouca gente também. Então, mas voltando... quem quer trabalhar vai achar, e quem trabalha bem nunca vai parar em casa. Mesmo de graça, pode não receber, mas em casa eu não fico, e de fome não vai morrer. (H2_33)
>
> É, esse aí::... esse aí já tá aprovado [*comprovado*], eu acho...100%, ela vence, porque::... homem vai pra trabalhar, desvia assunto 1000 vezes por hora, por dia. Agora, a mulher não, vai e foca só nisso... e no fim do dia volta com o resultado. Esse aí eu vi::... aprovado [*comprovado*], e::... e por esse motivo, eu prefiro o sistema da mulher brasileira. (H3_57)
>
> Que nem quando eu era pequeno, Michelle, o que eu pensava? O dinheiro é muitas coisas, o dinheiro vale tudo no mundo. E agora quando eu tô velho, tenho certeza que o dinheiro é tudo [*risos*]. (H3_57)
>
> É porque quando meu marido voltou pro Brasil, aí ele fez trabalho aqui em São Paulo, mudou de::... saiu de Foz e veio aqui. Aí a gente quando voltou tinha que voltar aqui. (M1_45)
>
> É, e aqui a gente... eu cheguei e fui... no ano que eu cheguei entrei na escola, então... as pessoas lá na escola, a comunidade toda já me conhece [*risos*]. (M1_45)
>
> Não conheço mais... nada. Porque também trabalhei direto aqui. Também nunca fiquei parada, trabalhei em pousada... agora loja de roupa... trabalhei, tipo, cuidadora de velhos... de noite. É::... trabalhei com Jorge, no Brás. É, quase também nunca fiquei parada, sempre trabalho. Sempre achava alguma coisa pra fazer... sério! (M3_42)
>
> É::... Trabalhando. (M3_42)
>
> Lindo... trabalho... trabalhar, ganhar dinheiro... passear, é::... conhecer pessoas... tudo, tudo do lado positivo. Era isso mesmo, e ainda descobri mais coisas. (M3_42)
>
> Porque assim, antes... tipo... dez anos atrás, eu não era muito feliz, no fundo. Eu sofri muito... mentalmente... coração... paixão, é::... amigas... traição... família... eu não tinha infância feliz, alegre, sabe? Que brincava, que não tem nada na cabeça pra pensar, porque eu comecei a trabalhar eu tinha doze anos. É, a guerra acabou então eu entrei no trabalho... no mercado de trabalho... me joguei, sabe? E desde então, a vida começou a ensinar. Muito duro... muito duro. (M3_42)
>
> Força, é... dava força, da... pensa comigo... trocar ideia... mais do que isso você também tem que se esforçar, pra ter o que você quer. (M3_42)
>
> Faz 25 anos, esta é meu trabalho. Eu vivia do meu trabalho. Em casa, sobre encomenda no telefone. Eu fazia muito jantar e festa no clube. (M4_72)

Através das marcas sublinhadas acima, é possível perceber como os entrevistados tomam para si a imagem do trabalho árduo como sinônimo de êxito financeiro, como se o sofrimento e o cansaço fossem fundamentais para a obtenção do sucesso. As marcas ***"nunca parei na vida"***, ***"eu vivia do meu trabalho"***, ***"trabalhei direto"***, ***"nunca parei na vida"***, evidenciam que a desocupação é vista por eles como um fracasso. O entrevistado H2_33 chega a mencionar que prefere trabalhar sem receber nada do que permanecer desocupado em casa.

Vygosky (1991) afirma que toda atividade é trabalho e os indivíduos se transformam e transformam aos outros pelo trabalho. A capacidade criativa e produtiva específica do homem se dá pelo trabalho (Mello, 2004, p. 35).

No discurso de H3_57, percebemos que sua preferência por se casar com uma mulher brasileira veio também da questão do trabalho, já que este afirma que ***"prefere o sistema da mulher brasileira"*** por sua independência e participação no mercado de trabalho. O mesmo entrevistado faz uma brincadeira dizendo que quando criança acreditava que **"*o dinheiro vale tudo no mundo*"** e que, quando adulto, comprovou ser verdadeira sua crença. Isto reforça a teoria de Truzzi (2009), que afirma que êxito financeiro é muito importante para esses imigrantes, principalmente quando o dinheiro ganho no Brasil é enviado aos familiares, que se orgulham diante da comunidade libanesa pelo filho que obteve sucesso e riqueza em outro país.

> Não é difícil, é muito fácil para quem quer trabalhar. E tem muito trabalho, mas muito trabalho, pra quem quer. Pra quem não quer, nunca vai achar. (H2_33)

> Mora lá no Líbano. Nenhuma conseguiu arrumar trabalho. Uma arrumou trabalho, dá aula 2... 2... 2 vezes por semana, pra receber merreca. Mas eu estudei a minha vida, formei, como professora... e não tem faculdade que me aceita como professora, nem escola, porque não tem espaço. (H3_57)

> Se vou deixar uma mensagem, eu gosto de deixar uma mensagem bonita pro Brasil também, que nos recolheu, né? Que deu::... as pessoas, assim... falam... eu tenho minhas amigas, elas falam: ''- Ah, a gente veio no Brasil, não gosto, não gosto! Eu prefiro ir no Líbano. Já tô há 10 anos aqui nesse país, mas não tô gostando", mas eu falo: ''- Não, graças a Deus esse país é lindo, maravilhoso, deu oportunidade pra bastante rapazes vir aqui e fazer a vida deles''. A gente não pode esquecer que tem muitas famílias no Líbano que vivem das pessoas que moram aqui no Brasil, então::... o bom é muito mais do que o ruim aqui. Você vai fazer a... o mundo é um mundo, Deus é o único, né? E essa Terra é de todo mundo. Eu me acho assim, libanesa, eu me acho também brasileira, meus filhos são brasileiros, então::... é onde que a gente tá, onde que Deus nos colocou, então é o nosso destino. (M1_45)

> Eh::... quase, eu vivi muito aqui também. Sabe, situação do Latif tava muito bom... até agora... casa linda, filhos lindos, não dá trabalho pra gente... essa a coisa mais incrível que eu fiz aqui no Brasil. (M2_53)

> Vivendo no Líbano não ia conseguir nada, por conta do... governo, por conta do trabalho, por conta da::... é::... convivência, entre elas, as pessoas, mas aqui bem diferente, respeito... aqui tem muito respeito. (M3_42)

> Não tinha trabalho em Minas... não tinha. (M4_72)

> O marido dela não gosta de ficar, não tinha... naquela época não era fácil trabalhar aqui, se não tem documento, se não tem... não pode... não pode trabalhar aqui. Difícil, era muito difícil. O documento, e::... não dá pra trabalhar, ele estrangeiro. Não pode trabalhar. Não é como agora, eu vou na Federal, eu faço papel, eu sou refugiada e pode trabalhar pra lá e pra cá, era muito difícil trabalhar... por isso. (M4_72)

Retomando a expressão ***"fazer a vida"***, já trabalhada anteriormente e tão característica da comunidade libanesa imigrante, verificamos nos excertos acima o quanto a oportunidade de trabalho e crescimento financeiro são fatores relevantes que motivaram a imigração. Enquanto H2_33 afirma que encontrou no Brasil certa facilidade em ganhar dinheiro, o entrevistado H3_57, que por sinal é seu tio, afirma que no Líbano há grande dificuldade por parte dos jovens em ingressarem no limitado mercado de trabalho do país, ainda que o indivíduo tenha formação em nível superior.

Também conseguimos evidenciar o trabalho como fator de relevância para a permanência no Brasil no discurso de M1_45 que afirma sentir gratidão ao país que ofereceu oportunidades de melhorias financeiras aos jovens imigrantes, pontuando-se o sexo masculino ao usar a expressão ***"os rapazes"***. M2_53 demonstra que ela e sua família permanecem no Brasil devido ao êxito financeiro de seu marido no país, no trecho ***"[...] situação do Latif tava muito bom... até agora... casa linda, filhos lindos, não dá trabalho pra gente... essa a coisa mais incrível que eu fiz aqui no Brasil."***

Ainda reforçando essa discussão, M4_72 nos apresenta o caso de uma de suas filhas, que não permaneceu no Brasil porque à época em que emigrou, seu marido não conseguiu trabalhar no país devido à dificuldade em obter a documentação brasileira, o que fez com que retornassem ao país de origem.

> Que estiver com saúde, com saúde... porque o resto a gente conquista, com saúde a gente conquista. O Brasil é um país enorme, só não faz quem é bobo. Tem que trabalhar, a gente alcança. Não pode reclamar de jeito nenhum, só cuidar da saúde e ter fé em Deus. (H1_67)
>
> Também é verdade... também é verdade. Mas veja... veja, eu vou falar de mim... eu se não tiver feliz aqui não ia ficar, porque... já acostumei mudar, entendeu? Eu não sou mochileiro, mas eu vim do Líbano para cá carregando uma mulher e 2 filhos, aí foi pra Brasília... de Brasília foi pra Uberlândia, de Uberlândia foi pra São Paulo, depois voltei, entendeu? Depois vim para cá. Então, onde você tá se sentindo bem, tá feliz, tá trabalhando, entendeu? Aí você fica satisfeito, aí fica. (H1_67)
>
> Só Deus sabe, mas eh::... eu acho que da mesma forma que eu tô hoje. Não quero muita coisa não, só um pouco mais eh::... como é que fala? Descansar, fazer mais o fixo, um pouco do fixo, acabou, mesma coisa. Agora onde? Não importa, qualquer lugar. (H2_33)
>
> Só Deus que sabe, meu filho daqui há 10 anos vai ter... com filhos, com família nova, com emprego bom, com salário melhor ainda. E::... época dele vai ser melhor do que a nossa. (H3_57)
>
> Hm::… daqui há dez anos… você acredita que é uma pergunta que me surpreendeu, porque a gente nunca pensa [*risos*]. Ah, eu vejo… me vejo::… que eu espero, vamos dizer, que seja um homem de negócios bem sucedido, com o::… com o futuro dos meus filhos, vamos dizer, garantido, que… conseguir uma casa pra cada um deles, vamos dizer, pra eles não depender de pagar aluguel, e::… vivendo minha vida sossegado. (H4_61)

> Olha, eu queria falar pra você. Pra minha filha, eu vejo, eu... antes, quando ela tá na faculdade, eu levava ela na FAAP, e quando a gente volta, terminou a faculdade, eu levo ela pra fazer entrevistas. A gente passa na Marginal Pinheiros, perto do Shopping JK, esses lugares, eu sempre imagino Stefani tá trabalhando nesses prédios altos, grandes. Eu falo, sempre falo pra ela: " – Olha Stefani, meu sonho vejo você aqui, trabalhando nesses prédios". Ela falou: " – Ah, mãe, mas quem diria?", eu falei: " – Não, você vai, você tem capaz, você vai ficar aqui". E::... graças a Deus, já. Esse sonho, já. E Alexandre sempre vejo ele com o pai, não sei porque... porque alguém que vai cuidar do negócio do pai, então sempre vejo ele do lado do pai. O Thiago, eu vejo ele igual a Stefani, ele falou: " – Mãe, acho que eu vou::... trabalhar fora do Brasil. Eu vou na Austrália, nos Estados Unidos...", falei: " – Não importa, mas eu vejo você igual sua irmã, lá". Então... esse que tava meu sonho. (M2_53)

Em suas perspectivas de futuro, tanto para si quanto para seus filhos, alguns de nossos entrevistados permanecem evidenciando o quanto o trabalho e o êxito financeiro estão associados à um futuro confortável e de sucesso, como podemos perceber nos excertos selecionados acima.

Abandono da profissão anterior à imigração

Truzzi (2009) afirma que, apesar dos imigrantes libaneses no Brasil terem se inserido no comércio, a maioria não tinha esta como sua profissão no Líbano. Segundo o autor, a imagem estabelecida do libanês imigrante no Brasil ligado ao comércio se deu no contexto o final do século XIX e início do século XX, período de grande estímulo do governo brasileiro à imigração como substituição da mão de obra escrava nas lavouras após a instituição da Lei Áurea em 1888, que proibiu a escravidão no país.

Para Truzzi (2009), o libanês não teria aceitado trabalhar como colono nas fazendas ou como operário nas primeiras fábricas, como o foram os italianos e japoneses, devido à sua personalidade orgulhosa. Como neste período na região sudeste, princi-palmente em São Paulo, predominavam os latifúndios, os imigrantes raramente ti- nham condições de adquirirem terras, o que teria levado o imigrante a encontrar no comércio a possibilidade de ser seu próprio "patrão", podendo estabelecer seus horá-rios, sua margem de lucro e sua liberdade financeira.

> Nem fácil, nem difícil, porque nada vem fácil até você. Porque::... ninguém, se você pede alguma... qualquer coisa, fora do dinheiro, ninguém ajudaria... hoje em dia. (M3_42)

> Trabalho... muito. Mas, nunca... nunca... graças a Deus... nunca preciso alguma coisa deles, ou nunca pedi: "- Olha, por favor, faz pra mim essa favor"... nunca, entendeu? Sempre Deus manda. Eu bate porta, entra. (M4_72)

> É, por Elias é. Sempre, ele foi na escola e eu trabalha a noite, trabalha de manhã, trabalho é::... na minha liberdade trabalho. Eu não aceitava encomenda em cima da hora, sempre eu marcos antes de 5 ou 6 dias, assim. Mas em cima dá hora vem aqui pedir pra fazer folha de uva, não, não faço. (M4_72)

> Às vezes eu abro a televisão, quando trabalha a noite... agora não trabalha a noite... só pra ouvir o que a gente fala. Elias dorme cedo, no dia seguinte vai na escola, eu fico muito sozinha. Muita gente falou: "- Fica com alguém na sua casa, ajuda por aluguel", estava pagando aluguel, eu falei: "- Não quero, ninguém me ajuda, só Deus me ajuda. Eu vou viver sozinha, eu e meu filho". (M4_72)

Os excertos acima, retirados das entrevistas de M3_42 e M4_72, que são mãe e filha, foram selecionados a fim de reforçar a teoria de Truzzi (2009). Entretanto, faz-se necessário destacar que o contexto de ambas se diferencia daquele apresentado pelo autor, já que as duas são casos atípicos de imigração de mulheres desacompanhadas de homens. A mãe, M4_72, nos conta em sua entrevista que permaneceu no Brasil apenas com o filho caçula, ainda criança à época, pois o marido não teria gostado do Brasil e, por isso, retornou para viver em sua terra natal com os outros filhos.

Este é um caso incomum dentro da comunidade libanesa pois a separação, ainda que não formalizada, é alvo de muitos tabus dentro dessa sociedade. Já a filha, M3_42, viveu com o pai no Líbano enquanto este era vivo, tendo decidido emigrar definitivamente ao Brasil anos depois do falecimento dele. No discurso de ambas, percebemos que o uso excessivo de expressões que demonstram a independência financeira, como ***"****nada vem fácil"*, *"ninguém ajuda você"*, *"nunca precisei deles"*, *"não quero que ninguém me ajude"* e *"trabalho na minha liberdade"*, são acompanhadas de demonstrações do quanto é difícil para a mulher libanesa se estabelecer sozinha em outro país.

A entrevistada M4_72 carrega em seu discurso a dificuldade de uma mulher estrangeira e "solteira" para sobreviver e criar seu filho, ressaltando sempre o quanto tal feito é glorioso e atípico dentro de sua cultura natal, principalmente por "não necessitar da ajuda de ninguém".

> Na verdade, aqui no Brasil também dei aula, mas de idioma árabe. Mas não tem nada a ver, então não dá pra tirar base, porque lá lecionava pra crianças, né? Eu… na verdade eu amo, de paixão. Minha paixão é lecionar, e acho que o bom professor não é aquele que sabe muito, é aquele que sabe passar o::… o que o aluno necessita, quer dizer, o que o aluno precisa, saber onde que tá o aluno pra andar junto com ele. Não, era::… tipo::… quarta série, quinta série. É, doze anos… onze anos… treze. (H4_61)

> Eu fiz História, último ano. Me casei e vim pra cá. Sim, eu queria dar aula, eu gosto de dar aula. É, eu gosto de ser professora. (M2_53)

> Pensei, mas::... infelizmente (*risos*), sabe? Eh::... eu vim, fiquei grávida, eh::... não dá mais. Não dá mais. É, um atrás do outro, 3, acabei... não quero mais. (M2_53)

> Minha escola também... eu estava professora. Francês. (M4_72)

> Não, até terminar eu fiz 3 meses de faculdade, depois eu estava com filhos, estava grávida, eu fui e::... como aqui, entendeu? Trabalhei::... eu tinha escola bom. (M4_72)

Os excertos acima foram selecionados pois trazem realidades semelhantes de três dos nossos entrevistados que exerciam determinada profissão em sua terra natal (coincidentemente os três eram professores) e acabaram por abandoná-las devido à imigração. O entrevistado H4_61 passou a trabalhar como comércio no Brasil, o que reforça a teoria de Truzzi (2009).

Já as entrevistadas M2_53 e M4_72 apresentam a realidade das mulheres que necessitam abandonar sua profissão, ou não conseguem continuar os estudos, devido à maternidade, embora cada uma tenha vivido uma situação diferente, já que M2_53 não ingressou no mercado de trabalho, pois permaneceu em casa cuidando da criação de seus filhos, devido à condição de vida confortável oferecida por seu marido. Já M4_72 não teve essa opção, já que permaneceu sozinha no Brasil com seu filho pequeno, vendo-se obrigada a trabalhar para sustentar-se, ao mesmo tempo que necessitava dar atenção à criação do filho. A solução encontrada por ela foi a preparação de pratos típicos da culinária libanesa e a comercialização deles sob encomenda, o que lhe permitiu trabalhar em casa e cuidar de seu filho.

O comércio como um instrumento de trabalho

Ao analisarmos os dados coletados em nossas entrevistas, percebemos que a teoria de Truzzi (2009) a respeito da inserção do imigrante libanês no comércio, apresentada no capítulo 1 desta pesquisa e trabalhada no conteúdo temático anterior, se fez muito presente no discurso de nossos entrevistados. Observemos os excertos a seguir:

> Ah, eu trabalhei em Brasília, tinha loja de roupa e calçado, aí... mudei pra São Paulo, também tinha fábrica de roupa, aí... depois fui embora pra Uberlândia, em Minas Gerais, onde morei também 10 anos, também tinha loja, e... *depois eu vim pra cá* em 94, e... abri um negócio no Paraguai, sabe... e... depois eu saí da loja, deixei a loja pro meu filho e meu genro e fiquei mais ou menos 5 anos sem fazer nada. Agora, esse ano... no ano passado, em outubro, voltei a trabalhar. Tô trabalhando agora das... das... das 9 da manhã até às 7 da tarde. (H1_67)

> Aqui no Brasil comecei a trabalhar, na época era... sacoleiros do Paraguai. Aí pega ônibus São Paulo, vai até Paraguai, traz... como dizem? Muamba de lá [*risos*], realmente não é muamba de lá. Aí vende aqui na 25 de Março. (H3_57)

> Primeira coisa eu… fiquei lá ajudando::… quer dizer, trabalhando no boteco. Boteco igual… três mesas de bilhar, bebida e pinguço [*risos*], tomava conta do bar lá no… em Campinas, que meu pai tinha lá. Aí depois disso, trabalhei numa fábrica de::… camisa. Aí trabalhava na fábrica de camisa, a gente viajava muito pra::… vender as camisas também, pra todo o interior de São Paulo, aí::… depois disso::… vim pra… vim pra São Paulo. Aqui em São Paulo comecei a trabalhar com roupas, calça jeans [*inaudível*] com um cara amigo da gente, aí depois montei a minha própria::… fábrica de jeans, eu e mais um rapaz de sócio, depois tive

> uma loja de varejo aqui em São Paulo, na rua Greenfeld, no Ipiranga… depois fechei. Hoje em dia tô com alimento árabe, lá no Brás. (H4_61)

> Trabalhava em muita coisa, marketing por telefone... trabalhava... costureira, na fábrica de costura. Trabalhei, tipo... é, vendedora de::... de roupa, de bijuteria. Trabalhei em fábrica de sapato, fábrica de::... pijamas, femininos, masculinos. É, muita coisa. Quase toda a minha vida... eu parei de trabalhar::... três meses. Em cada fase, sabe? Não junto, direto, entendeu? (M3_42)

> A gente trabalhava, é::... que ano? 2012, a gente tinha loja de maquiagem, você lembra? Lembra? Lá na 25 de Março, na Barão de Duprá. A sua mãe lembra, loja de maquiagem. Daí comecei pesquisar, juntando as cores, pra falar pra cliente. E daí... fui. Juntando as coisas. (M3_42)

> Comida árabe. Em casa, sobre encomenda no telefone. Eu fazia muito jantar e festa no clube. (M3_42)

Observando as marcas sublinhadas acima, constatamos que os libaneses transitam em diversas áreas de fabricação e comércio de produtos, porém com predomínio dos ramos de vestuário e alimentação. De fato, os entrevistados demonstram o quanto o libanês se adapta facilmente à mudança, não somente da profissão, mas de região, já que muitos afirmam terem mudado de cidade e/ou estado diversas vezem em busca de melhores condições de vida.

Tanto Vygotsky (1987) quanto Bakhtin (1992) não concebem um sujeito abstrato, isolado de seu contexto social, afastado do contato com outros sujeitos, aprisionado em sua individualidade. Ambos falam de sujeitos sociais que se constituem na linguagem e a produzem; falam de sujeitos imersos na cultura e na história.

Em busca de profissionalização através do estudo

Ao buscarmos conhecer as perspectivas dos libaneses no Brasil, questionamos nossos entrevistados sobre o interesse em dar continuidade em seus estudos no Brasil, obtendo as seguintes respostas:

> Claro, um dia vou fazer esse ENEM aqui. Sim, vai que eu faço vereador, por exemplo [*risos*]. Nunca se sabe... vou fazer, um dia né... mas... tem que preparar, essa brincadeira... é só pra relembrar, porque tem coisas também preciso estudar mesmo, pra saber o que que você vai escrever, não tem um... não tem nada a ver de viver na rua. Tem um estudo, escrito, tudo... mas eu gosto. Até hoje eu leio muito, qualquer coisa assim, interessante... ler política, coisinhas... (H2_33)

> Vou fazer mais um curso. Já tô entrando. Neuro... neuro... neuro... é... neurociência que eu fiz. Eu tô pensando entrar na pedagogia aqui, de novo. (M1_45)

> Não, só trabalhar, porque::... cabeça pra estudar... difícil agora... difícil. Eu gostaria de abrir um negócio de::... é::... de maquiagem. (M3_42)

Analisando os excertos acima percebemos que, enquanto M1_45 já busca ampliar seus estudos e profissionalização no Brasil, principalmente por já estar inserida no mercado de trabalho, o entrevistado H2_33 pensa em se preparar ainda para prestar a prova do ENEM e tentar uma vaga em uma universidade brasileira. Em contrapartida, a entrevistada M3_42 afirma ***"não ter cabeça para estudar"***, utilizando o termo ***"difícil agora"*** como demonstrativo de que a idade é, para ela, um fator de impedimento para o retorno aos estudos.

Finalizamos esse capítulo trazendo a questão dos sentidos na produção discursiva do imigrante libanês. Percebemos no discurso dessa pequena representatividade de falantes nativos árabes o quanto a cultura e a necessidade de viver uma nova cultura se faz presente em seus contextos sociais. Há uma vontade de pertencimento à nova realidade ao mesmo tempo que é difícil deixar de lado toda uma vida e constituição sociocultural. A esse respeito Molon (2011) afirma que:

> O sentido da palavra está relacionado à riqueza das experiências sociais e históricas que conformam as consciências e aquilo que pode ser expresso por uma determinada palavra. O significado de uma palavra é mais estável e preciso, enquanto o sentido é inesgotável. A palavra é polissêmica e fonte inesgotável de novos sentidos. A modificação do sentido de uma palavra depende tanto das situações quanto dos sujeitos que o atribuem, por isso ele é considerado quase ilimitado; porém os processos de significação são produzidos e apropriados nas relações sociais, em determinadas condições históricas (MOLON, 2011, p. 618)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O Libanês

Meus ancestrais eram filhos do vento do deserto, beduínos viajantes, peregrinos errantes, eram poetas e cantavam belas e tristes canções ao vento.

Eram livres e estavam sempre à procura do Oasis mais belo, do vento mais refrescante e da noite mais estrelada.

Um dia construíram um barco e pelos oceanos saíram a navegar, de um mar foram a outro sem parar, até que acharam uma linda terra, fresca no verão e gelada no inverno. A ela deram o nome de Fenícia, muito mais tarde se tornou o Líbano. Talvez por isso o sangue libanês traga em seu gene a vontade imensa de tudo conhecer, misturando nas suas mais íntimas células a curiosidade de uma criança e a sabedoria dos anciãos"

(Ahmad Serhan Wahbe, 2014)

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de concluirmos nossa pesquisa, apresentaremos agora algumas considerações importantes para o desfecho de nosso trabalho. Inicialmente, vamos resgatar nossas perguntas de pesquisa:

1) Como o discurso do imigrante se constrói, considerando sua chegada a um novo país?
2) Houve aculturação e/ou assimilação no discurso do imigrante? Se sim, de que forma esse processo ocorreu?
3) De que maneira o discurso do imigrante se modifica, considerando os contextos sócio-histórico-culturais nos quais está inserido?

Acreditamos que as três perguntas tenham sido respondidas no capítulo 3, em que realizamos a discussão dos resultados, com base nos teóricos escolhidos e comentados no capítulo da fundamentação teórica desta pesquisa. Os excertos das entrevistas, selecionados na análise, respondem por si só a primeira pergunta, pois demonstram a forma com que o imigrante constrói seu discurso a partir da chegada. Entretanto, nossas interpretações sobre esses dados auxiliam o leitor no entendimento, principalmente nos eixos temáticos ***adaptação a um novo lugar*** e ***o imigrante entre duas culturas***, em que tratamos de analisar trechos discursivos sobre as questões relacionadas ao contato com a cultura ocidental através da vivência no Brasil.

Nos eixos temáticos ***elo com a terra natal*** e ***herança cultural***, conseguimos responder à questão de número 2, em que buscávamos saber se houve aculturação e/ou assimilação da cultura brasileira pelos entrevistados e de que forma esse processo teria ocorrido. Considerando esses eixos temáticos, as análises realizadas em conteúdos temáticos como o ***olhar do libanês como não pertencendo àquela situação, desejo de pertencimento à terra que o acolheu, desprendimento em dar continuidade à cultura libanesa como traço de herança*** e ***respeito à autonomia em relação às escolhas dos filhos*** nos mostraram que, apesar de algumas ressalvas, houve sim aculturação e/ou assimilação da cultura brasileira pelos nossos entrevistados, principalmente entre aqueles que já estão no país há bastante tempo, que obtiveram êxito financeiro e que não tem mais perspectivas de retorno à terra natal

devido aos problemas políticos e econômicos que assolam a população libanesa que ainda sofre com os resquícios da Guerra Civil Libanesa (1975-1990).

Devido à amplitude da questão de número 3, acreditamos que ela tenha sido respondida ao longo de todo o capitulo 3 - discussão dos resultados - em diversos eixos e conteúdos temáticos, pois podemos observar, em diferentes momentos, como o contexto sócio-histórico-cultural em que o imigrante está inserido modifica sua forma de ver o mundo pois, segundo as perspectivas de Bakhtin (1929/1992) que foram apresentadas no capítulo 1 e serviram de aporte teórico para nossa pesquisa, o indivíduo se constrói a partir da interação com o outro. Nesse sen- tido, alguns de nossos entrevistados mencionam que realmente acreditam que a vinda ao Brasil e a adaptação a uma nova cultura modificou sua visão de mundo e, conse- quentemente, seu discurso.

Uma das contribuições da nossa pesquisa está no capítulo 1, em que abordamos a história do Líbano e da imigração libanesa no Brasil, pois situamos o leitor no contexto da imigração desses povos demonstrando, através de uma breve apresentação sobre a história do Líbano, as motivações que levaram estes indivíduos a saírem de seu país em busca de um recomeço em um outro lugar, especificamente o Brasil. Ainda no mesmo capítulo realizamos discussões sobre temas como aculturação e assimilação, elementos para análise de discurso, construção de sentidos nestes discursos, baseados em diferentes autores, porém, utilizando-nos principalmente de Bakhtin (1929/1992;2000) e Koch (2001), que serviram de aporte teórico para que pudésse- mos realizar a análise dos resultados que obtivemos através das entrevistas que coletamos.

Acreditamos então que o presente trabalho contribui para os estudos na área da linguística, pois apresenta uma forma inovadora de utilização de teorias já tão conhecidas, porém aplicadas no contexto da análise de discursos de imigrantes libaneses nesta pesquisa. Além disso, o trabalho possui grande relevância dentro da comunidade libanesa no Brasil, da qual faço parte, pois encontramos uma forma de deixar registradas as histórias desses imigrantes que tanto contribuíram para a constituição da identidade brasileira, a fim de que suas narrativas de vida não se percam na oralidade com o passar do tempo.

Almejamos que este trabalho possa instigar outros pesquisadores a se utilizarem do fenômeno da história oral como fonte histórica e registro das atividades humanas, analisadas e apresentadas sob uma ótica científica. Inclusive, em um contexto de doutorado, a pesquisadora espera poder ter um novo olhar sobre o fenômeno da imigração libanesa, com enfoque à questão da construção de identidade de imigrantes árabes e seus descendentes. Além disso, esse material ficará disponível no banco de dissertações e teses da Universidade de São Paulo, podendo ser consultado e reproduzido livremente (desde que citada a fonte), a fim de promover o tema e auxiliar pesquisadores da área.

Embora o despertar do desejo da pesquisadora em realizar esse trabalho tenha partido de um envolvimento pessoal com o tema apresentado, ele tomou forma de uma pesquisa científica e trouxe discussões embasadas em autores clássicos como Bakhtin (1929/1992;2000) Vygotsky (1987) além da especialista na área de análise de discurso, Engedore Koch (2001). Ainda assim, após a conclusão do trabalho, permaneceu o desejo de nos aprofundarmos melhor na questão da aculturação e de trabalharmos a questão da formação da identidade e representação do povo árabe, que esperamos poder ser o nosso foco no doutorado, como já mencionado.

Muitos foram os desafios ao longo desta pesquisa, principalmente nos últimos dois anos, devido à pandemia de COVID-19, que causou atrasos em nossa coleta de dados, com a impossibilidade de contato presencial com os entrevistados, o que nos obrigou a adaptarmos o formato das entrevistas, além da pesquisadora ter contraído a doença em agosto de 2021, tendo que lidar por algum tempo com sequelas como esquecimento, dificuldade de concentração e fadiga. Portanto, dados os desafios e adaptações requeridas, acreditamos que para um contexto de mestrado, a coleta e análise de dados, bem como o aporte teórico, tenham sido suficientes para suprir nossos anseios e responder às nossas perguntas de pesquisa e objetivos pré-estabelecidos.

Por fim, ansiamos que a comunidade libanesa se sinta representada de forma positiva nesse trabalho e que as histórias contadas aqui sirvam para a compreensão da diversidade cultural existente no Brasil e, consequentemente, destrua barreiras de preconceito e discriminação em relação aos imigrantes, não somente libaneses, mas de todo e qualquer grupo étnico que venha a encontrar refúgio e acolhimento no Brasil, trazendo consigo um enriquecimento cultural para o nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, Romeu. *Lembranças minurcas: histórias de sírio – libaneses – mineiros - guaxupeanos.* Osasco: EDIFIEO, 2015.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em educação.* São Paulo: Caderno de Pesquisa, 1996. BARROS, Diana; FIORIN, José Luiz. (Orgs). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os Turcos.* Disponível em: <https://icarabe.org/geral/icarabe-participa-do-festival-vivamerica-na-espanha>

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso.* São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. [1952-1953]. *Os gêneros do discurso.* In:_____. Estética da Criação Verbal. Trad. de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail /Volochinov. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia.* São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.* Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, 1997

BRONCKART, J. P. *Atividades de Linguagens, texto e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo.* Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1997

CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU – PR. *Comunidade libanesa recebe homenagem na Câmara de Foz.* Disponível em: <https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/noticias/comunidade-libanesa-recebe-homenagem-na-camara-de-foz> Acesso em: 15 mar. 2020.

CLEMESHA, Arlene. *História e representações da história árabe contemporânea*. In: Arabismo: Um tema e suas representações no Brasil e em Portugal. Vargens, JBM; Caffaro, PC. (Org.) 1ª Ed Rio Bonito, RJ: Almádena, 2010. pp. 89-97.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural.* São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

CORACINI, Maria José R. F. *A Celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade*

- Línguas (materna e estrangeira), Plurilinguismo e Tradução. Portugal: Mercado de Letras, 2007.

DANIELS, H. *Vygostsky e a Pedagogia.* (Trad. Milton C.Mota), Loyola, São Paulo, 2001.

DULTRA JR., José Ailton. *O Líbano e o Nacionalismo Árabe (1952-1967): o Nasserismo como projeto para o Mundo Árabe e seu impacto no Líbano.* Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.*

São Paulo: Parábola, 2009.

FESTIVAL DA CULTURA ÁRABE. Disponível em: <https://festivaldaculturaarabe.wordpress.com/> Acesso em: 05 nov. 2017.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FREITAS, M. T. de A. *Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível.* São Paulo: Contexto, 1995.

FREITAS, M. T. D. A*. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil.* Papirus, 2005.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes.* Salvador: Editora Pontocom, 2012.

GOMIDE, Denise Camargo. O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP Agência Financiadora: SEE/SP dcgomide@gmail.com. (s/a) Extraído de: <www.histedbr.fe.unicamp.br/acer.../artigo_simposio_2_45_dcgomide@gmail.com.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.* Atlas, São Paulo, 6ª ed., 1999.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HAWI, M.M. *Sentidos da Atividade de Ensino de Professores Universitários.* Mentes Abertas, São Paulo, 2020

HOURANI, Albert Habib. *Uma história dos povos árabes.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

INSTITUTO DE CULTURA ÁRABE. *Mais de 7 mil árabes nativos vivem em São Paulo.* Disponível em <https://icarabe.org/geral/mais-de-7-mil-arabes-nativos-vivem-em-sao-paulo> Acesso em: 15 mar. 2020.

KHATLAB, Roberto. *Imigração libanesa há mais de 130 anos no Brasil.* São Paulo: Associação Cultural Brasil-Líbano, 2010.

KHOURI, Juliana Mouawad. *Pelos Caminhos de São Paulo: a Trajetória dos Sírios e Libaneses na Cidade.* Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos.* São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem.* São Paulo: Contexto, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico.* 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LOPES, S. C. R. & SILVA, D. C.S. *Sociointeracionismo: dialogando com Bakhtin e Vygotsky sobre o sujeito fruto das interações sociais*. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 9, n. 16, jan./jun. 2020.

LUCKESI, C. C. *Fazer universidade: uma proposta metodológica.* São Paulo: Cortez, 1985.

MEIHY, Murilo. *Os libaneses.* São Paulo: Contexto, 2016.

MELLO, S. A. *A escola de Vygotsky* In. Carrara, kester (org.) Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo, Avercamp, 2004.

MOLON, Susana Inês. *Subjetividade e construção do sujeito em Vygotsky.* Petrópolis,

RJ: Vozes, 2003

MOLON, Susana Inês. *Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem*; *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011

MOSCA, Lineide Salvador (Org). *Retóricas de Ontem e de Hoje.* 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2004.

MUSSALIN, Fernanda. *Análise do discurso*. MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (org.). Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NABHAN, Neusa Neif. *O imigrante árabe em SP.* In: D.O. Leitura. SP, abr.1991

NABHAN, Neusa Neif. *O imigrante libanês em São Paulo: estudo da fala.* Tese de Doutorado. FFLCH – USP, 1989

NININ, M.O. & HAWI, M.M. & MELLO, D.M & DAMIANOVIC, M.C, *Questionários: Ins-*

trumentos de Reflexão em Pesquisas em Linguística Aplicada. In: Contexturas.p91-114, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.*

São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar.* FFLCH, USP, Dissertação de Mestrado, 1998, 2 vols.

OSMAN, Samira Adel*. Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida.* FFLCH, USP, Tese de Doutorado, 2007, 2 vols.

PETERS, Roberta. *Imigrantes Palestinos, Famílias Árabes: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento.* Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2006.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da educação.* Pe-trópolis, Vozes, 1995.

REGO, Marildes Ferreira. Me*mória da Imigração de sírios e libaneses em Rondonópolis - MT.* Dissertação de Mestrado, UFMGrosso, 2006

SELIGER, Herbert W.; SHOHAMY, Elana. (1989) *Second Language: researc methods.* 2sd imp. New York: Oxford University Press.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística.* São Paulo: Ática, Série Princípios, 1985.

TEZZA, Cristóvão. *A construção das vozes no romance*. BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. rev. Campinhas: Unicamp, 2005. p. 209-217.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Metodologia da Pesquisa.* 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo.* São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Antropologia: o homem e a cultura.* São Paulo: Editora Vozes, 1991.

VARGENS, João Baptista de M. *D. Pedro II, o primeiro arabista do Brasil?* Catálogo comentado dos livros sobre cultura árabe, que pertenceram ao Imperador, encontrados no acervo da Biblioteca Nacional. Rio Bonito, RJ: Almádena, 2013.

VIGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente.* 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984/1996.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes,1978.

WAHBE, Ahmad Serhan. *O Libanês.* Disponível em: <https://ahmad-asw.blogspot.com/2014/02/o-libanes-meus-ancestrais-eram-filhos.html>

YIN, Roberto K. *Estudo de caso: planejamento e métodos.* 2. ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

Anexo 1: entrevistas transcritas

Anexo 2: termo de consentimento

ANEXO 1

Anexo 1: Entrevistas Transcritas

a) Mustapha Ghaziri – entrevista 1

F1: Você estudou no Líbano?
F2: Claro... estudei sim.
F1: Até que série você fez lá?
F2: Segundo grau completo
F1: Você aprendeu qual língua lá Mustafa? Porque lá no Líbano é bilingue, né?
F2: Inglês e francês.
F1: De que região que o senhor é?
F2: Beirute.
F1: Ah, de Beirute também?
F2: Sim.
F1: Quando que o senhor veio para o Brasil?
F2: 1981.
F1: E por qual motivo?
F2: Olha, motivo seguinte... porque tinha guerra no Líbano quando eu vim para cá e::.. a minha mulher também queria vir porque a família dela toda mora no Brasil... naquela época né. E::.. a gente casamos e ficamos morando lá 7 anos. E eu tava resistindo, sabe... não queria vim, mas depois ela me convenceu e acabei vindo. E, apesar de tudo, eu tava ainda trabalhando, sabe... e tudo mais.
F1: Vocês conheciam alguém aqui?
F2: Claro, a família da minha mulher toda... a família dela morava aqui. Morava em Brasília
F1: Ah... em Brasília.
F1: A guerra civil foi bem difícil né Mustafá?
F2: É claro, tá doido... foi muito difícil, mas...
F1: Qual a maior dificuldade que você sentiu aqui no Brasil quando chegou?
F2: Olha, pra falar a verdade Michelle... eu vou ser sincero com você, eu não tive dificuldade nenhuma, porque eu vim para cá já mais ou menos falando o português. No outro dia já fui pra feira fazer... fazer compras.
F1: Ah, que legal.
F2: Entendeu? Fui na farmácia sozinho para mim... tomar uma injeção, conversei lá com o farmacêutico tudo mais. Não tive dificuldade e... eu gostava muito... da cidade onde eu cheguei, em Brasília, sabe... onde eu me estabeleci lá, com loja e casa, eu tava muito... mas muito feliz mesmo!
F1: E você também quis, por exemplo, você quis logo falar o português, para se inteirar com a cultura realmente, com o povo, né Mustafá?
F2: Sem dúvida... sem dúvida.
F1: E onde o senhor aprendeu o português?
F2: Onde aprendi... com minha esposa.
F1: Ah, em casa, no Líbano?
F2: É, isso... em casa.
F3 [intervenção da esposa]: Ele foi obrigado, Michelle. Tudo bem Michelle?
F1: Tudo bem? Boa noite, prazer.
F3 [intervenção da esposa]: Então, porque eu não falavam o árabe, nós fomos daqui para lá né... com a minha mãe, meu pai, meus irmãos... e a gente não falava o árabe, só o português. Então, quando eu conheci ele, fiquei noiva, eu falava... ensinava ele mais o português, porque eu não sabia falar o árabe.

F1: Ah... então ele foi aprendendo?
F3 [intervenção da esposa]: Ele não falava o português e nem eu falava o árabe.
F2: E você sempre morava em São Paulo?
F1: Sim, eu nasci aqui.
F2: Eu tenho 2 filhos que vieram comigo do Líbano... e só o meu filho mais novo que eu te falei que ele tem doutorado em História, o Samir, nasceu em Brasília...
F1: Os outros no Líbano?
F2: É, os outros dois no Líbano.
F1: É, meu pai tentou... casou com a minha mãe e tentou morar lá, mas não conseguiu, aí veio para cá e a gente nasceu.
F2: Eh... lá... Líbano já era minha filha... acabou.
F1: Você quando veio pra cá... lógico, colocou os seus filhos na escola, mas você via muita diferença com a escola brasileira escola do Líbano?
F2: Claro, aqui é muito mais fácil.
F1: Em relação a que, por exemplo?
F2: Claro... os professores são diferentes, trata bem melhor... não são tão rígidos, assim... o ensinamento também bem prático, é só uma idioma só... só o português, então isso facilita muito também para os alunos. Meus filhos... eu ficava assim com dó porque... o menino tinha três anos e meio e a Maria tinha seis anos, e os 2 só falava árabe. Eu ficava chateado... eu falava para minha mulher: - coitado desse... das crianças... eles tão sofrendo. Hoje não fala mais árabe. Ibrahim entende, sabe falar, mas ele não sei... tem vergonha, não sei... agora a Maria não... a Maria porque ela casou com um rapaz de lá... um rapaz libanês também, e... fala árabe muito com ela, com os filhos. Os filhos dele também aprenderam, eles falam também árabe.
F1: Aí manteve né?
F2: Porque ele não fala português, ele não sabe falar, só fala árabe... não fala bem português.
F1: Vocês tiveram a preocupação de passar para os seus filhos o árabe? Ou eles ficaram mais livres?
F2: Não, eu não tive essa preocupação. Eu vou te falar porque... por que eu não tinha plano de voltar a morar no Líbano, por isso. Então... quando é assim você não se importa muito. Talvez se importa assim... por uma tradição... pra conservar, sabe... mas eu acho que isso não é o mais importante. O mais importante eles tá vivendo felizes, trabalhando, criando uma família... por que o resto tudo é resto Michelle, tá... então é isso.
F1: Você tem alguma lembrança boa do Líbano?
F2: É, eu lembro... da minha família, da minha mãe, dos irmãos, dos meus sobrinhos, sabe... o trabalho... eu trabalhava na farmácia, eu era muito feliz, sabe... no meu trabalho. E outra coisa, eu não fico pensando no passado, tem que olhar para frente.
F1: É, o passado traz saudades, traz coisas que às vezes não volta né?
F2: Não, é... traz tristeza, porque... não adianta, você não alcança mais, acabou, tem que olhar para frente.
F1: Quando você chegou aqui, você se assustou com os costumes daqui logo de cara?
F2: Não.
F1: Nenhum? nada te assustou?
F2: Não... não.... não... sabe por que? Porque em Beirute... tudo que tem aqui, tem lá. Só que lá, as pessoas... (risos) fazem escondido. Aqui não, você entendeu?
F1: (risos)... é verdade.

F2: Ó, Michelle... quando eu vim para o Brasil eu tinha 26 anos, sabe... eu vim um rapaz novo, casado, com 2 filhos... mas novo, sabe... então vivi bem em Beirute antes da guerra. Então a gente está acostumado em... em... sobreviver em qualquer tempo, entendeu?
F1: E o senhor nunca pensou em voltar, assim... nem pra passear?
F2: Não, eu sempre vou. Agora a última vez eu não fui mais porque eu fui há 4 anos atrás eu e a minha mulher, e...acho que a Mona também tava junto... aí tem o meu sogro. E de lá para cá a gente não voltou mais, também porque ficou muito ruim lá, sabe... sempre ameaça de guerra, tal... aí... e agora essa pandemia aí também, tá morrendo muita gente lá coitado.
F1: Mustafá, você vê muita diferença entre a cultura brasileira e a cultura árabe? O que você acha da nossa cultura brasileira?
F2: Olha... a questão é o seguinte: o povo brasileiro... essa aqui é o costume deles... do jeito que eles vivem... é costume e veio de muitos anos, sabe... mas de qualquer jeito eu cheguei aqui em 1981, tá? As pessoas namoravam... as meninas engravidavam... meninas novas... hoje eu acho que... [inaudível].
F1: Agora tem uma coisa, por exemplo, que agora no Líbano está tendo. Era a coisa da separação, do divórcio, né? Antigamente no Líbano não tinha tanta separação como agora, né?
F2: Agora no Brasil tem muita separação.
F1: E no Líbano também.
F2: Sem dúvida, sempre teve.
F1: Você vê muita diferença entre brasileiro e libanês?
F2: Depende.
F1: Quais as diferenças que chama mais atenção?
F2: Realmente tem diferença, e::.diferença boa, especialmente desses rapazes que tão vindo recentemente do Líbano. Agora, quem tá aqui faz mais de 10 anos... ele já mudou a cabeça, tá entendendo? Com a convivência... com o povo... a pessoa muda. Mas quem está vindo de lá ainda, ou quem está aqui faz pouco tempo... até que tem muita gente que tá aqui há muitos anos, mas a cabeça continua de lá... entendeu? O cara cabeça dura... o cara... só aquilo e acabou... entendeu? Depende.
F1: Então por que você acha que as pessoas não querem mudar, será hein?
F2: Porque não querem mudar... porque são ignorantes... É ignorância.
F1: Mas, esse pensamento que o senhor fala que aqui é diferente de lá, o que seria exatamente?
F2: A diferença é... é o seguinte: porque... o brasileiro ele... ele cuida de si, da casa dele ou de si. O árabe, ele quer cuidar dele, do vizinho, eh::... lá da família do Líbano... eles gostam de uma fofoca (risos). É::... são cabeça dura, sabe... esses novos que tão vindo e... e quem tá vivendo, quem mora lá, tem cabeça dura. Eles pensam que eles sabem tudo, e só eles que sabem, entendeu? É mas::... mas tudo bem... porque cada um com a cabeça dele.
F1: Sobre os seus filhos, o senhor já levou eles lá para passear?
F2: Não... não, mas. não levei só mais novo, o que quem nasceu aqui. Ele foi, morou na Europa 4 meses e não quis ir pro Líbano.
F1: Ah, ele nunca foi?
F2: Não foi, ele fala árabe também, aprendeu aqui. Ele aprendeu com os vizinhos.
F1: As amizades de vocês aqui, são com brasileiros? com árabes? Como que é?
F2: Olha, com os 2 ... com os 2.
F1: Então vocês têm uma convivência com árabes ainda?

F2: É, meu melhor amigo é um rapaz brasileiro, ele é filho de japonês. Mas o pai dele também nasceu no Brasil e ele também tem... ele mais novo que eu, tem uns 50 e poucos anos, um cara super legal. Muito meu amigo, conheço ele há mais de 30 anos... a gente se dá muito bem, mais que os árabes. É que::... depende muito da pessoa, né Michelle.
F1: E sobre trabalho... o senhor trabalha aqui no Brasil? No que já trabalhou?
F2: Ah, eu trabalhei em Brasília, tinha loja de roupa e calçado, aí... mudei pra São Paulo, também tinha fábrica de roupa, aí... depois fui embora pra Uberlândia, em Minas Gerais, onde morei também 10 anos, também tinha loja, e... depois eu vim pra cá em 94, e... abri um negócio no Paraguai, sabe... e... depois eu saí da loja, deixei a loja pro meu filho e meu genro e fiquei mais ou menos 5 anos sem fazer nada. Agora, esse ano... no ano passado, em outubro, voltei a trabalhar. Tô trabalhando agora das... das... das 9 da manhã até às 7 da tarde.
F1: E o que o senhor acha de lidar com os clientes brasileiros? Com os funcionários brasileiros?
F2: Super bem. Super bem.
F1: Você não vê nenhuma diferença na forma de falar em relação aos árabes? Em relação a como eles tratam os estrangeiros, como você vê que eles tratam os estrangeiros?
F2: Olha, aqui... aqui... tá melhor do que Uberlândia... e em Brasília.
F1: Por que que você acha?
F2: Eu vou te falar porque... porque aqui o povo brasileiro tá acostumado... aqui tem 70 etnias, você sabe disso, tem muito estrangeiro aqui. Eh... então os brasileiros tão acostumados com a convivência com os árabes, especialmente os libaneses, porque o comércio do Paraguai e, muito aqui de Foz, é dominado pelos árabes. Então a convivência... nunca, ninguém, me chamou de turco.
F1: (risos) Mas isso é uma coisa interessante, né?
F2: Não... até no Paraguai chamava de árabe, sabe... aí perguntavam: - o senhor é árabe? eu falava: - sim, eu sou libanês. Agora em... em Brasília e em Uberlândia chamavam de turco. Assim... eu falava sim.
F1: É como uma forma de rejeição mesmo...
F2: Isso::... agora aqui não, aqui o povo não fala você é turco, você é árabe, você é libanês. Não... não... nem toca nesse assunto.
F1: Você já quis, por exemplo, alguma vez você quis aprender alguma coisa dos brasileiros para poder se aproximar mais deles, pra eles aceitarem mais você? Um costume? Isso, aquilo...
F2: Não... não... não precisa. Você acredita? não precisa, porque eles te::... os brasileiros, se gostar da pessoa, ele já recolhe... ele... recolher, a palavra certa... recolhe, entendeu? Acolhe, isso...acolhe. Acolhe a pessoa. Então, eh::... não acho nenhuma dificuldade de... de de convivência, não. É até bom.
F1: Quando o senhor vivia no Líbano, antes de vir para o Brasil, qual a imagem que o senhor tinha do Brasil?
F2: Então, eu tinha imagem boa, porque ...a gente sempre conversava, eu e a minha mulher, ela me falava disso... daquilo... como que é. Então quando eu decidi vim para cá, eu tava animado e... cheguei eu tava feliz. Olha, eu....eu falo pra as pessoas que me perguntam: - eu morei 4 anos em uma cidade pequena, chama Planaltina, em Brasília, eram os dias mais felizes da minha vida. Veja, e eu morava numa casa tão humilde, tipo barraco, vamos dizer, mas eu era feliz. Era muito feliz, sabe...
F1: O que o senhor acha que tinha que te fazia feliz?

F2: O povo... o trabalho... sabe... era muito feliz. E::... eu tô bem, graças a Deus, também tô feliz.
F1: Mustafá, você não acha que o povo libanês também é acolhedor como o povo brasileiro? Você não vê isso? Essa característica do povo árabe também?
F2: No Líbano... No Líbano... tem uma cidade lá muito conhecida, eu esqueci hoje o nome da cidade. Aí foi um cara de Beirute, foi morar nessa cidade. O cara morou lá... ele foi para lá com 18 anos... com 83 anos o cara morreu. Aí tocou o sino da igreja, né... todo mundo perguntou: - quem morreu? – Ih::... rapaz, morreu o estrangeiro, morreu... entendeu? É... o povo libanês é fogo.
F1: É... questão de acolhimento.
F3 [intervenção da esposa]: Olha, vou me intrometer na conversa sim.
F1: Pode se intrometer.
F3 [intervenção da esposa]: No sul do Líbano, uma pessoa casa com um rapaz... uma pessoa de uma cidade e a moça de outra cidade, aí a família do rapaz fala: - nossa ele pegou uma estranha. E é da mesma... é 10 minutos de distância de uma aldeia pra outra. Nossa, casou com uma estranha, porque... porque não é da mesma cidade, você acredita? (risos)
F1: Então na verdade não pode nem ter mistura, né?
F2: Não...
F1: É uma cultura muito separada.
F3 [intervenção da esposa]: eles casam, mas não é aquela coisa que eles preferem.
F1: Mustafá, você acha que os cristãos fazem isso também?
F2: Claro, libanês é tudo igual.
F1: Eu acho que quem é de Beirute é um pouco mais cabeça aberta, né? Agora, quem é das cidades do interior é assim mesmo.
F2: Pior, é... com certeza. Mas, todos eles é::... são::... como é que eu vou dizer... racista? Nacionalista?
F1: Xenofóbicos? Racistas? Nacionalistas? Sei lá.
F2: Racista, nacionalista, eh::... fanáticos religiosos, tudo o que você quer dizer. Olha, eu moro aqui há 40 anos... nunca ninguém me perguntou a minha religião. Agora, os árabes, sempre querem saber se eu sou sunita, se eu sou xiita, o que que eu sou, entendeu como é que é? Até os que moram aqui, ó... tem 20, 30 anos, ainda tem isso na cabeça, pergunta. E o brasileiro não pergunta. Pergunta pro seu pai, ele vai te falar se é verdade ou não.
F1: Ele fala exatamente essa frase. Ele fala: - no Brasil eu não preciso andar com uma Cruz pendurada no pescoço.
F2: Não... não... o povo não quer saber da sua religião, quer saber de você, dos seus atos, assim.
F1: É verdade.
F2: Isso é uma coisa muito boa.
F1: Como e onde o senhor se vê daqui 10 ano?
F2: Em Foz do Iguaçu, senão Balneário Camboriú. Se Deus me dá mais anos de vida, né.
F1: Como que o senhor gostaria que os seus filhos estivessem daqui 10 anos?
F2: Que estiver com saúde, com saúde... porque o resto a gente conquista, com saúde a gente conquista. O Brasil é um país enorme, só não faz quem é bobo. Tem que trabalhar, a gente alcança. Não pode reclamar de jeito nenhum, só cuidar da saúde e ter fé em Deus.

F1: Mustafá, eu vou ler uma coisa para você, aí eu quero que você me diga o que que você acha, o que que isso te toca, né? O que que você sente, o que você gostaria de falar depois, né?
“Quem quiser plantar saudade,
escalde bem a semente
e plante na terra seca
em dia de sol bem quente,
pois se plantar no molhado,
ela nasce e mata a gente...” - Antônio Pereira
F2: Mas porque se plantar em Terra molhada vai matar a gente?
F1: Por que a saudade brota. Porque a saudade cresce, brota.
F2: A saudade brota... não... não... sabe por quê? Quando você tá longe, eh::... a saudade acaba... o amor acaba... tudo acaba quando você tá longe, e uma hora vai no esquecimento, entendeu? Eu tenho saudade da minha mãe, mas eu não fico pensando 24 horas. Às vezes, sabe... me dá uma dessa. Agora, eu tenho saudade de ver minha neta, essa pequenininha. Eu tô aqui na minha casa e ela está aqui perto, tenho vontade de ir, mas também não vou. Então é isso aí, tudo também depende da gente saber administrar nosso sentimento.
F1: Isso é verdade. Agora eu tenho uma outra frase aqui:
“Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.”
F2: É verdade é o nosso caso, o caso do seu pai é o meu caso, o caso do pai da Michelle. É, mas é isso mesmo, as circunstâncias que fazem o... o... sabe... acontecer.
F1: A última:
“Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
F2: Também é verdade... também é verdade. Mas veja... veja, eu vou falar de mim... eu se não tiver feliz aqui não ia ficar, porque... já acostumei mudar, entendeu? Eu não sou mochileiro, mas eu vim do Líbano para cá carregando uma mulher e 2 filhos, aí foi pra Brasília... de Brasília foi pra Uberlândia, de Uberlândia foi pra São Paulo, depois voltei, entendeu? Depois vim para cá. Então, onde você tá se sentindo bem, tá feliz, tá trabalhando, entendeu? Aí você fica satisfeito, aí fica.
F1: E você construiu a sua família, você tem as suas netas, seu neto, seus pequeninhos aí...
F2: Essa é a melhor coisa... que dá satisfação. Tenho uma família boa, sadia, encaminhada...
F1: Você acha que você alcançou seus objetivos?
F2: Graças a Deus... graças a Deus.
F1: O que achou dessa nossa conversa? Quer falar alguma coisa mais?
F2: Olha, espero ter alcançado, né... os que... você tava procurando saber, né... e é isso. Eu vou falar uma coisa também, que o nosso povo, a nossa raça lá, os libaneses, e os sírios também, é um povo coitado, ele não merece o que ele tá passando, porque na verdade era um povo diferente antigamente. Essas guerras que implantaram acabou... acabou com o povo, acabou com as... sabe... o modo de vida deles.
F1: Com o sentimentalismo eu acho, com a esperança...
F2: É, também... de tudo, de muita coisa. Então, se você vai escrever alguma coisa é sobre os libaneses... eu não vou dizer sobre os árabes, mas sobre os libaneses, seja fraterna... escreve coisa, sentimental, porque a gente merece, sabe... precisamos de

reconhecimento, porque esse povo coitado, viu... não tem culpa do que tá acontecendo. Quer dizer, uma parte tem culpa, porque pelo dinheiro o pessoal estão fazendo de tudo, mas também tão fazendo isso porque eles não tão tendo chance de trabalho ou de, sabe... então às vezes ele é obrigado carregar uma arma para se defender... o pão de cada dia. Não porque tinha um inimigo... o pão de cada dia. Então era isso que eu queria te falar, só.
F1: A minha intenção é uma homenagem, na verdade, para as pessoas que não saíram de lá porque quiseram, pelo menos o meu pai não saiu de lá porque ele quis, não saiu de lá feliz, não saiu de lá alegre, então é uma homenagem para todos vocês.
F2: Olha, ninguém sai da Terra onde nasceu, onde tá a família dele, mãe, pai irmão... ninguém sai assim porque quer sair, porque deseja, mas porque é obrigado a sair.

b) Fatma Haidar- entrevista 2

F1: Bom dia, prazer Fátima.
F2: Bom dia, prazer é meu, bem-vinda.
F1: Bom, uma das primeiras perguntas é: você estudou no Líbano, e até que grau?
F2: Eu estudei::... pedagogia.
F1: Lá no Líbano?
F3: Ah, esqueci de falar que a Fátima é professora formada e ela é professora de::... do ensino::... infantil e fundamental da escola árabe islâmica, árabe libanesa.
F2: Colégio Brasileiro Islâmico.
F3: Colégio Brasileiro Islâmico, então... e ela é uma das, aliás, uma das únicas professoras, se eu não me engano, árabes, que têm diploma e aptidão para ensinar, com um curso reconhecido pelo MEC, tá?
F2: Vou fazer mais um curso, viu Mona? Já tô entrando.
F3: Ai que bom, porque ela fez pós-graduação em psicomotricidade. Qual é o outro que vai fazer?
F2: Neuro... neuro... neuro... é... neurociência que eu fiz.
F3: Ah, verdade.
F2: A gente trocou, lembra Mona? Eu troquei depois.
F3: É, e você vai fazer qual agora?
F2: Eu tô pensando entrar na pedagogia aqui, de novo.
F3: A filha dela faz medicina aqui.
F1: Ai que legal! Nossa, você já tem filho grande?
F2: Oh::...
F1: Não parece, eu achei que eram pequenos. [risos]
F3: Os três... não, mas a filha dela não é grande, é que ela entrou muito cedo. A filha dela fez vinte anos... a Nur, ou ainda não?
F2: É vinte... vinte e dois anos já... já vinte e dois, já está muito grande já.
F1: Não parece, eu achei que eram todos criancinhas [risos]. E você chegou a trabalhar no Líbano? Deu aulas lá ou só aqui?
F2: Dei... dei aula pouco tempo no Líbano porque eu me formei e::... vim aqui. Depois desses dois anos que eu me formei eu vim aqui.
F1: E com quantos anos você veio?
F2: Então Michelle, eu vim com dezessete anos para cá, só que eu::... voltei pro Líbano, é::... depois de sete anos que eu morei aqui, eu fui no Líbano. Nessa volta pro Líbano eu estudei, eu já tinha meus três filhos quando voltei pra estudar.
F1: E por que você veio a primeira vez?

F2: Eu vim porque casei, né? Aí eu vim com meu marido pra cá, e a gente ficou aqui um tempo, aí depois dos sete anos aqui resolvemos voltar pro Líbano, morar, igual você né? A gente ficou lá 9 anos, eu e os meus filhos, ficamos lá nove anos, depois resolvemos voltar, porque... o trabalho do meu marido ficou aqui. Ele foi com a gente, tentou lá, mas não deu certo, aí ele voltou. Aí a gente tinha que voltar, depois de nove anos morando no Líbano, a gente voltou.
F3: Ah, olha... interessante, eu não conhecia esse... esse...
F2: Ah é Mona, não sabia?
F3: Não, mesmo porque acho quando você... veio a primeira vez eu também não te conheci. Quer dizer, eu acho que tinha te visto... você veio e ficou em Foz ou ficou aqui em São Paulo?
F2: Não, quando eu voltei, voltei pra cá, depois desse... desse tempo. Só que os meus filhos todos nasceram em Foz.
F1: Então seu marido já morava aqui antes?
F2: Sim, morava... morava... bastante tempo antes que eu::... venho aqui, antes da gente casar.
F1: E ele veio por qual motivo?
F2: Ele veio assim, também, por causa que tinha guerra lá no Líbano... que não tinha, assim, um::... trabalho fixo. Ai, sabe? Igual aqueles... todos esses rapazes que deixaram o Líbano, né? Por buscar trabalho, por buscar também... guerra, tinha muita guerra naquela época.
F3: Você não tem muita expectativa, quem vive na guerra lá. Hoje a situação está até um pouco pior, mas naquela época também era difícil, não era Fátima?
F2: Sim, era guerra pra todos os lados, né?
F3: A gente viveu no Líbano também...
F2: Não tinha nenhum lugar salvo.
F3: Não, não tinha.
F2: Era tiroteio de todos os lugares. Sabe aqueles que esconde só pra matar, lembra? A gente tinha medo dessa pessoa mais que a guerra.
F1: Esqueci de perguntar, em quais anos você veio a primeira e a segunda vez?
F2: Foi no::... novembro de 92, quando eu cheguei aqui... novembro de 92. Quando a gente... eu fui no... 99, eu fui pro Líbano e voltei aqui 2007.
F1: Ah, então você tava lá quando o Hariri morreu?
F2: Eu tava lá... eu tava lá quando ele... é eu estava lá. Eu tava fazendo... eu estava na embaixada fazendo visto pra::... eu tinha um::... uma viagem pra São Paulo, eu sozinha, ia deixar as crianças e ia vim assim, passar um mês aqui. Eu lembro que eu tava lá na embaixada quando deu o *boom,* aí... aí depois eu pensei muito antes de viajar e deixar as crianças lá, porque tinha... tava tudo... você lembra? Não sei se você lembra?
F3: Você estava lá Michelle, nessa época?
F1: Estava.
F2: As coisas ficaram bem ruins aquela época, e aí::... em dois dias a embaixada... o::... consulado ligou pra mim, falou: “- Seu visto tá pronto”, falei: “- Não quero mais visto” [risos]. Mas é, eu tava lá, eu lembro muito bem desse dia.
F1: Você falou que precisa de visto, você não é naturalizada brasileira?
F2: Não, naquela época eu não tava naturalizada, eu tava com documento permanente. Só que eu fiquei dois anos... mais que dois anos fora do Brasil, aí eu perdi, aí tinha que me fazer visto.
F1: Mas hoje você é?

F2: É, hoje já tô naturalizada.
F3: E ela não... ela não vota no Bolsonaro.
F1: [Risos] que bom! E você de que região do Líbano?
F2: Eu sou do Sul, do *Khiam*.
F1: E quando você veio para o Brasil, qual a maior dificuldade que você encontrou?
F2: É, a maior dificuldade de ficar longe da família, né?
F1: Ninguém da sua família veio junto?
F2: Não, não, não... eu não tinha ninguém... ninguém, ninguém mesmo da minha família aqui. Eu só tinha meu marido e meus dois cunhados, só.
F1: E pra viver aqui? Assim, aprender a língua, falar com as pessoas...
F2: Foi muito engraçado [risos]. Olha, eu, por causa que eu estudava francês, ficou mais fácil pra mim... é, ficou mais fácil e::... aí eu aprendi... aprendi... aprendi assim, facilmente, mas... mas assim, de gramática eu erro muito até agora, eu tenho esses erros de gramática. Mas... mas... é, em pouco tempo eu já me virava, sabe?
F3: Mas você pegou a influência de onde? Por exemplo, da televisão? Dos livros?
F2: É::... não, televisão. Televisão e a loja, eu descia todo dia na loja do meu marido.
F3: Você achava estranho as pessoas, como elas portavam? Você ficou assustada com o jeito delas, com a cultura delas, no início?
F2: Não... assim, é que você sabe Mona, lá em Foz no Paraguai tinha bastante árabe, tinha muito árabe, muito mesmo. Aí::... isso facilitava um pouco, então você não tá sozinha, lá você tem bastante pessoas que::... fala sua língua. Até lá no trabalho, às lojas todas são de árabe, aí::...
F3: Na verdade lá os brasileiros e os paraguaios se sentem estrangeiros.
F2: Sim [risos]. Lá em Foz é tudo árabe.
F3: É engraçado que os próprios brasileiros e os estrangeiros, Michelle, pra eles se darem bem, eles aprendem um pouco a língua árabe pra poder conversar. O contrário acontece, pra você ver como é importante a questão da língua.
F2: É que é uma cidade pequena e tão... e o número grande, então acabam são perto... muito perto um do outro. É::... Assim, contrário de São Paulo que é grande... cidade grande... então estão espalhados, né? Lá não tem como se espalhar, eles tão assim, bem juntinhos.
F1: E quando vocês decidiram vir pra São Paulo e por quê?
F2: É porque quando meu marido voltou pro Brasil, aí ele fez trabalho aqui em São Paulo, mudou de::... saiu de Foz e veio aqui. Aí a gente quando voltou tinha que voltar aqui.
F1: E aqui vocês têm família?
F2: É, aqui é diferente de Foz. Aqui... eu não sei se a Mona, é::... se a Mona te falou, aqui tem muitas pessoas da minha cidade.
F3: É, não, não tinha comentado ainda.
F2: É, da minha cidade mesmo, assim. do *Khiam*. Tipo, tem muito... não são muitos, muitos, assim... família, assim... não primos, ou tia, ou sobrinho, mas tem bastante conhecidos, é::... casados, tipo a família do meu primo, a Mona conhece.
F3: E aí Michelle é interessante porque embora não sejam parentes... se eu não me engano a Fátima tem só um primo que é primo mesmo de sangue assim, mas é muito conhecido, então a pessoa não se sente muito sozinha. Por exemplo, fim de semana você tá na casa de um, na casa de outro, não perde aquele elo, entendeu?
F2: É, e aqui a gente... eu cheguei e fui... no ano que eu cheguei entrei na escola, então... as pessoas lá na escola, a comunidade toda já me conhece. [risos]
F1: E o que mudou para você desde quando você chegou até hoje?

F2: É::... você fala da minha segunda viagem? Mudou muito! Mudou... as crianças cresceram... eu mudei, assim de... muitos pensamentos mudaram, muitas... assim, é mudanças assim, de... você amadurece, como se fala? Amadurece, é. Aí... você se adapta mais rápido também, mais facilmente né? Aí a minha::... chegada em São Paulo é muito diferente que a minha chegada em Foz, né? É diferente.
F3: É tudo Michelle, porque ela chega já mais experiente, com filho já... já conhecia um pouco o ambiente...
F2: Já falava a língua... então São Paulo ficou mais fácil... as coisas.
F3: Mas a questão da saudade continua?
F2: Não, é outro... outro assunto. [risos]
F1: Você sente falta do Líbano?
F2: Ah claro, porque a minha ida no Líbano... naquela época que a gente ficou os 9 anos, aí você também... se adaptou bastante lá, a gente... meus filhos se adaptaram... então, pra eles vim aqui... pra meus filhos deu um pouquinho de problema, porque eles já não... não falavam o português, eles tinham que falar mais... aprender de novo o português, aí::... a saudade dos primos, dos avós, sabe? Que eles cresceram com eles, mas assim... a vida né?
F1: E como é essa saudade hoje?
F2: É... [risos]. Cada ano piora mais.
F1: Piora?
F2: É, a gente... a gente convive né? Mas isso não quer dizer que a gente não sente aquela saudade... aquelas lembranças, né? Mas graças a Deus, quando a gente dá pra ir, a gente tá indo sempre. É, ele [imigrante] pensa que ele vai voltar e vai achar tudo as coisas do jeito que ele deixou, e aí a gente vai tá tudo mudado.
F1: Antes de você vir a primeira vez, a imagem que você tinha do Brasil, depois que você chegou, você acha que é a mesma imagem que você tinha?
F2: Quando eu cheguei aqui era 92 92. Que que a gente tinha, assim, do Brasil, de informação? É um país que é no Sul, assim, na América... no Sul... e que a gente aprendeu na Geografia isso, né? Um país grande... enorme, assim, de:: aí quando a gente... não tinha internet, não tinha às vezes passava, assim, um Carnaval aqui, aí a gente sabe que tem Carnaval no Brasil. Mais que isso eu não sabia de nada, não é igual agora que você pesquisa no Google rua por rua. Aí: quando eu cheguei aqui eu lembro muito bem Mona, eu lembro que a gente... que eu escutava sabe aqueles prédios altos, altos? Aí quando cheguei aqui olhei, olhei, cadê essas coisas que não tô vendo? E justo que eu fui pra Foz. [risos]
F1: Ah, porque você não veio pra cidade...
F2: Lá pior ainda [risos], que tinha poucos prédios lá, né?
F3: Na época em que a Fátima chegou, em 92, não tinha o que tem hoje em Foz do Iguaçu.
F2: Não... tinha poucos prédios... eu lembro, eu lembro muito bem. E:: aí me assustei, cadê aquela coisa que eu estava imaginando? Não tem nada disso. [risos]
F1: E os costumes, você achou muito diferente?
F2: É... é diferente os costumes aqui....muito, muito diferente do Líbano. Apesar que agora no Líbano tá mudando as coisas, assim....mas, assim na nossa época era bem diferente.
F1: O que você achou, assim, de mais diferente?
F2: É, aqui é muito liberal, você sabe, a liberdade que tem aqui lá no Líbano não tem, é::... o tempo é diferente do Líbano... tudo, tudo, a culinária. ..tudo é diferente. Só que é tipo o que eu te falei, o que facilitou mais foi aquela::... as pessoas lá que....que

bastante árabe, que a comunidade árabe que tava lá, tava assim bem reunidas, as pessoas.
F1: E você sentiu dificuldade na vida no Brasil?
F2: É, no início a gente sentiu, né? Sentimos muita, muita dificuldade... também com filhos, pra ir no médico, pra... apesar que o meu marido também não falava tanto português, ele falava as coisas que ele usa lá no::... no trabalho, né? Quando [risos]... isso as coisas... coisas bem básicas, né? Aí a gente teve que adaptar muito com isso pra gente levar... eu, assim, por coincidência meu médico era árabe também, né? Aí não, os médicos de mais filhos, o médico era brasileiro, então... tinha um pouquinho essa dificuldade, né? De você... perguntar... saber das coisas... e era difícil também lá na época que não tinha internet, não tinha... é pra você... eu não tinha como falar com meus pais, eu não tinha telefone em casa, meus pais não tinham telefone em casa. É, eu ia pra telefônica. Eu lembro, eu... tinha telefônica lá em Foz e tinha uma fila enorme pra você esperar sua vez pra ligar e eu tinha que ligar pra minha vizinha, dos meus pais, e ela tinha que descer, chamar meus pais, pra eles subirem pra gente falar. Eu gravava... outro dia minhas irmãs tavam falando dessas fitas: ‘’- Fátima, quando a gente gravava fita pra você”. Sempre... direto... escrevia letras, gravava fita, e aquela fita eu escutava 1000 vezes quando chegava uma fita.
F3: Ô Fátima, então a linguagem, a língua, é importante pra gente ir para os lugares.
F2: Sim, pra gente se comunicar, né? Não tem como você viver no Brasil e não aprender. Eu tive amigas que não aprenderam português e sofreram, sofreram mesmo,e::... que não tinha como se comunicar, né? Teve que esperar o marido pra levar... o marido, a vizinha, ou alguém né? É, fica difícil. A primeira coisa que tem que fazer chegando no país é aprender a língua deles.
F1: E quanto aos seus, desculpa, quantos anos tem seus filhos? São 3?
F2: 3, 2 meninos e 1 menina. O mais velho tem 27, e o::... do meio 25, e a menina 22.
F1: Ah, são todos adultos então? E como foi para você criar os seus filhos em um país que não é o seu?
F2: É, então... aqui é a dificuldade que você tem que::... manter o costume, manter a religião, manter tudo... celebrar todas as festas, as comemorações, então... que é... que a gente vive no Líbano, assim, em geral no país, e aqui não, só em casa... isso foi um pouco difícil. Mas, assim, foi... eles foram adaptando... se adaptando, né?
F1: Então você teve essa preocupação de passar a sua cultura, sua religião pra eles?
F2: É, aqui a cultura e a religião é um trabalho... não falo em dobro, é mais do que o dobro, né? Porque eles vão conviver com as duas culturas. É, aqui... os costumes daqui e os costumes do Líbano. É difícil, sim, não é fácil manter tudo, mantém né? Isso.
F1: E eles conhecem... você falou que eles moraram no Líbano, né? Depois de um tempo, eles continuam voltando lá? Como é essa relação?
F2: Sim, sim, eles... eles vão. Os meninos menos que a menina, que a menina sempre que eu vou ela tá indo comigo. Só que eles assim, cada 2 ou 3 anos eles vão. Aí quanto dá pra eles irem, eles tão indo. Só que assim, não ficam bastante tempo, uma viagem bem rápida.
F1: Então eles gostam de manter esse contato?
F2: Sim, eles gostam, sim, sim. Eu faço questão disso
F3: Mas Fátima, você acha que com o tempo é possível, assim, eles terem essa influência da cultura ocidental? Como é que você prevê isso? Como é que você lidaria com isso? É um problema que você tem que pensar, né?

F2: Sim... sim. É, não é fácil Mona, pra falar a verdade, gente fala a verdade, não é fácil pra ninguém, né? A escola agora ajuda um pouquinho a comunidade, aqueles que tem crianças dentro da nossa escola, então ele tá vivendo um pouco esse... esses costumes. Mas se você tá longe, você vai perdendo, é::... vai perdendo, não tem como manter se você não trabalha sobre isso. Aí depois... agora são uma fase são adultos, eles já sabem as... os que a gente passou lá no Líbano ajudou eles a manter isso também. Não vou esquecer desse tempo porque esse tempo era... o tempo deles crescerem, então voltei com meu filho com 14 anos, então ele já tem essa... essa base, vamos falar. Mas::... ninguém sabe... porque tudo muda, né?
F1: E que lembranças você tem do Líbano? Da sua infância, da sua vida?
F2: É, a gente::... a gente tem muitas lembranças boas, assim, eu::... eu tive uma fase assim, bem legal, só que a gente tem aquela lembrança de guerra. É, a gente tem bastante lembrança da guerra, sabe? Porque eu passei... eu cresci na guerra. A guerra começou em 75 no Líbano, eu nasci em 75.
F3: Então você não viveu o que era um pouco antes da guerra, que era lindo.
F2: É, eu não convivi... isso não. Meu pai fala do Líbano, né? Então a gente cresceu, assim, numa época... eu... eu cresci numa época muito, muito difícil. Vivia fugindo, é.
F1: Quais as diferenças que você enxerga entre o povo, os brasileiros e os libaneses?
F2: Sabe que a gente tava comentando outro dia que o povo brasileiro é::... eu gosto que ele::... sempre feliz, ele busca sempre a felicidade, sabe? Com tantos problemas, eles mantem, assim. Pra::... tirar um tempo pra::... pra ser feliz e pra viver, isso é::... você vê no Líbano também, com tanta coisa no Líbano, com tantos problemas, as pessoas vivem feliz, buscando sempre a felicidade, gostam de sair, gostam de viajar, gostam de fazer festas, então isso é bem parecido aqui no Brasil, uma coisa que eu acho muito em comum. Agora::... também família, né? No Líbano são muito apegados à família... até aqui no Brasil você vê também isso. Diferente do::... dos países europeus que eles não são muito família, mas aqui no Brasil você vê sempre isso, esse laço de família, eles têm.
F1: E você tem amigos brasileiros aqui? Convive com eles?
F2: Tem... sempre tem amigos brasileiros, não tem como, também eu trabalho com brasileiros direto, o dia inteiro, então a gente faz bastante amizade com brasileiros.
F1: Ah, tem brasileiros na Escola Islâmica?
F2: Tem::... uma equipe brasileira e uma equipe árabe. A escola é bilingue, então a gente convive.
F1: Bom, agora a gente vai terminando, eu queria te perguntar como é que você se vê daqui há 10 anos?
F2: Ai meu Deus Michelle, não me vem com essa questão, não sei não. [risos] Lá no curso deram essa pergunta também, aí eu falo::... ai, eu não sei.
F1: Só pra terminar, queria te perguntar se você quer falar mais alguma coisa, deixar uma mensagem? Porque isso é realmente uma homenagem, meu trabalho. Antes de ser uma pesquisa, é uma homenagem, e eu queria deixar a vida das pessoas registrada pra que outras pessoas conheçam a vida de vocês. Então, se você quiser falar mais alguma coisa, deixar uma mensagem.
F2: Se vou deixar uma mensagem, eu gosto de deixar uma mensagem bonita pro Brasil também, que nos recolheu, né? Que deu::... as pessoas, assim... falam... eu tenho minhas amigas, elas falam: ‘’- Ah, a gente veio no Brasil, não gosto, não gosto! Eu prefiro ir no Líbano. Já tô há 10 anos aqui nesse país, mas não tô gostando”, mas eu falo: ‘’- Não, graças a Deus esse país é lindo, maravilhoso, deu oportunidade pra bastante rapazes vir aqui e fazer a vida deles’’. A gente não pode esquecer que tem

muitas famílias no Líbano que vivem das pessoas que moram aqui no Brasil, então::... o bom é muito mais do que o ruim aqui. Você vai fazer a... o mundo é um mundo, Deus é o único, né? E essa Terra é de todo mundo. Eu me acho assim, libanesa, eu me acho também brasileira, meus filhos são brasileiros, então::... é onde que a gente tá, onde que Deus nos colocou, então é o nosso destino.
F3: Quer ver uma coisa, por exemplo, uma coisa que a gente não percebe, mas a gente acaba fazendo: a festa de Natal. A festa de Natal ela é tipicamente ocidental, a gente se reúne Michelle, antes da pandemia, não é menos de 40 ou 50 pessoas pra juntar, pra fazer amigo secreto, pra pôr roupa de Papai Noel...
F1: Ah, vocês fazem?
F3: A gente faz. Então é uma coisa, que é uma festividade, que no Líbano, no Islã, o que ela é, o que eu sou, não tem. Mas agora até no próprio país islâmico, no Líbano, minhas primas, meus tios, todos na árvore, troca presente, é uma coisa... você entendeu? É uma coisa típica.
F2: É que o Islã, assim, ele busca essas reuniões familiares. a gente tem, né Mona? A gente tem isso. Eu lembro que tem, assim, tem uns *Sheiks* que falam que é contra essas coisas de comemoração de Natal, mas tem uns *Sheiks* que falam: ‘’- Por que não? Não estamos fazendo nada de errado, a gente por contrário, estamos se reunindo, coisa com Islã sempre fala pra se reunir, independente qual motivo, independente qual a ocasião, a gente tá se reunindo, a gente tá vivendo momentos... família, momentos de::... de amor, de amizade, de felicidade, então porque não?’’ E a gente acredita também em::... em Jesus, então por que... Jesus é um profeta, então a gente acredita, então a gente comemora, normal. Tudo o que é pra felicidade dos nossos filhos, pra gente, pro::... pro mundo é bom.
F3: Fátima, eu quero só que você::... no final eu vou ler umas duas frases pra você, queria só que você falasse para mim o que que essas frases falam com você, tá bom? Fica a vontade, do jeito que você acha que, né? Que você entende, como ela te toca, né?
“Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
Aí depois a outra fala é:
“Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.” - wmarles
F2: Eu vou te responder em geral, nas duas. Assim, é::... eu nunca pensei que ia sair do Líbano, nunca... nunca quando tava pequena, nunca tinha esse sonho, nunca tinha essa... esses pensamentos. Quando eu viajei, é::... eu não sei o que aconteceu naquele dia, naquela hora, naquele momento, é::... quando assim, eu falei: ‘’- Se eu vou casar, eu vou... eu tô indo pra outro país.’’ Apesar que eu sou uma pessoa que gosta de enfrentar as coisas, eu gosto de enfrentar, eu gosto de::... de afundar nas coisas, de ver até quando vai dar isso, onde vai dar isso. É::... sair do país não é fácil... é muita saudade... sair das lembranças muito fácil. Vou te dar um exemplo Mona: eu::... eu cresci em Foz, eu tinha 17 anos eu fui lá e fiquei 7 anos lá, eu tive... eu tive meus 3 filhos lá. Quando eu tenho saudade do Líbano, até eu tenho saudade de Foz... e eu sempre vou pra Foz, porque::... eu tenho saudade lá, não posso esquecer as lembranças de Foz. Lá nasceram meus filhos, eu tenho muitas lembranças bonitas de Foz, então::... onde que você vive, você já tem lembranças, você já tem::... convivências, tem::... tem muita coisa que se toca. Eu tenho lembranças do *Khiam*, eu tenho lembranças de Beirute, agora se eu vou morar no Líbano e deixo o Brasil, São Paulo, eu

vou ter muitas lembranças de São Paulo, mesmo que... onde que você vai, você tá vivendo esses momentos, você tá vivendo esses anos, então você tá deixando um::... uma marca, e a cidade... e a terra onde você tá deixando uma marca em você, então é a vida que você tá fazendo, independente onde que você tá fazendo. Deus quis que eu fico longe dos meus pais, mas é::... eu acho que Deus quis isso, não sei qual era o motivo, mas é o destino. E daqui a pouco vou chorar. [risos]
F1: Obrigada Fátima por contar a sua história!

c) Elie Abi Rizk – entrevista 3

F1: Você veio do Líbano há quanto tempo?
F2: 7 anos... 2014, na Copa do Mundo do Brasil.
F1: Por que você veio?
F2: Pra assistir o jogo.
F1: A primeira vez foi só pra assistir?
F2: Primeira vez.
F1: E o que você achou do Brasil quando você veio?
F2: Bom, gostoso... aí fiquei curioso para aprender.
F1: O português?
F2: Português. Eu fui assim... aprendendo.
F1: E você aprendeu como?
F2: Todo dia numa esquina, tomando cachaça (risos).
F1: Por que você decidiu ficar?
F2: Então, esse foi::... esse é meio complicado... eu saí de lá para passear um pouco, mas tava meio bagunçado lá.
F1: Lá no Líbano?
F2: Lá no Líbano, o trabalho... aí eu fiquei enrolando, falei: - vamos ver o que vai da, vamos ver... e estamos vendo ainda.
F1: Ah, você foi ficando?
F2: Aí eu fiquei aqui, já faz 7 anos. É muito tempo... muito não sei, mas já passou né...
F1: Como era a sua vida no Líbano?
F2: Maravilha, igual aqui.
F1: Mesma coisa, você não vê diferença?
F2: Eh::... não mudou nada. Sempre trabalha, beber um pouco... (risos) mas trabalha todo dia, e... correndo atrás, nunca parei na vida.
F1: E lá você vivia com quem?
F2: Eu e minha mãe, na casa, e... só. E o meu irmão, né... porque a casa é 2 andares, aí cada um tem um.
F1: Você tem quantos anos?
F2: Tenho 33.
F1: Quando você chegou aqui no Brasil, o que você achou mais difícil?
F2: Só::... não é mais difícil, só pra::... me comunicar, para poder né...
F1: A língua?
F2: É... para entender o povo, um pouco, dar a minha opinião, xingar alguém (risos). É assim mesmo, sério. Por isso foi mais rápido... aí... aprender as gírias do povo, nas esquinas, nos cantos, bebendo... aí vem um, tira sarro, por exemplo, aí eu: - não tem problema, pode continuar, mas explica. E foi assim que eu aprendi mais rápido as besteiras. É meu, sério isso, aprendi um pouco na rua e outra que eu estudei, fiquei relembrando... no google.

F1: Você estudou sozinho?
F2: É, uns verbos, por exemplo... sei lá, “quero”, que nunca ouvi o que que é “quero”. “Quero”, “queria”, e tal... e foi indo assim, lendo. E foi... aprendi até rápido.
F1: Você no Líbano estudou até quando?
F2: Eu fiz um ano de *interior design*, na faculdade.
F1: Design de interiores?
F2: Design de interiores, aí... eu parei depois.
F1: Não gostou?
F2: Gostei, mas não tinha mais escolha, ou vai trabalhar, ou vai pra faculdade. Porque para ir pra faculdade passar fome na frente dos vagabundos, não vou fazer isso. Não ia, hoje eu faço porque eu não quero nem saber... naquela época eu não tinha jeito, sabe... todo mundo na cafeteira tomando café e você não tem 10 reais para tomar café, então...
F1: E o que você pensa sobre estudos? Você tem vontade de continuar?
F2: Claro, um dia vou fazer esse ENEM aqui.
F1: Aqui no Brasil você tem vontade?
F2: Sim, vai que eu faço vereador, por exemplo (risos). Nunca se sabe... vou fazer, um dia né... mas... tem que preparar, essa brincadeira... é só pra relembrar, porque tem coisas também preciso estudar mesmo, pra saber o que que você vai escrever, não tem um... não tem nada haver de viver na rua. Tem um estudo, escrito, tudo... mas eu gosto. Até hoje eu leio muito, qualquer coisa assim, interessante... ler política, coisinhas...
F1: E antes de vir para o Brasil, qual a imagem do Brasil que você tinha? O que você imaginava que era o Brasil?
F2: Mato e macaco (risos). Verdade, eh::... mato, mas por que a gente estuda na escola lá, na geografia... estuda o que? Que o Brasil, Rio Amazonas que existe no Brasil, aquelas árvores de 800 metros, que faz o pneu, não sei o que.
F1: Borracha.
F2: Isso, aí escreve... está lá e a gente estuda, desde criança fala isso. Até tem perguntas nos testes, nos exames que faz pra passar o ano, aquelas coisas. E que é calor de sei lá quantos graus... aí vim preparado, raspei o cabelo, falei: -vai que não acha um lugar (risos). Mas é verdade mesmo, é verdade isso. Peguei... peguei uma blusa só de manga cumprida, também falei: -vai que era mentira, que passo frio. Aí chega aqui pra ver São Paulo, é muito bom... mas essa ideia muito errada que eles... como que fala? Passa pros outros... que vende mais, né.
F1: E quando você chegou, essa sua ideia mudou então?
F2: Na hora! Só brigando um pouco no aeroporto, saí tá tudo certo (risos)... na hora mudou tudo... que era mentira né, mas tá na cabeça do povo que só::... aprendeu que tem Rio Amazonas, índio, aquelas árvores... o maior... Amazonas... como chama?
F1: A Mata Amazônica...
F2: É, a mata verde, tudo. Então você só pensa nisso, o coco, o macaco jogando coco um em cima do outro (risos). Mas não é, na hora você chega, principalmente em São Paulo, basta ficar uma semana já... já entende como funciona, não tem esse.
F1: Você sente saudades do Líbano?
F2: Mas claro! Vou fazer 27 anos no Líbano, primeiro vem os melhores 27 anos né... então nunca vai esquecer, esse sem dúvida.
F1: Você sente falta do que? Da sua família...
F2: Dar risada. Sim, porque estrangeiro::... qualquer lugar, pode ser você lugar fora, você vai perder a risada, principalmente, eh::... conversando com o outro povo que é...

outro não tô falando... outro que é outra... mentalidade e outra realidade. Por exemplo, você nasceu em São Paulo e cresceu, estudou aqui, você só pode rir em São Paulo. Você vai para Minas Gerais, vai rir, mas não é pra morrer, entendeu? Então é esse que tô tentando explicar. Eh::... a risada, qualquer um que vai mudar do seu lugar, vai perder. Aí::... acha um da::... por exemplos, vem Elie, vem fulano, vem ciclano, que a gente fala a mesma língua, e só ri, as vezes né... tirando os problemas, fala... besteira para rir, fala coisas que... que se vai traduzir não vai entender, não tem sentido, só a gente daquele canto vai entender, sabe? Isso é bom, gostoso... tem que aprender, acostumar.
F1: Qual é a maior lembrança que você tem do Líbano?
F2: Nossa... como que vou explicar? Isso é muito complicado. Tudo, eu não esqueço, nunca vou esquecer, não tem uma maior, sabe? Mas, eh::... agora, eu tô aqui, às vezes vem uma ideia, lembra de uma coisa e tal... é assim que vai. Mas não tem uma assim, extraordinária.
F1: E você pensa em voltar para lá um dia?
F2: Penso, claro. Um dia vou voltar.
F1: Você não pensa em ficar sempre aqui?
F2: Sim, enquanto eu tô aqui eu faço tudo pra sempre. Voltou para lá, voltou... vamos fazer de novo para sempre, né... ou tudo ou nada, não tem mais ou menos.
F1: O que você achou dos costumes brasileiros?
F2: Costumes? É... boa ideia. Eh::... tem, para mim, né... cada um vê do seu jeito... tem umas coisinhas, assim, que é meio errado... não é errado, é meio o jeito deles, mas eu não achei muita diferença entre como que eu vivia lá e como que eu vivia aqui.
F1: Você acha parecido os costumes?
F2: Parecido, porque a minha... não é cultura, cultura tem umas coisinhas, voltando... voltando a::... explicar, São Paulo, por exemplo, você tem índio vermelho em São Paulo, você tem moreno branco, vou saber? Tem tudo em São Paulo... e tem todos os caminhos, você escolhe e vai embora, certo? Então... igual... como... do jeito que eu vivia lá, do jeito que eu nasci e cresci, a ideia é assim: cada um escolhe seu caminho e vai embora. Então, eu não posso te julgar por que você está fazendo 1, 2, 3. Só não vem também falar na minha cabeça, né... por isso, eu fico desse jeito, cada um faz o que quiser e pronto.
F1: Mas o que você acha, assim, que tem de diferente neles? Nos brasileiros?
F2: Não... não sei, assim... não tem exemplo, porque eu... quem sou eu pra falar?
F1: Não tem nada que você olhe fale assim, isso é diferente?
F2: Eu falo: -nossa, eu não vou lá, pronto.
F1: Mas o que seria, assim, que você acha diferente?
F2: Bom, eu não sei... não sei... sério, eu nunca pensei nisso, porque eu vi tudo, sabe? Rodei toda São Paulo, canto por canto, bom e mau. Então onde eu me achei, eu fiquei... onde não me acho, eu não vou. Vou uma vez ou vou... sai... na hora, sabe? Não é minha praia, acabou.
F1: Você achou os libaneses e os brasileiros, assim, diferentes? Parecidos?
F2: Diferente, claro! Porque...
F1: O que você vê de diferente?
F2: Não é, é assim... a vida na cidade... não pode colocar aqui no Brasil, porque... o Brasil inteiro não é assim. Eu sei a cidade do interior e sei São Paulo, voltando no assunto... cidade do interior é mais tranquilo, outro povo, outra mentalidade.
F1: Diferente de São Paulo, você fala?

F2: Claro! Diferente de qualquer capital grande. A correria aqui te ensina a... como que vou explicar isso? Te ensina a não sentir mais, simples.
F1: Anestesia você?
F2: Isso... não... é, anestesia... ou você vai se anestesiar, pra poder seguir seu caminho. Se não faz isso, volta a ficar louco, pronto. E ficando louca não é::... nesse sentido... aí vai no outro caminho. Você não vai pensar mais em crescer, não vai pensar mais nada, então vai... fazer merda. Essa é cidade, não pode colocar que é o Brasil, porque o Brasil não é assim, eu conheci...
F1: Mas você não achou que o interior do Brasil parece mais com o Líbano pela vida sossegada, do que a cidade grande?
F2: Sim, sim... claro, claro... isso, isso... quem mora em Beirute, na capital, é outra mentalidade onde a gente morava, por exemplo. Eu descia pra Beirute pra fazer minhas coisas... pra balada... pra não sei o que... eu volto pra dormir em casa.
F1: Você era de que cidade?
F2: De Jounieh, Monte Líbano. Eh::... mais pra montanha, tá? Eh::... mas é muito gostoso lá... é perto, 15 minutos tá em qualquer lugar, porque é no coração. Só que::... então, aí o assunto... a ideia é: o povo da capital é diferente do povo que é mais afastado, acabou. Não precisa ser interior.
F1: A vida é mais tranquila.
F2: Claro, claro... e vivem bem melhor do que a gente.
F1: Melhor, você acha?
F2: É.
F1: Você ainda sente alguma dificuldade aqui no Brasil?
F2: Não, faz tempo que não sinto mais isso.
F1: Já se sente adaptado?
F2: Faz 5 anos.
F1: E por que você acha que isso aconteceu? Por que você veio novo?
F2: Não. Só pra acertar as línguas, é::... claro né, a::... como que vou... a experiência, por exemplo, você vai nessa rua não sabendo o que tem lá. Quando vai, você vai decidir, vai entender porque não precisa ir nessa rua, tô dando exemplo. Então, rodando... rodando pra ver tudo, pra ver muita coisa, você vai decidir depois. Então, por exemplo, chega aqui no Brasil: -ah, pode ir na favela, não sei o que tem na favela, coloca aquele trauma, a turma nossa dando conselho. Eu fui na favela, não tem nada, povo igual eu, até melhor, entendeu? Tirando a meia dúzia que é da droga, não sei o que... que são meia dúzia mesmo. O resto meu... é povo, vamos viver, acabou, sabe? Aí eles colocam a ideia, ou até a televisão coloca a ideia na cabeça pro povo ficar afastado, não entendo porque... mas, é isso.
F1: Você... como você vê o brasileiro? Assim, se alguém te perguntasse como que é o brasileiro, como que é a cultura brasileira, o que você falaria?
F2: Eh::... 90% faz uma coisa na vida.
F1: Como assim?
F2: Boa. Uma coisa na vida, 90% do povo brasileiro. Eh::... por exemplo, você tá estudando, sei lá, gestão de alguma coisa, você só faz gestão na vida. Esse ano, que agora, selecionou, e eu tinha certeza... tive certeza do que eu tô falando. Muita gente parou eu não sabe fazer outra coisa, fica com vergonha de fazer outra coisa. Aí, 90% que faz só uma coisa na vida, isso é impressionante .E eu vi pessoa que não sabe fazer nada, eu tenho certeza do que eu tô falando. São poucas pessoas, mas eu tenho certeza do que eu tô falando. Impressionante isso!
F1: Aqui no Brasil, você convive bastante com brasileiros? Você prefere os libaneses?

F2: Só brasileiros, 90% brasileiros. Brasileiros(as), todos.
F1: Você prefere, assim, conviver com brasileiros do que a comunidade libanesa aqui?
F2: Claro, não... eu tenho contato com todo mundo.
F1: Pra você é igual?
F2: Não, não é igual. Eu tenho contato com todo mundo. Com os libaneses eu tenho muitos amigos, mas eu vivo no Brasil, então tem que ter de todos... não tô falando que vou negar os outros... ou depende, volta... depende do que você faz na vida, do seu jeito, e o que você quer, entendeu? Aí se você... se eu vou ficar sentando só com a meia dúzia dos libaneses, então vai aprender o árabe que faltava de... esse vai aprender, e fica no mesmo lugar.
F1: Você não vai se acostumar no Brasil...
F2: É, então, aí não vai... vai aprender mais o que faltava lá no Líbano.
F1: Você é casado? Tem filhos?
F2: Você não tá vendo? Tô sorrindo, feliz da vida (risos). Casado... (risos).
F1: Você pensa nisso? Em casar, ter filhos?
F2: Claro, claro! Um dia, claro!
F1: E quando você pensa, você pensa aqui no Brasil, no Líbano, ou tanto faz?
F2: Não importa, se Eva é uma e Adão pior ainda (risos), não importa.
F1: Pra você não tem aquela coisa que tem que ser libanesa?
F2: Que isso? Só achar a pessoa certa para ficar feliz, se não for, vamos viver solteiro pra sempre, foi.
F1: E você criaria seus filhos aqui no Brasil?
F2: Claro, porque não? Eu que crio meus filhos.
F1: Se você criasse eles aqui, você ensinaria a sua cultura para eles? Você iria fazer questão?
F2: Com certeza, eu faço o que eu entendo. Agora vai... vai... a rua ensina 50%, até mais um pouco, a rua que tô falando é a escola, isso... a vida. Mas tem outra 50% que cada pai ou mãe vai fazer pelos filhos, entendeu? E não vai ser... Eu acredito que não vai ser muito diferente, porque o que eu faço hoje, vou fazer para sempre, tirando as merdas (risos)... as coisas boas tô falando. Então isso eu... nunca vai mudar pra:... ah, vai fazer um teatro para ensinar pra criança, né... então, é isso.
F1: Você levaria eles pro Líbano?
F2: Claro, claro... com toda a certeza! Tem que ir ver como que viveu o velho, né... (risos) Vai chegar, apanhar, você não sabe nada.
F1: Você se sente feliz no Brasil?
F2: Me sinto feliz em qualquer lugar, graças a Deus. Isso é uma loucura minha... eu faço minha cabeça. Claro, vai ter umas coisinhas ou outra, não é sempre, não é toda hora, mas... tem que dar o seu jeito para viver feliz no meio do mato sozinho, acabou... ou vai morrer triste.
F1: Você trabalha com o que aqui no Brasil?
F2: Com::... tudo. Com comércio. Comércio, e::... e mexo com obras.
F1: Você acha difícil trabalhar aqui no Brasil?
F2: Não é difícil, é muito fácil para quem quer trabalhar. E tem muito trabalho, mas muito no trabalho, pra quem quer. Pra quem não quer, nunca vai achar.
F1: Você achou mais fácil do que no Líbano? Ou é a mesma coisa?
F2: Não, mesma coisa. Eh... aí voltando... lá a oportunidade é pouca, e pouca::... por causa de::... tem pouca população, pouca gente.
F1: Por causa do tamanho do país?

F2: Do tamanho do país e pouca gente também. Então, mas voltando... quem quer trabalhar vai achar, e quem trabalha bem nunca vai parar em casa. Mesmo de graça, pode não receber, mas em casa eu não fico, e de fome não vai morrer.
F1: Você acha que falta você aprender mais alguma coisa aqui no Brasil?
F2: Sim, todo dia falta.
F1: Você acha que todo dia você aprende?
F2: Claro! Aí, mas... às vezes chega num ponto que fala: - não quero mais aprender, chega né, vamos fazer! Eh::... só que não tem jeito, todo dia você vai ver uma coisa nova. Só que eu acho que não mexe mais com o nosso, já era. O que tivemos que aprender, já aprendemos, então você vê uma coisa e: - ah, esse é diferente, beleza! Mas não mexe mais.
F1: A saudade que você sentia do Líbano quando você chegou pra agora, mudou? Ou continua a mesma coisa?
F2: Não, claro mudou. O tempo muda qualquer um.
F1: Você acha que diminuiu um pouco?
F2: Claro, claro... diminuiu, mas esse... voltando, você... você... eu, trabalha... eu tava parado, com 5, 6 meses fora do país, então você não viu nada ainda. Mesmo passeando, mesmo tudo... você não viu nada. Eu não vi nada, 5, 6 meses. Aí depois desses 5, 6 meses, eu comecei a procurar, ninguém mais me levava. Aí eu fui procurar onde a minha cabeça... né, vai entender. Onde eu quero conhecer, não é você, ela, vem me levar pra praia. Fui pra praia, nos lugares, com o povo, depois fui onde eu queria ir, pra descobrir. Descobri, assim. Muita foi... ficaram ruim... muita bonito. Então, mas fui conhecer as coisas, os 2 lados.
F1: Você voltou para o Líbano nesse tempo?
F2: Não voltei, não podia... não poderia. Eh::... até pensei, em 2019, era. Tava tudo pronto, mas o meu documento não me deixa sair do país e voltar. É por esse motivo. Até pensei em fazer umas loucuras, mas desisti depois.
F1: Mas vontade você tem?
F2: Vontade::... às vezes amanhã, eu pego e vamos embora. Tem que passar uns 30 dias, ver a turma. Tá tudo largado lá.
F1: Você fala com as pessoas lá? Sua família?
F2: Falo... falo... de vez em quando.
F1: Onde e como você se vê daqui 10 anos? Quando você para pra pensar, assim, daqui 10 anos?
F2: Só Deus sabe, mas eh::... eu acho que da mesma forma que eu tô hoje. Não quero muita coisa não, só um pouco mais eh::... como é que fala? Descansar, fazer mais o fixo, um pouco do fixo, acabou, mesma coisa. Agora onde? Não importa, qualquer lugar.
F1: E sua ideia do Brasil, de quando você chegou para agora, esse 7 anos, mudou?
F2: Não, ainda a mesma.
F1: Mesma coisa?
F2: Mesma coisa, quem corre atrás, acha? Simples.
F1: Quando eu falo para você Líbano, qual é a palavra que vem na sua cabeça?
F2: O meu Líbano, como que eu vivia naquele lugar.
F1: O que tem na sua lembrança?
F2: Só, claro, na minha cabeça, conforme o jeito que eu vivi a vida inteira, é isso, as coisas bonitas sempre. Claro, tem um monte de muita coisa que não falo, muita coisa que é ruim, né... mas só lembro das coisas boas, porque... pra que lembrar das coisas

ruins? Já passou também. Até às boas já passaram, mas tem que lembrar de alguma coisa, né.
F1: Bom, esse trabalho, ele... claro, é o meu Mestrado, mas ele é uma homenagem que eu quis fazer, primeiro para o meu pai... para a nossa história, da nossa vida, e para a comunidade libanesa aqui. Então eu queria te perguntar se você queria deixar alguma coisa, algum recado, alguma coisa que você gostaria de deixar registrado.
F2: Registrado?
F1: Sobre a sua história, sobre a sua vida... sobre a sua vinda para o Brasil...
F2: Meu, então... assim, coisa específica não tenho, mas é muito bom... meu, então... aqui é muito bom, para mim é muito bom. Voltando, cada um tem uma cabeça na vida, eh::... eu expliquei isso, a minha cabeça eu faço onde eu chego. Pode ser na aldeia dos índios, não tem problema. Vou fazer do meu jeito sempre. Agora, sobre essa história dos libaneses que vieram, tudo... cada um tem uma história sozinho, sozinho... não tem igual. Então... para mim tava tudo certo, eu cheguei não era pra ficar, era 20 dias no início.
F1: Você veio direto para São Paulo?
F2: Direto pra São Paulo.
F1: Você tem família aqui?
F2: Tem, eu cheguei pra::... casa do meu tio.
F1: Seu tio?
F2: O plano era 20 dias mesmo, pra assistir 2, 3 jogos do Brasil, na Copa, e ir embora. Então fui enrolado porque fiquei vendo coisas. Ah vamos ver esse, vamos ver esse... e lá tava bagunçado, então... eu que fui enrolando, pra... pra prolongar a situação. Passou primeiros 6 meses, tomei a decisão e falei: - eu vou ficar pra tentar alguma coisa. Mas... pra mim não era ruim lá, naquela época. Não era ruim, era bom, me sustentava de lá, não é daqui, porque fiquei mais de 2 anos fazendo nada aqui.
F1: Você não veio então porque lá estava ruim?
F2: Não::... não... não... não tava ruim, naquela época não tava. Hoje eu te falo: - tá ruim e pronto. Naquela época não, 2 anos eu me sustentava do dinheiro de lá, do trabalho que eu fiz antes, sabe? Aí fui sobrevivendo. Mas chega uma hora, acabou meu, não pode passear pelo resto da vida.
F1: Você se acha uma pessoa que se acostuma fácil com as coisas?
F2: Não me acostumo fácil.
F1: Mas se adapta fácil?
F2: Não, mas quando não tem jeito... você vai dar o jogo, né.
F1: É que você parece uma que... se acostuma, não tem problema, assim.
F2: Acostuma. Não tenho problema. Voltando, eu faço o que eu quero, pra mim, não tô falando mandar em você, nela... não é. Eu faço o que eu quero pra mim. Qualquer lugar, se eu tô sentado aqui ou do outro lado da rua, qual a diferença, entendeu? Onde eu nasci é aquele lugar, não vai mudar, então hoje não tô nele, eu posso mudar, não sou árvore, que... né.
[áudio cortado]
F2: Eu passei por isso, mas no início. Nos primeiros 6 meses que eu passei, era assim: um dia aqui, outro dia lá... uma hora aqui pensando, outra lá. Isso que é cansaço... cansaço mesmo, você não tem mais tempo pra fazer nada, você só pensa: “- ah, mas lá eu tenho isso.. aqui eu não tenho... aqui eu vou fazer...”. Sabe aquela confusão na cabeça? Então, aí quando você vai decidir uma coisa, você vê. E cada um vai se... como que fala? Vai se responsabilizar pelas decisões, então pronto. Eu sou responsável das minhas decisões, então quero que se f*** o povo, o que falam. Porque tem

essa, muita gente pensa: “- ah, porque tem a vizinha que vai falar que sou ruim”, eu sou ruim mesmo, então não enche o saco.
F1: Aqui a gente é assim mesmo. Lá no Líbano o povo se preocupa muito com isso, mas aqui no Brasil a gente não se preocupa. É a minha vida.
F2: A minha vida, isso mesmo.
F1: Se eu estou feliz ou não, a minha vizinha não vai ser feliz no meu lugar.
F2: Claro, as decisões que eu tomei, são... eh::... [inaudível] eh::... as decisões que você toma, ou ela, ou eu, eu que vou... ou vou ganhar, ou vou perder, então não adianta chorar muito. Se tá vendo que não tá certo, então toma outra decisão. Só não enrola muito.
[áudio cortado]
F2: Por enquanto, tá bom assim.
F1: Obrigada!
F2: Que isso. Nossa, 33 minutos...
[áudio cortado]

d) Abdallah Khalil Chamoun – entrevista 4

F1: Como era sua vida no Líbano?
F2: Vida... não tem vida lá, era guerra.
F1: Ah, você viveu na guerra?
F2: Eh::... minha vida foi na guerra.
F1: Desde que você nasceu, como que era?
F2: Desde de::... 11 anos de idade.
F1: E quando você veio para o Brasil?
F2: Veio Brasil... 1986.
F1: Quantos anos você tinha?
F2: 22.
F1: E suas lembranças do Líbano, são todas de guerra?
F2: Não tem lembranças boas, porque tudo é guerra. Na minha época, fase guerra. Dinheiro tinha, mas não tem onde gastar. Não tem discoteca, não tem restaurantes, apesar tem, mas... não tem ambiente pra ir pra esses lugares. Ambiente. Roupa camuflada, armas, a vida no exército.
F1: Você foi para o exército? Para a guerra?
F2: Teve... foi... era do do partido PNL, Partido Nacional Libanês.
F1: E como que foi essa fase pra você? O que você lembra?
F2: Lembrança::... lembrança boa só minha família, amigos... a convivência com amigos, resto... não. Tem lembrança de água e de comida, só. Não tem mais nada.
F1: Quem você tem da sua família lá? Como vocês viviam? Você tinha mãe, pai irmãos?
F2: Como eu vivia? Vivia casa própria, a minha mãe fazia, eh::... comida::... não, preparava época de::... de verão, prepara o produto para a gente passar 9 anos [meses] época de inverno. Essa aí nossa vida.
F1: E lá você tinha irmãos?
F2: Tinha... tem, dois irmãos e quatro irmãs.
F1: Bom, então o que fez você decidir para o Brasil foi a guerra?
F2: Foi a guerra. Quando abri meus olhos, aí esse país aguenta mais, porque a guerra tem benefício, pra nós não teve nada, sé teve coisas ruins. Aí o primeiro país que tá aberto Brasil, embaixada brasileira aberta, coloquei visto e... Brasil.
F1: No Líbano você morava em que região?

F2: Beirute.
F1: E você estudou no Líbano?
F2: Estudei até segundo colegial.
F1: Terminou a escola?
F2: Terminou escola, já saiu fora... porque não teve tempo, ou guerra ou escola.
F1: Quando você chegou no Brasil, qual a maior dificuldade que você encontrou?
F2: Conversar, essa é a primeira coisa. A segunda, outro hábito, outro costume, outro povo, só dia a dia já comecei a acostumar com o povo brasileiro comecei a misturar com eles... é povo muito... muito bom. Povo acolhido, esse povo brasileiro. Aí a gente começar a acostumar.
F1: Quando você resolveu vir para o Brasil, você já tinha conhecidos aqui?
F2: Conhecidos... tinha meus, eh::... tinha parente aqui.
F1: Onde?
F2: Em Minas Gerais, cidade chama Passos. Uma família tradicional daquela cidade, e hoje são... teve deles prefeito, teve deles o::... eh::... prefeito e alguns políticos também, foram dos meus parentes.
F1: E você veio e ficou com a sua família?
F2: Eu veio, fiquei sozinho.
F1: Em São Paulo?
F2: São Paulo. De São Paulo... fiquei em São Paulo hotel mais barato que existe na época, quando comecei a falar aí aluguei um flat... sozinho. Fiz... (risos) esse aí.
F1: Como foi aprender o português? Como que você aprendeu?
F2: Aprendi com::... na prática, dia a dia, convivência com o povo brasileiro, já aprendi um pouco. Aliás, até hoje a gente fala errado, mas... mas escapa, fala errado, mas entende mais.
F1: Antes de você vir para cá, qual era a ideia que você tinha do Brasil? Como você imaginava que ele era?
F2: Ideia do Brasil? O Brasil era... um país... para mim, que eu escutava... o Brasil era o fim do mundo, um país onde quem quer esconder, vem aqui no Brasil pra esconder. Essa aí a ideia, essa a conversa que a gente sabia do Brasil.
F1: E quando você chegou, o que você achou? Era o que você pensava?
F2: Era ela falava, eu não pensava.
F1: É, que eles te falavam.
F2: Que eles falavam pra mim. Pra... pra nós. Quando cheguei aqui, já imediato essa ideia já mudou, porque já vi Brasil e o povo brasileiro, não é desse jeito que eles falam, e ele não é tanto que eles falam um país pra esconder, foi país maravilhosa.
F1: Aqui você começou a trabalhar?
F2: Aqui no Brasil comecei a trabalhar, na época era... sacoleiros do Paraguai. Aí pega ônibus São Paulo, vai até Paraguai, traz... como dizem? Muamba de lá (risos), realmente não é muamba de lá. Aí vende aqui na 25 de Março.
F1: E aí depois ficou lá?
F2: Até depois fiquei em São Paulo, quando mexendo com essa atividade conheci uma mulher brasileira, gostei dela, gostou de mim, aí... juntei com ela.
F1: Não se casaram no papel?
F2: Ainda não.
F1: O que fez você decidir vir para o Brasil? O dia em que você falou: “– não, eu vou embora”?

F2: Dia em que eu decidi vem aqui no Brasil, na minha época, porque cada época tem... uma... uma coisa diferente. Única embaixada aberta lá no Líbano, só Embaixada do Brasil. Como eu já abri meus olhos, a guerra não serve pra ninguém, não vai servir pra mim, já vi... já fiquei sabendo qual o errado e qual o certo, aí defini larga essa Terra. Porque... melhor viver fora do que na minha Terra, um sujeito... amanhã eu morre. Aí melhor, vamos escapar. Por causa única embaixada aberta no Líbano era a Embaixada do Brasil.
F1: Você sofreu para vir embora? Foi difícil para você?
F2: Pra mim não, Michelle. Alguns... eu conhece outras histórias assim, mas pra mim não. Porque, motivo... porque na época, cheguei lá na embaixada através de um::... uma ajuda de um coronel, só ligação pra Consulado Brasileiro, coloca visto pra ele, aí... levei minha papelada, passaporte, colocou visto e já...
F1: Não, eu falo sofrer assim, de sentimento.
F2: Sentimento, sofrimento sim... até hoje, esse aí não apaga.
F1: Você sente muita falta de lá?
F2: Agora sinto, vamos supor::... 40%. Mas, até chegar nos 40%, sofri 100%.
F1: O que você sentia mais falta?
F2: Da mãe, da família, do::... da comida, eh::... lá, você, roupa lavada, passada, comida na mesa. Aqui não, aqui você tem que lavar, tem que passar, tem que fazer comida, ou vai lá no boteco pra comer... um dos dois. Esse aí a gente sente muita falta.
F1: E ninguém da sua família veio depois? Ou com você?
F2: Depois veio minha família, por vezes... por etapa vieram.
F1: Seus irmãos? Sua mãe?
F2: Minha mãe veio, visitou aqui no Brasil. Também, como ela senhora de idade, não tem... o costume de lá, toma café todo dia de manhã, conversa o vizinho... aqui não tem esse hábito... e dificuldade pra falar. Aí ela não vai trocar casa pra ficar aqui.
F1: Ela não se acostumou?
F2: É, lá tá acostumada.
F1: E seus irmãos vieram?
F2: Meu irmão mais velho veio aqui, só. Meu irmão mais velho é um caso... diferente. Por que? Meu, eu conhece... meu irmão e mais meia dúzia igual, eles não gostaram do Brasil. Meu irmão não gosta do Brasil, ele prefere ficar lá na Terra dele, com toda a bagunça que tá acontecendo.
F1: O que você achou dos costumes brasileiros quando você chegou?
F2: Totalmente diferente. Esse aí é onde a gente apanha no início. Por que? Aqui, perante o meu país... aqui um país liberado, livre, e cada um tem a opinião dele. Sua opinião, fala. Diferente do meu país, esse aí a gente, eh::... a gente não tá acostumado nesse aí. Com o tempo pra gente aprender, convivência, aprende que se eu tenho minha opinião eu tenho que falar a minha opinião.
F1: Mas isso te assustou ou isso te deixou feliz?
F2: Eu não me assustei, pelo contrário, fiquei observando pra ver: “- será eles tá certo ou tá errado?”. Aí no final, realmente, o sistema deles tá certo. O nosso sistema tá errado, não é o sistema do Brasil.
F1: Como assim?
F2: Eh::... liberdade do povo brasileiro... eles, com razão, tem essa liberdade.
F1: Você prefere a liberdade, do que::...
F2: Prefiro a liberdade do que o::... eh::... do que a mentira, do que a::... preservado, do que eu faço coisa escondida... prefiro faço coisa aberta. Tenho que fazer isso com

maior prazer porque eu gosto, não adianta mentir: “- não, não tô fazendo”, e eu tô fazendo.
F1: Sobre costumes, o que você acha que é igual aqui? Ou que se parece, entre o brasileiro e o libanês? Tem alguma coisa?
F2: Todos eles são filhos de Deus, só isso.
F1: Mas de resto, você não vê nada parecido?
F2: O resto::... o que que vai ter parecido? Só Rio de Janeiro, estrutura de natureza dele é igual, praia e montanha.
F1: É, parece Beirute.
F2: É, parece Beirute, isso mesmo. E::... o que que tem mais parecido? Agora não tem nada na minha cabeça parecido.
F1: Na minha também não. (risos)
F2: Mas não tem, não tem parecido... só Rio de Janeiro, estrutura da natureza igual Beirute, nem mais, nem menos. Como povo não, cada um... é diferente. Costume diferente, hábito diferente.
F1: E depois que você veio, você voltou pro Líbano alguma vez?
F2: Voltei.
F1: E o que você achou?
F2: Quando voltei pro Líbano, eh::... gostei. Onde nasceu, onde estudei, eh::... encontrei alguns amigos, que a gente vivia junto. Só, infelizmente, sentiu que não é mais meu lugar aqui, tem que voltar pro Brasil.
F1: Então, hoje você sente que o seu lugar é o Brasil?
F2: Hoje 100% o Brasil.
F1: Não voltaria a viver lá?
F2: Viver lá nunca. Nem Líbano, nem outro país também, não troco. País muito bom, maravilhoso.
F1: Na sua visão, como que é o brasileiro? Como que é a cultura brasileira? Como que você descreveria o brasileiro e a cultura dele?
F2: O Brasil, 30 anos atrás, era mais atrasado... só agora, 10 anos pra frente, já evoluiu muito e, tomara... vai ser também, daqui pra frente, cada ano vai... desenvolver muito mais rápido que qualquer país. Aqui tem bom futuro pro brasileiro. Pode ser eu não enxergo esse aí, não é na minha época, mas na época dos meus filhos... dos meus netos... eles vai viver isso aí.
F1: Sobre os seus filhos, você tem quantos filhos?
F2: Um.
F1: Quanto anos ele tem?
F2: 29.
F1: Você falou que se casou com uma brasileira, que é a mãe dele, né?
F2: Mãe dele, isso.
F1: E para você, criar um filho em um país que não é o seu, como que foi?
F2: Aí onde foi... aí é... totalmente também diferente, porque::... onde entrei na linha, acostumei. Como eu não sei, a primeira viagem também, a mãe dele sabe mais do que eu e ela que ajudou a criar bastante. E hoje, eu agradeço o Brasil por causa da criação dela. Mesma coisa você agradece sua mãe, porque ela que tem mais... do que... do que pai. Essa por natureza. Eu falo graças a Deus hoje, não correu atrás malandragem, não correu atrás... pelo contrário, focou o estudo dele até formou e::... e graças a Deus.
F1: E você teve vontade de passar a sua cultura para ele? Fez questão ou não?

F2: 15% sim, só 15% passou minha cultura pra ele. Bom, só... onde quero chegar... que nem, ofereci uma viagem para lá, pro Líbano, fala: “- não tem nada pra fazer lá no Líbano, prefiro... prefiro aqui no Brasil, qualquer lugar no brasil é melhor do que o Líbano”. Realmente, hoje, eu concordo com ele. Vai fazer o que lá no Líbano? Só pra comer, beber, dormir, e sair gritaria.
F1: Ele não conhece sua família de lá?
F2: Minha família veio aqui, conheceu eles.
F1: Ah, os que vieram conheceram ele?
F2: Todos. Meu irmão, minha mãe e irmã, vieram aqui. Todos eles conheceram ele.
F1: Mas ele não tem assim, uma ligação forte com o Líbano?
F2: Não, ligação forte não. Ligação forte não tem porque::... primeira coisa, não tem tempo, e quando tem tempo, prefere passear aqui no Brasil mesmo. A verdade essa aí.
F1: Como e onde você se vê daqui há 10 anos?
F2: Daqui há 10 anos... daqui há 10 anos preciso casar de novo.
F1: (risos) Com brasileira ou libanesa?
F2: Preciso::... com brasileira. Eh::... quero viver minha vida um pouquinho afastada de São Paulo... 50 km para frente também, tá bom. É esse que pretendo fazer.
F1: Aqui no interior mesmo? Em São Paulo?
F2: Interior de São Paulo.
F1: E o seu filho, como que você gostaria que ele estivesse daqui há 10 anos?
F2: Só Deus que sabe, meu filho daqui há 10 anos vai ter... com filhos, com família nova, com emprego bom, com salário melhor ainda. E::... época dele vai ser melhor do que a nossa.
F1: Essa imagem que você tinha no Brasil quando você... o Brasil que você conheceu quando você chegou, ele mudou para hoje?
F2: Mudou::... 80%. Só tira::... tira a corrupção no Brasil, o resto... mas vai mudar::... em breve vai mudar essa aí. Corrupção, eh::... a cultura mudou, desde a época que eu cheguei, até hoje, a cultura mudou também 70%.
F1: O que que você vê de mudança?
F2: Do Brasil? Tem mais educação, tem mais, eh::... respeito, esse aí tá mudando. Cada ano tá mudando, pouco a pouco.
F1: E o que não mudou, você acha que a corrupção? Era igual? Ou mudou?
F2: Não mudou::... a corrupção ainda no mundo.
F1: A mesma coisa de quando você chegou?
F2: Não, mudou. Poucas coisas mudou, mas precisa mudar 100%... e vai mudar 100%. Brasil continua desse jeito, vai mudar. Povo corrupto, não tem outra coisa.
F1: Que palavra que vem na sua cabeça quando eu falo para você do Líbano?
F2: Palavra que vem... a pena... a pena, país nosso eu gosto dele, não posso negar também. Eu que escolhi Brasil como minha pátria, não posso negar a primeira pátria. Eh::... a pena que, o meu país, infelizmente, vai ficar sempre dentro do coração, só. O país quando não aguenta o povo dela, aí não serve. Onde a gente vive aqui, onde ela aguentou, onde ela acolheu, é::... onde a gente sobrevive, aqui.
F1: Você se sente mais feliz aqui do que se sentiria lá?
F2: Muito mais feliz do que lá. Lá não::.. insignificante.
F1: A idade que você veio, você acha que te ajudou ou te atrapalhou em alguma coisa?
F2: Não, pelo contrário, idade exata, porque se vem mais velho de lá, é difícil acostumar... é difícil engrenar com o povo brasileiro. Idade certa. E se for mais novo também, 16, 17 anos, ainda melhor. Porque pega um velho, velho como é que vai botar ele pra

estudar no::... na escola? Não tem como. Aí::... cada vez veio pequeno, melhor. Engrena no::... no::... engrena com o povo.
F1: E aqui no Brasil, assim, os seus amigos, eles são brasileiros? São libaneses?
F2: Misturado. Brasileiro mais do libanês.
F1: Mais amigos brasileiros? Por que você acha que você tem mais amigos brasileiros?
F2: É porque, a convivência com ele, tem que fazer amizade com eles, e::... amigos libaneses... tem amigos libaneses, mas só convive com o brasileiros mais do que libaneses.
F1: No dia a dia, né?
F2: No dia a dia, por causa do trabalho, esse é uma. A segunda, o brasileiro também acabou... já faz sempre, tomo cerveja... ou faço negócio... você vai pra sua casa e vou para minha casa. Diferente da::... da minha::... da minha raça.
F1: O que que você vê a sua raça? Assim, o que tem de diferente?
F2: Minha raça é pouquinho abusados. (risos) É, pouquinho abusados.
F1: Em que sentido?
F2: De tudo, tudo... qualquer sentido de tudo.
F1: De se intrometer? Essas coisas?
F2: É, de tudo... de tudo. Minha raça pouquinho abusados. Não é todos, mas... a maioria.
F1: Tio Abdo, eh::... esse trabalho é, antes, é meu Mestrado, claro. É um grau para minha vida, mas antes de mais nada eu escolhi isso porque é uma homenagem. É uma homenagem que eu quis fazer pro meu pai e pra todo esse povo que veio viver no Brasil, e que hoje o Brasil tem mais libaneses do que...
F2: Brasil quanto tem libanês? 8 milhões?
F1: Eu acho que são 3 milhões no Líbano, 8 milhões no Brasil. Fora os descendentes, né?
F2: Tem 8 milhões de libanês.
F1: E eu queria te perguntar se você quer deixar algum recado, se você falaria alguma coisa, assim, da sua vida... do que você quiser, deixar registrado.
F2: Deixar registrado aqui, a gente... vamos agradecer essa Terra, que ela acolheu nós, que é onde nós fizemos o que não conseguiu fazer lá na minha Terra e aqui conseguiu fazer. Não realizei na minha Terra, aqui agradeço a Deus porque aqui realizei.
F1: Uma última pergunta, quando você se casou com uma brasileira, você achou que isso foi difícil? Ou para você foi...
F2: Não, foi... foi... foi normal, foi normal.
F1: Não viu diferença, assim, de cultura...
F2: Eh::... a cultura da mulher brasileira é diferente de cultura da mulher libanesa. A mulher libanesa, a cultura dela é a cozinha, na minha época. Só tem que tomar conta da casa. Agora, a mulher brasileira... a mulher brasileira toma conta da casa e toma conta do trabalho dela, essa é a diferença. Ela prefere trabalhar do que cuidar do::... de parte da casa.
F1: E isso você achou melhor? Ou achou difícil?
F2: Eh::... inicialmente, senti um pouco meio... meio esquisito. Mas, com a convivência, senti bem, porque a mulher trabalha e ajuda o homem também pra levantar. Porque não adianta ele trabalha, ele sozinho trabalha não vai vencer. Ela trabalha junto, vencem os dois juntos.
F1: Você se sentiu apoiado?

F2: Exatamente. E muitas vezes... não é muitas vezes... que hoje, tá aprovado [comprovado], a mulher vence muito mais do que o homem... no trabalho.
F1: Você acha?
F2: É, esse aí::... esse aí já tá aprovado [comprovado], eu acho...100%, ela vence, porque::... homem vai pra trabalhar, desvia assunto 1000 vezes por hora, por dia. Agora, a mulher não, vai e foca só nisso... e no fim do dia volta com o resultado. Esse aí eu vi::... aprovado [comprovado], e::... e por esse motivo, eu prefiro o sistema da mulher brasileira.
F1: Você gosta da cultura brasileira? Você se identifica ou prefere a libanesa?
F2: Não, não... não, não... gosta... agora gosto. Primeiro ano, aí não sabe, se gosta ou não gosta. Mas hoje não, hoje já, praticamente...
F1: Assim, música, televisão...
F2: Assisto música brasileira... eu gosto de uma música de... sertanejo. A preferida. O resto... todos os países têm música que não presta. Até os Estados Unidos tem música que não presta.
F1: E do Líbano, você ainda sente um pouco...
F2: Sinto. De vez em quando procura uma música de... de lembrança, aí procuro no google... coloca, escuta, aí apago e pronto. Pulo pra sertanejo. (risos)
F1: Tio Abdo, eu vou ler 3 frases para você, você me diz o que você sente, o que você acha disso daqui:
“Quem quiser plantar saudade,
escalde bem a semente
e plante na terra seca
em dia de sol bem quente,
pois se plantar no molhado,
ela nasce e mata a gente...” - Antônio Pereira
F1: Você sentiu isso sobre a saudade?
F2: Desculpe, repete? Quem... quem quiser?
F1: [repete].
F2: Mas no seco esse aí... aí melhor planta no seco?
F1: Não, ele está falando... é, para você plantar no seco, pra ela não crescer, porque se você plantar no molhado ela cresce e te mata. Você sentiu isso em relação a saudade que você sente do Líbano? Ou não?
F2: Hoje, a respeito do Líbano, pra mim saudade::... no seco, totalmente. Diminuiu bastante, não tenho mais saudade.
F1: Por que você acha que isso aconteceu?
F2: Aconteceu por causa... que que adianta? Tô aqui no::... nesse país que... mais de 30 anos. Onde existe saudade? Acabou. Morre. Morre sozinho. A saudade também, quem inventou a saudade, ele não sabe que existe distância. (risos)
F1: Eh::...
“Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
F2: Nunca?
F1: [repete].
F2: A Terra onde eu vivo... essa aí é a segunda Terra Natal minha, esse é meu opinião. E onde eu vivo bem, tranquilo, essa aí a minha Terra, essa é minha pátria, essa é minha Terra Natal.
F1: E a última:

“Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.” - wmarles
F2: Quando é jovem?
F1: [repete].
F2: A vida obriga, a vida obriga que... que sai. Quando é jovem, fica: “- onde vou voltar?”, fica na saudade. Saudade da mãe dele, do pai dele, da casa dele, da cama dele... do colega dele, da... da escola, ou da rua, aí... fica esse pensamento. Quando ele cresce, aí... vai escolher o rumo dele. A Terra dele não fornece pra ele coisa suave, ou coisa boa, pra ele tocar caminho, por esse motivo ele obriga pra sair em outra Terra. Que nem: quando eu era pequeno, Michelle, o que eu pensava? O dinheiro é muitas coisas, o dinheiro vale tudo no mundo. E agora quando eu tô velho, tenho certeza que o dinheiro é tudo. (risos)
F1: (risos) Achei que você ia falar que não era.
F2: Não... (risos).
F1: E quando era criança, você imaginou que um dia sairia do Líbano?
F2: Criança, Michelle, a gente nem pensa...
F1: Jovem, assim...
F2: Não, nunca!
F1: Não imaginava que um dia você ia sair, viver fora...
F2: Nunca, sair do Líbano pra que? Nós saímos por obrigação, não saímos por... não tinha escolha, porque vai fazer o quê? Não tem nada para fazer. Tem um trecho, daqui até a minha casa, por exemplo, todo Santo dia esse trecho, depois enjoa.
F1: Mas você acha que se não fosse a guerra, você teria saído de lá?
F2: Também mesma coisa, porque situação lá... Terra desse tamanho [sinalizando algo pequeno com as mãos], e povo desse tamanho [sinalizando algo grande com as mãos]. A Terra de... minha Terra não cabe o povo dela.
F1: Tem pouca oportunidade?
F2: Oportunidade. Se você estuda medicina lá em Paris, aí volta para sua Terra, não tem hospital pra receber você como doutora, é sua obrigação procurar outro país pra... pra ser doutora. Pra que? Estuda, faculdade, tudo, a professora... qual escola vai receber você? Nenhuma! E o grande exemplo lá, tá aqui nos... não vai longe, sobrinhas... todas são formadas, inglês, francês e árabe elas falam.
F1: Se formaram lá?
F2: Mora lá no Líbano. Nenhuma conseguiu arrumar trabalho. Uma arrumou trabalho, dá aula 2... 2... 2 vezes por semana, pra receber merreca. Mas eu estudei a minha vida, formei, como professora... e não tem faculdade que me aceita como professora, nem escola, porque não tem espaço.
F1: Então, você acha que de qualquer jeito teria procurado, né?
F2: De qualquer forma, a saída e... a imigração do Líbano, já... não é na minha época. Eu tenho parentes de 200 anos fora de lá. Época do meu bisavô. Esse aí que... fugiu de lá.
F1: E algum dia, quando você era jovem, você pensou, assim, no começo: ” - eu vou voltar. Vou fazer dinheiro e vou voltar.”
F2: Não... teve esse pensamento, eu não.
F1: Depois que veio para cá, foi definitivo?
F2: Depois que veio para cá, já... falei: “ - aqui eu vou fazer minha vida... aqui vou tocar minha vida... aqui vou passar fome, aqui vou passar alegria, vou continuar e toquei”. Muita gente pensaram, fizeram aqui a vida deles, voltaram. Eu conheço um

amigo meu, olha ele [aponta para o amigo e ri], voltou e apanharam muito. Não é caso dele, tem muita gente voltaram e apanharam muito. É fogo Michelle! Mas, onde a gente vive bem, onde a gente construiu a vida, essa aí nossa Terra Natal, essa aí nossa pátria. Se você tá feliz aqui, pra que eu vou procurar outro canto? Ou pra que vou fazer teste? Procurar uma coisa que não perdi... pra que? Eu tô bem, tô feliz aqui, pronto. Mantenho no meu local. Aumento minha felicidade, no lugar que procuro outro canto.
F1: É isso tio Abdo, obrigada!

e) Rima Nasr Eddo – entrevista 5

F1: Quando você veio para o Brasil?
F2: Que ano? Eu::... vim::... ano 93.
F1: 93?
F2: No fim do 92. Mais ou menos... é, passei Ano Novo lá e vim direto... é 93.
F1: Por que você veio?
F2: Veio porque me casei.
F1: Se casou. Se casou lá?
F2: É, casei lá e vim para cá.
F1: Você já tinha vindo pro Brasil?
F2: Não, eu fui na::... nos outros países... antes.
F1: Quais?
F2: Colômbia... Austrália... Colômbia, Austrália... é, só isso. Antes de casar.
F1: Então você conheceu o seu marido no Líbano?
F2: Lá no Líbano, sim.
F1: E sua vida, como era no Líbano?
F2: Nossa! É muito boa! Eu tava::... estudante, né... o último ano de faculdade, História.
F1: Ah!
F2: Eu fiz História, último ano. Me casei e vim pra cá.
F1: Mas você chegou a se formar?
F2: Não... não.
F1: Faltou o último ano?
F2: Faltei o último ano. Aliás, faltei as provas, porque me casei antes das... provas, e vim para cá, não terminei. Porque::... eu falei: " – a gente lá estuda História do::... eh::... dos muçulmanos, eh::... histórias do::... Líbano, dos Fenícios, essas coisas, então não vou usar aqui", por isso eu falei: " – não, não vou::... eu vou me casar." Porque Latif queria casar e não quer esperar um ano depois.
F1: E quando você optou por fazer faculdade lá o que você queria com essa faculdade? Queria dar aulas?
F2: Sim, eu queria dar aula, eu gosto de dar aula. É, eu gosto de ser professora.
F1: Quando você chegou no Brasil, não pensou em continuar?
F2: Pensei, mas::... infelizmente (risos), sabe? Eh::... eu vim, fiquei grávida, eh::... não dá mais. Não dá mais.
F1: Por causa dos filhos?
F2: É, um atrás do outro, 3, acabei... não quero mais.
F1: Antes de você vir para o Brasil, como você imaginava que era o Brasil?
F2: Eh::... não, eu tenho ideia como que tá o Brasil, porque eu tenho muitos parentes aqui no Brasil, eles sempre::... eles vão pro Líbano. É, eles sempre fala do Brasil. A gente via pela Copa do Mundo, pela, eh::... pela Rio, o Carnaval... sempre. A gente

tem noção, porque eu já fui pra Colômbia, então tem essas... não é eu vim, eh::... fechada, com olhos fechados, não. Eu vim porque eu já conhecia de... de... tanto eles falaram sobre o Brasil, como que tá.
F1: Você achou Brasil parecido com a Colômbia?
F2: Não... não.
F1: E quando você chegou aqui, era aquela imagem que você tinha? Ou alguma coisa era muito diferente?
F2: Eh, não é muito diferente não.
F1: Do que você imaginava?
F2: Não, não, não. Eh::... lógico, tem coisas que não ia lá no Líbano, mas porque eu viajei antes. Se eu vim, primeira vez, só vim do Líbano para cá, eu já::... me assustei pouco, assustou um pouco. Mas não, eu já fui em outros países, e::... eu achei... o Brasil é lindo. Um país lindo, de tudo... os, eh::... habitantes dele, costumes deles, essa daí eu gosto.
F1: Você gosta?
F2: Sim.
F1: Bom, você falou que veio porque se casou... e quando você chegou no Brasil, o que foi mais difícil pra você?
F2: Ah, mais difícil pra mim saudades... as saudades de lá.
F1: E, até hoje, você ainda sente essa saudade?
F2: Sim. Eh::... não é tanto, não. Mas eu sinto saudade... do Líbano, de minha casa, da minha cidade... eu sinto sim.
F1: Então não é só da família? Você sente falta do passado?
F2: Falta do país e do::... cidade, minha cidade pequena, não é o::... eu não::... não sou de cidade grande, Beirute, não.... no norte do Líbano. Eu sinto saudade da... da cidade mesmo. Minha mãe, meus irmãos, tudo. Mas, em geral, eu sinto saudade da cidade toda.
F1: Da cultura também?
F2: Da cultura também... é, também. Não é coisa que... porque, eh::... na minha época, eu já::... ia pro... pra faculdade, eh::... eu tinha carro, eh::... tinha meu dinheiro, pra comprar tudo o que eu quero. É, minha vida tava muito bom lá.
F1: Então você gostava muito de viver lá?
F2: Sim, sim.
F1: O que mudou, assim, pra você, de quando você chegou até agora?
F2: Ah, mudou muita coisa, né... sempre, a gente tem, eh::... como assim... tem sonhos pra realizar. Eh::... quase, eu vivi muito aqui também. Sabe, situação do Latif tava muito bom... até agora... casa linda, filhos lindos, não dá trabalho pra gente... essa a coisa mais incrível que eu fiz aqui no Brasil. O que mudou, eh::... mudou eu, eh::... muda muito, vida de solteira e a vida de casada... e a vida quanto você tem filhos. Cada um tem parte diferente, então::... muda, né... muita coisa muda. Até a mente muda.
F1: A cabeça?
F2: Sim, você antes pensa do jeito, agora pensa do outro jeito.
F1: Você acha que a cultura do Brasil ajudou a influenciar essa mudança na sua cabeça? Ou não?
F2: Sim, sim.
F1: O que você acha, assim, que...
F2: Olha, eu queria dar um exemplo pra você: antes, quando a Stefani tava na escola, quando tava de 14... tá começando ficar menina, moça... eu sempre falo: “ – não, eu

quero minha filha casar só com libanês. Não vou aceitar casar brasileiro, ou::... não quero! Quero libanês e, lógico, católico". Agora não!
F1: Sério? (risos). Porque eu sempre ouvi isso de vocês.
F2: Agora, é::... agora eu... Então, você sempre... e até ficou na cabeça da Stefani também. Agora não, eu mudei totalmente, eu falei: " – não, tem muitas... eu gosto do Brasil, gosto do... do povo do Brasil, então::... não, se ela achou alguém que vale a pena, que vai... vai deixar ela viver como ela tá vivendo aqui, porque não?". Ela não vai trazer coisa... qualquer um, não! Ela vai trazer um igual ela, então::... não, mudei. Eu falei sempre agora pra ela: " – você gostou um brasileiro, traz ele. Nem eu, nem seu pai, eles vão... a gente vai falar nada".
F1: Por que você acha que teve essa mudança?
F2: É, eu achei que::... primeiro prejudica, essas coisas, vocês... o primeiro ponto. Porque a cabeça fica: " – não, libanês, meus pais eles querem libanês, eles querem assim". Eu achei que Stephanie ficou, eh::... perdida, perdida. Eu falei: " – não! Às vezes tem brasileiro melhor que o libanês". Eh::... às vezes a gente, eh::... ela sempre fala: " – eu vejo muitos libaneses no Monte Líbano, mas... mães, todos eles, não::... eh::... dentro eles não é nada. Tem mil brasileiros assim", eu falei: " – É, eu acho também". Então::... por isso, eu falei: " – Não, não vou deixar o::... não vou ficar nesse ponto", porque ela sempre fala: " – Mãe, eu fico com medo que você não aceita o::... o namorado, se eu vou trazer. Meu pai eu acho mais fácil do que você". Ela fala isso pra mim. Eu pensei, eu falei: " – Não, ela não pode falar isso". Eu falei: " - Por que você tá falando isso?", ela falou: " – Não sei, porque você sempre fala libanês, sempre fala assim". Falei: " – Não, você, eh::... tá enganada, não. Pra mim o moço bom, você gosta dele e ele bom, por que não? Por que a gente vai falar não? Não, não pensa assim".
F1: E você é mãe, né? Quer ter o caminho aberto com ela...
F2: Então, eu abri o caminho pra ela. Agora ela tá pensando outra coisa. Agora ela tá... tá... tá conhecendo brasileiros... tá assim, ela tá melhor.
F1: Que legal.
F2: É.
F1: Qual a sua... ah, você me falou... maior lembrança assim, da vida no Líbano?
F2: Melhor lembrança, da minha vida...
F1: Que te dá saudade.
F2: Ah, saudade.. da cidade mesmo, dos amigos, eh::... nossa! Saudade muito época quando a gente, eh::... de 14, 15 anos... melhor época. Saudades da faculdade, saudade da escola do::... da cidade. É, saudade de tudo.
F1: Com quantos anos você veio?
F2: É, eu tava ... 27. 26/27.
F1: Você achou difícil a aprendizagem aqui no Brasil?
F2: Sim, muito difícil.
F1: O português?
F2: O português, é ... não! Português não! Mas é porque eu falei: " – Não, eu vou voltar pro Líbano, não vou trazer professor pra aprender, essas coisas.... não, não, não". Eu tava... eu tava, eh:: ... recusando tudo, eu quero voltar.
F1: E em quanto tempo isso mudou?
F2: Mudou... não é muito tempo, não. Quando o:: ....a situação do Líbano voltou para trás, eu falei: " – Os meus filhos cresceram", que::... a Stefani fala: " – Ai, que eu não posso viver fora do Brasil". Então mudei... mas, sempre tem saudade, sempre ... queria voltar.

F1: E o que foi mais difícil aprender quando você chegou? Foi a língua? Foram as pessoas? Os costumes?
F2: Não. A língua, é lógico, a gente::... até agora... é, não, para mim::... é meu sotaque, eu sou assim, eu tem sotaque, mas eh::... olha, tudo tava difícil, sabe? Porque você não tem ninguém perto de você, sabe? Não tem nem irmã, nem irmão, nem tia, nem, assim... amigas, amigas... não tem. É, esse muito difícil.
F1: Aí você ficou sozinha aqui no começo?
F2: É, fiquei sozinha... com empregados. Eu aprendi...
F1: E você fez amizades? Assim, com brasileiros?
F2: Eu fiz, eu tive uma::... uma::... uma vizinha lá, apartamento pequeno na Mooca, eh::... Susana. A gente ficou amigas, eh::... não fiz com brasileiros, não. Porque::... meus filhos tavam na escola bilíngue, Lycée Pasteur, então... não tinha, só tinha libanês, quase, e::... franceses, pouco. Por isso, não tinha.
F1: O que você achou dos costumes brasileiros quando você chegou?
F2: Ai é... é muito difícil. (risos) É muito difícil como eles::... se vestem, e::... como eles pensam... é muito difícil.
F1: O que você enxerga de diferente, assim, do libanês para o brasileiro?
F2: É, a primeira coisa o costume de namorar. A gente não tinha, essas::... namoro... essas coisas, a gente não tinha. Então::... tinha, ele gosta de mim, eu gosto dele... mas pra namorar, pra morar com ele, essas coisas, não. Por isso eu achei muito, mas é costume do país. A gente depois, eu falei: “ – Ah!”. Porque eu::... por exemplo, a gente quando 2 tá se beijando na rua, nossa! Eu achei: “ – Que isso??? Não tem vergonha aqui!”, então::... agora não. Antes, tudo [som de espanto]. Eh::... quando eu acho um mendigo na rua, eh... no Líbano a gente não via esses mendigos assim... eu fiquei apavorada, eu choro. E... depois Latif falou: “ – Ó, se você vai ficar, pra tudo mundo, viu uma mulher tá... mendigando, ou homem... o Brasil você vai ver... vai ser... vai se acostumar com essas coisas. Então não pode fazer isso”. Então, esse eu achei... coisa não é normal, assim... aqui um país como o Brasil. Tem muito... muita pobreza. No Líbano, depois da guerra, não tinha essas daí, aqui muito.
F1: Aqui é muito!
F2: É, então... essas coisas, viu? Essas coisas de... namoro, essa aí.
F1: E o que você achou parecido do libanês e o brasileiro?
F2: Parecidos? Não tem.
F1: Não?
F2: Não tem.
F1: Você acha bem diferente?
F2: Eu acho. O povo libanês é arrogante, ele... gosta de aparecer. Aqui não, eles bem natural, bem... à vontade, tudo. É diferente do Líbano.
F1: Eu também acho. (risos)
F2: É lógico! Não é... não tô falando...
F1: A gente que conhece, a gente sabe.
F2: É, então, você sabe. Então, e::... essa que eu acho bem diferente.
F1: Hoje em dia, você ainda sente alguma dificuldade aqui no Brasil?
F2: Não, nada.
F1: Você se sente bem adaptada?
F2: Sim, sim.
F1: Você gosta da vida aqui?
F2: Sim, eu gosto. Não vou falar que eu tô morrendo de::... mas, eu gosto, já tô acostumada. Tem minha casa, meus filhos, já tá grande, é diferente. Sabe porque a gente

sente saudades muito de lá? Quanto você tem criança pequena e não tem ninguém perto de você para deixar os filhos, pra se... e você é mãe libanesa, não pode deixar com empregados, eu fiquei assim com Stefani e Alexandre, mas com Thiago não, já trouxe uma e ficou e já. Mas, com eles não. Então a gente sente essa falta.
F1: Da família...
F2: Da família... é muita falta.
F1: Com 3 filhos é...
F2: É muita falta.
F1: Agora vou perguntar sobre os filhos, tá? Quantos filhos você tem?
F2: Três.
F1: Quantos anos eles têm?
F2: Eh::... Stefani vai ser 27, ela fez agora. Alexandre 25... 24, vai fazer 25. E Thiago, 18.
F1: Pra você, como é criar um filho longe do seu país?
F2: É, a gente::... é muito... é muito... como assim... eu criei, eh::... eu criei como de lá, né... eu queria criar como de lá, eu já criei, quase, mas a gente... é muito, muito difícil, também, porque::... acaba virando outra coisa quando eles crescem. Como a Stefani fala, antes na escola, eles faz, eh::... sempre 3 dias, 4 dias de viagem, a gente não deixava. " – Não, você não vai".
F1: Meu pai também. (risos)
F2: Eu falei: " – Não, você não vai não Stefani, pai não deixa". Até agora ela fala: " – Mãe, você lembra? Vocês não me deixa ir", falei: " – Tá bom, mas agora já, você tá... tá viajando sempre, então não precisa falar". (risos)
F1: A gente tem a vida muito parecida.
F2: É, então, é essa aqui. Eu queria que ela... como eu falei, que case com libanês... é, quando ela vai com qualquer um brasileiro, " – Não, não amiga brasileira", antes eu fiquei revoltada... é, eu fiquei, mas::... depois eu falei: " – Não, não, não". Então, essas coisas. Mas, ela já, eles já cresceram com coisas que não tem... essa aqui não posso fazer, essa aqui posso fazer. Então, essa aqui já.
F1: Você já levou eles para o seu país? Os seus filhos?
F2: Todo ano eles vão. Todo ano eles tá::... tá esperando agora. (risos)
F1: E você me disse que você sempre quis passar a sua cultura para eles?
F2: Sempre!
F1: Sempre tentou bastante, assim, cultura, religião...
F2: Sim, sim, sim. Já passei.
F1: Você acha que eles gostam? Eles são felizes?
F2: Não, eles tá bem, eles tá bem. Agora eles já tá crescendo, ela tá crescendo, eles tá crescendo, eles se viram agora. Mas, as coisas que a gente, meus pais, colocou na minha cabeça, eh::... quando eu cresci, então::... tem que eu passei pra eles, e depois eles se viram.
F1: Como você se vê daqui há 10 anos?
F2: Daqui 10 anos... se vê o país ou eu?
F1: Você, sua vida, daqui há 10 anos.
F2: Ah, 10 anos eu acho com netos, eu só vejo assim, com os netos.
F1: Aqui no Brasil? Você já pensa em voltar um dia para o Líbano?
F2: Sempre eu penso voltar pro Líbano, sempre. Mas não é aquele paixão, antes. Ai [suspiro], assim. Então, eu, ano passado não fui pro Líbano por causa da pandemia, então passou... normal. Então, mas esse ano eu falo: " – Se eu não tomo vacina, não vou também. Mas se eu tomo eu vou (risos), sem falta".

F1: Mas você tem planos? Assim, de um dia eu vou morar lá? Ou é uma coisa...
F2: Eu tinha plano antes... tinha, tinha planos... que já comprei apartamento lá, tá tudo assim... mas agora os filhos que não vão. Então, não posso::... eles moram aqui... só quando eles se casar, sim. Depois a gente passa lá e vem pra cá, assim. Mas planos pra morar lá, não... não.
F1: Você quer ficar perto dos filhos?
F2: Sim, sim, lógico... não tem jeito. Às vezes eu vou passar 6 meses lá, 6 meses aqui perto, do lado deles, mas pra morar lá e eles aqui, não. Nem pensar.
F1: E os seus filhos, como você vê eles daqui há 10 anos? O que você gostaria, assim?
F2: Olha, eu queria falar pra você. Pra minha filha, eu vejo, eu... antes, quando ela tá na faculdade, eu levava ela na FAAP, e quando a gente volta, terminou a faculdade, eu levo ela pra fazer entrevistas. A gente passa na Marginal Pinheiros, perto do Shopping JK, esses lugares, eu sempre imagino Stefani tá trabalhando nesses prédios altos, grandes. Eu falo, sempre falo pra ela: " – Olha Stefani, meu sonho vejo você aqui, trabalhando nesses prédios". Ela falou: " – Ah, mãe, mas quem diria?", eu falei: " – Não, você vai, você tem capaz, você vai ficar aqui". E::... graças a Deus, já. Esse sonho, já. E Alexandre sempre vejo ele com o pai, não sei porque... porque alguém que vai cuidar do negócio do pai, então sempre vejo ele do lado do pai. O Thiago, eu vejo ele igual a Stefani, ele falou: " – Mãe, acho que eu vou::... trabalhar fora do Brasil. Eu vou na Austrália, nos Estados Unidos...", falei: " – Não importa, mas eu vejo você igual sua irmã, lá". Então... esse que tava meu sonho.
F1: Legal. Eh::... acho que é isso. Quais palavras vem na sua cabeça, assim, quando você lembra do Líbano? Da sua vida?
F2: Ah... saudade! Saudade! Saudade da minha mãe... meus irmãos... a minha cidade. Mas, saudade. A gente sente saudade.
F1: Bom, o que você achou da nossa conversa? Você quer deixar alguma coisa? Esse trabalho, tia Rima, é uma homenagem, antes de mais nada. Claro, é o meu Mestrado, é uma coisa muito importante pra minha vida, mas antes de mais nada, quando eu escolhi fazer isso, foi uma homenagem pro meu pai e pra nossa comunidade, porque::... é como você disse que, isso, para os seus filhos... assim como seus filhos aprenderam tudo isso, eu também aprendi e tenho muito amor então::... eu quero contar nossa história, eu quero que as pessoas saibam da nossa história, saibam que o que a gente fez por esse Brasil, o que a gente trouxe pra esse brasil, então eu queria, eh::... te perguntar se você quer deixar alguma fala, alguma coisa que você queira deixar registrado.
F2: Sobre o que?
F1: O que você quiser, se você tem vontade de falar alguma coisa.
F2: Não, quero que você chega onde você queria, eh::... ah, não sei.
F1: Sobre os libaneses no Brasil... sobre seus amigos, sua família... sobre a comunidade libanesa...
F2: Então, eu quero a gente continua com a gente é, né... a gente não esquece. Até se a gente ficou lá em cima, não esquece onde a gente cresceu, onde a gente::... onde é o país, nunca. Eu quero que sempre o Líbano no seu pensamento, pensamento dos meus filhos, todos os filhos libaneses, porque um país eh::... um país todo mundo que gosta. Então... essa aqui. Nunca esquece, não quero que você esquece o Líbano.
F1: Que a gente não esquece as raízes, ne?
F2: É, essa aqui.
F1: Pra terminar, eu vou só te falar algumas frases e aí você me diz o que você acha sobre elas:

“Quem quiser plantar saudade,
escalde bem a semente
e plante na terra seca
em dia de sol bem quente,
pois se plantar no molhado,
ela nasce e mata a gente...” - Antônio Pereira
F1: Sobre a saudade, se a gente plantar ela num lugar que é fértil, ela cresce.
F2: Ela cresce, lógico. Mas tem que ser a terra bem::... bem, plantada. De água, de Sol, de tudo... pra crescer... pra dar a flor que a gente queria, como vocês.
F1: “Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
F2: Sim, nunca.
F1: Você sente isso? Que aqui não é a sua Terra Natal, mas...
F2: Eu sinto.
F1: “Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.” - wmarles
F2: É verdade, sempre eu::... fala que não::... não sai fora do país, porque eu já viajei antes. Eu gostei, mas eu falei: “ – Não, acho que não vou... casar e::... sair fora do::... viver fora do Líbano. Mas ninguém sabe, ninguém sabe o que o... o... como fala? Ninguém sabe que Deus aguarda pra gente, e onde você vai, onde você fica.
F1: Minha mãe sempre fala isso.
F2: É, só Deus que sabe.
F1: É isso, obrigada.
F2: Imagina, habibte [querida, em árabe].

f) Chahid Moukhaiber Mourad – entrevista 6

F1: Bom, no Líbano você estudou?
F2: Estudei.
F1: Até quando?
F2: Até::… terminei o colegial e::… fiz um curso lá, pra ser professor, no caso.
F1: Ah, o senhor tinha vontade de ser professor?
F2: É, lá o curso::… de fazer professor seria… não é faculdade, seria um curso a parte, é::… [fala em árabe], aí de um ano, e::…. comecei a lecionar e ::…
F1: Ah, você deu aula lá?
F2: É::… dei dois anos de aula.
F1: E como era dar aula no Líbano?
F2: É::… o nível de::… você fala do nível da aula, ou do que?
F1: Tudo. Como você achava que era? Vê diferença, assim, pro Brasil?
F2: Na verdade, aqui no Brasil também dei aula, mas de idioma árabe.
F1: Ah tá.
F2: Mas não tem nada a ver, então não dá pra tirar base, porque lá lecionava pra crianças, né? Eu… na verdade eu amo, de paixão. Minha paixão é lecionar, e acho que o bom professor não é aquele que sabe muito, é aquele que sabe passar o::… o que o aluno necessita, quer dizer, o que o aluno precisa, saber onde que tá o aluno pra andar junto com ele.
F1: Quantos anos tinham as crianças que você dava aula?
F2: Não, era::… tipo::… quarta série, quinta série.

F1: Eram pequenininhos?
F2: É, doze anos… onze anos… treze.
F1: E era bom? Era tranquilo?
F2: Não, na época era bem tranquilo. Foi em::… setenta e nove, né? 1979… 1980/81, então já tava tranquilo.
F1: Ah que legal. E quando que você veio para o Brasil?
F2: Eu vim pro Brasil em::… oitenta e três, janeiro, 17 de janeiro de 1983.
F1: E quantos anos você tinha?
F2: Vinte… vinte e três anos.
F1: Vinte e três?
F2: Vinte e três.
F1: E por que você decidiu vir?
F2: Acontece o seguinte, o Líbano tava em guerra civil, e::… eu tava, tipo… eu participava de um grupo lá::… do pessoal lá, que era contra o::… um::… braço político, vamos dizer, e fui preso lá, preso político.
F1: Ah, você foi preso?
F2: Fui preso político tipo, não é preso pelo governo, porque na guerra não existia mais governo, então quem mandava lá… cada um, cada partido político mandava na região dele. Então, cada partido político, cada facção tinha as próprias::… cadeias, as próprias::… então eles me pegaram e foi::… vamos dizer, fui preso. Fiquei um ano e dois meses e pouco preso lá, e meu pai foi daqui do Brasil, ficou mais ou menos um ano lá, fazendo::… intermediação, tal, tal, tal… pra me tirar. Sai da cadeia, não tinha outra opção, era uma das::… uma das exigências pra me soltar, que deixasse o país.
F1: Nossa! E você já tinha, então, família aqui no Brasil?
F2: Meu pai já tava aqui… minha irmã mais velha tava aqui… a gente tava em três irmãos. A minha irmã mais velha já veio aqui bem antes, no… 1970.
F1: Antes da guerra né?
F2: Meu irmão… meu irmão veio em setenta e oito, meu pai já tava aqui.
F1: Porque ele vieram?
F2: Vieram::… também atrás de vida melhor, igual qualquer… o tio do meu pai, no caso, já tava aqui no Brasil também, então, agora… o tio do meu pai veio depois da Segunda Guerra Mundial, igual… a primeira leva dos imigrantes que vieram, que dizer… a maioria… não, é tudo, 100% dos imigrantes que vieram tipo mil oitocentos e::…
F1: Foi 1840?
F2: Não, não… foi 1890… 1890 até::… é, até 1914, vieram depois da Segunda Guerra Mundial, que na verdade foram::… foram obrigados a vir, porque lá todo mundo passava fome, não tinha como viver, e você pode reparar que::… a maioria deles… a maioria não, todos, são cristãos, porque… naquela época, na guerra, então… o Líbano era sob o domínio do… os “manitas”.
F1: Dos turcos.
F2: Dos turcos, dos “manitas”, daí que todo mundo fala que é turco, que até eles vieram… vinham pra cá com o passaporte turco. Aí depois quando… foram os turcos veio a Síria, a Grande Síria, que inclui o Líbano, Palestina, tal, tal, tal… veio a Grande Síria, que começaram a chamar de sírios. Depois…
F1: [Risos].
F2: É verdade, depois…
F1: Um dia chegou libanês.
F2: Depois quando surgiu o… libanês, quando dividiram a Grande Síria.

F1: Por que você não veio quando seu pai e sua irmã vieram? Você continuou lá.
F2: Eu tinha meus avós também, que eles não deixavam porque eles queriam alguém lá pra cuidar deles também.
F1: Ah, você ficou com eles?
F2: Eu fiquei com meus avós, paternos.
F1: E sua mãe?
F2: Minha mãe faleceu eu… tinha cinco anos. Cinco anos e meio, mais ou menos.
F1: Você se lembra dela?
F2: Lembro. Lembro assim… vagamente.
F1: Então quem te criou foram os seus avós?
F2: Foi.
F1: Se não fosse a guerra, você acha que você teria vindo?
F2: Hm::… acredito que::… não sei, não sei. Mas, não, se for por mim eu ficaria. Se for por mim eu ficaria lá. Agora… mas como já, meus irmãos já tava aqui, meu pai já tava aqui, acho que… acho que acabaria vindo, mas não é por::… por vontade. Era por…
F1: Pra procurar uma vida melhor?
F2: Hm::… também… também.
F1: E sua vida lá no Líbano, como era?
F2: Era bem agitada. [risos] É que tinha::… sabe, o Líbano na época que eu… já, tipo… era moleque, adolescente, já tava em guerra, então o::… todo mundo lá respirava… você respira política, você vive política, respira guerra, vive guerra, vive violência, então já… eu acho que também, assim, um ponto que eu penso, que o maior prejuízo, o maior prejuízo da… da guerra civil… de qualquer guerra… não é as paredes que cai, não é as construções, não é as pontes ou infraestrutura, e::… aliás, aqueles que morrem você perde e muito mais perda é a mentalidade de quem fica. Quer dizer, quem fica, sobrevive à guerra, quem não morre, fica com a mentalidade bem diferente do que se fosse vida normal.
F1: Como que fica?
F2: Fica… se você fala bom dia, se eu não tiver bem, posso te xingar, te dar um tapa, partir pra briga.
F1: Fica agressivo?
F2: A gente, é… esse aqui pior coisa, cada um já, tipo… é guerra, né? A palavra “guerra”, então, é lei da selva, então… a gente não fica humano. Infelizmente a gente perde muito na guerra, pós-guerra, ou quando você sobrevive à guerra, acaba… querendo, ou não, acaba perdendo muito da sua humanidade, na verdade.
F1: Você acha que você perdeu? Ou a vinda para o Brasil…
F2: Eu tinha perdido sim, lá eu tinha perdido. Lá no Líbano eu não era a mesma pessoa que eu sou aqui. Lá no Líbano eu::… não aguentava se alguém::… qualquer coisa, mínima coisa, eu já partia pra briga, pra agressão, pra::… porque vivia aquilo, que nem eu te falei, a gente respira aquilo, vive aquilo, então você não tem como fugir. E quando eu cheguei no Brasil aqui, também arrumei… arrumei algumas confusões também, e depois fui vendo que a vida não é isso, que a vida é outra coisa, que não é o que a gente carrega com a gente lá da… da… guerra.
F1: Então a vida aqui no Brasil fez você se acalmar?
F2: Olha… se eu te falo que o Brasil é uma terra abençoada, também, que nem todo mundo fala, é uma terra abençoada, porque::… aqui no Brasil::… vamos dizer, que convive qualquer religião, qualquer etnia, qualquer cor… é uma maravilha de convivência, é um exemplo de convivência para o mundo inteiro. Acho que um dos… se

não é o único, é um dos poucos países que qualquer pessoa se::… se sente que tá em casa, quer dizer. Acho que… não sei se é o único, mas se tiver outro é difícil.
F1: E você é de que cidade no Líbano?
F2: De?
F1: De qual cidade?
F2: *Ras Baalbek*.
F1: De *Baalbek*?
F2: *Ras Baalbek*. *Ras Baalbek* é uma cidade na região de *Baalbek*, fica bem na divisa da Síria, e no::… norte… é, no norte do Líbano, do lado das montanhas, do lado da Síria.
F1: E a guerra chegou até lá? Ou foi você que se envolveu?
F2: Não… assim, na minha cidade não teve guerra, mas… acaba afetando porque divide o pessoal da própria cidade. Eu falo cidade, mas na verdade é uma aldeia, uma aldeia pequena de seis… oito… entre seis e oito mil habitantes, então acaba se dividindo, você apoia os *Falanges*, outro apoia o::… os esquerdistas. Então fica sempre umas assim, mas não chega a ter guerra, guerra… porque no final quem fala mais alto era a cidadania da… quer dizer, a::… naturalidade da cidade, de *Ras Baalbek*. Quer dizer, a gente pode brigar entre si, mas se tiver… se o outro, da mesma cidade, estiver em perigo, mesmo que seja contra, a gente vai acolher ele e defender fora. Isso que acontecia.
F1: E você chegou a viver na guerra em Beirute?
F2: Cheguei a viver sim. Vivi a guerra em Beirute, porque::… eu tava fazendo uns… umas… como que fala? É, curso… treinamentos… treinamentos… treinamento militar e treinamento também de::… treinamento de::… como que fala? Político. A gente acabava::… acabou um dia, na verdade, saímos de um prédio a noite… saímos de um prédio pra ir para o campo, na mesma noite o prédio foi todo para o chão, sete andares, onde que a gente tava. No dia seguinte, a gente foi recolher… foi recolher os cadáveres lá… e pra ver se acha sobrevivente. Você tá no Líbano na época da guerra, você não tem como não viver a guerra.
F1: Acaba se envolvendo.
F2: É.
F1: E a sua vida na sua cidade antes da guerra, você tem lembranças?
F2: Muitas. Lembranças e saudades.
F1: O que você lembra?
F2: Lembranças de… ficar acordado até três da madrugada, aí ir para o::… os fornos lá que fazem o pão, a gente fazia aqueles *manaqish b zaatar*, aí fazia o desjejum... tinha o::… *manaqish b zaatar* com chá, aí quando clareava o dia a gente ia lá pra os::… pra as chácaras lá, pra o::… pras chácaras ao redor da cidade pra caçar passarinho. Chega hora de almoço, a gente almoça o que a gente caçou, e dorme [risos]... as vezes. Isso aqui na época enquanto não tem escola, na época da escola a gente::… ia pra escola e ficava. Assim, uma vida… vamos dizer, muito mais calor humano que é no Líbano, é muito mais::… se sente mais acolhido, mais assim… com calor humano. Mas qualquer país tem o… as coisas boas, e tem as coisas ruins. Aliás, tudo na vida tem os dois lados da moeda. Então…
F1: E você sente saudade?
F2: Sinto… lógico. A gente::… se acostuma com o lugar, com o animal, com::… com pedra, com a casa, você acaba sentindo saudades… mesmo que você passou maus momentos lá, ou bons momentos, acaba sentindo saudade. Na época que você::…

tava estudando de madrugada, cansada, não tava conseguindo dormir, você não chegava a hora de… de você fazer, terminar a faculdade. Depois, você vai ter saudade deste cansaço, pode ter certeza. Até do cansaço, de falta de dormir, você vai ter saudade, então… saudade a gente… sente. A gente é humano, né?
F1: Antes de você vir para o Brasil, qual a imagem que você tinha daqui?
F2: Do Brasil? Ó… Brasil, na verdade, acho que a imagem que era na época, to falando em 1982, tal, tal, tal… era país de futebol, mulheres e café, vamos dizer… as coisas que mais destacava no Brasil, que é o carnaval, café e o futebol.
F1: E você falava com seu pai e sua irmã que estavam aqui? Eles te contavam como era o Brasil?
F2: Era só por::… por cartas.
F1: Quando você chegou, você se assustou? Era muito diferente do que você achou que era?
F2: Me choquei com várias coisas e depois, hoje em dia, pra mim é normal e acaba me… quer dizer, as coisas que eram normal pra mim, já não é mais normal.
F1: O que, por exemplo?
F2: Por exemplo, um dia a gente::… eu tava recém chegado aqui, a gente foi, eu, meu irmão, minha irmã, o pessoal, fomos visitar uma tia minha, e::… minha cunhada, quer dizer, mulher da minha irmão, tava junto, lá em Piratininga, voltando na estrada a polícia rodoviária parou a gente… aí, foi pedindo documento e tal, e tal e tal… levou documento. Aí meu irmão não tinha documento, não tinha é::… CNH, ele deu CNH da mulher dele, que é minha cunhada, Isabel Rodrigues, daqui há pouco vem o guarda e fala: - Isabel e companhia, podem descer todo mundo do carro. Aí olhou assim e falou: - Seu irmão quer falar com você. O irmão dela era lá da polícia rodoviária. Aí descemos, era oi, oi, cumprimentou, aí depois o meu irmão foi me traduzindo que é o irmão dela que::… tal… que não tem problema nenhum e, de repente, eu falei: - Ela não sabia?, ele falou: - Não, ela não sabia que ele tava aqui, nesse posto e que, aliás, faz dois anos sem falar com ele. Aquela notícia, que faz dois anos que não… não via o irmão, me chocou, pra mim é um choque. Por isso tô falando o::… tipo de calor humano, que dizer, se eu fico dois anos sem ver meu irmão e ver, eu vou abraçar, acho que, e não vou largar mais, vamos dizer. E era oi, tudo bem? Tudo bem? Só::… assim, um cumprimento, um beijinho, como tivesse coisa normal. Essa foi, acho que um::… uma cena que me chocou muito mesmo, na época.
F1: É, os libaneses são mais…
F2: É, a gente acostumado outro… outro jeito. A gente acostumado até [inaudível], beija, abraça, beija e::… então… é que eu falo calor humano, assim, assim. Mas… acontece, as vezes, eu vou lá e tem tanta coisa, as vezes… você acaba percebendo que… muito disso é falso também, o::… tipo, sei lá, acaba, as vezes, te incomodando. Hoje em dia não…
F1: Você, mas você mudou, assim, essa visão, depois que veio pra cá?
F2: Mudou, muda… acaba mudando sim.
F1: Você acha que a cultura brasileira te influenciou?
F2: Muito… muito… e pra::... acho pra melhor.
F1: Por que?
F2: Porque… tô falando, quando eu cheguei aqui, vamos dizer, um cara lá que::… uns carinhas lá no... meu pai… meu pai tem boteco lá em Campinas. Uns carinhas que tava chateando ele, alguma coisa assim, dando uma de::… aqueles malandros mesmo, tal, tal ,tal… e eu enchi os dois de porrada, de quebrar, quebrar, quebrar mesmo. Hoje em dia eu::… vamos dizer, acho isso super errado, e apenas manda

eles embora e::… acabou. O modo de resolver as coisas, o modo de::… pacífico de viver, o valor de ser humano, mesmo que::… seja o que ele for, acaba mudando porque, no final… afinal, o::… ser humano é um animal político, não é uma animal falante, é um animal político que acaba… que acaba influenciado em qualquer::… situação.
F1: Se você tivesse ficado no Líbano depois da guerra, você acha que teria mudado sua mentalidade?
F2: Difícil… difícil.
F1: Por causa do clima?
F2: Não… se tinha mudado minha atitude, minha::… mentalidade?
F1: Tudo, sua forma de pensar, de ver o mundo…
F2: Acho que não, porque… o ambiente que você tá, ele vai te influenciar. Eu acho que o ambiente que o ser humano vive que influencia o ser… o ser humano. Não é você… não é você que evolui, é o ambiente que tá… é… que você vive. Se você vive num ambiente que todo mundo::… te xinga, te trata mal e te::… cada um por si e a lei da::… a lei da::… do fraco, do… do… o forte dominar o fraco, então você vai querer ser forte pra não ser dominada. Olha, não tem como, não tem como escapar, acho que a situação que faz o ser humano.
F1: E quando você chegou no Brasil, o que foi mais difícil pra você?
F2: Mais difícil? No começo o idioma… no começo. No começo foi o idioma, e… depois acho que não teve assim dificuldade, dificuldade mesmo, além do idioma, não.
F1: Você veio morar aqui em São Paulo?
F2: Campinas.
F1: Campinas?
F2: Campinas.
F1: E você estudou aqui no Brasil?
F2: Não.
F1: E você começou a trabalhar com o que?
F2: Primeira coisa eu… fiquei lá ajudando::… quer dizer, trabalhando no boteco. Boteco igual… três mesas de bilhar, bebida e pinguço [risos], tomava conta do bar lá no… em Campinas, que meu pai tinha lá. Aí depois disso, trabalhei numa fábrica de::… camisa. Aí trabalhava na fábrica de camisa, a gente viajava muito pra::… vender as camisas também, pra todo o interior de São Paulo, aí::… depois disso::… vim pra… vim pra São Paulo. Aqui em São Paulo comecei a trabalhar com roupas, calça jeans [inaudível] com um cara amigo da gente, aí depois montei a minha própria::… fábrica de jeans, eu e mais um rapaz de sócio, depois tive uma loja de varejo aqui em São Paulo, na rua Greenfeld, no Ipiranga… depois fechei. Hoje em dia tô com alimento árabe, lá no Brás.
F1: E::… foi difícil pra você trabalhar com os brasileiros? Como é a sua relação, assim, com os brasileiros?
F2: Hm::… muito boa. Muito… muito mais fácil… muito mais fácil trabalhar com brasileiro do que trabalhar com outras raças.
F1: Por que?
F2: Porque::… ó, quer dizer, brasileiro, em geral, você conhece. Agora, a única coisa que você, pra o brasileiro, você não pode, vamos dizer, depende da classe da pessoa, tem muita gente que não sabe administrar o::… si próprio. Quer dizer, você::… a maioria gasta, as vezes, mais do que ganha. Então, se você abrir crédito maior pra pessoa do que pode pagar, você tá num::… tá fazendo mal negócio. Agora, pra trabalhar com brasileiros... o que ele promete, se ele puder cumprir, ele cumpre. Mas, o que que acontece… que as vezes ele pensa que vai poder cumprir e acaba… então é só tomar,

tipo, você define… você define… você tem que saber, pela pessoa, o que ele pode gastar ou não pode.
F1: E::… você consegue comparar o costumes do brasileiro com o do libanês? Você vê coisas iguais? Coisas diferentes?
F2: Tem bastante coisa diferente sim. Tem coisas que eu acho::… você fala, hm::… em relação à família, vamos dizer, o libanês é muito mais família, vamos dizer, é muito mais, que nem eu tô falando, esse calor humano, essa::… tal. Agora, chega um ponto que, as vezes, isso… isso próprio mesmo te incomoda, porque… a pessoa lá, sua prima, ou seu tio, sua tia, ela fala: - não, você tem que fazer isso. Pra eles, vamos dizer, é normal. Não, você…
F1: Se meter na vida…
F2: Meter na vida do… na sua vida. Querem saber quanto você ganha, quanto você gasta, com que… a vida da sua mulher, dos seus filhos. Então, pra eles é normal, isso é normal pra eles, tipo… vamos fazer, eles tão cuidando de você, é normal falar: - Ó, você tá brigada com fulano, não, vai lá pedir desculpa que ele é mais velho que você. Não querem saber se você tá errada ou tá certa, vamos dizer. A outra vem: - Não, você tem que brigar com fulano. Se tem duas tias, ou dois tios, um fala: - Não, você tem que brigar com fulano, o outro fala: - Não, você tem que ficar de bem com fulano, vamos dizer. Então, eles… é muito int… se intromete muito na vida da gente… e, assim, a gente acaba, não tá acostumado com isso aqui no Brasil. Lá, eu tava acostumado com isso, vamos dizer, agora… no Brasil já não::… cada um, assim, vive na vida que ele quer, cada um sabe que… que faz, quer dizer, não tem… essas coisas.
F1: Pra você foi fácil aprender português?
F2: Olha, é que eu tinha o francês já, então o francês ajudou muito, muito, na verdade. E não só o francês, como a necessidade também.
F1: Então você aprendeu na necessidade?
F2: É, foi tipo, uns seis meses, já tava… já tava me virando. Mas também, único que… único que tava lá, num boteco, que tinha trinta, quarenta pessoas falando português, todo mundo quendo me ensinar, ou tirar sarro, ou tirar casquinha, eu tinha que aprender.
F1: [risos].
F2: Que nem eu falo, que eu falo pra você da necessidade, vou te dar um exemplo… eu tava na fila da… da carne, lá no supermercado que tinha lá no::… lá em Campinas, que chamava Eldorado, e eu fui dar uma de gostoso, de bonzão, tal, tal, tal… porque eu vi que na minha frente tinha um cara que… falando com sotaque, e eu perguntei pra ele: "- Há quanto tempo tá no Brasil?" e ele falou: "- É::… quatro anos.", e eu falei: "- E ainda você fala mal assim? Eu tô só há seis, sete meses aqui.", ele olhou pra mim, me mediu de cima abaixo e falou: "- Que idioma você fala?", eu falei: "- Árabe", ele falou: "- Tá, se você fala árabe, você vai morrer de fome, ninguém vai te entender. Aqui todo mundo me entende."
F1: [risos].
F2: Eu abaixei a cabeça, e… depois ele me falou: "- Cala a boca e você… você aprendeu por necessidade." Eu… isso, pensei, é verdade, que ele… que ele diz é verdade.
F1: [risos]. E quando você chegou aqui no Brasil, você sentiu vontade de ir embora pro Líbano? De voltar?
F2: No começo sim, a gente sente. Acho que qualquer um quando chega, tem aquele choque de idioma, tipo nos primeiros dois, três meses… é, primeira semana, vinte dias, saudade do pessoal que você veio, se você vem pra… pra família, ou pra amigos. Aí passou essa época já… já vem um… um tempo de choque, de não conseguir a

língua, não conseguir se virar, aí bate um::... desespero, bate um::… querendo… é, sente.
F1: Você acha que essa saudade, essa vontade de ir, diminuiu de quando você chegou pra hoje?
F2: Ah, diminui. Cada vez diminui. Que nem dizem: "- Nada melhor do que o tempo pra curar qualquer coisa".
F1: E depois, no passar dos anos aqui no Brasil, você sentiu vontade de voltar pra lá?
F2: De voltar a morar lá, hoje em dia… hoje eu dia eu não… não volto.
F1: Nem quando acabou a guerra?
F2: Não… não. Acostumei aqui… acostumei aqui, criei minha família aqui, então… mesmo que não tivesse a família e tal, acho que ficaria no Brasil.
F1: Sobre a sua família, você se casou?
F2: Casei, com::… uma descendente de japoneses.
F1: Mas é brasileira?
F2: Brasileira.
F1: Ah, e::… quando vocês se casaram?
F2: Casamos em 1990/91, a gente se juntou, ainda não::… não casou no papel [risos]. Juntou os trapos.
F1: E conviver com uma mulher brasileira, foi difícil?
F2: Não, pra mim não foi.
F1: Alguma diferença entre vocês dois, de cultura, de ideia?
F2: Não… também não.
F1: Não interferiu cada um ser de um lugar?
F2: Não… não.
F1: E você tem filhos?
F2: Dois.
F1: Dois filhos?
F2: Menino e menina.
F1: Quantos anos eles têm?
F2: Tem… a Sâmia tá com 26 anos já e o Victor tá com::… 19.
F1: E como foi pra você criar seus filhos longe do seu país, onde você nasceu?
F2: Eu criei eles aqui, no meu país, no Brasil.
F1: Você se sente aqui, como seu país?
F2: Agora… agora sim, por isso tô falando, pra mim… tô respeitando os costumes deles, tô respeitando::… vontade deles.
F1: Você achou difícil criar eles aqui? Ou pra você…
F2: Não… não.
F1: E a sua cultura, você tentou passar pra eles? Você quis? Fez questão?
F2: Eles que perguntam sempre, e eu passo pra eles como conhecimento.
F1: Você não fez questão de que eles aprendessem?
F2: Não… não. O que eu quero é que eles sejam felizes, eu não quero que… que eles sejam meu espelho, não quero que eles sejam… quero que eles sejam felizes. Ensino eles a ser feliz.
F1: Algum dia você voltou pro Líbano pra passear?
F2: Pra passear volto sempre, já fui umas quatro, cinco vezes.
F1: Desde que você chegou até hoje?
F2: Levei minha mulher lá… levei minha filha. Minha filha já foi duas vezes, uma quando tinha quatro anos e… uma agora, há uns cinco anos atrás.
F1: E o que eles acharam?

F2: Ah ela gostou muito, né. Pra passeio, pra quem tá passeando é gostoso.
F1: [risos] é verdade.
F2: Mutio bajulada pelos primos, primas… disputada por todo mundo, então… lógico vai amar.
F1: Eles aprenderam a falar árabe?
F2: Falam alguma coisinha, mínima. Coisa mínima, algumas palavras.
F1: Como você diria pra alguém de fora como é o brasileiro? Como é a cultura brasileira? Como você conseguiria descrever?
F2: Bom, eu falo que o brasileiro é uma pessoa que… vive bem, em qualquer comento, vive bem. Uma pessoa… respeitadora, muito… um povo muito acolhedor, e um povo alegre e feliz. O pessoal bem legal… acolhedor.
F1: Aqui no Brasil, você já viajou? Conheceu outros lugares?
F2: Muito… muito.
F1: O que você achou? É muito diferente o brasileiro de um lugar para o outro?
F2: É, vamos dizer… o bahiano é bem::…. sossegado [risos]. Mas isso não deixa… não faz dele mau pessoa, é o jeito deles, *não se avexe*, vamos dizer, você pede uma coisa lá na praia, vem depois de uma hora não tem problema, é normal. E… é, tem, até dentro do Brasil tem cultural diferentes, assim, vamos dizer, o sul é povo mais agitado, mais::… empenhado em trabalho, em::… mais sério. Mas se pegar um país… país do norte, o pessoal mais, vamos dizer, mais folgado, mais sossegado, não sei, entenda como quiser, mas é… é mais devagar.
F1: Aqui no Brasil, você gosta da cultura? Escuta música? Assiste televisão?
F2: Sim. Gosto… gosto muito de MPB, a cultura brasileira… respeito muito. Agora, tem alguns pontos pra gente que é de… que é de lá, mais ou menos, a gente acha meio escandaloso.
F1: Como o que, por exemplo?
F2: Vamos dizer, nudez na televisão, essas coisas, pra um horário::… um horário, vamos dizer, em::… um horário que é cedo, horário que as crianças::… assim, pra nós, em geral… pra mim, não vou te falar é um choque ou uma::… pra mim eu não ligo, mas a maioria do::… que eu acho, da maioria do meu pessoal que reclama mais é disso.
F1: E aqui, você tem amigos libaneses? Você convive com a comunidade libanesa?
F2: Sim…
F1: Muito frequente?
F2: Frequentemente, sim.
F1: E como é pra você, assim, esses libaneses que vivem aqui?
F2: Bom, é… que a gente tem um jogo de baralho nosso que é, vamos dizer, que a gente é acostumado a jogar lá. Tem uns jogos que a gente::… joga::… o gamão, que… o pessoal, vamos dizer, cultura nossa que é, e… convivência assim, só.
F1: Você ainda procura saber do Líbano? Ainda tá ligado à cultura?
F2: Sim.
F1: Ainda, por exemplo, escuta música?
F2: Escuto… música, acompanho as notícias.
F1: Lê jornal?
F2: Jornal não chega pra cá, mas vejo… escuto as notícias de lá, acompanho.
F1: Você tem família lá ainda?
F2: Não, família… assim, da minha família não, só tem tios e tias da parte da minha mãe.
F1: E você tem contato com eles?

F2: Tenho, a gente se fala sempre. Hoje em dia é muito mais fácil.
F1: É [risos]. Como você se vê daqui 10 anos?
F2: Hm::… daqui há dez anos… você acredita que é uma pergunta que me surpreendeu, porque a gente nunca pensa [risos]. Ah, eu vejo… me vejo::… que eu espero, vamos dizer, que seja um homem de negócios bem sucedido, com o::… com o futuro dos meus filhos, vamos dizer, garantido, que… conseguir uma casa pra cada um deles, vamos dizer, pra eles não depender de pagar aluguel, e::… vivendo minha vida sossegado.
F1: Você se vê vivendo aqui pra sempre?
F2: Sim.
F1: Não pensa em passar… um tempo lá?
F2: Não… não. Só se eu, assim, eu gosto de ir lá pra rever familiares, matar a saudade, mesmo que seja das pedras, ou da terra, ou da rua, ou da::… da árvore onde que eu perdi um pássaro lá…
F1: Mas só um passeio e volta?
F2: Passeio e volta.
F1: E os seus filhos, como você vê eles daqui há 10 anos?
F2: É… eu acho que eles vão… vão tá bem, porque… nasceram aqui, eles sabem… acostumaram aqui, então pra eles não… não vai tá diferente.
F1: Você sonha, assim, alguma coisa pra eles?
F2: Levar eles, ou::… de pensar em levar eles pra lá, não.
F1: Não, assim, pra vida deles, você sonha assim, eu quero que meu filho seja assim, eu quero que meu filho case…
F2: Eu quero que meu filho… uma, que eu quero que meu filho seja feliz e eu quero que ele seja… vou te responder numa coisa, meu filho tá fazendo vestibular e tal, tal, tal… pra engenharia e ele veio me perguntar: “ - Pai, o que eu faço… eu não perguntei nem pra você sobre meu curso. Eu sei que você vai falar pra mim fazer o que eu quero, mas se eu for por você, o que te daria orgulho? Ser médico ou ser o que?” Aí eu::… o que respondi pra ele vou te responder, pra você ter ideia. Eu falei pra ele: “- Victor, você pode ser um médico mau caráter, que eu vou me envergonhar de você. E você pode ser um lixeiro ou um engraxate, com um bom caráter, que vou me orgulhar de você. O que vou me orgulhar de você é o seu caráter, não é… não é sua posição”.
F1: Você se acha, assim, aberto com eles?
F2: Sou.
F1: Com a cultura, em geral?
F2: Sou, tanto que minha filha namora e o namorado vive lá na minha casa [risos]. Pra nós, vamos dizer, o que seja uma intolerância, pra mim eu tô aqui no Brasil, então… eu acho que::… mesmo gostando, ou não gostando, eu tenho que respeitar… uma, a opinião dela… duas, a cultura daqui, e… o motivo maior: quanto mais você prende, mais você tá induzindo ao erro. Eu acho que… penso assim.
F1: Por que você veio pra São Paulo? Não te perguntei. De Campinas pra São Paulo.
F2: Então, lá em Campinas eu já não tem… não tinha muito campo de trabalho e conheci um pessoal que são daqui de São Paulo, aí eles que me chamaram… conheci aqui no Brasil, não conhecia lá do Líbano, e me chamaram pra vir pra cá pra começar a trabalhar… que comecei a trabalhar com jeans, no caso.
F1: Ah, eles te chamara?
F2: É.
F1: E você, hoje, tem mais amigos brasileiros? Mais amigos libaneses aqui no Brasil? Como que é?

F2: Olha, eu tenho::... dos dois, na verdade, mas… mas tenho bastante dos dois. Vamos dizer que é igual… é igual.
F1: Tem algum que é mais fácil pra você conviver? Ou é a mesma coisa?
F2: O mais fácil de conviver é o brasileiro, o libanês que é complicado [risos]. O libanês que as vezes é muito sentimental, muito::… liga pra qualquer coisa, qualquer coisa você tem que dar satisfação, sabe? Aquela… aquele… intrometimento, no caso. Então… muito mais fácil a convivência com o brasileiro, sim.
F1: E esses brasileiros te veem como? Eles ainda te veem como imigrante, por causa do seu sotaque? Perguntam da sua cultura? Ou…
F2: Ah, eles acham engraçado, né [risos]. O sotaque, eles acham engraçado, mas eles veem como::… como uma pessoa que eles me conhecem. Acho que vê como um… ser humano normal, não vê mais como… acho que vê mais como brasileiro, na verdade, porque… se for contar eu sou mais brasileiro do que libanês. Vim com 23 anos, tô com 62, então tenho… muito mais tempo de Brasil do que do Líbano.
F1: A família da sua esposa é toda de brasileiros?
F2: Hm… nissei, japoneses. Descendentes de japoneses.
F1: Você tem convivência com eles?
F2: Temos… antes da pandemia, né.
F1: [risos].
F2: Então, é… são bem tranquilos, muito calmos, e a gente tem o sangue quente, a gente briga muito. Briga, assim, modo de dizer. Vou te dar um exemplo: fim de semana juntava lá em casa, vamos dizer, uma turma que é da família da minha esposa e outra turma que é dos meus amigos, da minha família. Eles ficavam lá na cozinha, também jogando cartas e baralho, e::… até seu pai ia jogar junto, e… a turma dos libaneses ficava lá fora, onde que é o espaço pra jardim, jogando, gritando e quase derrubando o prédio.
F1: [risos]. Libanês é mais agitado.
F2: É, e eu tinha que fazer os dois lados, jogava um pouco aqui e ia jogar lá, pra ficar tipo, dar atenção pra todo mundo.
F1: Quais palavras vem na sua cabeça quando eu falo pra você do Líbano?
F2: Ah, vem… árvore de damasco, vem… minha casa, e vem a imagem da… destruição da guerra civil. Porque na minha região planta muito damasco, então a gente convivia muito com damasco lá, então por isso a primeira coisa, quando fala Líbano, muita saudade da::... daquela fruta.
F1: O damasco, damasco fresco, né?
F2: Fruta… fruta.
F1: Eu nunca vi, eu vi uma vez a foto na internet, parece com pêssego, né?
F2: Olha, Natal e Ano Novo acho que tem… tem… tinha no *Chibata*.
F1: Ah, eu nunca vi ele fresco, só vi aquele…
F2: É, tem no… tinha no *Chibata*. É uma nota preta, mas tinha [risos].
F1: O que você achou da nossa conversa? Tem alguma coisa que você queira falar?
F2: Acho que… ótimo… não, só isso.
F1: Você deixaria, assim, algum… porque assim, esse trabalho, é muito mais do que um trabalho, é… é uma homenagem, que eu sempre sonhei em fazer para o meu pai e para… para toda a comunidade libanesa que mora aqui no Brasil. Então, eu queria saber se você gostaria de deixar algum recado, alguma coisa registrada…
F2: Eu só quero falar pra todos os patrícios deixar os filhos viver feliz, procurar a felicidade deles, e respeitar o ambiente que eles vivem, não força a nada.
F1: Fala isso pro meu pai, por favor [risos].

F2: [risos] esse recado é pra ele.
F1: Só para terminar, eu vou ler 3 frases que eu e minha professora escolhemos, e gostaria que você falasse o que você acha, o que vem na sua cabeça quando eu te falo essas palavras.
“Quem quiser plantar saudade,
escalde bem a semente
e plante na terra seca
em dia de sol bem quente,
pois se plantar no molhado,
ela nasce e mata a gente...” - Antônio Pereira
F2: Ah não, não concordo. Acho que é bom sentir saudade também.
F1: Uma saudade saudável, assim, você tem?
F2: É, gostoso também sentir saudade. Se você não sentir saudade, você não ama. Não sei, eu discordo.
F1: Sua família vive aqui ainda? Seu pai…
F2: Meu irmão, minha irmã, aqui… meu pai acabou falecendo.
F1: E vocês vivem juntos?
F2: Então, meu irmão e minha irmão tão brigados [risos], e eu fico entre os dois, Fico uma vez com ela, uma vez com ele.
F1: Mas você convive com eles?
F2: Convivemos.
F1: “Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
F2: Também não concordo, desde que… que eu tô vivendo nessa terra, abençoado por essa terra, comendo dessa terra, criando meus filhos nessa terra, então essa terra é meu… é minha pátria.
F1: Sua terra natal…
F2: É minha terra natal também.
F1: “Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.” -wmarles
F2: Isso… isso eu concordo 100%.
F1: Você se identifica? Do que você falou parece, né?
F2: Foi… foi… foi consequência das coisas que muda a gente e muda a situação.
F1: Você pensou, assim, alguma vez quando era jovem, um dia eu vou embora do Líbano?
F2: Não, não pensava.
F1: Nem que fosse pra outro país?
F2: Não, que eu gostava de lá também. Lá é gostoso, assim, tipo, vamos dizer… o tempo, ambiente… o ar mais limpo, não sei o que. Tô falando isso porque moro em São Paulo, não tô morando lá na… em Salvador, vamos dizer, na beira da praia. Então, acho que a vida é um pouco mais saudável, em termo de… fruta, de legumes, verduras, que você come sem agrotóxicos, essas coisas… é um pouco mais saudável. Muito mais saudável, mas acho que não pesa tanto. Se você colocar na balança, não pesa tanto como outras coisas.
F1: É isso, muito obrigada por contar sua história.
F2: De nada.

g) Rena Youssef Kallas – entrevista 7

F1: Há quanto tempo você está no Brasil?
F2: Cinco anos.
F1: Cinco anos? A primeira vez que você veio para cá foi quando?
F2: Eu tinha 5 anos.
F1: Foi em que ano?
F2: *Ixi*... em 1984. É... 1984.
F1: E por que você veio?
F2: Gosto...
F1: Mas a primeira vez, assim, para que você veio?
F2: Tratamento da perna.
F1: O que você tinha?
F2: Cicatriz na perna... para operar.
F1: E aí não achou médico no Líbano?
F2: Não.
F1: Aí veio para cá...
F2: Foi.
F1: Você já tinha família aqui?
F2: Família da minha mãe.
F1: Eles já moravam aqui?
F2: Já, há muito tempo.
F1: E você veio com quem?
F2: Com minha mãe.
F1: Só vocês duas?
F2: Só, primeira vez. É... com minha mãe e com meu pai.
F1: No Líbano você estudou até quando?
F2: *Ixi*... até::...
F1: Você terminou a escola?
F2: Até a quinta série.
F1: Até a quinta série?
F2: Até a quinta série, por conta da guerra a gente teve que parar.
F1: Aí você parou. E aqui no Brasil, você continuou o estudo?
F2: Não.
F1: Não teve interesse?
F2: Não.
F1: Quando você veio para o Brasil, o que você achou mais difícil?
F2: Nada. É... comecei a aprender, aprender, aprender, mas depois não achei nada difícil. Comecei a aprender a falar português e::... fui.
F1: Na primeira vez você ficou quanto tempo aqui?
F2: Primeira vez::... dois meses, assim... é, nas férias da escola.
F1: Ah, foi só para fazer cirurgia e voltou?
F2: Foi. Não, eu fiz cirurgia no Líbano.
F1: E aqui você fez o quê?
F2: Nada... fui ver o médico.
F1: Ah, ele foi olhar?
F2: Sim.
F1: Ah tá. E aí você voltou para o Líbano e depois não voltou mais para o Brasil?
F2: Fui e voltei dez vezes... essa é décima vez que eu venho [risos]. Décima vez!
F1: Mas você vinha o que, a passeio?

F2: Passear.
F1: Só ver a família?
F2: Só.
F1: E ficava, assim, quanto tempo mais ou menos?
F2: A última vez eu fiquei::... dois anos e seis meses, depois eu voltei para o Líbano e dessa vez... faz cinco anos aqui no Brasil.
F1: E por que você voltava para o Líbano?
F2: Eu não gostava daqui muito.
F1: Ah é? O que que...
F2: Não sei, saudades.
F1: Saudades de lá? Por que dessa última vez, então, você está aqui há 5 anos? Resolveu ficar aqui?
F2: Porque::... eu queria refazer minha vida.
F1: Em que sentido?
F2: Todos.
F1: De::... trabalho?
F2: Tudo, tudo, tudo. Amigo, trabalho, ambiente, cultura, tudo.
F1: Tinha alguma coisa no Líbano que você não estava feliz?
F2: Tudo. [risos]
F1: E o que fez você mudar de ideia sobre o Brasil?
F2: Tudo.
F1: Porque você falou que não gostava antes e agora gosta.
F2: É... começou a mudar tudo com o tempo e aí acabei ficando.
F1: Você acha que tem a ver com o país ou com a sua idade? Com a sua vida?
F2: Não, com o país mesmo.
F1: Com o país... você acha que o Brasil melhorou? O que antes você achava que não era bom?
F2: Muita coisa.
F1: Por exemplo?
F2: É::... o povo, comportamento... mas hoje em dia tudo mudou, tudo ficou mais diferente.
F1: O que, por exemplo, no comportamento, você acha que mudou?
F2: As pessoas.
F1: O que te desagradava e agora...
F2: É::... deixa eu pensar... é, agora já sei de tudo quase, o país, a rua, o metrô, ônibus... o povo, pensamento, comportamento... tudo ficou...
F1: Você tinha dificuldade de entender?
F2: Tudo ficou mais claro para mim.
F1: E isso não tem a ver com você? Isso tem a ver com::...
F2: Não, não. Não tem a ver não.
F1: E assim, de tudo que você viu e aprendeu no Brasil, O que você acha que foi mais difícil?
F2: Mais difícil nada, mas foi mais fácil é::... reconhecer as pessoas, com maturidade... com mais calma... com mais, é::... comunicação entre as pessoas. Você consegue se comunicar com as pessoas... abertamente, entendeu?
F1: Isso para você é diferente do Líbano?
F2: Muito diferente.
F1: Por quê?
F2: Não tem interesse.

F1: Eles lá não têm interesse? Ou você?
F2: Eu, aqui não tem interesse nenhum, mas lá tinha muito.
F1: Ah, interesse que você fala é financeiro?
F2: De tudo.
F1: Você acha que aqui as pessoas não tem...
F2: Não. Mais à vontade, essa é a palavra certa.
F1: Você se sente mais à vontade?
F2: É.
F1: O que mudou para você, das primeiras vezes que você veio, para hoje? A sua vida mudou, ou na sua visão no Brasil?
F2: Fiquei mais calma, tô vendo as coisas em claro, mais é::... Madura, maturidade... tudo. Eu me sinto mais à vontade, quero falar com você eu falo, não quero então, fico na minha.
F1: O que você achou dos costumes brasileiros, assim, da primeira vez que você chegou?
F2: Os beijos [risos]. É, mas agora acostumei. Não, eu achava uma vergonha, nossa tão beijando na rua, depois...
F1: E assim, música brasileira, televisão, você tem contato?
F2: Vejo novela.
F1: Você gosta de novela?
F2: Gosto.
F1: Você acha que a novela te ajudou em alguma coisa?
F2: Aprender a língua.
F1: Ah, você acha que ajudou?
F2: Entender mais as coisas, as palavras, o significado das... palavras.
F1: Tem alguma outra coisa da cultura brasileira que você gosta?
F2: É::... não. Mas isso pra mim basta.
F1: Você consegue comparar os costumes brasileiros com os do Líbano? O que tem igual, o que tem de diferente?
F2: Igual::... você pode falar, assim, é::... liberdade. Hoje em dia tem mais liberdade do que outros países árabes. Um pouco de liberdade, aqui é liberdade total, aberta [risos].
F1: E o que mais você consegue, assim, comparar com Líbano? Ou que você acha muito diferente? O que você acha muito igual?
F2: Quase 50% de diferença.
F1: O que você acha mais diferente?
F2: Comportamento das pessoas.
F1: Como é o... para você, assim, na sua visão, como é o comportamento do brasileiro?
F2: Aqui não tem interesse nenhum, lá tem muito interesse.
F1: Você acha que as pessoas são mais... puras, assim?
F2: Bem diferente, não tem como comparar, porque... o povo árabe têm cabeça, é::... como que se fala? Bem discreta.
F1: Tipo de não mostrar as coisas?
F2: Tipo, você tá namorando, tá beijando ali na esquina: - Ah não, não sou eu.
F1: Ah, fingir que não é você.
F2: Fingir.
F1: Aqui é mais aberto, né?
F2: Aqui é mais aberto.

F1: E para você, sua vida, como era para você viver no Líbano? E como é para você viver no Brasil? Falando só de você.
F2: Vivendo no Líbano não ia conseguir nada, por conta do... governo, por conta do trabalho, por conta da::... é::... convivência, entre elas, as pessoas, mas aqui bem diferente, respeito... aqui tem muito respeito.
F1: Você acha que lá não tem?
F2: Não tem, hoje em dia não tem mais, não existe.
F1: Por quê?
F2: Porque cada pessoa fica na dela. Aqui é muito melhor.
F1: Se alguém perguntar para você como é o brasileiro, como é a cultura brasileira, como é o Brasil, o que você fala para essa pessoa?
F2: Linda! [risos] linda de tudo!
F1: O que você acha bonito?
F2: Tudo.
F1: As pessoas...
F2: Cultura, a vida, a convivência, o comportamento... comunicação, tudo, tudo... tudo. De tudo um pouco.
F1: Se alguém perguntar para você com são as pessoas no Brasil, como você falaria para elas?
F2: Vivendo mais liberdade, mais sinceridade, entendeu? Mais do que isso acho que não existe coisa.
F1: Você se casou?
F2: Não.
F1: Pensa em se casar?
F2: Penso.
F1: E pensa em ter filhos também?
F2: Gostaria.
F1: E quando você pensa em casar, você pensa em casar com libanês? Com brasileiro?
F2: Não, prefiro com libanês. Eu sou muito... oriente, nessa coisa.
F1: Por que, o que você acha?
F2: Porque::... a cultura minha, comportamento meu, eu sei lidar com essa pessoa que vai viver comigo, entendeu? Mais fácil.
F1: Você acha que não ia conseguir... ia ser difícil lidar com brasileiro?
F2: É, porque a cultura é diferente, mesmo eu sei lidar com essa pessoa, mas vai... criar uma coisa bem diferente entre os dois, sabe?
F1: O que você acha que pode ser difícil em casar com brasileiro?
F2: *Ixi*... a traição.
F1: Mas é verdade [risos].
F2: É, não consigo... não consigo. Não engulo traição. Nem no... nem no pensamento. *Ixi*... eu mato o cara [risos].
F1: E sobre filhos, você pensa em criar eles aqui, pensa em criar no Líbano?
F2: Aqui.
F1: Aqui no Brasil?
F2: Aqui.
F1: E como você gostaria, assim, de criar? Dentro da sua cultura? Dentro da cultura brasileira?
F2: Eu::... posso dizer que::... posso criar nos dois... nas duas culturas. Metade aqui, metade ali... quando ele cresce, ele... escolhe.

F1: Mas você não tem problema, por exemplo, se um filho gostar do Brasil? Enfim, gostar da cultura, das pessoas?
F2: Não.
F1: Voltar para o Líbano, você pensa?
F2: *Ixi*::... não.
F1: Nunca mais?
F2: Não nunca mais, mas só para passear.
F1: Só passear:
F2: Só passear, mas para viver não.
F1: O que fez você decidir viver aqui para sempre?
F2: Porque nada da::... dava certo comigo.
F1: Lá no Líbano?
F2: Eu::... tomei muitos... muita::... muita traição dos amigos, eu::... eu::... golpes também, brigas, é::... e desde então, eu decidi mudar minha vida, totalmente, de zero a dez. Hoje em dia eu posso dizer que eu mudei de zero a oito, sério.
F1: Falta mais?
F2: Falta mais.
F1: O que você pensa que ainda falta mudar?
F2: Mais coisas, assim, nas tarefas. Tipo, a pessoa que tem família grande cria muito problema, ciúmes, inveja, entendeu? É, pouca coisa posso dizer, até chegar *top*. Você tá entendendo o que eu tô falando?
F1: Tô.
F2: Eu falo bem português então?
F1: Sim [risos].
F2: Olha! [risos]
F1: Você ainda tem dificuldades de conversar com as pessoas?
F2: Não. Não, não, não, não.
F1: Tem alguma coisa, assim, quando você assiste TV, jornal ou fala com alguém que você ainda não entende?
F2: Eu nunca falei isso, que não entendi. Porque eu gravo a palavra, vou no *google.*
F1: Hoje em dia tem tecnologia.
F2: É, não tem aquela dificuldade mais, que nem antes. Mas eu posso dizer que, hoje em dia, quase... quase não tenho dificuldade em nada, porque eu me sinto mais à vontade. Não sou obrigada a fazer essa coisa, não sou obrigada a ficar amiga dessa pessoa... ou amigo, namorado, e tal, entendeu?
F1: No Líbano você se sentia obrigada?
F2: Às vezes.
F1: Por quê?
F2: Porque comandava.
F1: A família?
F2: É, eu fui criada pela Rita.
F1: É sua tia?
F2: É minha irmã.
F1: Ah, sua irmã. E você acha que lá...
F2: Ela tem cabeça bem::... diferente, bem longe da minha.
F1: Bem libanesa, você acha?
F2: Bem libanesa.
F1: E aí você acha que a família...
F2: Ela gosta de comandar.

F1: Aqui não tem muito isso, né? A família é::...
F2: Quase nada. Pelo que eu vi, até hoje, não tem nada. Cada um faz...
F1: O que quer, né?
F2: O que quer, é, não tem.
F1: E você trabalhar com o que?
F2: Trabalhava em muita coisa, *marketing* por telefone... trabalhava... costureira, na fábrica de costura. Trabalhei, tipo... é, vendedora de::... de roupa, de bijuteria. Trabalhei em fábrica de sapato, fábrica de::... pijamas, femininos, masculinos. É, muita coisa. Quase toda a minha vida... eu parei de trabalhar::... três meses. Em cada fase, sabe? Não junto, direto, entendeu?
F1: E agora, aqui no Brasil, você trabalha com o que?
F2: Vendedora de roupa.
F1: De roupa. E como é a sua relação no trabalho? Com patrão, com funcionários?
F2: Excelente.
F1: Você já sofreu alguma coisa por ser libanesa? Algum preconceito?
F2: Não, não, não, não. Eu, a única coisa que eu sofri... é, roubaram meu celular, dentro da loja.
F1: Nossa!
F2: Fiquei traumatizada. Assim, porque apontou a arma pra mim.
F1: Ah, eles invadiram a loja?
F2: É, e aí: - Eu quero levar tudo. Então leva, leva tudo, mas eu fiquei assim... parada. Porque senão, qualquer reação, eu teria morrido.
F1: É verdade.
F2: É, vai que a arma é de brinquedo, como que eu vou saber?
F1: E a relação, assim, com clientes brasileiros?
F2: Ótimo... ótimo. Todo mundo gosta de mim. Verdade! Mesmo com a máscara, eles me conhecem.
- Ah, sotaque! Você é de onde? Da Turquia?
- Não!!! [risos], eu brigava.
F1: Turco não aceita [risos].
F2: Não, eu brigava. Sou libanesa... ainda, antes de eu tirar a carteira.
F1: Há quanto tempo você tirou a nacionalidade?
F2: Mês passado.
F1: Mês passado? Ah, que legal.
F2: Mês passado.
F1: As pessoas brasileiras elas gostam de ouvir as histórias, né?
F2: Gostam, é... gostam da nossa cultura, da nossa convivência, da nossa... comportamento, tudo. É o contrário, até eles perguntam: - Você gosta daqui? Amo! Aí não existe mais outra pergunta pra você poder fazer... não existe.
F1: O que você já conheceu do Brasil?
F2: Nossa Senhora de Aparecida.
F1: Você gosta? Achou bonito?
F2: Não conheço mais... nada. Porque também trabalhei direto aqui. Também nunca fiquei parada, trabalhei em pousada... agora loja de roupa... trabalhei, tipo, cuidadora de velhos... de noite. É::... trabalhei com Jorge, no Brás. É, quase também nunca fiquei parada, sempre trabalho. Sempre achava alguma coisa pra fazer... sério!
F1: Tem alguma cobrança, assim, muito grande, essa coisa de trabalho, trabalho, que vem do Líbano?
F2: Não.

F1: Não?
F2: Não, só pra distrair a cabeça. Me esforcei, me envolvi e::... fui até o fim, até hoje.
F1: Como você se vê daqui 10 anos?
F2: É::... Trabalhando.
F1: Aqui no Brasil?
F2: Aqui no Brasil.
F1: Mas você pensa, assim, em voltar pro Líbano? Passear? Ver a família?
F2: É, só pra passear. Mas pra viver, não. A não ser que eu vou juntar aqui uma fortuna...
F1: Ai dá pra viver lá, né?
F2: Pra viver o resto da vida, vai até cinquenta anos. Depois dos cinquenta anos, eu posso pensar em uma fortuna grande, pra poder viver no Líbano.
F1: Mas você pensa, assim, quando ficar mais velha voltar para lá?
F2: Com essa fortuna sim [risos]... muita grana. Aí eu volto, mas senão... você não consegue.
F1: Você acha mais fácil ganhar dinheiro aqui no Brasil? Viver? Ou é a mesma coisa?
F2: Nem fácil, nem difícil, porque nada vem fácil até você. Porque::... ninguém, se você pede alguma... qualquer coisa, fora do dinheiro, ninguém ajudaria... hoje em dia.
F1: Quando você chegou no Brasil, o que você escutava do Brasil lá no Líbano, o que você sabia da sua família, foi o que você viu?
F2: Sim.
F1: Exatamente como eles falavam?
F2: Sim, e muito mais.
F1: E o que eles falavam?
F2: Lindo... trabalho... trabalhar, ganhar dinheiro... passear, é::... conhecer pessoas... tudo, tudo do lado positivo.
F1: E quando você chegou era isso mesmo?
F2: Era isso mesmo, e ainda descobri mais coisas.
F1: Como o que, por exemplo?
F2: Voltando... o comportamento das pessoas, envolvido com as pessoas e tudo. Você sabe controlar, entre uma pessoa e outra. Porque eu sou muito uma pessoa caseira, não gosto de sair, não gosto de me envolver com qualquer pessoa, sabe? Entendeu? Só isso. Por isso aceitei a entrevista [risos]. Ela me mata [risos]. Não me mata agora tia, não... depois. [risos]
F1: E a sua visão do Brasil, antes e agora que você conhece melhor, mudou?
F2: Mudou... mudou. Conhecimento das pessoas, é::... da moda, maquiagem, cabelo, é::... sabe juntar, tipo::... decoração, cores, é::... só isso.
F1: Você trabalha com isso, né? Com moda...
F2: Não... não.
F1: Com roupas.
F2: A gente trabalhava, é::... que ano? 2012, a gente tinha loja de maquiagem, você lembra? Lembra? Lá na 25 de Março, na Barão de Duprá.
F1: Não lembro.
F2: A sua mãe lembra, loja de maquiagem. Daí comecei pesquisar, juntando as cores, pra falar pra cliente. E daí... fui. Juntando as coisas.
F1: E na 25, você achava difícil a convivência ali?
F2: Não.
F1: Você tinha facilidade?
F2: Muita facilidade.

F1: E os libaneses aqui no Brasil, você tem convivência?
F2: Não, porque::... eu não gosto. Não todos, os que eu conheço, eu conheço, mas estranhos... nunca me envolvi.
F1: Assim, de ir para clube libanês? Festas?
F2: Não, não, não. Muito menos desta vez, essa viagem mudou muito a minha vida.
F1: Por que, o que tem lá que não...?
F2: Porque os... os libaneses que estão aqui é::... difícil, xinga todo mundo, é::... ofende. Não tem educação, não tem respeito. Chegaram a falar na minha casa, lá na 25 de Março.
F1: O que?
F2: [fala em árabe] vieram na loja para comprar um presente, daí eu fiquei na minha, esperando. Ah tá, escolhendo... escolhendo... vê essa *charmuta* [palavra em árabe que significa puta] não tem.
F1: Nossa! E não sabiam que você era libanesa?
F2: Não... não. Eu fiz de tudo e não ficaram sabendo.
F1: Nossa!
F2: Eu fiquei chateada, desde então... eu não quero me envolver como muçulmano aqui no Brasil, muito menos com libanês.
F1: E nem cristão também?
F2: Cadê? Não tem, nunca vi.
F1: Assim, igreja, essas coisas...
F2: Não, nunca fui.
F1: As festas que tem...
F2: Nunca fui. O Jorge não me levava muito também, depois que ele casou com a [inaudível] nunca mais me levou.
F1: Então você convive com sua família daqui?
F2: É.
F1: Quem você tem aqui?
F2: A minha mãe, minha irmã, minha sobrinha, meu irmão.
F1: São as pessoas que você mais convive?
F2: Aqui em casa sim.
F1: E assim, no Brasil...
F2: Ao redor, não. Meu irmão, Jorge. E amigos, de vez em quando eu vejo... e olhe lá, uma vez ou outra.
F1: Você sente saudades do Líbano?
F2: Não.
F1: Nem um pouco?
F2: Não.
F1: Família... alguém ficou lá?
F2: Não, a única coisa que eu sinto falta da minha amiga, era minha vizinha lá no Líbano, mais ninguém.
F1: E o que você lembra, assim, como foi sua infância no Líbano? Quais lembranças você tem da sua vida lá?
F2: Na verdade não tinha muita lembrança porque eu nasci na época da guerra, fui criada na época da guerra e eu vim para cá na época da guerra.
F1: Mas você vivia em Beirute?
F2: Sim.
F1: Na guerra?
F2: Sim.

F1: E o que você lembra daquela época?
F2: É... era muita guerra, sabe? A gente esconde... escondia aqui, escondia ali, fugia dali, corre ali... muito... muito difícil explicar porque... não tem como explicar, era muito difícil a situação.
F1: E isso foi até quando?
F2: Foi até::... 1993.
F1: Você já tinha quantos anos?
F2: 1993... 1993... agora você me pegou.
F1: Vinte e...
F2: Não, menos... muito menos. Em 1995 eu tinha dezesseis anos, então tirando quatro... treze.
F1: Então você passou a sua infância praticamente na guerra?
F2: Na guerra, é.
F1: Lembranças boas você não tem?
F2: Não.
F1: E depois disso, das... do tempo que você passou lá, adulta?
F2: Aí eu comecei a vir pra cá. Vim e voltei, vim e voltei, vim e voltei, até::... decidi ficar, dessa última vez.
F1: E assim, saudade de música, comida... te traz lembranças?
F2: Música eu escuto de vez em quando aqui, pra poder não esquecer a... a língua, mas namorado... nada, nada, nada.
F1: Te traz lembranças, assim, alguma coisa que você sente falta?
F2: Você vai rir da minha cara, mas sério, nada.
F1: É que meu pai chora escutando. [risos]
F2: Ih::... não deixa ele escutar.
F1: Quando eu digo para você Líbano, que palavras que vem na sua cabeça?
F2: Nada.
F1: Nenhuma palavra?
F2: Zero... sério.
F1: Se uma pessoa pergunta do Líbano para você o que você fala?
F2: Pessoa estranha? Lindo... [risos]
F1: Por quê?
F2: Lindo! Porque::... tem onde passear, teu povo lindo, comida gostosa, doce... tudo lindo.
F1: Mas por que para pessoas de fora você não... você não fala que para você não...?
F2: Não tem coragem, não tem coragem. Vai que ele vai desistir de... de viajar.
F1: [risos]. Eu acho que é isso, eu... essa...
F2: Você achou uma dificuldade nas respostas?
F1: Não.
F2: Sério?
F1: Depois eu vou escutar e vou escrever tudo.
F2: Mas se tiver alguma coisa errada você apaga.
F1: Não, sem problema. E você::... o que que você::... assim, eu estou fazendo esse trabalho, é uma homenagem para os libaneses que vivem aqui. O que você gostaria de deixar, assim, de palavras ou algum sentimento, alguma coisa que você...
F2: Saudades.
F1: Do que?
F2: Do Líbano.
F1: Saudade.

F2: No fundo, no fundo, tem aquela saudade, mas... abertamente... difícil. Porque a pessoa que viveu a guerra, que viveu conflito até hoje, difícil dizer palavra positiva... da situação. Até hoje estamos vivendo a guerra, mas não... fogo, sabe? Mas... saudades.
F1: Eu vou ler para você umas frases e aí você me fala o que vem na sua cabeça quando eu falo essas palavras, tá?
F2: Tá.
F1: O primeiro é assim:
“Quem quiser plantar saudade,
escalde bem a semente
e plante na terra seca
em dia de sol bem quente,
pois se plantar no molhado,
ela nasce e mata a gente...” - Antônio Pereira
Você enxerga a saudade assim?
F2: Sim.
F1: Como uma coisa...
F2: Plantação.
F1: Se você continuar molhando ela, você vai sempre sentir?
F2: É.
F1: E você acha que você precisa, assim, cortar a relação com o Líbano para não sentir mais saudade? Ou...
F2: Não... eu não cheguei nesse ponto não.
F1: Você não sofre, assim...
F2: Sofro pelo povo que tá passando, só e mais nada.
F1: Segunda frase:
“Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
F2: Felicidade.
F1: Você se sente muito feliz aqui?
F2: É... muito.
F1: “Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.” - wmarles
F2: É::... sentindo falta.
F1: Você::... quando você vivia no Líbano, você pensava sempre em sair de lá? Ou você não tinha essa ideia?
F2: Pensava.
F1: Desde quando você se lembra de pensar nisso?
F2: Pensava desde::... eu tinha vinte anos.
F1: Antes disso você não...?
F2: Não... não. Claro que eu passeava, saia com as amigas... a noite, uma balada, um clube e tal, mas no fundo, no fundo, na época eu pensava.
F1: O que te fazia pensar em ir embora? Era sua família...?
F2: Não. Primeiro pela situação que a gente vivia lá na época, mas depois fui crescendo, crescendo, crescendo e comecei a enxergar bem as coisas... me fez mudar de ideia de... mudar.
F1: De vir embora. Você acha que o que a sua família contava daqui te ajudou... ajudou você a querer vir?

F2: Ajudar... ajudar, ajudar... força.
F1: Você achava que podia ser melhor aqui a vida?
F2: Força, é... dava força, da... pensa comigo... trocar ideia... mais do que isso você também tem que se esforçar, pra ter o que você quer.
F1: Você acha que, se não fosse a guerra, se não fosse essa situação, você acha que você teria saído do Líbano?
F2: Totalmente? Eu vim aqui pra passear só.
F1: Se lá vida fosse melhor você viveria lá?
F2: É, virando o jogo... é.
F1: Você se sentiria mais feliz?
F2: É.
F1: É muito difícil para você ser uma imigrante? Viver aqui, viver longe dos... da sua Terra Natal, do seu costume?
F2: Olha, Michelle, no Líbano, na::... época mais difícil eu vivi sozinha quatro anos. Eu lidava com tudo.
F1: Mas você::... acha que por lá ser a sua Terra Natal você seria mais feliz, se tivesse uma vida melhor lá do que aqui?
F2: Se tiver... eu ficaria. Se for o contrário, eu não::... Pensava em ficar. Por isso, eu decidi vir para cá e começar do zero... e consegui... e tô querendo mais. Sério, eu gosto daqui.
F1: Você pensa em estudar aqui no Brasil? Ou pensa em trabalhar?
F2: Não, só trabalhar, porque::... Cabeça pra estudar... difícil agora... difícil.
F1: Pela idade? Pela língua?
F2: Pela idade, pela língua... por tudo. Eu acho difícil começar a estudar do zero, porque é outro ambiente, outra cultura... tudo diferente.
F1: E o que você pensa, assim, em trabalhar? Em crescer? Você tem ideias?
F2: Hm::... não.
F1: Tem algum negócio? De algum trabalho?
F2: Eu gostaria de abrir um negócio de::... é::... de maquiagem.
F1: Ah, você gosta?
F2: É, eu gosto.
F1: Ah::... você tinha um box, não era?
F2: Então.
F1: Eu lembro! [risos]
F2: Então, isso que eu falei.
F1: Eu lembro, eu fui lá sim. Eu lembro.
F2: Então, era bem pequenininho.
F1: Eu lembro. Nossa faz, tempo. Agora que você falou, eu lembrei. É isso, obrigada...
F2: Você achou mais... mais dificuldades que eu falei? Achou estranho? Achou difícil?
F1: Não, é legal ver a sua ideia... de uma pessoa mais nova.
F2: Porque assim, antes... tipo... dez anos atrás, eu não era muito feliz, no fundo. Eu sofri muito... mentalmente... coração... paixão, é::... amigas... traição... família... eu não tinha infância feliz, alegre, sabe? Que brincava, que não tem nada na cabeça pra pensar, porque eu comecei a trabalhar eu tinha doze anos.
F1:Você trabalhava na guerra?
F2: É, a guerra acabou então eu entrei no trabalho... no mercado de trabalho... me joguei, sabe? E desde então, a vida começou a ensinar.
F1: E é muito dura, né?
F2: Muito duro... muito duro.

F1: Você acha que se você tivesse vindo para cá em uma idade diferente, mais velha, ou mais nova, teria alguma coisa diferente?
F2: É::... talvez... talvez... porque eu::... eu::... eu acho que eu comecei a conhecer o Brasil nessa viagem.
F1: Que ano você chegou aqui agora, a última vez?
F2: Agora? 2016. É::... eu tô mais madura, tô mais aberta, tô... tô mexendo nas coisas, que eu tô querendo conhecer, sabe? Tô sabendo. Tem muita sabedoria, conhecimento das pessoas.
F1: O que você está procurando, assim, que você gosta de aprender? Que você gosta de saber?
F2: É... todo dia tô... tô conhecendo uma coisa diferente da outra, tô aprendendo.
F1: Mas sobre quais assuntos? Por exemplo, política...?
F2: Tudo, geral... geral. Política, governo, povo, tudo... tudo. De tudo um pouco.
F1: Você se interessa bastante, assim, em conhecer?
F2: É, eu sou muito comunicativa, reparou?
F1: Sim [risos]. Pra trabalhar com o público, assim, tem que ser, né?
F2: É, também tem o::... tem o cliente estrangeiro, do::... francês, inglês.
F1: Ah que legal!
F2: É.
F1: Você se dá bem com todo mundo?
F2: Tudo. *Trente neuf, thirty-nine* [risos]. Então, mesma coisa.
F1: [risos]. Você fala as outras línguas, né?
F2: Mas... mais me empolguei foi português, por conta do português acabei esquecendo um pouco de inglês e francês.
F1: Que legal. Todo mundo sempre prefere inglês, francês, e você prefere português.
F2: Mas então, é...
F1: Você já foi em outros países?
F2: Não.
F1: Sempre veio pro Brasil?
F2: Sempre, a décima vez foi essa e sempre foi aqui.
F1: Se você tivesse vindo mais nova, você acha que teria sido diferente?
F2: Fora aqueles problemas que eu passei?
F1: É.
F2: Teria.
F1: Se tivesse ficado definitivo aqui, mais nova, o que você acha que podia ser diferente?
F2: Tudo, porque você vai crescendo e vai conhecendo ainda criança... é diferente. Eu comecei conhecer adulta... muda.
F1: E se você tivesse vindo mais velha? Você acha que você teria ficado? Que você teria se acostumado?
F2: Talvez, porque::... o que você teria... conhecia antes, já mudou. Sempre tem que começar do zero. Mesmo você teria vindo antes, do zero, e agora pra frente do zero.
F1: Por exemplo, quando você volta pro Líbano, você acha que está sempre diferente?
F2: Sempre diferente.
F1: Não é mais aquele que você deixou lá?
F2: Não... muda.
F1: Muda muito, né?
F2: Muda... porque sempre tem zero.
F1: E o Brasil também, todas as vezes...

F2: Sempre tem a primeira vez. Essa é a palavra certa, sempre tem a primeira vez.
F1: O Brasil também, sempre que você vinha, você achava que estava diferente? Que tinha mudado? Que não era aquele Brasil que você tinha visto da última vez?
F2: Mudou muito. Até comentei com a minha mãe, daquela viagem até hoje, mudou muito.
F1: O que você viu de diferente?
F2: As pessoas estão sabendo das cores, como, é::... combinar as cores, combinar a... decoração... tudo.
F1: Você acha que a internet ajudou?
F2: Muito.
F1: As pessoas têm mais acesso, né?
F2: Mas hoje em dia existe pessoa que não mexe na internet, não sabe nada. Por exemplo, acontece comigo muito, entra na loja:
- Que marca que é?
- *Apollo USA...* na frente.
- *Lacoste?*
- Não! Apollo USA.
- É de marca?
- Sim, é de marca.
F1: Não conhece.
F2: Verdade.
F1: Mas muita gente já conhece, né?
F2: Muita gente já conhece.
F1: Antigamente ninguém conhecia nada.
F2: Nada, nada, nada, nada. E essas pessoas existem até hoje. Até::... combinação das roupas, por exemplo. Da maquiagem, das coisas, não sabe.
F1: Mas são pessoas mais velhas, assim?
F2: Tudo... toda idade.
F1: Sério, até jovens?
F2: Até jovem. Nisso achava estranho, mas depois acostumei. Da entrada da pessoa na loja, você percebe. Será ela vai conhecer a marca? Será ela... sabe o que ela quer? Sabe *Apollo*? *Apollo* sempre tem uma gola, entendeu? Tem pessoas que não sabem que tem a gola... querendo comprar só a marca. Aquela tipo cachorro, sabe?
F1: No Líbano, assim, você via muita gente também que não tinha acesso à internet?
F2: Não, tinha. Mas no Líbano é diferente pela inveja... você comprou o mais barato, eu compro mais caro, então fico: - Ó, ó, é mais cara, de marca viu? Entendeu? É assim.
F1: Aqui não tem muito isso, né?
F2: Aqui não tem não, nunca... nunca vi isso.
F1: É verdade, aqui a gente usa do Brás. [risos]
F2: Eu também uso, ué.
F1: Aqui a gente gosta mesmo é do Brás. [risos]
F2: Lá gosta de inveja, de ciúmes, entre a mulher e ao outra, tipo: - Olha o vestido, cara! Olha a roupa! Quanto custa a blusa? Tipo isso, entendeu? Difícil... difícil comparar, não tem comparação.
F1: É bem diferente né?
F2: Bem diferente... por isso te falo, bem diferente, não tem como comparar... não tem como dar um exemplo, aqui é bem diferente.

F1: Meus amigos perguntam e eu falo... eu falo: - É um outro mundo, vocês não têm nem ideia, é muito diferente.
F2: Verdade! O::... as coisas que me... que interessa a pessoa estranha é a neve... montanha... praia... entendeu? Mais nada. A paisagem. - Olha a neve, 700 m, olha! Aqui a gente não vê. Na Santa Catarina assim ó [sinal de pequeno com as mãos], fizeram festa.
F1: É, fizeram festa [risos]. Lá tem todo ano.
F2: Todo ano.
F1: É isso, obrigada por contar sua história.
F2: Obrigada! Excelente! Minha história? *Mama*, vou ficar famosa, mais ainda. [risos]

h) Mariam Khalil Chamoun – entrevista 8

F1: Há quanto tempo a senhora está no Brasil?
F2: Eu venho e voltei acho que cinco vezes, mas última vez há 28 anos, idade do meu filho. Estava grávida quando eu venho aqui.
F1: Quantos filhos a senhora tem?
F2: Cinco.
F1: Cinco filhos? E só o mais nova nasceu aqui?
F2: Só.
F1: Os outros todos no Líbano?
F2: Sim.
F1: A primeira vez que a senhora vez foi quando?
F2: Foi em 1971.
F1: E por que a senhora veio?
F2: Tem muitos parentes em Minas Gerais. Tinha em Passos, Minas Gerais.
F1: E você veio passear em 1971?
F2: É, em 1971 eu vim passear. Eu passeei 3 meses, e::... eu gostei muito do Brasil. E::... tinha treze tias e treze tios... e primas, muito primais, ainda tá viva as primas lá.
F1: Lá em Minas?
F2: Minas Gerais... Passos, Minas Gerais. Eu passei as... as férias da escola. Três meses, no Líbano passa junho, julho e::... não, julho, agosto e setembro, a gente entra em primeiro de setembro, entendeu? Essa tudo junto, não é como aqui no Brasil um mês fevereiro... um mês sei lá... julho.
F1: E quantos anos a senhora tinha quando veio a primeira vez para o Brasil?
F2: 20 anos. Eu gostei muito do Brasil, mas infelizmente meu marido não quer ficar.
F1: A senhora era casada quando veio para o Brasil?
F2: Sim, tinha a Rita com 3 anos e outra filha com 2 anos.
F1: Então eram férias da escola delas, não da sua?
F2: Minha escola também... eu estava professora.
F1: Ah, a senhora é professora? De que?
F2: Francês.
F1: E ai vieram, passearam...
F2: É, por conhecer minhas primas, minhas tias aqui... meus tios. Depois eu gostei muito, mas meu marido...
F1: Mas conheceu só Minas na primeira vez?
F2: Minas, Brasília, Goiânia, é::... Belo Horizonte... só.
F1: E gostou
F2: Gostei.

F1: O que mais gostou aqui?
F2: A vida deles aqui, eu gostei muito. Vida tranquila, calma, sossegada... pode trabalhar, não tem cabeça quente, não tem corta de luz [risos], não falta de água, é::... pode fazer sua vida muito tranquila.
F1: No Líbano não era tranquilo?
F2: Não. Era... era... tá começando a guerra... quando eu veio primeira vez não, não tinha guerra, mas quando eu veio a::... em::... 1992... eu veio e voltava várias vezes, mas não lembro... estava grávida dele [filho mais novo] de 8 meses. Quando ele nasceu eu voltei a Líbano, pra mim::... por minha mãe, Deus tenha ela em um bom lugar. Depois era 1995 última vez que eu fui no Líbano.
F1: Nunca mais voltou? Nem pra passear?
F2: Não, não gosto. Eu assinei tudo, quando era pequeno, estava estudando... quando agora eu quero ir lá pra ver minha filha lá, começou essas coisas e não dá pra voltar. Mas não... não vou voltar pra morar não. Não tem nem luz, nem água, eu não acostumei com essa vida.
F1: Então... no Líbano a senhora estudou até quando?
F2: Até a faculdade.
F1: Fez a faculdade lá?
F2: Não, até terminar eu fiz 3 meses de faculdade, depois eu estava com filhos, estava grávida, eu fui e::... como aqui, entendeu?
F1: Trabalhava lá?
F2: Trabalhei::... eu tinha escola bom.
F1: E lá a senhora morava em Beirute?
F2: Beirute... Beirute.
F1: O que a senhora se lembra da sua infância, da sua vida no Líbano?
F2: Quando eu estudava, estudava dentro do colégio de irmãs.
F1: Ah, de freiras?
F2: É, interna. Eu gostei muito, eu gostei muito das freiras, da vida delas, assim... eu lembro muito bem. Eu lembro minha amiga, quando eu acabei, eu fiquei com ela... professora ela, e eu professora, acostumei... até agora eu ligo... ontem ela ligou pra mim.
F1: Ah, vocês se falam?
F2: Ixi...
F1: E ela tá no Líbano?
F2: Tá.
F1: Quando você chegou no Brasil, qual foi a sua maior dificuldade?
F2: Eu vivia sozinha... mas eu falo muito bem francês, eu aprendi de falar pouco a pouco, entendeu? Depois eu conhecia uma mulher libanesa, muito tempo aqui. Eu passo o tempo que não tem nada, assim, eu procurei trabalhar... eu achei dificuldade, por trabalhar.
F1: Mas por quê? Pela língua ou por que não te contratavam?
F2: Não, não conhecia ninguém. O meu trabalho... na casa, com telefone... depois achei difícil, telefone naquela época muito caro, entendeu? Mas tem um cara que me ajudou e coloquei telefone, entendeu? Depois essa amiga falou: “- Vai lá, vai nesse, vai na outra”, ela juntou pra mim cliente. Ela fala pouco árabe, ela nasceu aqui, mas... pai, mãe dela, árabe, entendeu? Agora tá doente.
F1: E o que fez a senhora vir de vez em 1995?
F2: Elias nasceu aqui, e eu não gostei muito lá... por causa dessa guerra que começou lá, assim... eu gosto do Brasil, gostei desde a primeira vez.

F1: E seu marido, decidiu vir?
F2: Veio, mas ele não quis ficar.
F1: Ele foi embora?
F2: Passou acho que 2 ou 3 meses, ele pegou o documento dele, depois foi embora lá... ele tinha trabalho... e ficou doente.
F1: Ele ficou lá e a senhora ficou aqui?
F2: É.
F1: E ele é falecido?
F2: Faleceu, já em 2005.
F1: Mas ele faleceu lá e a senhora não o viu?
F2: É, eu não podia por causa do dinheiro. Mas ele [filho] foi ver ele, tinha 11 anos... Elias, ele foi lá ver o pai dele, ele passou as férias lá, quando tem férias aqui em dezembro, rapidinho ele foi... ele voltou no dia da escola.
F1: Então vocês praticamente se separaram?
F2: Não, separação não tem. Mas por causa da doença dele, eu não posso... tirar Elias da escola pra ir lá.
F1: E ele não vinha?
F2: É, não pode. A vida separa a gente, a vida separou. Mas a vida leva você onde ela quer, não é onde você quer.
F1: E o que fez a senhora vir pra São Paulo?
F2: Não tinha trabalho em Minas... não tinha.
F1: E a senhora veio sozinha?
F2: Com meu filho.
F1: Mas tinha alguém aqui?
F2: Tinha meu irmão, Abdo.
F1: Ah, ele já estava aqui?
F2: É.
F1: E a senhora veio e morou com ele? Ou morou sozinha?
F2: Não, eu moro sozinha. Aluguei uma casa, morei sozinha, Elias começou a estudar, entendeu?
F1: E suas outras filhas, estavam aqui com a senhora?
F2: Não... não. A Rita veio em 2008 me visitar, depois voltou pro Líbano. Rena vai e volta. Última vez, Rena estava aqui 2011, foi pro Líbano, passou 4 anos, ela voltou em 2016 e ficou.
F1: E as outras?
F2: Aqui tudo. Jorge casa, com mulher dele.
F1: Ele mora aqui?
F2: É, em Santana. Minhas filha casada no Líbano, tem marido, tem filhos, tem duas filhas.. lá no Líbano, no Beirute. A filha dela mais velha é casada, já tem menino com 7 anos.
F1: E eles já vieram pra cá visitar a senhora?
F2: Não... não. Só por telefone.
F1: A senhora não conhece os pequenininhos?
F2: Sim, quando eu fui pro Líbano ela foi aqui, passou 7/8 meses com as meninas dela, eram pequenininhas. Depois voltaram... ela não gosta de ficar. O marido dela não gosta de ficar, não tinha... naquela época não era fácil trabalhar aqui, se não tem documento, se não tem... não pode... não pode trabalhar aqui. Difícil, era muito difícil.
F1: O que a senhora acha que era difícil?

F2: O documento, e::... não dá pra trabalhar, ele estrangeiro. Não pode trabalhar. Não é como agora, eu vou na Federal, eu faço papel, eu sou refugiada e pode trabalhar pra lá e pra cá, era muito difícil trabalhar... por isso.
F1: Então quando a senhora veio, em 1995, estava só com o filho na barriga? Os outros ficaram lá?
F2: Em 1992... tava grávida.
F1: Os outros não vieram? Ficaram lá com o pai?
F2: É, e ele::... nasceu em Minas Gerais, na Santa Casa.
F1: E a senhora sentia falta dos seus filhos?
F2: Claro... claro. Sente falta das minhas filhas, mas o que posso fazer?
F1: Elas não queriam vir?
F2: Não dá pra vir... não dá. Elas tavam casadas... agora ela separou, entendeu? Eu não posso, eu vou... Rena depois veio, ela solteira, mas quem é casada eu não posso falar pra ela vem, larga seu marido. Esse ai eu não faço.
F1: Aqui no Brasil a senhora estudou alguma coisa?
F2: Não, não, não. Eu aprendi a falar da televisão e da palavra-cruzada. Eu lia muito a veja.
F1: E na TV o que? Novela, jornal?
F2: Novela da SBT, ele fala bem devagar, eu aprendi. Mas eu lia muito... eu lia. Mas agora nem lê, nem escreve...
F1: Agora é tudo internet [risos]. E aqui em São Paulo, você começou a trabalhar com o que?
F2: Comida árabe.
F1: Começou a cozinhar?
F2: Faz 25 anos, esta é meu trabalho. Eu vivia do meu trabalho.
F1: Mas a senhora cozinhava em casa? Abriu um restaurante?
F2: Em casa, sobre encomenda no telefone. Eu fazia muito jantar e festa no clube.
F1: Clube libanês?
F2: Não, em clube libanês eu nunca fiz.
F1: [risos] Por quê?
F2: Nunca... eu não gosto. Tô falando no Brasil, eu não gosto. Nem conversa com libanês, nem trabalha com libanês... quando ouve língua árabe eu [som de fugir].
F1: Por quê?
F2: Não gosto.
F1: A senhora acha que os libaneses aqui no Brasil...
F2: Não gosto. Ninguém pode me obrigar, gosto ou não gosto. Eu gosto aqui lei deles, o povo deles... o que me chama atenção, quando eu ia no ônibus, eu fiquei na fila, no banco... onde tem gente, eu fico... pode ser que agora com essa pandemia mudou um pouquinho. Uma vez aconteceu uma coisa na frente. Uma vez estava no Banco do Brasil, faz tempo, eu fiquei na fila... chegou uma mulher com cabelo bonito, assim, e ficou na frente. Quem estava no caixa viu e falou pra ela: “- Volta atrás”. Eu gostei muito... eu gostei.
F1: A educação. [risos]
F2: Lembro muito bem.
F1: Então aqui a senhora não teve convivência com festa árabe, clube, igreja...
F2: Nunca, nunca, nunca. Nem Igreja aqui perto de mim tem. Sempre eu frequenta, acho que tô falando essa palavra errada, Igreja Católica Latina, como aqui... brasileira.
F1: O que incomoda a senhora nesses libaneses que moram aqui?
F2: Nada... nada... ninguém, mas não gosto. Não gosto.

F1: Te traz alguma lembrança ruim?
F2: Não tem comunicação com eles... não tem. Nunca trabalhei com eles, nunca::... não é como seu pai, eu vê seu pai, uma vez, assim... eu gosto. Mas por ficar assim com eles, não. Sempre com brasileiros.
F1: O que mudou de quando a senhora chegou pra hoje, no Brasil? O que a senhora vê de diferente daquela época para agora?
F2: Tudo os brasileiros que eu conheço são muito educados. Conheço, eu não tenho::... não tem visita, eu não visito eles, só quando tem trabalho com eles.
F1: Ah, não tem amizade com eles?
F2: Só tem uma que nasceu aqui, assim, entendeu? Mas gente, as vezes, a gente fica junto, assim, café a tarde... entendeu? Mas... amizade, amizade, assim, vem assim, na minha casa... eu vou, assim, na casa deles... mas sempre pedem encomenda comigo, por isso eu vou.
F1: Então seu contato com brasileiros é mais de trabalho?
F2: Trabalho... muito. Mas, nunca... nunca... graças a Deus... nunca preciso alguma coisa deles, ou nunca pedi: "- Olha, por favor, faz pra mim essa favor"... nunca, entendeu? Sempre Deus manda. Eu bate porta, entra.
F1: E quando a senhora chegou aqui, tinha alguma coisa que era muito diferente aqui no Brasil?
F2: Não, pelo contrário, eu gostei da cultura deles.
F1: O que a senhora gostou?
F2: É::... como eu falei, fica na fila, fala com voz baixa quando fala no telefone...
F1: Ah, porque lá no Líbano eles gritam?
F2: Se você vai conversar com alguém, acho que a voz dele chega na rua. Fala baixo, é::... eu gosto deles, eu gosto... do ambiente deles.
F1: E o que a senhora consegue comparar com o Líbano? O que tem igual e o que tem de diferente, do brasileiro e do libanês?
F2: Nada é igual... nada é igual.
F1: Tudo muito diferente?
F2: É... o Líbano... o povo lá... [gesticula]
F1: Metido?
F2: Não sei como fala... por exemplo, eu vou falar... olha, Neusa comprou um sapato muito bonito... eu vou emprestar dinheiro pra comprar maior. Eu não gosto desse... eu gosto vive minha vida, que eu gosto, não gosto de imitar ninguém. Agora a moda é assim... eu não gosto desta moda, eu gosto dessa moda... entendeu? É... aqui eu não achei essas coisas.
F1: Aqui é mais livre?
F2: É...
F1: Até hoje, a senhora tem alguma dificuldade aqui no Brasil?
F2: Agora::... graças a Deus, não tenho. Agora eu sei falar, eu sei passear, eu sei conversar. Parou de trabalhar, agora eu... [risos].
F1: Na sua visão, como é a cultura brasileira? Se alguém perguntar pra senhora como é o Brasil, como é o brasileiro, o que a senhora falaria pra essa pessoa?
F2: Pra gente, pro povo aqui? Povo bom, humilde, ajuda muito... se acha alguém que pede um sapato, o brasileiro tira o sapato e dá pra ele. Eu percebi assim... na Igreja eu percebi. Cada vez que a gente vai na Igreja, eu vi... também faço o mesmo... eu via eles::... cada mulher, cada homem pega saco, um açúcar, um arroz, um azeite, um não sei lá... e leva na lá na Igreja pra ajudar gente que não pode comprar.
F1: No Líbano a senhora não viu isso?

F2: Na minha época não tinha. Vai na Igreja Católica aqui, na Igreja árabe, e pergunta pra eles, por que pergunta pra mim?
F1: [risos].
F2: Eu vi a pastoral, é::... São Francisco, assim... que dá marmita pra gente que mora na rua, a prefeitura dá cobertores, assim. Agora, o Líbano tá queimando... tá passando fome... o governo fica assim, olhando. Chegou de fora arroz, não sei lá, e... pegaram pra eles e deixaram povo... não tem remédio, não tem água, não tem nada lá. Como vai... tô falando verdade, pergunta outra pessoa.
F1: E para um imigrante, como foi criar seu filho no Brasil?
F2: Meu filho criou aqui, tudo cultura brasileira. Ele nasceu aqui, ele estudou aqui, ele frequenta os brasileiros, ele não conhece nenhum amigo árabe, até o filho de Wadih, filho do Abdo, conhece assim... cada 2 ou 3 anos... cada 5 anos.
F1: Não tem convivência?
F2: Não... não. Brasileiro, amigos que estudou com ele.
F1: E a senhora quis passar a sua cultura pra ele ou não fez questão?
F2: Cultura meu? Eu passo pra ele ficar honesto, é::... ajuda gente que precisa, não faz coisa errada, anda bem direitinho...
F1: Mas a sua língua, a senhora quis ensinar?
F2: É, sim. Eu ensinei, ele fala.
F1: Quis, por exemplo, apresentar música? Comida?
F2: Comida é... comida árabe ele come, mas não é todas as comidas.
F1: E já foi pro Líbano?
F2: Foi... mas eu falei.
F1: Ah é, pra ver o pai.
F2: Pequeno, e::... quando era 3 anos eu fui lá, em 1993, eu acho ... 1995. Última vez eu fui com ele, era com 3 anos, eu fiz aniversário pra ele, e minha amiga oferece pra ele bolo e bandeira do Brasil.
F1: E a senhora, em algum momento, se importou se ele vivia mais com brasileiros? Se ele tinha cultura brasileira?
F2: Não... eu gosto muito ... eu gosto muito.
F1: Suas filhas, a senhora prefere elas aqui, ou...
F2: Prefere aqui, fica perto de mim.
F1: Perto? E pelo país, também acha que é melhor pra elas?
F2: Volta pra Líbano?
F1: É, o que a senhora acha melhor?
F2: Não, eu não deixo. Se ele vai passear 1 mês, assim é. Mas por ficar lá, não.
F1: E a senhora, não pensa em voltar nem para passear?
F2: Sim, por passear 10 ou 15 dias. .. eu gosto ver minhas amigas que eu falei, passei a vida com elas. ..é mas, pra ficar, morar, não.
F1: Nem assim, a senhora pensa quando ficar mais velha, em voltar pro Líbano?
F2: Eu vou morrer aqui. [risos]
F1: Como e onde a senhora se vê daqui há 10 anos?
F2: Aqui, no São Paulo. Eu veio aqui da Minas Gerais. .. não, estava aqui no São Paulo, depois voltei, é::... no Passos, passei um ano com a minha tia, depois. .. voltei aqui e fiquei pra sempre.
F1: Aqui a senhora sempre trabalhou em casa? Fazendo comida?
F2: Sempre... sempre.
F1: Pra ficar perto dos filhos?

F2: É, por Elias é. Sempre, ele foi na escola e eu trabalha a noite, trabalha de manhã, trabalho é::... na minha liberdade trabalho. Eu não aceitava encomenda em cima da hora, sempre eu marcos antes de 5 ou 6 dias, assim. Mas em cima dá hora vem aqui pedir pra fazer folha de uva, não, não faço.
F1: E seu outro filho veio quando?
F2: Veio por causa de mim... ou por causa de guerra.
F1: Mas ele veio pequeno?
F2: Não. Só Elias... era grande, o Jorge... não sei se conhece ele... o Jorge tem 43 anos, veio acho tinha 18 ou 20 anos.
F1: Então com a senhora só ficou o mais novo?
F2: É, Elias... amigo.
F1: E os seus filhos, como a senhora vê eles daqui há 10 anos?
F2: Eu gosto que eles fica bom, tem casa deles, vida deles, é::... trabalho deles, mais importante pra viver, entendeu? Fica nessa casa... esta casa meu, fica aqui se ele não... se eles não quis, pode mudar, pode vender.
F1: Mas sempre perto da senhora?
F2: É... sempre.
F1: Assim, e netos? A senhora sonha com netos?
F2: [aponta] ela é minha neta.
F1: [risos] e mais? A senhora quer mais?
F2: Mais netos? Não tem mais, acabou... minhas filhas não vai mais... só agora eu tô esperando da Jorge, e espero Elias vai casar, não sei que ano vai casar.
F1: A senhora nunca mais pensou em se casar? Aqui no Brasil?
F2: Nunca. Não... não... a gente, assim... só um marido... uma vez a minha vizinha lá, onde eu morava no centro, sua mãe conhece onde eu morava... estava no elevador, assim ela falou: “- Dona Maria, quantos filhos tem?”, eu falei: “- Cinco”, ela falou: “- Mesmo marido?”, eu falei: “- Sim, mesmo marido”.
F1: [risos] aqui é estranho, cinco filhos de um marido.
F2: É, cinco filhos do mesmo marido, eu falei: “- É, do mesmo marido” [risos].
F1: Quando a senhora estava no Líbano e ouvia sobre o Brasil... quando chegou aqui, era aquilo que te falavam?
F2: Na primeira vez eu gostei muito. Escreveram de mim no jornal, minha prima escreveu que a prima veio do Líbano para o Brasil pra passear.
F1: Que palavra vem na sua cabeça quando eu falo do Líbano?
F2: Eu choro... como queimou esse país... tá queimando, o povo tá morrendo de fome. Imagina que você precisa de remédio e vai na farmácia não acha. Tem gente que faz... hemodiálise, não tem... tá morrendo. E o governo lá segura a vacina, segura a comida, segura e manda pro outro... pro outro lado da... da...
F1: E a senhora sente saudades? Assim, lembranças do Líbano?
F2: Por minhas amigas, só.
F1: O país? Cultura? Música?
F2: Que música? Não.
F1: E no Brasil, a senhora escuta música? Gosta?
F2: Às vezes::... as vezes aqui, na televisão... as vezes a gente toca, assim, é... eu escuto, assim. Mas eu não sei cantar, entendeu? Às vezes eu abro a televisão, quando trabalha a noite... agora não trabalha a noite... só pra ouvir o que a gente fala. Elias dorme cedo, no dia seguinte vai na escola, eu fico muito sozinha. Muita gente falou: “- Fica com alguém na sua casa, ajuda por aluguel”, estava pagando aluguel, eu falei:

“- Não quero, ninguém me ajuda, só Deus me ajuda. Eu vou viver sozinha, eu e meu filho”.
F1: Esse trabalho, ele é mais do que um trabalho, é uma homenagem para os libaneses que vivem aqui. A senhora deixaria algum recado? Alguma... o que a senhora falaria? Algum sentimento, algum pensamento?
F2: O brasileiro... a terra dele é uma terra abençoada... muito abençoada. Terra rica, parabéns pra eles.
F1: A senhora conhece outros lugares no Brasil?
F2: Antes, é::... eu passava semana de Natal e Ano Novo em Água da Prata... Lindóia... São Lourenço... Poços de Caldas. Minas... Minas bonita. Aqui no São Paulo, Andradas... eu fui também, em Andradas, passei uma semana com minha amiga... e aqui em São Paulo, no Porto Feliz, tem minha amiga que tem sítio... a gente ia lá, várias vezes.
F1: Como uma mulher solteira, assim, sozinha, a senhora sentiu muita dificuldade?
F2: É, mas... nunca pensei que eu vou arrumar companheiro comigo... nunca pensei. Não gostei.
F1: Mas a senhora passou alguma dificuldade por estar sozinha?
F2: Claro... claro. Passei dificuldade com meu trabalho, mas não é dificuldade... é, com minha vida, passei. Mas sempre, dentro... paz. Sinto paz. Sinto que meu filho um dia vai ficar grande, assim... tem esperança, né? Acho que não é todo mundo que sente essas coisas, cada pessoa sente uma coisa diferente, entendeu? Mas nunca pensei que eu vou... vou... em um cara pedir ajuda... não.
F1: A senhora se vira?
F2: É, eu me viro sozinha... rezo e Deus manda rapidinho encomenda. Juro... tô falando verdade.
F1: Como os brasileiros te tratam? Te trataram a vida inteira aqui?
F2: Eu nunca briguei com uma brasileira, nunca uma brasileira, é::... falta de educação, nunca. Mas também... eu também muito educada, não é assim...
F1: Eu vou ler pra senhora duas frases, a senhora me fala o que a senhora pensa sobre essas frases:
“Nunca quis fugir de tal ambiente, porque aqui onde estou não é a minha Terra Natal, mas é a Terra onde vivo.'' - Rafa Mendes
F2: Sinto, sim... e tenho documento, tenho passaporte... tudo [risos]. Sim, esta terra... é a minha terra. Eu quero passar minha vida aqui... e eu vou morrer aqui.
F1: A última:
“Palavras são só palavras. Quando jovem eu dizia: Jamais sairei da minha terra natal. A maior parte da minha vida foi fora dela; as circunstâncias da vida é quem dita regras.” - wmarles
F2: A vida leva a gente, não é a gente que leva a vida.
F1: A senhora deixou a vida...
F2: É, a vida... agora... Deus me mandou aqui, eu vive agora aqui, eu gosta aqui, entendeu? Pode ser a vida tinha me mandado pra França... pode ser que eu gostava de lá... ninguém sabe, entendeu?
F1: É isso, obrigada!
F2: De nada.

ANEXO 2

Anexo 2 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Este documento tem por finalidade esclarecer os pesquisados, de forma clara e objetiva, sobre a pesquisa a ser realizada: finalidade, local, duração, procedimentos utilizados, possíveis riscos e desconfortos a sua pessoa, benefícios esperados e objetivos a serem alcançados. A presente pesquisa objetiva compreender, a partir do discurso do imigrante libanês, como o processo de imigração e aculturação contribuiu para a construção do Ethos desses indivíduos.

A produção de dados será feita por meio da gravação áudio/vídeo de entrevistas, durante o primeiro semestre de 2021. Os dados produzidos serão utilizados para a transcrição e análise de dados. (Não será utilizado em nenhum momento nesta pesquisa qualquer tipo de imagem)

Nesta pesquisa, a participação do pesquisado é de livre e espontânea vontade e, a qualquer momento, poderá interrompê-la, recusar-se a submeter a quaisquer procedimentos, como também dela desistir, a tempo e modo, como assim o desejar, sem qualquer penalização ou prejuízo a sua pessoa.

A realização da presente pesquisa trará ao pesquisado e à sociedade o(s) seguinte(s) benefício(s):

Possibilitar a divulgação dos resultados à comunidade acadêmica e aos pesquisados.
Expansão das pesquisas a respeito do tema em foco.
Apresentar trabalhos em congressos e simpósios.
Contribuir para a comunidade acadêmica e de pesquisa de forma mais ampla com as descobertas e o processo de pesquisa desenvolvido.

A participação do pesquisado e todos os dados serão exclusivos para a pesquisa desenvolvida e é de inteira responsabilidade da pesquisadora e da orientadora, que garantem anonimato e total sigilo, assegurando a privacidade das informações fornecidas.

Por se achar plenamente esclarecido e em perfeito acordo com este Termo de Consentimento, a pesquisadora e orientadora assinam, em 2 (duas) vias de igual teor e forma.

São Paulo 22 de fevereiro de 2021

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Michelle Rocha Saloum PESQUISADO(A):

ORIENTADORA: Profa. Dra. Mona Mohamad Hawi